

25 ANOS EM MOVIMENTO

PROJETO COMUNICAR

Org.: Cesar Romero Jacob, Fernando Ferreira
Miguel Pereira, Rita Luquini

PROJETO COMUNICAR | 25 ANOS EM MOVIMENTO



Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

Vice-Reitor

Pe. Francisco Ivern Simó, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Prof. Sergio Bruni

Decanos

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade (CTCH)

Prof. Luiz Roberto A. Cunha (CCS)

Prof. Luiz Alencar Reis da Silva Mello (CTC)

Prof. Hilton Augusto Koch (CCBM)

PROJETO COMUNICAR | 25 ANOS EM MOVIMENTO

Organizadores

Cesar Romero Jacob

Fernando Ferreira

Miguel Pereira

Rita Luquini



© Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225
Projeto Comunicar – Casa Editora / Agência
Gávea – Rio de Janeiro – RJ – CEP 22451-900
Telefax: (21) 3527-1760 / 1838
www.puc-rio.br/editorapucrio
edpucrio@puc-rio.br

Conselho editorial

Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio, Cesar Romero Jacob, Fernando Sá,
José Ricardo Bergmann, Luiz Alencar Reis da Silva Mello, Luiz Roberto A.
Cunha, Paulo Fernando Carneiro de Andrade, Miguel Pereira

Revisão de texto

Debora Fleck

Projeto gráfico de miolo

Bárbara Assumpção

Projeto gráfico de capa

Mariana Eiras

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Projeto Comunicar: 25 anos em movimento / organizadores, Cesar Romero Jacob...
[et al.]. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2012.

256 p. : il. (color). ; e-book

ISBN e-book 978-85-8006-082-9

ISBN impresso 978-85-8006-074-4

1. Comunicação social. 2. Jornalismo. I. Jacob, Cesar Romero. II. Título.

PROJETO COMUNICAR

COORDENAÇÃO-GERAL

Miguel Serpa Pereira

COORDENAÇÃO-ADJUNTA

Julia Fatima de Jesus Cruz

COORDENAÇÃO-ADMINISTRATIVA

Rita de Cássia Seghetto Luquini

COORDENADOR EMÉRITO

Fernando Antonio Ferreira da Silva

CONSULTOR DA AGÊNCIA EXPERIMENTAL DE PROPAGANDA

Rodolpho Jacob Maier Junior

PROFESSORES

Núcleo de Jornalismo Impresso

Coordenação Julia Fatima de Jesus Cruz

Alessandra Silveira Cruz

Diogo Maduell

Mariana Luz Eiras

Renata Cantanhede Amarante

Weiler Alves Finamore Filho

Agência Experimental de Propaganda

Coordenação Maria Cristina Bravo de Moraes

Bárbara Assumpção

Daniel Vargens

Ligia Amorim Rizzo

Núcleo de Assessoria de Comunicação/Rádio/Internet

Coordenação Lilian Saback

Gustavo Chataignier Gadelha da Costa

Luciana Azevedo Pereira

Núcleo de TV

Coordenação Carmem Petit

Adriana Medeiros Ferreira da Silva

Carlos Alberto Cerqueira Alves

Márcia Antabi

Editora PUC-Rio

Coordenação Fernando de Almeida Sá

Felipe Gomberg

Livia França Salles

Núcleo de Comunicação Comunitária

Coordenação Angeluccia Bernardes Habert

Adair Leonardo Rocha

Sérgio Luiz Bonato

FUNCIONÁRIOS

Aline Melo do Nascimento dos Santos

Daniella Rocha Reis

Francisco Juliano Alves Nobre

Greice Kurth de Freitas

Jorge Paulo de Araújo

Marisa dos Santos Mendonça

Rosana Abreu da Cruz

Thaiza Nardiello de Mello

SUMÁRIO

Apresentação	13
<i>Cesar Romero Jacob, Fernando Ferreira, Miguel Pereira e Rita Luquini</i>	
Vinte e cinco anos de um projeto exitoso de comunicação	15
<i>Josafá Carlos de Siqueira, S.J.</i>	
Entre as iniciativas e as expectativas do futuro	17
<i>Jesus Hortal Sánchez, S.J.</i>	
Eu vi nascer o Projeto Comunicar	19
<i>Eurico de Andrade Neves Borba</i>	
Parabéns, Projeto Comunicar	23
<i>Augusto Sampaio</i>	
Projeto Comunicar: 25 anos de partilha entre mestres e aprendizes	25
<i>Cesar Romero Jacob, Fernando Ferreira e Miguel Pereira</i>	
O Comunicar e eu comemorando bodas de prata: uma história de amor, fidelidade, cumplicidade e realizações	33
<i>Rita Luquini</i>	
NÚCLEO DE JORNALISMO IMPRESSO	
Fragmentos de uma reflexão	39
<i>Renata Cantanhede Amarante</i>	
Somos todos contadores	45
<i>Angélica Lopes</i>	
O jornalismo, a fotografia e o cinema	47
<i>Anna Luiza Müller</i>	
Lembranças de um tempo que voa	49
<i>Caio Barretto Briso e Clarice Tenório Barretto</i>	

Tabelinha entre Pierre e Jules	52
<i>Cláudio Souto Uchôa</i>	
O poder de observação	54
<i>Fábio Brisolla</i>	
O verso do PUC Urgente	57
<i>Felipe Pena</i>	
Viajar para inventar...	59
<i>Flávia Lins e Silva</i>	
Os caminhos do esporte	62
<i>Gustavo Poli</i>	
Uma insônia decisiva	64
<i>Joaquim Negreiros</i>	
A partir do Comunicar, uma trajetória	66
<i>Kátia Cardoso</i>	
Melhores lembranças	69
<i>Luiz Antonio Ryff</i>	
A reportagem de rádio	71
<i>Maíra Menezes</i>	
Criticar e Comunicar	74
<i>Marcelo Janot</i>	
Ponto de partida: PUC Urgente	76
<i>Matheus Vieira</i>	
O caminho da diplomacia e o Comunicar	78
<i>Maurício Carvalho Lyrio</i>	
O jornalista e o ilustrador	80
<i>Miguel Mendes</i>	

A reportagem como alma do jornalismo	82
<i>Paula Autran</i>	
Do jornalismo diário ao semanal	84
<i>Rafael Teixeira</i>	
Sem rotina	87
<i>Renato Grandelle</i>	
Da crítica...	89
<i>Silvio Essinger</i>	
Jornalismo e saúde	91
<i>Tatiana Clébicar</i>	
AGÊNCIA EXPERIMENTAL DE PROPAGANDA	
Agência Experimental de Propaganda – AEP/PUC-Rio	97
<i>Rodolpho Jacob Maier Junior</i>	
Comunicação a serviço do bem	100
<i>Alan Maia</i>	
O bom filho da casa não sai: de estagiário a contratado da PUC	104
<i>Léo Tarta</i>	
A experiência de escrever para o terceiro setor	107
<i>Letícia Hanower</i>	
Um estagiário atendendo uma conta completa: o case da ONG Ação pelo Semelhante	108
<i>Vanessa Manhães</i>	
NÚCLEO DE ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO/RÁDIO/INTERNET	
Tríplice experiência	113
<i>Lilian Saback</i>	

A prestação de serviço no radiojornalismo <i>Eduardo de Sousa David</i>	120
Assessoria de imprensa, cada vez mais indispensável <i>Germana Costa Moura</i>	124
Acessos <i>Gustavo Chataignier Gadelha</i>	129
O jornalismo e as práticas religiosas <i>Leanna Scal</i>	132
Mais do que parece <i>Luciana Pereira</i>	135
Tecnologia e educação: uma união indissolúvel <i>Thiago Camara</i>	138
NÚCLEO DE TV	
As tecnologias mudam, as boas ideias permanecem <i>Carmem Petit</i>	145
Temos muito a aprender sobre educação <i>Aurélio Amaral</i>	153
Cinegrafia e reportagem <i>Bernard Nagel</i>	155
Editar a vida <i>Bernardo Tabak</i>	158
Um novo e necessário caminho: a edição de imagens no <i>hard news</i> <i>Daniel Gonçalves</i>	162
Fazendo das histórias a marca da sua identidade, ou a identidade da sua marca <i>Eduardo Shor</i>	164

O preço de um sonho <i>Eduardo Torres</i>	167
A importância de uma boa edição de imagem para o jornalismo <i>Guilherme Lima</i>	170
Do jornal para a bancada <i>Guilherme Rios Cardoso</i>	173
Os dois lados de uma profissão <i>Letícia Vieira</i>	176
Jornalismo às cegas <i>Lucas de Abreu Maia</i>	179
O paradoxo do quarto andar <i>Marcelo Tavela</i>	182
Ser repórter em uma TV <i>all news</i> <i>Rodrigo Carvalho</i>	185
EDITORA PUC-Rio	
Uma editora para a PUC-Rio <i>Fernando Sá</i>	189
Experiências e expectativas <i>Aline Pinto Pereira</i>	198
E foi assim que o mundo dos livros virou também meu mundo... <i>Felipe Gomberg</i>	200
Nós, os tarados por livros! <i>Fernanda de Aquino Vieira</i>	203
Eu faço livros <i>Livia Salles</i>	205

Os primeiros livros a gente nunca esquece 207
Nina Lua de Freitas Ferreira

“Os livros do Giovanni Reale são muito bons” 210
Tomás da Costa

NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Comunicação comunitária: um núcleo em ação 215
Miguel Pereira

Do *Cruzada* ao jornalismo político 221
Flávio Tabak

Por que eu ainda sou Comunicar 224
Verônica Ferreira

UM PROJETO DE VIDA

Aprendendo para o futuro 231
Jorge Paulo de Araújo

ANEXO

Listas de ex-professores e ex-funcionários do Projeto Comunicar em ordem alfabética (1987-2012) 235

Lista de ex-estagiários e atuais do Projeto Comunicar em ordem alfabética (1987-2012) 236

Apresentação

Cesar Romero Jacob, Fernando Ferreira, Miguel Pereira e Rita Luquini
Organizadores

A edição de um livro só se justifica se seu conteúdo interessa ao leitor. Não temos dúvidas que os leitores preferenciais deste têm todas as razões afetivas, sentimentais e históricas para lê-lo. São os professores, atuais e do passado, os estagiários e ex-estagiários e os funcionários do Projeto Comunicar que, ao longo de 25 anos, participaram, e participam de uma convivência que marcou as nossas vidas. Mais de 1.500 pessoas passaram pela experiência inovadora do Comunicar que continua sua missão a todo vapor.

A pausa que se está fazendo aqui é ao mesmo tempo de júbilo e de legado. Júbilo, pela recompensa de um trabalho realizado com afino e dedicação por duas décadas e meia. Legado, porque acreditamos que a riqueza aqui descrita deve ser comunicada aos que trilham caminhos semelhantes. Não queremos ser modelo nem consideramos que o nosso método é o melhor. Apenas, colocar à disposição a nossa caminhada para futuras contribuições que possamos receber.

Fizemos algumas escolhas que certamente não agradarão a todos os leitores. Editar é escolher, selecionar, publicar com os riscos que essas tarefas incluem. Assim, como não podíamos colher a contribuição dos quase 1.500 colaboradores, optamos pelos que aleatoriamente apareceram nas nossas conversas. Aos que não entraram nesta coleta ou seleta pedimos a compreensão, pois, com absoluta certeza, o espaço foi o nosso único limite. Embora nem todos tenham voz, damos a relação nominal de todos os alunos, professores e funcionários do Projeto Comunicar nos seus 25 anos de existência, nos anexos deste livro, ainda assim com possíveis falhas.

Gostaríamos de ressaltar o papel universitário do Comunicar. Seu trabalho diário reproduz a exata dimensão das empresas de comunicação existentes no mercado. Só que dentro de um processo que destaca o aprendizado como fundamento e a exigência profissional como filosofia de ação. Se erros são cometidos, são também cobrados dentro de um espírito de afirmação dos sujeitos como futuros profissionais. Esse procedimento pretende gerar o sentimento de que sempre se aprende com os erros e todos devemos melhorar a performance a cada dia. Não há perfeição nesse tipo de trabalho. Sempre se pode melhorar. Neste sentido, o jornalismo, a publicidade, o cinema, a televisão, a internet e as relações humanas têm também uma face artística. E a arte é a ação do melhor sempre.

É a excelência das excelências. Cabe aos mestres perceber os talentos que se escondem nos discípulos e potenciá-los. Este é, em síntese, o núcleo pedagógico e universitário do Projeto Comunicar.

O Projeto Comunicar não existiria sem a dedicação de professores e funcionários. A todos, indistintamente, queremos agradecer o empenho para que conseguíssemos alcançar esta merecida comemoração de um quarto de século de presença na PUC-Rio e em nossa sociedade.

Nesse processo, do seu início até agora, alguns ficaram pelo caminho por motivos diferentes. Queremos aqui registrar os nomes dos professores que estiveram conosco: Arthur Ituassú, Bernardo Portugal, Carlos Negreiros, Felipe Muanis, Flávia Rua, José Eudes Alencar, Heloisa Helena Serra, Lenira Alcure, Lucia Thereza Carregal, Luiz Carlos Cardoso, Luís Nachbin, Patricia Sobral, Sandra Korman e Vitor Iório. Além desses, prestamos uma homenagem especial à saudosa Clarice Abdalla que nos deixou prematuramente. Clarice foi um exemplo de esmero, dedicação, competência e espírito colaborativo. Fica na nossa memória como um exemplo a seguir. Os professores que hoje compõem o Projeto Comunicar estão relacionados nos textos de seus respectivos Núcleos.

A última contribuição que aparece neste livro é de um dos símbolos do Projeto Comunicar. Jorge Paulo de Araújo, como ele mesmo narra em seu texto, chegou ao Projeto ainda adolescente, como um colaborador em tarefas simples. Hoje ele é nosso cinegrafista. Aprendeu e se desenvolveu aqui. A ele a nossa homenagem.

Por fim, agradecemos à Reitoria da Universidade, em especial, à Vice-Reitoria para Assuntos Comunitários, e ao Departamento de Comunicação Social, pelo apoio e incentivo que nos têm prestado ao longo desses 25 anos. Esperamos que nosso trabalho continue sempre em busca de uma comunicação eficaz e integradora da nossa comunidade universitária.

Vinte e cinco anos de um projeto exitoso de comunicação

*Josafá Carlos de Siqueira, S.J.**

Neste ano de 2012, estamos celebrando na PUC-Rio as bodas de prata do nosso tão estimado Projeto Comunicar, que muito nos honra com a sua história. Parafraseando o Evangelho de Jesus Cristo, no qual a pequena semente potencializada acaba se transformando numa grande árvore, o Projeto Comunicar foi esta pequena iniciativa pensada e planejada por professores de grande visão do departamento de Comunicação Social. Nascido de uma feliz parceria, inicialmente com a vice-reitoria de Desenvolvimento, e depois entre a vice-reitoria Comunitária e o departamento de Comunicação, o Projeto Comunicar vem realizando ao longo dos anos um inestimável serviço à Universidade e à sociedade. Formado por seis núcleos – Jornalismo Impresso, Assessoria de Comunicação Social, TV PUC, Agência Experimental de Propaganda, Editora PUC-Rio e Comunicação Comunitária –, o Comunicar é um verdadeiro laboratório de aprendizagem prática e profissional para os alunos dos cursos de Jornalismo e Publicidade. É o projeto que está presente constantemente em todas as atividades da Universidade, registrando, documentando e noticiando os inúmeros acontecimentos institucionais. Além disso, por meio de muita perseverança, é responsável pela regularidade semanal do boletim PUC Urgente, pela publicação quinzenal do Jornal da PUC e pelo *clipping* eletrônico diário. No primeiro, hoje em versão impressa e on-line, encontramos tudo aquilo que faz parte do cotidiano do meio acadêmico; o boletim é lido e apreciado pelos discentes, docentes e funcionários de nossa instituição. O segundo nos dá a oportunidade de conhecer os conteúdos e grandes acontecimentos que marcam a nossa vida acadêmica e comunitária, sendo por isso enviado a todos os antigos alunos, para que eles possam cultivar o amor e o pertencimento por esta instituição de ensino que sempre deixa marcas naqueles que um dia têm o privilégio de por aqui passar. Por fim, o *clipping* eletrônico nos mostra a repercussão na imprensa de algumas de nossas realizações.

Comemorar 25 anos do Projeto Comunicar é celebrar a memória daqueles que tiveram humanamente e espiritualmente a feliz inspiração de criar uma mediação comuni-

* Reitor da PUC-Rio.

cativa imprescindível para a vida universitária; é reconhecer o inestimável trabalho que generosamente se presta à instituição; é apreciar o crescimento profissional e a melhoria que a cada ano é percebida nos diversos núcleos que compõem a estrutura do Projeto; é agradecer à vice-reitoria Comunitária e ao departamento de Comunicação, que não medem esforços para manter a qualidade profissional e a fidelidade na continuidade de um serviço prestado à Universidade e à sociedade local e nacional; é expressar a eterna gratidão a todos os docentes e discentes que passaram pelo Projeto, deixando nele suas horas de dedicação, de sacrifício, de sonhos e de idealismo.

Como reitor da PUC-Rio, gostaria de parabenizar toda a equipe do Projeto Comunicar e agradecer a grande colaboração que temos recebido através da Assessoria de Comunicação da reitoria. Contem sempre com o nosso apoio e a nossa gratidão.

Entre as iniciativas e as expectativas do futuro

*Jesus Hortal Sánchez, S.J.**

Comunicar não é transmitir ou entregar alguma coisa já pronta; é, sim, trocar, intercambiar experiências, compartilhar sentimentos, receber e dar, encontrar o outro, conviver.

O Projeto Comunicar, que nasceu em um momento de sérias dificuldades econômicas da PUC e, por isso mesmo, com graves limitações orçamentárias, tentou, desde o início, estabelecer uma corrente vital entre os membros da comunidade PUC. Foi necessária muita imaginação e muita coragem para levá-lo adiante. O Projeto escuta e transmite, amplificado, o pulsar da vida universitária. O Jornal da PUC espelha a história desses 25 anos e sempre será uma fonte de pesquisa para quem quiser saber o que aconteceu nas nossas aulas, no pilotis, nos laboratórios e gabinetes dos professores, nos auditórios, na capela, primeiro, e na igreja, depois e – por que não? – nas celebrações festivas, nas confraternizações e solenidades. O jornal também mostrou a Universidade saindo dos seus limites físicos, na participação em congressos e encontros, nas múltiplas atividades de extensão, nas empresas geradas no *campus* e que hoje se projetam no cenário econômico, na colaboração com as políticas públicas, no apoio às iniciativas da Igreja.

O PUC Urgente, por sua vez, mesmo com seu caráter efêmero, mostrou e mostra uma comunidade sempre em movimento, na urgência do dia a dia. É um incentivo contínuo a participar dos tantos eventos que acontecem no nosso *campus*, desde as defesas de dissertações e teses, até as palestras e seminários das mais diversas matérias.

Ao lado desses dois “carros-chefes”, não podemos esquecer os programas de rádio – Revista Jovem e Pilh@ – ou de TV e a colaboração com os meios de comunicação externos.

E a Editora PUC-Rio, com seu crescimento acelerado e sua presença marcante no mundo universitário? Quem poderia prever que tantos autores e editores procurassem a nossa parceria?

* Ex-Reitor da PUC-Rio.

Quando tudo parecia completo e todos achavam que não seria preciso acrescentar mais nada, houve mais mostras de imaginação, com o lançamento da TV Pixel, para quebrar o tédio da espera dos elevadores.

Estou certo de que a criatividade e o entusiasmo dos que trabalham no Projeto Comunicar não se esgotaram. Fico curioso para ver qual será a nova iniciativa, porque certamente haverá uma nova iniciativa.

Eu vi nascer o Projeto Comunicar

*Eurico de Andrade Neves Borba**

Já senti antes esta dificuldade. Como descrever situações do passado de tal forma que se possa perceber, integralmente, o ambiente onde os fatos ocorreram, a “atmosfera” que se respirava, como as decisões eram tomadas? Creio que esta dificuldade se repete em todas as circunstâncias humanas, um desafio para os historiadores, sejam de fatos históricos, de tomada de decisões econômicas, de declarações políticas, sejam de atos administrativos que tornaram possível a sobrevivência, o desenvolvimento e a vida das sociedades.

Nas organizações menores a dificuldade se repete. Como se decide o prosseguimento da vida de uma empresa, de uma instituição qualquer, de uma universidade? São centenas de decisões que ocupam a mente dos dirigentes, desde o pagamento das pessoas participantes do projeto, dos impostos, taxas e recolhimentos compulsórios devidos ao governo, até a realização de obras de manutenção, obras necessárias para a expansão, viagens, material de consumo, enfim, uma série de despesas que se tornam obrigatórias, sem falar das preocupações com a fidelidade aos objetivos da instituição.

Por mais que se leiam os jornais da época, se colham depoimentos dos ainda vivos e que participaram daqueles eventos fundadores, não se conseguirá, nunca, reproduzir exatamente o que se passou, como se passou e como se sobreviveu e se progrediu, continuando a obra idealizada. Os documentos registram as conclusões, mas as conversas, os debates e discussões, essas etapas importantes se perdem e se embaralham nas memórias. Ao final resta a obra, a ideia cristalizada em ações concretas.

Assim me coloco ao tentar descrever, para as novas gerações, como surgiu a ideia do Projeto Comunicar da PUC-Rio, como foi implantado, como se consolidou e cresceu. Lembro bem que vivíamos os conturbados tempos do final dos anos 1980, exatamente o ano de 1987. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro lutava para sobreviver, consolidando, ao mesmo tempo, o seu projeto de excelência acadêmica, objetivo

* Ex-Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio.

que consta desde os seus primeiros documentos constitutivos, de 1941. A execução financeira atormentava os dirigentes no dia a dia da instituição. Foram momentos difíceis de angústia e de tensão permanente para toda a comunidade universitária.

Era uma situação que de fato criava um grande mal-estar na Universidade. Os “engenheiros”, aquinhoados por mérito próprio de suas excelentes iniciativas no campo da pesquisa, auxiliados pela Finep, Capes e pelo CNPq, tinham salários bem mais elevados, as melhores instalações, viajavam para congressos e seminários, enquanto as ciências sociais e humanas, com exceção do departamento de Economia, trilhavam o caminho da austeridade, podemos dizer “vivendo das sobras”, com salários menores e instalações precárias.

O clima no *campus* era tenso e de animosidade, quase insustentável, em função das disparidades existentes entre os dois grupos que compunham a Universidade. Além das dificuldades financeiras, havia o ambiente de contestação dos alunos, que se rebelavam, cada vez com maior frequência, contra os sucessivos aumentos de anuidades, único instrumento que restava à reitoria para resolver, no curto prazo, os seus problemas de caixa. A inflação altíssima liquidava com qualquer planejamento de recuperação financeira (níveis que a atual geração não imagina: cerca de 1% ao dia, em torno de 35% ao mês). Chegou-se a cogitar a entrega da Universidade para o Ministério da Educação, ou a transferência do CTC, o Centro Técnico Científico – o mais dispendioso –, para a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em 1987, com o consentimento do reitor, a vice-reitoria de Desenvolvimento começou a planejar uma ampla campanha de arrecadação de fundos junto aos empresários do Estado do Rio de Janeiro, campanha que acabou não sendo levada à frente por falta de recursos. No entanto, para preparar o seu lançamento, o Conselho de Desenvolvimento reuniu-se várias vezes. Fazia parte desse Conselho o ex-aluno Mauro Salles, um dos dirigentes de uma grande empresa de publicidade, a Salles Propaganda.

O Mauro, numa reunião, disse o óbvio, coisas que de vez em quando precisam ser ditas para que as mentes se abram. Falou mais menos o seguinte:

A sociedade carioca só abrirá seus cofres para a PUC se a Universidade passar a ser uma entidade querida pela comunidade estadual, ou seja, se ela for reconhecida como um bem, um patrimônio do Estado que precisa ser preservado. Aí as pessoas e os empresários irão colaborar, vão querer vincular seus nomes a uma iniciativa reconhecidamente com méritos a serem preservados e desenvolvidos. E mais: a Universidade precisa estar unida, coesa em torno desse ideal. Percebo que não há um órgão sequer de divulgação interna, as comunicações são documentos formais, mimeografados e distribuídos manualmente pelo *campus*.

A reitoria reconheceu o problema, a partir da argumentação do Mauro, o que facilitou o desenvolvimento de uma proposta que logo a seguir apareceu.

Foi nesse instante que fomos procurados, Augusto Sampaio e eu, pelo diretor do departamento de Comunicação Social, Cesar Romero Jacob, e pelo coordenador do curso de Jornalismo, Fernando Ferreira. Eles vinham com o esboço do Projeto Comunicar nas mãos e muito mais na cabeça. Chegaram na hora certa, com uma proposta nova e entusiasmante. Gostamos logo. Reunimo-nos algumas vezes, almoçamos e jantamos juntos para acertar detalhes da implementação do projeto e levamos a ideia ao reitor da época, padre Laércio Dias de Moura SJ, que a aprovou na hora. Algumas resistências foram rapidamente contornadas com a ajuda dele. Defendíamos, desde o primeiro instante, que o Projeto fosse jornalístico e não um instrumento de propaganda da reitoria.

Sendo aprovado como um projeto importante, estratégico, era necessário que fossem encontrados os recursos para viabilizar a publicação de um informativo semanal, o PUC Urgente, e de um jornal mensal, o Jornal da PUC. Uma vez obtidos os recursos, o Projeto Comunicar iniciou sua brilhante trajetória, que neste ano de 2012 completa 25 anos de existência.

Assim surgiu o Projeto, uma iniciativa para produzir e divulgar informações, unindo uma universidade que estava se fragmentando. Era um momento de incertezas, de conflitos internos, de egoísmos localizados, de desconhecimento nos departamentos sobre o que as demais unidades da Universidade estavam fazendo. Era necessário, então, acabar com esse clima de desagregação para que o ideal de uma universidade católica fosse preservado. Era preciso que a Universidade se conhecesse melhor, dialogasse e somasse esforços para fazer ressurgir entre os professores, alunos e funcionários o sentimento de orgulho de pertencer a uma instituição como a PUC. O Projeto Comunicar veio contribuir para que os membros da comunidade PUC passassem a conhecer mais a vida do *campus*, o que se fazia e o que se pensava, ajudando, desse modo, a unir a Universidade, fazendo dela algo vivo, com múltiplas visões de mundo interagindo como um só organismo – o inescapável ideal acadêmico da interdisciplinaridade.

O Projeto não conseguiu recursos novos e abundantes, mas contribuiu para a união da comunidade em torno de uma ideia e de um ideal: a missão de uma universidade católica no mundo contemporâneo. Não propôs transformações radicais no modelo educacional da instituição, mas trouxe prestígio ao oferecer para o público, interno e externo, conhecimento sobre o muito que fazíamos nos campos da graduação, pós-graduação, extensão, pesquisa, artes e divulgação da fé católica. O Projeto Comunicar, uma experiência inédita no tempo da sua criação, trouxe uma contribuição inestimável para o clima de paz e cooperação que tanto se buscava entre os membros da comunidade PUC, ao oferecer informação confiável a respeito do que estava ocorrendo no *campus*.

Assim, toda uma comunidade ávida de se conhecer, de aproximação com seus vários segmentos de estudos e pesquisas, foi atendida. Os professores fundadores, verdadeiros

heróis pela dedicação ao Projeto e pela crença no trabalho que desenvolviam – Fernando Ferreira, Miguel Pereira e Cesar Jacob –, continuaram à frente da iniciativa, orientando grupos sucessivos de alunos, cada vez mais fascinados e entusiasmados pela oportunidade de ter uma experiência profissional concreta na área da comunicação. Fazer o Jornal da PUC, por exemplo, envolvia dedicar-se às entrevistas, às matérias de fundo, passando pelas reportagens, pela diagramação, até a impressão e a expectativa da repercussão de cada número. Pouco depois de iniciada a sua circulação, soube-se que os grandes jornais do circuito Rio-São Paulo passaram a ler com cuidado o Jornal da PUC, pois isso os ajudava na elaboração de suas pautas, no que dizia respeito às questões de educação e cultura.

Da mesma forma que o jornal, o PUC Urgente tem seus espaços disputados pelos departamentos, diretórios estudantis e associações de funcionários, todos interessados na divulgação de suas propostas e ações. É um jornalismo vivo e palpante, puro na sua essência de sementeira, de incubadora, nutrindo as aspirações e os sonhos de uma juventude que tem o nobre papel de bem informar, com honestidade e competência, cumprindo o ideal cristão da universidade católica, de servir à verdade. É um projeto vencedor, que contribuiu em muito para fazer vibrar, num mesmo diapasão, o espírito da PUC-Rio.

Foi uma honra, uma das grandes realizações da minha vida profissional e um enorme motivo de orgulho ter participado de sua criação, mesmo que numa escala mínima. Ter compreendido, apoiado e amparado, na medida de minhas possibilidades de vice-reitor, essa iniciativa que eu sabia que frutificaria e ajudaria na manutenção e na expansão da nossa querida *alma mater*. Como diz a nossa divisa, parte do nosso brasão, inspiração permanente de nossas mentes: “*alis grave nil.*” O Projeto Comunicar, em resumo, soube demonstrar para toda a comunidade universitária que, sim, tínhamos asas e, portanto, nada seria tão pesado a ponto de impedir que cada um alcançasse voo com seus sonhos para “a maior glória de Deus”.

Parabéns, Projeto Comunicar

*Augusto Sampaio**

Desde que ingressei na PUC-Rio, no início da década de 1960, como aluno de graduação na então Escola de Sociologia Política, vi inúmeras experiências de edição de veículos de comunicação interna serem ensaiadas e desaparecerem em pouco tempo.

Eram, na maioria das vezes, boletins impressos que funcionavam como uma espécie de Diário Oficial da reitoria e se limitavam a transcrever atos oficiais e divulgar alguns avisos. Nasciam, não se integravam à comunidade, não ganhavam credibilidade, não se incorporavam à rotina da Universidade e logo morriam.

PUC Notícias, PUC Informa, Notícias da PUC, enfim, vários veículos foram criados em diversas unidades da PUC, todos muito bem-intencionados, mas carentes de uma assessoria especializada para elaborar um projeto de comunicação interna.

E assim se passaram quase três décadas, até que, em 1987, o departamento de Comunicação Social, através de seu diretor à época, professor Cesar Romero, apresentou ao então vice-reitor de Desenvolvimento, professor Eurico Borba, a ideia de criar um projeto para ser encaminhado à reitoria, que, àquela época, sentia a necessidade de se comunicar com a comunidade universitária. Surgiu assim o Projeto Comunicar.

Apresentado ao reitor, o projeto foi imediatamente aprovado. Sinceramente, naquela época eu não imaginava que essa iniciativa fosse chegar aonde chegou. No início, tudo foi muito difícil, pois as pessoas, creio eu, pensavam que seria mais uma ideia fadada a durar pouco. Lembro-me que editar o PUC Urgente era uma tarefa complicada, pois os departamentos não acreditavam naquela empreitada, não confiavam nos resultados positivos que o novo sistema de comunicação anunciava.

Pouco a pouco, graças à qualidade dos serviços prestados, o Projeto Comunicar foi ganhando credibilidade entre a comunidade, que passou a demandar outros produtos, todos realizados com muita dedicação e competência pelos professores, funcionários e alunos do departamento de Comunicação Social.

*Vice-Reitor para Assuntos Comunitários da PUC-Rio.

A todos que atuaram e atuam no Núcleo de Jornalismo Impresso, na Assessoria de Comunicação Social, na TV PUC, na Agência Experimental de Propaganda, na Editora PUC-Rio e no Núcleo de Comunicação Comunitária, parabéns pelos 25 anos de tanta competência e dedicação à nossa PUC-Rio.

Projeto Comunicar: 25 anos de partilha entre mestres e aprendizes

Cesar Romero Jacob, Fernando Ferreira e Miguel Pereira*

Michel de Montaigne viveu na França entre 1533 e 1592. Dedicou parte de sua vida a defender e administrar as propriedades herdadas do avô e foi também prefeito de Bordeaux. Aos 38 anos adotou uma vida de isolamento para pesquisar e especular sobre questões do seu tempo que ainda hoje se fazem presentes nas sociedades contemporâneas. Em seu ensaio *Sobre a experiência*, encontramos um conceito que pode ser aplicado à pedagogia do Projeto Comunicar. A citação é longa, mas convém apresentá-la inteira:

Só os que tiveram acesso a cada ciência percebem suas dificuldades e sua obscuridade. Pois é ainda preciso certo grau de inteligência para poder observar o que ignoramos, e é preciso empurrar uma porta para saber que ela nos está fechada. Donde nasce essa sutileza platônica de que nem os que sabem têm de inquirir, posto que sabem, nem os que não sabem, pois que para inquirir há que saber o que se quer inquirir. Assim, nessa ciência de conhecer a si mesmo o fato de cada um se ver tão seguro de si e satisfeito, de cada um pensar ser entendido o suficiente no assunto significa que ninguém entende nada disso, como Sócrates ensina a Eutidemo. Eu, que não professo outra coisa, nisso encontro uma profundidade e uma variedade tão infinitas que meu aprendizado não tem outro fruto além de me fazer sentir quanto me resta aprender.¹

Na vida, todos somos aprendizes. Na universidade, por natureza histórica, uns ensinam e outros aprendem. Uma verdade indiscutível. Certamente os jovens alunos precisam de orientação e noções dos conhecimentos básicos. Na Grécia clássica, os métodos talvez fossem mais eficientes no processo do aprender. Do peripatético Sócrates às aulas magnas de outros luminares da pólis, o contato entre quem ensinava e quem aprendia

* Fundadores do Projeto Comunicar. Cesar Romero Jacob é diretor do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio; Fernando Ferreira é coordenador emérito do Projeto Comunicar; Miguel Pereira é coordenador-geral do Projeto Comunicar.

¹ Montaigne, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. Organização de M. A. Screech. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.524.

se fazia na base do diálogo quase *vis-à-vis*. Nos filmes que Roberto Rossellini fez para a televisão, em especial em *Sócrates* e *Santo Agostinho*, o cineasta dramatiza, de forma exemplar, o processo educativo desses dois pensadores da humanidade. Se em *Sócrates* o que se vê é o desejo de aprender com o mestre por parte dos que o cercavam em suas andanças, em *Agostinho* é a disputa intelectual que é realçada, assim como a formação de seus companheiros de jornada. Era o tempo das disputas religiosas e da afirmação de um sistema teológico único. Agostinho esgrimia com todos e mostrava a sua esplêndida capacidade de raciocínio. No filme de Rossellini, o bispo de Hipona sabia também compor e aceitar certas práticas dos gentios e lançar sobre elas a luz da filosofia clássica, principalmente, Platão, e os princípios da doutrina cristã. Seu sistema de pensamento foi gerado na atividade partilhada e não numa sabedoria inata. Foi, certamente, o primeiro grande teólogo da Igreja e um dos mais fecundos construtores do pensamento filosófico ocidental, até hoje revisitado por todos os que se dedicam a estudar e pesquisar as ciências humanas e sociais, inclusive a comunicação.

De certo modo, as práticas precedem as teorias. A pedagogia é acima de tudo uma prática em que se testam possibilidades. Por isso, é também uma arte que se inventa sempre. É ainda uma ciência em constante movimento. As experiências se sucedem e vão fixando modos que se testam a cada nova conjuntura. Um dos desafios do ensino sempre foi encontrar a medida certa para o tempo e o espaço das novas gerações. Hoje, vivemos o mundo da informação disseminada e excessiva. Mas não temos critérios confiáveis para usufruirmos dessa propagação. Para isso é preciso que pesquisemos e estudemos continuamente. Exatamente por termos tanto é que precisamos nos qualificar sempre mais.

A proposta do Projeto Comunicar sempre teve um conteúdo pedagógico em sua formulação original e continua tendo, na atualidade. Não queremos apenas produzir, realizar e criar veículos ou documentos de comunicação. Claro, nosso compromisso é, em primeiro lugar, com a Universidade. Para isso, a circulação de informações confiáveis e de interesse coletivo é o ponto de partida. Mas, acima de tudo, que sejam colhidas, redigidas e editadas nos moldes do mercado de comunicação. Não para sermos subservientes a ele, mas para que os nossos alunos-estagiários possam enfrentá-lo com conhecimento de causa, sem deixar de serem críticos a ele. Para nós o mercado não é o único critério da vida profissional. Por outro lado, há também a vontade de criar, tanto do ponto de vista técnico quanto nas ações formativas. E a PUC-Rio tem tido a coragem de nos confiar essa tarefa de integração informativa do *campus* e a relação da Universidade com o mundo exterior. O Projeto é em si inovador.

A novidade está exatamente nos métodos. Queremos entender aqui a palavra método não do ponto de vista científico, no sentido estrito, mas no lato. Queremos dizer que o método está no sujeito, ou não está em lugar nenhum. As experiências não podem ser repetidas. Cada uma tem a sua validade, ou não. Assim, são os sujeitos que se relacionam

com outros sujeitos que realizam uma experiência mútua. Desse ponto de vista, a citação de Sócrates por Montaigne cai como uma luva neste início de conversa. Como se constrói isso? Certamente, pelo perfil de cada um dos envolvidos no processo. Primeiro, o mestre tem a experiência e o conhecimento mais avançados, mas nem por isso deve levar o aprendiz ao desespero da insegurança. Cabe-lhe aqueles toques que dão autonomia para a realização de si e não do outro em si. Também não se trata de um simples manual de procedimentos a serem observados ou de verbos que devem ser usados nos textos jornalísticos. Essas coisas são instrumentos que o talento de cada um vai tornar natural. O que nos importa sempre é descobrir os talentos e ajudar a reconhecê-los e potencializá-los. Sim, porque para certos trabalhos se exige talento. Nas profissões do campo da comunicação, ele é uma grande ajuda assim como a leitura. Escrever exige a leitura constante e permanente dos bons autores e dos melhores jornalistas. Deve-se também apurar o próprio estilo de tal modo que a escrita se torne um prazer. É nesse ambiente que os professores do Projeto Comunicar se inserem como formadores das novas gerações de comunicadores.

No Comunicar, busca-se um olhar atento para descobrir o melhor de cada aluno que passa pelo Projeto. Para entendermos um pouco mais do método usado no Comunicar, recorreremos novamente a Montaigne. Refletindo sobre a experiência, ele se refere à sua própria voz, que considerava forte e estrondosa. Isso lhe causava incômodo, principalmente quando lhe acontecia falar ao ouvido de homens ilustres sobre “negócios graves” e estes lhe pediam para moderar a voz. Diz ele:

Essa história merece uma digressão. Alguém, em certa escola grega, falava muito alto igual a mim: o mestre de cerimônias pediu-lhe que falasse mais baixo. “Que ele me envie”, disse, “o tom em que quer que eu fale”. O outro lhe replicou que adotasse o tom dos ouvidos daquele com quem falava. [...] O volume e a entonação da voz têm certa expressão e é um significado do que penso. Cabe a mim controlá-lo para ser compreendido. Há voz para educar, voz para adular, ou para repreender. Quero que a minha voz não só chegue a ele, mas eventualmente o atinja e o trespassse.²

No Comunicar, as orientações são gerais e as correções ao pé do ouvido. O respeito a cada um é não apenas devido, mas condição do processo. Do mesmo modo, o comportamento é ético. O valor é reconhecido e os erros acertados no diálogo. Só depois de muita intimidade é que as liberdades se fazem sentir no ambiente de trabalho. E quando isso acontece, tudo melhora, quase vira festa. Essa é a crença que nos move.

² Montaigne, op. cit., pp. 542-543.

A implantação

As transformações que os anos 1980 traziam para o mundo deixavam para nós a certeza de que os novos profissionais do jornalismo deveriam ter uma formação que os habilitasse a enfrentar a competição cada vez mais acirrada na vida profissional. Já naquela época os cursos de Comunicação Social eram bastante disputados. Isso, sem dúvida, obrigava as faculdades a observar o mercado de trabalho com outros olhos, pois aqueles mais bem preparados é que iriam conquistar uma vaga nas redações. Havia ainda uma reflexão sobre como as empresas jornalísticas se comportariam – e sofreriam modificações – com os avanços tecnológicos que surgiam. Não tínhamos dimensão do que ocorreria, mas tínhamos certeza de que haveria, mais cedo ou mais tarde, mudanças na dinâmica do trabalho. E que os jornalistas teriam que se adaptar.

Diante dessa realidade, nós, professores do departamento de Comunicação Social da PUC, inserimos no currículo do curso disciplinas que funcionavam como laboratórios, a fim de que os estudantes experimentassem um pouco do que seria a realidade do mercado. Mas sabíamos que isso não era suficiente para a formação de nossos futuros profissionais. No caso da PUC-Rio, acalentávamos o desejo de criar algo que pudesse funcionar como um complemento do aprendizado da sala de aula e que desse aos alunos mais ritmo e condições para chegar a uma redação com confiança e um conhecimento bem embasado das técnicas do jornalismo.

Foi quando em 1986, o reitor da Universidade, padre Laércio Dias de Moura SJ, encarregou o departamento de Comunicação Social de elaborar um plano de comunicação para a PUC-Rio. Na verdade, padre Laércio buscava dar encaminhamento prático às discussões que ocorriam, naquela época, no Conselho Universitário, a respeito da necessidade de um plano de comunicação para a Universidade.

A ideia era criar um projeto de comunicação para integrar os diferentes setores da PUC, que fosse um elemento de ligação entre os seus diversos departamentos e também um instrumento de aproximação entre professores, alunos e funcionários. A partir dessa atribuição, um grupo de professores do departamento de Comunicação elaborou um projeto que foi entregue ao professor Eurico Borba, então vice-reitor de Desenvolvimento, e ao professor Augusto Sampaio, à época vice-reitor adjunto de Desenvolvimento.

O projeto de comunicação previa a criação de um veículo de notas, que seria distribuído no *campus* semanalmente, e ainda um jornal, a ser publicado quinzenalmente. Assim, após a aprovação do projeto pela reitoria, padre Laércio, em 1987, lançou os novos veículos de comunicação da Universidade: o PUC Urgente e o Jornal da PUC.

Hoje, quando olhamos para a nossa equipe, com quase cem pessoas, composta por professores, alunos-estagiários e funcionários, vemos como começamos pequenos, quase acanhados, com apenas um núcleo, o de Jornalismo Impresso. Aos poucos, foi-se percebendo

a necessidade de se complementar o plano inicial com a criação de outros núcleos, como os de Publicidade, Assessoria de Imprensa, Rádio, TV, Editora e Comunicação Comunitária.

O caminho do Projeto Comunicar foi marcado por nomes que ajudaram a construir a sua história. Um deles é o ex-reitor padre Jesus Hortal Sánchez SJ, sempre uma discreta, mas ao mesmo tempo forte presença incentivadora do trabalho do Comunicar. Foi dele, inclusive, a sugestão de se criar um núcleo de TV. Ao saber do surgimento do Canal Universitário do Rio de Janeiro – UTV – ele compreendeu que a PUC deveria participar dessa iniciativa. Assim, nossos alunos estariam em contato com a linguagem e tecnologia do mundo audiovisual, e a PUC, mais uma vez, acompanharia as demandas e inovações do mercado. Nós, de nossa parte, tentamos corresponder às expectativas do reitor e procuramos produzir programas de todos os tipos, mas, sempre que possível, com temas alinhados com o propósito e engajamento social da Universidade.

Implantar um projeto inovador como o Comunicar não foi fácil. Mas desde o início tínhamos a convicção de que ele daria certo, porque naquela época não existia algo assim nas universidades brasileiras. Em termos de estágio para a área de comunicação na própria universidade se constituía numa novidade absoluta. Os estagiários eram, até então, jogados nas redações de jornais e, ali, eram literalmente entregues às feras. Aqui no Comunicar projetamos exatamente o contrário: a proposta era que o estagiário tivesse uma orientação que lhe desse segurança, tranquilidade e objetividade no trabalho. Isso foi uma novidade que ainda não se esgotou, felizmente.

Um fator determinante para a escolha do método de orientação dos estagiários e que, até hoje, é a diretriz do Comunicar é o compromisso de estar em sintonia com a proposta de excelência da PUC. O Projeto Comunicar deveria ser desenhado usando os preceitos básicos da Universidade, ou seja, a qualidade do ensino e a vontade de inovar. Com o tempo, fizemos ajustes à ideia inicial, bem como adaptações e modificações, que foram atualizadas, até por conta das novas possibilidades tecnológicas. Com certeza, o futuro dirá se outras mudanças terão que ser feitas em função da velocidade das transformações pelas quais a comunicação e o mundo vêm passando.

Não sabemos o que fez – e faz – o sucesso do Comunicar. Achamos que uma conjunção de fatores contribuiu para que o funcionamento desse programa garanta a formação de tantos jovens profissionais e uma maior integração da Universidade. Mas arriscamos dizer que a chave, talvez, esteja na filosofia do Comunicar.

Junto ao projeto pedagógico de formação de mão de obra de qualidade, com senso crítico, há uma proposta humanista. Não raro presenciamos no Comunicar a entrada de jovens profissionalmente muito crus e que, anos mais tarde, aparecem nos créditos de jornais, rádios, telejornais e nas equipes de grandes assessorias. Sempre compreendemos que cada pessoa tem um ritmo de crescimento diferente, e, por isso, há a preocupação

de que cada um seja tratado de forma única. Olhamos para o estagiário não como uma matrícula para desempenhar tarefas. Vemos como alguém ávido para aprender as técnicas do jornalismo, que não quer se tornar um número, mas sim um nome que fará diferença na profissão. A ideia é valorizar, continuamente, o talento de cada estudante e ajudar o jovem a descobrir recursos para lapidar a sua vocação. Acredita-se, ainda, na possibilidade de um trabalho em mão dupla, isto é, que os professores estão ali para ensinar, mas também para aprender e se enriquecer com o universo dos mais jovens.

Sempre desejamos que o método do Comunicar para treinamento de estagiários surtisse efeitos compensadores. Achamos que conseguimos. É só olhar a inserção de nossos ex-estagiários nas muitas e diversificadas empresas de comunicação, não só do Rio de Janeiro mas também de outros estados do país. O que podemos dizer é que, naturalmente, o conteúdo do nosso trabalho melhorou com o tempo, o que pode ser constatado pelos prêmios que temos recebido. Tanto nós, como supervisores, como os estagiários fomos adquirindo uma experiência maior e um conhecimento melhor do nosso potencial.

O Projeto hoje

O que tem caracterizado o Projeto Comunicar, nos seus 25 anos de existência, é a sua sincera e obstinada meta de formar bem os estagiários que passam em suas rigorosas provas de seleção. O que começou com um modesto Núcleo de Jornalismo Impresso é, hoje, um conjunto de atividades muito mais amplo, que, além do PUC Urgente e do Jornal da PUC, publicados ininterruptamente ao longo desses anos, inclui também: a TV Pixel, que leva as notícias de última hora para o *campus*, através de murais digitais espalhados pela Universidade; a Assessoria de Comunicação Social, que produz o *clipping* diário e mantém relações com a grande imprensa, com o objetivo de dar à sociedade um relato das atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas na Universidade; o programa Revista Jovem, com trinta minutos de duração, que é apresentado na Rádio Catedral FM (106,7), aos sábados; a TV PUC-Rio, que produz para o Canal Universitário do Rio de Janeiro (UTV, canal 11 da NET) quatro programas fixos (Pilotis, Antena Coletiva, Contraponto e PUC Artes); a Editora PUC-Rio, criada com o objetivo de publicar o conhecimento produzido na Universidade, que já lançou mais de duzentos títulos em parceria com trinta editoras diferentes; a Agência Experimental de Propaganda criada para dar atendimento à Universidade no campo da publicidade e propaganda; e o Núcleo de Comunicação Comunitária, que tem, entre os seus objetivos, a capacitação de agentes pastorais de comunicação da Arquidiocese do Rio de Janeiro e o assessoramento a grupos comunitários das favelas pacificadas da cidade. Pode-se afirmar, portanto, que o Comunicar se constitui num instrumento de informação interna da PUC-Rio e de intercâmbio da Universidade com a sociedade.

Assim, o Projeto Comunicar chega a um quarto de século com energia e constante inovação. O seu desenvolvimento se deve não apenas ao apoio recebido da administração central da Universidade, mas principalmente à qualidade dos alunos e dos professores-orientadores que integram o Projeto. Olhando retrospectivamente, diríamos que andamos com bota de sete léguas. São 25 anos de um trabalho fundamentado numa pedagogia acolhedora e tecnicamente responsável. Acreditamos que essa dinâmica pode ser compartilhada com outras que buscam o mesmo objetivo de melhor comunicar as suas verdades e imagens. Uma comunicação eficaz só se produz no trabalho coletivo em que os mestres são também aprendizes e os alunos são tratados com respeito, dignidade e incentivo ao desenvolvimento pessoal integrado e autônomo. Acreditamos ainda que esse deve ser o verdadeiro espírito que todos devemos buscar nas relações de conhecimento e informação no interior de todas as sociedades. A comunicação deve ser um instrumento construtor de uma sociedade melhor para todos.

O Comunicar e eu comemorando bodas de prata: uma história de amor, fidelidade, cumplicidade e realizações

Rita Luquini*

*Faça aquilo que você gosta
e jamais trabalhará um único dia sequer na vida.*

Warren Buffett

Não é todo dia que se comemoram 25 anos de existência. Fazer parte de uma história de sucesso junto a esse departamento da melhor universidade particular do país é uma grande honra para mim. Em 1987, iniciei minha atividade no Projeto Comunicar e em novembro de 2012 completaremos bodas de prata de uma história de amor, fidelidade, cumplicidade, realizações e muitas experiências para contar.

Sempre sonhei em ser veterinária, mas, por falta de oportunidade, optei pelo magistério e por cursar Letras. O trabalho na PUC foi o meu primeiro emprego em uma empresa de porte. A Universidade já fazia parte da minha vida havia muitos anos, visto que mais ou menos vinte pessoas da minha família se aposentaram trabalhando aqui e muitas delas continuaram por mais de dez anos depois de aposentadas, como é o caso do meu pai, de modo que a frequentávamos sempre que possível.

O Comunicar iniciou suas atividades em novembro de 1987, e em dezembro eu iniciei minha jornada. Aqui cheguei através de um familiar e pelas mãos do professor Augusto Sampaio, misto de chefe, pai, mestre e companheiro. Assim como os professores Fernando Ferreira, Miguel Pereira e Cesar Romero, é daquelas pessoas com quem se pode contar a qualquer momento ou situação, pois tem sempre uma palavra que faz você se sentir importante e, acima de tudo, valorizado e reconhecido como profissional. Augusto, na época assessor do vice-reitor de Desenvolvimento, dr. Eurico Borba, foi quem me falou sobre o novo projeto que eles estavam criando, subordinado a essa vice-reitoria, para atender à demanda de informação na Universidade. O Projeto Comunicar estava precisando de uma atendente, e ele foi logo me designando para a função. No mesmo dia, Augusto me levou até a sala 117

* Coordenadora-administrativa do Projeto Comunicar.

K (depois conquistamos também a 119 K) e me apresentou ao professor Fernando Ferreira. No dia seguinte, conheci os professores Miguel Pereira e Cesar Romero.

Lembro como se fosse hoje que fiquei encantada com a forma como fui acolhida por esses professores, que me receberam com muita simplicidade e sinceridade e perceberam que eu nada entendia do assunto, mas precisava trabalhar e tinha vontade de aprender. Ensinarão-me os primeiros passos de uma auxiliar administrativa e me prepararam e formaram para ser uma parceira, o que sempre me encheu de orgulho, pois posso dizer que tive a oportunidade única de ter sido formada e preparada pelos melhores dos melhores mestres.

A rotina do trabalho muito me agradou. Aliás, de rotineiro não tinha nada. Todo dia era um desafio a ser vencido, muitas coisas novas acontecendo e nossas metas sendo cumpridas, de modo a atender às expectativas da Universidade e de nossa vice-reitoria. Mais tarde, Cesar conseguiu a mudança do meu cargo para secretária e depois passei a supervisionar o setor administrativo, do qual agora sou coordenadora; em parceria com o professor Miguel Pereira, sou responsável por todas as áreas do departamento. O magistério foi ficando para segundo plano, já que eu acabei descobrindo minha vocação para a parte administrativa. É engraçado, porque sempre achei que fosse a gente que escolhesse a profissão e não o contrário, só que no meu caso eu que fui escolhida pela administração, pela comunicação e pelo Projeto Comunicar.

No Comunicar, me encanto todos os dias, pois a rotina nunca se repete e os desafios são constantes; nosso cérebro precisa pensar em alternativas viáveis para cada situação e em estratégias a serem adotadas para que cada setor funcione da melhor forma. Os estagiários no corre-corre frenético dos fechamentos do jornal, o PUC Urgente e os programas de rádio e TV e seus convidados chegando, os telefones que não se cansam de tocar, situações emergenciais de produções externas sendo contornadas de última hora, assuntos pipocando na imprensa e nossa assessoria de comunicação entrando no circuito de modo a intermediar entrevistas, clientes apressados e ansiosos para ver os resultados dos trabalhos solicitados à agência de publicidade e nossa editora que não para de editar e lançar livros, além do Núcleo de Comunicação Comunitária, que com suas atividades juntos às comunidades mobiliza professores aos sábados. Tudo no Comunicar é tão eletrizante que não conseguimos parar e desligar. Nas horas de folga, da pausa para o cigarro, não consigo desacelerar, e mesmo no curto espaço de tempo me pego pensando em algo que ficou indefinido. Respiro Comunicar sem que eu perceba: é tudo tão natural que sinto como se ele sempre tivesse feito parte da minha vida. Sei que hoje tenho uma responsabilidade muito maior do que aquela que tinha no início, mas não posso dizer que seja mais importante, pois cada profissional aqui tem seu valor; somos uma equipe que se respeita, se cobra e cumpre o solicitado, objetivando sempre o melhor desempenho em nossas funções. Aliás, é extraordinária a satisfação que sentimos quando alguém vem elogiar os resultados dos nossos trabalhos. Também observamos nossos

frutos quando nos deparamos com os prêmios na prateleira, quando somos citados pelas pessoas, quando vemos nossos ex-estagiários nos programas de TV, quando lemos matérias sobre o Projeto em jornais e revistas do Brasil e do exterior, quando observamos nossos estagiários sendo solicitados para o mercado de trabalho e destacando-se sempre.

Por vezes, somos consultados por pessoas de fora da PUC que querem usar o Comunicar como base para criar algo semelhante em outra instituição. O que atrai essa gente é o modelo do Comunicar, ou o que se ensina no Comunicar. É a metodologia aplicada a fim de estimular o estagiário a desenvolver-se jornalisticamente. Querem saber a fonte de inspiração para a criação desse método de formação, como inserir o estagiário num meio completamente estranho sem que haja choques com suas próprias linguagens; querem saber que fatores foram determinantes na escolha do método de orientação que definiu o formato desenhado para o treinamento dos estagiários. A receita pode até ser passada, mas o resultado jamais será igual ao conseguido no Comunicar, pois aqui houve e há doação e crença no que se faz – no desenvolvimento humano e profissional de nossos alunos, estagiários, professores e funcionários, que vivem, convivem, ensinam e aprendem diariamente uns com os outros. Deixo aqui umas perguntas para os nossos fundadores: se tivessem que criar de novo o Comunicar, o fariam nos mesmos moldes? O que mudaria e o que permaneceria? Qual foi a decisão mais difícil que tiveram de tomar e como avaliam sua equipe de trabalho de ontem e de hoje? Do que mais se orgulham nesse trabalho? Tiveram vontade de desistir e por quê? Quais são as características de um bom líder? Estão satisfeitos com os rumos que o Comunicar tomou? Esperavam que o método inovador empregado para o treinamento de estagiários fosse surtir efeitos compensadores como os que se veem hoje?

Agradeço a amizade e o carinho que recebi e ainda recebo desses amigos que me respeitaram pessoal e profissionalmente como sua coordenadora administrativa, me reconhecem como tal e como parceira em todas as situações nas quais minha atuação se faz necessária.

Eu digo a todos que jamais gostaria de me desligar do Comunicar, muito embora saibamos que o tempo não para, passa voando, e é tudo muito rápido, assim como nós também passamos com ele. Por isso, aproveito o máximo de tudo que vivencio aqui e o convívio rico e inigualável com os meus coordenadores, colegas de trabalho e estagiários.

No Comunicar, já chorei por conta dos desafios iniciais, mas também pela felicidade de poder estar em um meio de furor do saber e do vencer. À noite, durmo satisfeita por ter dado o meu melhor, por ter sido e feito a diferença na vida de alguém naquele dia. Não há dinheiro no mundo que pague essa conquista. Sinto-me realizada no Comunicar e afirmo que ser realizado profissionalmente, no seu ambiente de trabalho, é um grande trunfo, é a garantia de sucesso em qualquer outra empreitada.



**NÚCLEO DE
JORNALISMO
IMPRESSO**

Fragmentos de uma reflexão

Renata Cantanhede Amarante*

E tudo começou com o impresso. A ideia de unir uma proposta de comunicação interna para a PUC-Rio com a oportunidade de oferecer estágio aos estudantes de Jornalismo tornou-se realidade em 1987. Com diferença de dias, saíram os primeiros números do PUC Urgente e do Jornal da PUC. Tinha início uma trajetória de sucesso. A Universidade nunca mais foi a mesma.

A proposta deste texto não é dar conta de 25 anos de história, mas sim levantar aspectos relevantes da prática neles vivida, em um diálogo com outras reflexões.

Outros tempos

Se tivesse de resumir minha visão sobre educação, diria o seguinte: o educador é o aprendiz há mais tempo e educar é ensinar o encanto da possibilidade. Isso, para mim, é a magia da educação. [...] É quando você consegue abrir uma possibilidade, seja ela qual for. E quanto mais é encantado pelas possibilidades, mais você é, essencialmente, um aprendiz.

Gilberto Dimenstein¹

A maioria dos estagiários de hoje nem sequer havia nascido em 1987. E o mundo era diferente de outras formas – algumas básicas para o jornalismo. Não havia internet, nem TV por assinatura. Para o aluno de Jornalismo, existiam áreas de trabalho com características nítidas: televisão, rádio, mídia impressa (jornais e revistas), assessoria de imprensa.

O estágio era uma etapa profissional que se buscava, geralmente, após a metade do curso. Havia menos oportunidades, menos processos seletivos, talvez menos pressão. Para a maioria, o Comunicar era o primeiro estágio. A primeira experiência genuína de vivência do jornalismo. Um lugar para aprender, na prática, com quantos parágrafos se faz uma matéria; como

* Subeditora do Núcleo de Jornalismo Impresso do Projeto Comunicar, professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e doutora em Letras pela PUC-Rio.

¹ Dimenstein, Gilberto; Alves, Rubem. *Fomos maus alunos*. Campinas, SP: Papirus, 2003, p. 83.

transformar um punhado de declarações em um texto coerente e como extrair, de um entrevistado afeito a respostas monossilábicas, material suficiente para um texto completo.

Ainda não havia um manual de redação formatado como tal, mas havia normas e padrões a seguir, como em qualquer veículo. Além da possibilidade do estágio em si, o Comunicar sempre ofereceu uma oportunidade única: o convívio com os professores que orientavam os estagiários. Quem passou pelo Impresso lembra, com emoção e saudade, o quanto aprendeu com o mestre Fernando Ferreira – sobre jornalismo, cinema, música, vida. Histórias engraçadas, também, não eram poucas: como o dia em que o chefe resolveu se esconder de uma visita um tanto inconveniente atrás de uma porta – sem lembrar que a parede ao lado era de vidro...

O PUC Urgente saía com uma única página, impressa só na frente. Com o tempo, ganhou mais conteúdo e passou a ser frente e verso. Foram muitas as faces do informativo ao longo de sua existência. A ideia de usar cores diferentes no logotipo para diferenciar as edições ao longo do mês foi usada durante bastante tempo; depois, passou-se a alterar a cor do papel. Hoje voltamos ao logo em cores diferentes, o que dá um charme especial à impressão em papel reciclado. Seis páginas semanais com o que acontece de mais importante na Universidade. E às vezes não cabe tudo.

Outro que passou por diversas mudanças foi o Jornal da PUC, que nasceu preto e branco; mais tarde ganhou cores na primeira e na última página, até chegar ao modelo todo colorido; era mensal, hoje é quinzenal. Mudou o jornal, ou mudou a Universidade?

Cotidiano

Situações de trabalho são situações de interação; as pessoas interagem em séries de relações que são sociais e também técnicas. Através dessas interações há definições de papéis, expectativas recíprocas de desempenho de um papel; solidariedade de grupo, e o desenvolvimento e definição de grupos de referência
Nelson Traquina²

[...] meu dom, como professor, é a habilidade de dançar com meus alunos, de co-criar com eles um contexto no qual todos nós podemos ensinar e aprender, e que este dom funcione enquanto eu permanecer aberto e confiante e esperançoso sobre quem são meus alunos. Mas quando meus alunos se recusam a dançar comigo, minha força se torna fraqueza.
P. J. Palmer³

²Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo*, volume II. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008, p. 22.

³Tradução livre. Palmer, P. J. *The courage to teach: Exploring the inner landscape of a teacher's life*. São Francisco: Jossey-Bass Publishers, pp. 61-113.

Trabalhar no Núcleo de Jornalismo Impresso pode ser uma experiência muito instrutiva para aqueles estagiários que se dedicam ao que fazem. O desafio diário é compreender e aplicar os princípios básicos do jornalismo. O que é notícia? Que tipo de notícia interessa ao nosso público? Qual a diferença entre um veículo diário e os nossos veículos, de periodicidade semanal (PUC Urgente) e quinzenal (Jornal da PUC)?

Básicas para efetuar a prática jornalística, essas questões, no entanto, não são triviais. Abrir o pensamento do estagiário, especialmente aqueles mais no início do curso, para o fato de que nem todo veículo segue a mesma pauta, ou de que públicos diferentes têm interesses diferentes, ou de que certas coisas que são notícia hoje não o serão daqui a quinze dias é um processo por vezes prazeroso, por vezes espinhoso. O ponto mais importante é estar sempre aberto ao diálogo e não deixar, jamais, de levar em conta que cada aluno é único em termos de percurso, ritmo de aprendizado e capacidade de compreensão.

Chegam à redação do Comunicar questionamentos diversos, alguns semelhantes aos vistos em sala de aula, alguns derivados de uma prática tão específica. Em torno dessas questões se constrói a prática dos professores que orientam o trabalho dos estagiários. O texto jornalístico é forma ou é estilo? Como transformar um assunto burocrático em um texto interessante para o leitor? Como lidar com a informação que chega através de *releases* ou e-mails?

Por incrível que pareça, as respostas mais fáceis são as mais complicadas de serem compreendidas e postas em prática. Afinal, o texto jornalístico é forma e estilo; forma sem estilo não tem graça, e estilo sem forma é bonito, mas não é jornalismo. O assunto deixa de ser burocrático quando o repórter deixa de vê-lo como tal, extraíndo o que pode apresentar de interessante. A informação que chega por escrito em nada difere da que vem pelo telefone ou é apurada pessoalmente; precisa ser conferida, questionada, verificada. E reescrita. Sempre. Na forma correta e com estilo. Sem burocracia.

Conviver com a prática também significa ter contato com os percalços da profissão e saber que, às vezes, as pessoas realmente não querem dar entrevista; não retornam a ligação do repórter, ou só se dispõem a recebê-lo no mês seguinte (ah, se fosse para *O Globo!*); não informam com antecedência a realização de um evento, e no dia reclamam quando não há cobertura; até se recusam a ter suas fotos tiradas por não terem ido ao salão ajeitar o cabelo (acontece...). Trabalhar como jornalista é sobretudo lidar com pessoas, muitas das quais acham que entendem tudo de jornalismo. Sabe aquela história de que cada brasileiro é um técnico de futebol? Também é um especialista em imprensa.

Feijão com arroz

*As notícias são, presume-se,
um registro do que fazem as pessoas.
As pessoas fazem coisas todo o tempo;
é quando esse fazer se transforma
em significado que ele se torna notícia.*
M.A.K. Halliday⁴

*Escrever notícias e reportagens é contar histórias, atendendo a uma
necessidade humana universal: ouvir relatos sobre a ação das pesso-
as, feitos por um narrador que se distancia do objeto de sua narra-
ção e o apresenta de maneira diferenciada e compreensível.
É isso que o jornalista faz em uma empresa.
Ele oferece aos leitores um relato organizado
da vida na fábrica ou no escritório.*
Claudia Lemos e Rozalia Del Gaudio⁵

Afinal, que tipo de notícia interessa ao nosso público? Para definir isso, é preciso, primeiro, e logicamente, entender que público é esse. Falamos de professores, funcionários, alunos, ex-alunos. Só aí já se apresenta uma dificuldade: o que interessa aos professores também interessa aos alunos? E vice-versa? Nem sempre.

O PUC Urgente, que tem por filosofia ser uma agenda da Universidade, trazendo avisos de eventos que serão realizados, talvez seja mais fácil de pautar; ou, pelo menos, tem uma pauta mais difícil de questionar. É assunto ligado à comunidade PUC, ou do interesse dela? Entra. Não é? Fica de fora. Quem decide se é ou não? Embora possa parecer arbitrária, a decisão é baseada em alguns critérios: é na PUC? Alguém da PUC é responsável? Tem alguém da PUC participando? Dá desconto para a comunidade PUC? O tempo também é um aspecto fundamental. Realiza-se na semana de circulação do PUC Urgente? Tem prioridade. Vai ser realizado daqui a dois meses? Fica para depois. A decisão, nesses casos, é dos editores – compartilhada com os estagiários e explicada a eles.

Mais complicado é definir a pauta de uma edição do Jornal da PUC, ou seja, os assuntos que vão entrar nela. Esse processo é feito com a participação dos estagiários, que têm plena liberdade de sugerir assuntos para suas reportagens. A dificuldade reside na especificidade do

⁴Tradução livre. Halliday, M.A.K. “Language in a changing world”. In: *On language and linguistics*. Londres: Continuum, 2003, p. 214.

⁵Lemos, Cláudia; Del Gaudio, Rozalia. “Publicações jornalísticas empresariais”. In: Duarte, Jorge (org.). *Assessoria de Imprensa e relacionamento com a mídia*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 263.

jornal institucional, somada à periodicidade quinzenal: esta semana só se fala em determinado assunto, mas será que daqui a quinze dias ele ainda estará tão em voga? Além disso, o que podemos dizer a respeito desse assunto que já não tenha sido dito e repetido pelos jornais diários, televisão, internet etc.? Os estagiários iniciantes geralmente assumem uma de duas posições possíveis: sugerem matérias que caberiam bem em um jornal diário, ou só sugerem o que ficaram sabendo pelo PUC Urgente, por achar que só isso é “permitido”.

Na verdade, a gama de assuntos possíveis é muito maior que a programação semanal da Universidade. A criatividade de cada um é o limite – desde que seja feita alguma ligação com a comunidade. Uma matéria sobre eleições nos Estados Unidos, por exemplo, pode fugir da informação trazida por todos os outros veículos, através da utilização de análises feitas por especialistas da PUC. E se a criatividade é o limite, não podem deixar de ser lembrados os estagiários que passaram a noite no *campus*, para saber o que acontece na Universidade depois que as atividades se encerram.

Fora de série

[...] Portanto, sei que é possível ensinar a escrever, mas também sei que apenas um pequeno número de pessoas consegue aprender a ser um escritor.

David Huddle⁶

Se o cotidiano do Impresso gira em torno do dia a dia da PUC, atividades de professores, funcionários e alunos, às vezes essa rotina é quebrada. Ao longo dos 25 anos, coberturas fora da mesmice marcaram a história do Jornal da PUC. Da viagem a Aparecida para cobrir a visita do Papa Bento XVI à presença do ator Morgan Freeman no *campus*; de uma ida ao Aterro Sanitário de Gramacho ao acompanhamento de manobras das Forças Armadas; matérias fora do *campus*, como visitas a orfanatos, e fora do Rio, como uma visita a uma fazenda de reabilitação de dependentes químicos. Congressos internacionais, como os que movimentaram o *campus* pré-Rio+20, deram aos estagiários a chance de não só trabalhar em ritmo de jornal diário, como de treinar suas habilidades entrevistando estrangeiros e apurando em outras línguas.

O Jornal da PUC também oferece a possibilidade de textos no estilo “eu, repórter”, nos quais o estagiário conta a própria experiência em alguma situação. Intercâmbios diversos, na Europa, Estados Unidos e até na África do Sul, já figuraram nas páginas do jornal. Um

⁶Tradução livre. Huddle, David. “Taking what you need, giving what you can: the writer as student and teacher”. In: Pack, Robert; Parini, Jay (orgs.). *Writers on Writing*. Hannover: Middlebury College Press, 1991, p. 74.

“mochilão” por países da América do Sul rendeu uma série de três reportagens. Uma ideia de como recepcionar os calouros mais uma vez gerou um divertido *quiz* sobre a Universidade. E não podemos esquecer os diversos ensaios produzidos pelos estagiários de fotografia, que embelezam as páginas do jornal.

Mais que permitir, os professores que orientam os estagiários do Núcleo de Jornalismo Impresso procuram incentivar a sugestão de assuntos criativos e fora do esperado. Consideramos que levar os estudantes a desenvolver e exercitar essa criatividade é uma parte fundamental do trabalho do núcleo. Às vezes, parecemos estar tirando leite de pedra; nem sempre o trabalho é bem-sucedido, mas tudo compensa quando encontramos estagiários que demonstram efetivamente ter desenvolvido suas habilidades no período em que estiveram no Impresso.

Até o próximo aniversário

As novas tecnologias precipitaram drásticas mudanças de paradigmas, fazendo com que mudássemos nossos modos de pensar, de coletar informações, de produzir e de transmitir conhecimentos.

Ilana Polistchuk e Aluizio Ramos Trinta⁷

O futuro do jornal impresso é incerto. Para muitos, o jornal “em papel” está condenado à extinção; para outros, tem seu papel assegurado, desde que invista menos em dar notícias e mais em proporcionar análises aprofundadas. Diante dessa incerteza, como fica o Núcleo de Jornalismo Impresso?

Pode ser que o futuro do “impresso” esteja na internet, e que aquilo que hoje se convencionou chamar “jornalismo impresso” torne-se um jornalismo “escrito”, em oposição ao formato baseado em imagens televisivas. Pode ser que não. E quanto aos jornais impressos de apelo popular? Ou os de distribuição gratuita? E quanto à convergência de mídias? E quanto às mídias sociais? E os blogs? E...

O futuro, diz o ditado, a Deus pertence. É esperar para ver. Enquanto isso, o Impresso continuará utilizando seus produtos para preparar estagiários para o tão falado “mundo real”. Seja ele qual for.

⁷Polistchuk, Ilana e Trinta, Aluizio Ramos. *Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da Comunicação Social*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 170.

Somos todos contadores

Angélica Lopes*

Apesar da falta de estatísticas que comprovem minha tese, gosto de pensar que o *lead* mais popular do mundo é o “Era uma vez”. E que na redação do Mudo dos Contos de Fada, o editor-chefe, que poderia muito bem ser uns dos Grimm – talvez, Jacob, que era mais velho –, estaria sempre reclamando, sem paciência:

– Já cansei de avisar, pessoal: não quero ler mais nenhuma história começando com “Era uma vez”, ok? Tá me ouvindo, Perrault? É muito batido, gente. Vamos tentar um “Foi assim” ou um “Acredite se for capaz”. Pode ser, Andersen? Fechamento às quatro, ok, La Fontaine?

– *Oui, oui, chef.*

Entrei na faculdade de Jornalismo – há era uma vez lá se vão vinte anos – movida pela vontade de contar histórias. Naquela época, eu nem precisava inventá-las. Era só apurar a trama principal, analisar os personagens, descrever o cenário, anotar os diálogos num bloquinho e depois contá-las a quem quisesse ouvir.

Dona Clélia Silva, 40 anos, costureira, afirma que o vazamento na rua Almirante Lemos já dura cinco anos. “Dia e noite, é essa água vazando aqui na frente, menina. As crianças ficam todas doentes.”

Com essas palavras, eu sabia que o leitor seria magicamente transportado para a vida de Dona Clélia. Para seu barraco de um cômodo na rua úmida, diante de crianças febris, que dormiriam ao som de uma incansável máquina de costura, cenário próprio de Dickens.

Ou, quem sabe, tirando o drama de nossas linhas, o leitor veria uma Dona Clélia cheia de iniciativa, capaz de organizar um mutirão com os vizinhos, trazer uma equipe de reportagem ao local e mudar o mundo à sua volta, como uma heroína de Dumas.

Dramáticas, cômicas, românticas, importantes, bobas, registros históricos ou mera invasão da vida alheia, histórias são sempre histórias e o bom contador deve saber valorizá-las. De “O ator foi visto com uma morena misteriosa” a “Terminou hoje a guerra no Afeganistão”.

* Escritora, roteirista de TV e de cinema. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991).

Cabe a nós, contadores, levar essas narrativas, sejam elas quais forem, de uma ponta à outra. Somos mestres de cerimônias, a quem foi dada a deliciosa tarefa de planejar a ordem das atrações e distribuir os elementos do espetáculo.

Entrem por aqui, digníssimos senhores, e sintam-se à vontade. Comecem com a degustação do depoimento da amante enfurecida. Como prato principal, oferecemos os dados da perícia. E, para finalizar, essa foto exclusiva da cena do crime. Sim, sim, agora os aplausos, por favor.

Com nossa pena, teclado, voz, imagem, usando técnicas, experiência e um pouco de bruxaria, claro, nosso desafio é fazer que leitores, ouvintes, público, plateia, nos sigam até o ponto final, deem mais um clique no link, aumentem o volume, façam “Shiiuu” para quem está do lado e nunca, jamais, mudem de canal.

Às vezes, diante da força de um fato extraordinário, a melhor maneira de contar é sendo direto: “Nasceu ontem o primeiro clone humano.” (E, acreditem, é mais difícil do que se pensa se render a um fato que cisma em nos colocar como coadjuvantes.)

Em outros casos, o refletor pode estar apontado para o personagem principal: “Apesar de seus 1,58 m de altura, o Dalai Lama impressiona por sua grandeza.”

Um simples gesto também pode iniciar uma narrativa: “Cansado, o presidente da República manteve a *cabeça baixa durante toda a cerimônia.*” Ou pelo cenário: “Num dos pontos mais isolados da Floresta Amazônica, foi encontrado ontem...”

Decidir onde começa, como acaba e o que colocar no meio da narrativa é o ganha-pão e a arte dos contadores. Gente de olhar e ouvido atentos, prontos para captar cada detalhe que faça a diferença: um suspiro, uma voz embargada, uma pausa reveladora no meio da frase.

Esses elementos são nosso trunfo.

O ouro que o narrador tem nas mãos quando alguém perguntar: “E aí? O que você tem para contar?”

* * *

O que tenho para contar hoje é sobre a minha experiência no Projeto Comunicar e, para isso, vou optar pelo *lead* clássico dos antigos mestres: “Era uma vez uma escritora que, aos 19 anos, viu suas palavras serem impressas pela primeira vez. O texto foi publicado numa página solta, um informativo chamado PUC Urgente. Eram apenas poucas linhas, sem assinatura, que continham uma lista de horários e algumas oportunidades de estágio. Parecia pouco, mas ela viu que era ali, na tinta sobre o papel, que estava o seu futuro.”

O jornalismo, a fotografia e o cinema

Anna Luiza Müller*

A ideia de escrever um depoimento sobre imagem e som que se relacionasse com a experiência pessoal e acadêmica que eu tive ao participar do Projeto Comunicar da PUC-Rio me pareceu um convite para (re)fazer uma viagem. Uma viagem de volta aos pilótis da Universidade, aos departamentos, diretórios, bibliotecas, auditórios e laboratórios, mas, acima de tudo, um retorno às lembranças de sua geografia humana que percorri durante o tempo em que fui fotógrafa estagiária do Projeto.

Para fotografar os eventos da agenda e da comunidade acadêmica, percorríamos diariamente o *campus* acompanhando as novidades do seu dia a dia. Esse movimento se revezava com alguns momentos de contemplação e descoberta de novos ângulos a serem fotografados. Roland Barthes já dizia que, nos primórdios, a fotografia registrava o que era notável e que, com o tempo, ela passou a transformar em notável tudo o que registrava. Alguns desses registros, mais impressionistas e menos factuais, chegaram a ser usados para ilustrar outras publicações da Universidade.

As relações pessoais que surgiram e se aprofundaram com a convivência no Comunicar também foram fundamentais para definir o caminho que a maioria de nós seguiu dentro da Comunicação. Nós, que éramos colegas de classe, viramos também colegas de redação, e tínhamos não somente um estágio de jornalismo, mas uma grande oportunidade de colocarmos em prática o que aprendíamos nas aulas, ao mesmo tempo em que estreitávamos nossos vínculos. Tudo isso orientados por dois experientes jornalistas, Fernando Ferreira e Miguel Pereira: mestres e editores, ou vice-versa. Ambos amantes das palavras e das imagens, do jornalismo e do cinema.

Ao pensar nesses amigos, muitos deles com quem convivo até hoje, me lembrei também de uma fotografia em preto e branco que tirei da nossa equipe reunida na sala do quarto andar, sentada atrás das máquinas de escrever. Embora já não saiba mais onde está essa foto, o seu registro permanece em minha retina. Pela manhã, era sala da aula de técnica de redação e à tarde se transformava na nossa redação.

Na busca por essa imagem, que para mim foi tão marcante, encontrei outras fotografias desses mesmos colegas. Em muitos retratos estamos acompanhados de nossas Olivettis.

* Professora do curso Film & Television Business – Formação Executiva em Cinema e TV, da FGV (RJ e SP). Trabalhou na distribuidora Lumière. É proprietária da agência de comunicação Primeiro Plano. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1992-1993).

Além de fotógrafa, também trabalhei durante um período como laboratorista, responsável por revelar e ampliar os filmes e as fotos produzidas para o Comunicar. Na fotografia, o processo ainda era bem artesanal. Os filmes em preto e branco 35mm eram rebobinados no próprio departamento, pelo Aníbal Mesquita, que também coordenava o acesso ao uso do laboratório fotográfico. Depois de revelado, o filme ganhava um contato – impressão em papel dos negativos do filme – que era levado para as reuniões de pauta para a pesquisa das melhores imagens. As fotos escolhidas ganhavam uma ampliação em papel 20x25cm. Em seguida, os negativos eram catalogados e arquivados em envelopes pardo ouro pela Rita Luquini.

Ao lado desse mergulho interno, o Comunicar expandiu a área de atuação e fez uma parceria inédita com o Shopping da Gávea para a produção de um jornal para clientes e lojistas. Era uma publicação muito simpática, feita com a colaboração dos repórteres-estudantes, com tiragem mensal e distribuição gratuita. Essa saída da Universidade foi mais um importante exercício para aumentar as fronteiras do nosso olhar e ampliar os contatos pessoais. Lembro-me de uma história divertida, que aconteceu quando eu fui fotografar o livreiro Aluísio, que era dono da Timbre. Depois de fazer um retrato dele, sentado atrás de sua mesa da livraria, como sempre estive durante anos, eu lhe disse: “Obrigada pela foto, se não ficar boa eu volto.” E ele, rapidamente irônico, retrucou: “Se não ficar boa, você mande outro fotógrafo!”

A minha escolha profissional se encarregou de unir o jornalismo e a fotografia com o cinema. Tornei-me assessora de imprensa, especializada em audiovisual, e praticamente acompanhei todo o processo de retomada do cinema brasileiro. Depois, tive a oportunidade de publicar um livro sobre os bastidores de uma produção nacional, que é também uma viagem fotográfica pelo interior do Brasil, *Abril despedaçado – história de um filme*, publicado pela Companhia das Letras e feito em parceria com o jornalista Pedro Butcher. E a fotografia, que foi fundamental para mim desde esse período de formação, ganhou velocidade e movimento e virou cinema: imagem e som.

Lembranças de um tempo que voa

*Caio Barretto Briso e Clarice Tenório Barretto**

Era uma lista com poucos nomes, colada na parede do quarto andar do edifício Kennedy. Embora não habite um passado tão remoto, é como se aquele dia estivesse envolto em uma névoa, guardado nos misteriosos cantos da memória. Estávamos em meados de 2007 e acabara de ser divulgada a aguardada relação de novos estagiários do Projeto Comunicar. Poucas semanas depois, já fazíamos parte da equipe do Jornal da PUC. Logo no primeiro dia, Fernando Ferreira entrou em nossa sala e pediu licença para dizer algumas palavras. Queria dar as boas-vindas. Com sua elegância tão marcante e, ao mesmo tempo, singela, desejou-nos boa sorte e disse que era uma honra nos ter como repórteres. E saiu, deixando naquele bando de moleques que éramos a sensação de que a honra era toda nossa.

Tínhamos mais ou menos 20 anos de idade e vivíamos como se o amanhã não existisse. A leveza de espírito era nossa marca, e isso podia ser sentido por qualquer um que entrasse em nossa diminuta redação. Por sermos tão jovens, não éramos capazes de perceber que aquele era um momento mágico de nossas trajetórias, o primeiro de todos os passos que daríamos nesta profissão encantadora, embora tortuosa, que é o jornalismo. Queríamos impressionar, provar que éramos geniais. Os melhores repórteres do mundo antes mesmo de saber redigir em português! E Fernando – sempre o chamamos pelo primeiro nome, pois ele nunca fez cerimônia conosco – nos orientava com aquela combinação encantadora de inteligência e doçura, sem nunca nos deixar constrangidos diante de seu vasto conhecimento sobre aparentemente tudo.

Nós dois temos maravilhosas recordações das visitas à sala do professor Fernando Ferreira. Clarice ia atrás de sugestões sobre estrutura de texto e título. Caio adorava as conversas sobre cinema e música clássica – algumas chegavam a durar, sem exagero, quatro horas, para desespero dos chefes de reportagem. O mundo podia desabar sobre o Comunicar que, enquanto estivéssemos lá dentro, estávamos seguros – como se o Fernando, paternal como poucos pais, fosse uma espécie de porto seguro, nos amparando frente às

* Caio Barretto Briso é repórter da *Veja Rio*, trabalhou também nas revistas *Veja São Paulo* e *IstoÉ* e na sucursal carioca do jornal *Folha de S. Paulo*. Venceu o Prêmio Abril de Jornalismo 2012 na categoria Educação. Clarice Tenório Barretto é assessora de comunicação do Porto Maravilha. Foi assistente de direção em documentários e mostras de cinema na produtora Modo Operante. Ex-estagiários do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (2006-2007).

armadilhas do jornalismo e da vida. Ah, frequentar aquela sala valia por uma faculdade inteira! Recebíamos verdadeiras lições, das mais básicas às mais existenciais, com as quais queremos conviver pelo resto da vida. “O título de uma reportagem está sempre no *lead*. É lá que você o encontra”, dizia. “Nunca comecem um texto da mesma maneira”, “atenção à repetição de palavras”, “escrevam com clareza” e por aí vai. Apesar de seus conselhos, incontáveis vezes iniciamos as notinhas do PUC Urgente com artigos definidos. Era “o”, “à”, “os” e “as” que não acabava mais.

A redação, como já escrevemos, era diminuta. Marcelo Tavela – nosso chefe de reportagem, recém-formado e tão menino quanto nós – sentava no meio de todos. Nas paredes, dezenas de fotos da nossa turma e das gerações anteriores do Jornal da PUC. Em um mural, escrevíamos as pérolas ditas naquele lugar. As reuniões de pauta, não raro, se tornavam terapias de riso. Sentíamos que era preciso falar não apenas ao corpo docente, mas também aos calouros, aos alunos que nunca se interessariam pelas aulas magnas, seminários de Termodinâmica e missas de boas-vindas. Tentamos, verdadeiramente, um novo olhar sobre a velha PUC. Exemplo: tivemos a ideia de mostrar o que acontece na Universidade entre 22h e 6h, quando ela fecha suas portas. E lá estava *A PUC que não dorme* na edição seguinte. Como será a vida de um ascensorista? Fomos descobrir, numa alentada reportagem sobre esses profissionais tão discretos, quando um de nós passou uma tarde inteira uniformizado, trabalhando como ascensorista disfarçado. Muita gente que esbanjava simpatia no desfile diário dos pilotis nem sequer deu bom-dia ao novo profissional – nem sequer percebeu que se tratava de um colega. Meu Deus, como éramos felizes!

Pouco a pouco, a vida de cada um tomou um rumo diferente. Alguns saíram do jornalismo. Outros estão aí, brilhando em grandes jornais, revistas, rádios, assessorias e emissoras de televisão. Ao menos uma vez por ano nossa turma se reúne na casa de um de nós. Nesses encontros, nunca deixamos de conversar sobre a profissão, as reportagens que cada um tem feito e, claro, as lembranças dos velhos tempos. Uma das mais indelévels: tivemos a ideia, durante o estágio, de produzir um curta-metragem de ficção para um prêmio recém-aberto pelo departamento de Comunicação Social. Tínhamos apenas dois dias para inventar uma história e tirá-la do papel. Bolamos uma tragédia pitoresca: um crítico de cinema tem sua filha sequestrada pelo diretor de um filme que ele destroçou publicamente. Foram longas jornadas noite adentro gravando cenas insólitas na avenida Sernambetiba, na Barra, como encontros fortuitos do crítico com garotas de programa. O roteiro, quase surrealista, girava em torno do tema prostituição. *Michelly K.*, um clássico do cinema brasileiro, nasceu – quem diria – nos corredores do Jornal da PUC.

Vivemos em tempos de jornais que desaparecem, viadutos que são demolidos, ruas que mudam de nome. A cada esquina, alguma coisa morre, uma janela se fecha, uma luz se apaga. E assim, o mundo se renova. Quem, meu Deus, poderia supor que o *Jornal do*

Brasil teria um fim tão triste – esquecido nas bancas, feito por meia dúzia de jornalistas, agonizando até desabar? Para o bem das futuras gerações de jornalistas da PUC-Rio, tomara que o Comunicar continue existindo por muito, muito tempo. Porque os laços que nascem ali perduram por longos anos. Para nós dois, criou-se lá dentro uma afeição que se transformou, pouco a pouco, em um grande amor. Agora, enquanto escrevemos, temos diante de nós uma fotografia do nosso casamento. Ali estão, lado a lado, num abraço de irmãos, os inseparáveis amigos que conhecemos na redação do Jornal da PUC. E mesmo que as próximas gerações nem façam ideia de tudo o que já foi vivido atrás daquela porta do quarto andar, mesmo que, daqui a meio século, poucos saibam quem foi Fernando Ferreira e tantos outros mestres, nós, ex-estagiários, enquanto estivermos vivos, estaremos juntos, conversando sobre aqueles anos de pura alegria, mantendo aceso o amor por esta escola chamada Comunicar.

Tabelinha entre Pierre e Jules

*Cláudio Souto Uchôa**

Os nomes acabam entregando. Não são brasileiros. É um começo. Falam francês. A coisa está melhorando. A época de nascimento pode ser um bom indicador: fim do século XIX. Contemporâneos de muitos anos atrás, franceses... as opções ainda são muitas! Os sobrenomes podem ajudar. Ou resolver essa brincadeira. Bem, um desses sobrenomes, nem tanto. Fredy. Pierre de Fredy, mais conhecido pelo título nobiliárquico, o Barão de Coubertin.

Metade do caminho está resolvido. E o Jules? Francês do século XIX. Se um ficou conhecido por ter idealizado os Jogos Olímpicos, o outro, claro, tem relação com o esporte. Jules Rimet, o principal responsável pelo surgimento da Copa do Mundo.

Jules Rimet chegou a ver a Copa atravessando o Atlântico e desembarcando no Brasil. Nos últimos anos o evento foi até a África e vai voltar ao país sul-americano. O Barão de Coubertin, do célebre “o importante é competir”, ainda estava vivo quando o negro Jesse Owens desafiou os conceitos de Hitler nos Jogos de Berlim. Hoje em dia, racismo dá cadeia. E os Jogos de 2016 serão no Brasil. Como eles veriam o esporte nos dias atuais, mais de cinquenta anos depois que morreram?

O papo flui. São dois grandes amigos. Eles foram do século XIX, viveram no XX e agora estamos no XXI. Mas nada no estilo daquelas retrospectivas de fim de ano. O pano de fundo é o Brasil, com a responsabilidade de sediar esses dois gigantescos eventos esportivos. Mais do que alertas e sermões, a conversa revela um certo orgulho em ver o país com um papel tão importante pela frente.

– Pierre, meu caro, não vivi pra ver, mas Olimpíadas e Mundial no Brasil?!?!?!?

– O que você está sugerindo, Jules? Incredulidade, preocupação?

– Não vou fingir que não fiquei surpreso com as escolhas, ainda mais assim, ao mesmo tempo. Se já era difícil fazer uma Copa naquela época, e agora, com esse tamanho todo?

– Mas...

– Mas eu sempre gostei do Brasil. O que eles jogaram em 1950 foi uma barbaridade. E aquela gente saindo calada depois da perda do título...

– Curioso. Também fiquei feliz em saber que os Jogos vão ser lá.

– Sabia. Você nunca me enganou, Monsieur de Fredy.

– Você sabe que cinco anos antes de eu morrer, nos Jogos de Los Angeles, em 1932,

* Nos últimos 12 anos, foi produtor, editor, apresentador e, em 2008, se tornou narrador no canal de TV por assinatura SporTV. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1999).

fiquei encantado com o talento de uma nadadora brasileira, que só chegou aqui em cima há pouco tempo. Maria... Maria...

– Lenk, Pierre. Lenk. Você e essa memória!

– Calma, Jules, só não lembrei o sobrenome. E se não fosse por mim você teria se esquecido de ver daqui de cima a final do Mundial de 98, que vencemos.

– Mas foi em cima do Brasil!

– O importante é competir, o importante é competir!

– Nunca sei quando você está sendo irônico, Barão!

– Estamos deixando o assunto fugir, Jules.

– Claro, claro. Que bom que a Copa vai voltar pra lá. Lembro-me das dificuldades de organizar aquele mundial de 1950, no período pós-guerra, com seleções desistindo, aquele estádio quase não ficando pronto!

– Aliás, está ficando lindo daqui de cima!

– Está mesmo! Vai ser usado nos Jogos também.

– Não vejo a hora! E os custos, Jules?

– Vamos tomar um café?

Os dois param para uma conversa mais íntima. Jules Rimet não esconde a decepção. Uma coisa leva a outra e a pergunta sobre gastos trouxe à tona uma notícia que nem um café tira o gosto amargo. Em 2012, a Justiça da Suíça revelou que o presidente de honra da Fifa, o brasileiro João Havelange, recebeu propina para favorecer uma empresa na negociação dos direitos de transmissão de grandes campeonatos, como a Copa. O ex-presidente da maior entidade de futebol do mundo faz careta. Não demora muito e eles voltam.

– Café bom esse, né, Jules? De onde vem?

– Depois eu é que tenho memória fraca. Do Brasil, meu caro Barão!

– Vamos deixar os assuntos indigestos de lado?

– Claro! Falávamos do Maracanã.

– Encolheu! Questão de segurança. Mas em compensação, a audiência...

– É de bilhões, né?

– Não consigo me acostumar com esses números. Não alcanço essa quantidade.

– Modéstia sua. As Olimpíadas nunca foram pequenas, proporcionalmente. Em Londres, nos próximos Jogos...

– Meu Deus! Ia me esquecendo. A cerimônia de abertura já vai começar!

– Nossas memórias!

– Vamos! Vamos! Nos vemos quando?

– Deixa que eu te mando um torpedo, Pierre.

E assim eles se foram. O Barão de Coubertin e Jules Rimet. Como legado, Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. Para quem gosta de esporte, a gratidão é eterna.

O poder de observação

Fabio Brisolla*

Sem ser convidado, entrei pelo terreno de lama em direção à modesta casa construída na propriedade. No caminho, encontrei uma senhora que não quis conversa e indicou a localização do curral, onde estava o agricultor Vilson Ribeiro, de 48 anos, o dono do sítio.

Sentado em um banquinho, ele ordenhava uma vaca enquanto eu explicava a razão da minha presença ali. Informei que estava em Catanduvas para descobrir como era a vida dos moradores na cidade conhecida por abrigar o primeiro presídio federal de segurança máxima do país.

O homem hesitou em conceder uma entrevista. Assegurei que a matéria não trataria dos bandidos encarcerados, mas da vida da população de Catanduvas, município do interior do Paraná, a 470 quilômetros da capital Curitiba. Ao fim, ele aceitou.

Publicado em 19 de dezembro de 2010 na revista dominical do jornal *O Globo*, o texto intitulado “Vizinhos do crime” pode ser classificado como um exemplo da chamada reportagem de comportamento. O termo define um tipo de matéria que costuma resultar da observação do jornalista sobre um determinado contexto, que permite ir além do noticiário factual.

O texto com enfoque de comportamento pode estar presente em todas as editorias. Seja no caderno de moda, seja nas páginas policiais, o ponto em comum costuma ser o destaque para a história pessoal transformada, afetada ou apenas influenciada por um determinado fato.

A ideia de visitar Catanduvas surgiu durante o cerco policial na operação de ocupação das favelas do Complexo do Alemão, na zona norte do Rio, deflagrada no domingo, 28 de novembro de 2010. Na ocasião, 26 presos acabaram transferidos para a penitenciária federal no Paraná. O dia da invasão rendeu uma transmissão ao vivo da TV Globo, assim como uma extensa cobertura nas versões impressa e on-line dos principais jornais e revistas semanais do país.

Três dias após o início da operação, na reunião de pauta da Revista O Globo, sugeri contar a história dos moradores obrigados a conviver com o presídio. Era uma reportagem relacionada ao tema que mobilizava a cidade do Rio de Janeiro naquele momento, mas distante do cenário do conflito.

* Atualmente na *Folha de S. Paulo*, trabalhou também no *Jornal do Brasil*, nas revistas *Vêja Rio* e *Vêja São Paulo* e no jornal *O Globo*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1996).

Desta forma, poderia abordar um assunto tratado exaustivamente pela imprensa sem cair na repetição. Passei três dias em Catanduvas, acompanhado por um fotógrafo do jornal. No período, ouvi o prefeito reclamar da ausência dos recursos prometidos pelo governo federal durante a construção do presídio, inaugurado em 2006.

Percebi o desconforto de parte da população. Havia um preconceito velado diante da presença dos familiares de presos que passaram a morar na cidade. Conversei com a cabeleireira que evitava atender mulheres de detentos em seu salão. Entrevistei o garçom incomodado com as moças rabiscadas que falavam alto no restaurante. Os tais rabiscos eram as tatuagens feitas pelas companheiras dos presos, que quase sempre marcavam na própria pele o nome do amante confinado atrás das grades.

Fiquei hospedado no único hotel da cidade, frequentado por advogados criminais, funcionários do Ministério da Justiça, parentes de presos e agentes penitenciários recém-chegados a Catanduvas. Conversei com o balconista, o comerciante e a professora. Registrei as histórias de amor relatadas pelas mulheres dos detentos. Na visita ao presídio, falei com agentes penitenciários, com a assistente social e com o diretor da instituição.

Para dar conta da sequência de entrevistas no prazo de 72 horas, incluindo o tempo necessário para a produção das fotos, optei por gravar todos os relatos. É uma forma de tornar o diálogo mais ágil e de evitar que uma declaração se perca, algumas vezes, devido ao cansaço após horas seguidas de conversa em um mesmo dia. O áudio é ainda um recurso eficiente de defesa, caso o entrevistado venha reclamar de alguma declaração publicada.

Com o material transcrito, começa o trabalho de ordenar tudo em um só roteiro. Na reportagem factual, a informação mais importante se impõe, facilitando consideravelmente a construção do texto. O lide segue seu padrão, segue a ordem dos fatos. Em comportamento, o objetivo é buscar a reação aos fatos. Por ser uma outra dinâmica, a abertura da matéria pode atender a critérios diferentes e começar, por exemplo, com a descrição de uma cena antes de se chegar ao ponto principal do texto.

Claro que o senso de observação do repórter é essencial para a produção de qualquer tipo de conteúdo. Entretanto, em determinadas pautas, essa percepção é capaz de transformar um assunto banal em uma boa história.

A vida de um boêmio atormentado das ruas de Nova York pode virar uma obra-prima se descrita por alguém como Joseph Mitchell, o autor de *O segredo de Joe Gould*, de 1964. O retrato dos sobreviventes da cidade de Hiroshima feito por John Hersey em 1946, um ano após a bomba atômica que matou milhares de pessoas, é citado com frequência como a mais importante reportagem do século XX.

Publicados na revista *The New Yorker*, esses dois textos foram escritos por dois representantes de um seleto grupo que aproximou a reportagem de comportamento da literatura. É uma escola que valoriza o senso de observação do repórter e a capacidade de saber ouvir.

Em uma entrevista, Mitchell disse certa vez: “Se tenho algum talento, ele nasce do fato de eu não me chatear com facilidade. Posso ficar ouvindo qualquer pessoa indefinidamente.” Quase sempre, ele chegava a investir meses na produção de uma única reportagem. Era outra época.

Hoje, em tempos de internet, o “prazo de fechamento” está em declínio. O repórter já inicia sua apuração com a orientação de enviar para o site o mais rápido possível. Por isso, as grandes redações estão todas, sem exceção, diante de um mesmo impasse: como fazer com que o jornal impresso traga algo novo no dia seguinte para o leitor cada vez mais habituado ao noticiário on-line?

Uma alternativa é quase óbvia: investir em matérias exclusivas, entre elas, as reportagens de comportamento. E, se não é possível “ouvir qualquer pessoa indefinidamente”, resta ao repórter a tarefa de aproveitar o seu tempo da melhor maneira que puder.

O verso do PUC Urgente

Felipe Pena*

As máquinas de escrever dedilhavam a trilha sonora da pequena redação do Jornal da PUC, no quarto andar do edifício Kennedy, bem acima dos famosos pilotis. O ano era 1991 e minhas certezas se desmanchavam no ar. A bandeira soviética não mais tremulava no alto do Kremlin, tínhamos um mauricinho no Palácio do Planalto e a reitoria proibira a venda de cerveja no *campus*. Não sabia por onde começar meus protestos.

Uma foto de perfil do Marcio Gomes estava em destaque no quadro de avisos da redação. Acho que o autor daquela imagem exuberante tinha sido o Victor Javoski, sempre atento às arrojadas experiências das aulas de fotografia, cujo laboratório da luz vermelha era o melhor lugar para o cochilo depois do almoço. Ou poderia ter sido o Silvio Essinger, que também tinha talento pra coisa, embora seu verdadeiro foco estivesse em aumentar a coleção de *compact discs*, uma tecnologia revolucionária, que deixava o som mais puro, sem os chiados do vinil. Talvez não fosse nenhum dos dois. Sempre me engano com tecnologias. Mas o fato é que a foto existia.

A Paula Autran, nossa editora-chefe, dividia suas atenções entre a contemplação da foto e as instruções sobre as pautas. Ela tinha um jeito eficiente de comandar, pois conhecia as idiosincrasias de seus operários. Não dava pra dar uma desculpa pelo atraso no *deadline* ou tentar escolher a matéria mais leve. Se o Gustavo Poli quisesse ir ao jogo do Botafogo era problema dele, mas que entregasse o texto antes. E se o Marcelo Janot viesse com aquele nariz de cera sobre cinema tcheco pra falar sobre o novo cardápio do bandeirão, a caneta vermelha desfilaria sobre a lauda. Ah, sim, a lauda, a maior protagonista da redação. Ou melhor, a que abriu caminho para um novo protagonista.

A ideia foi da Andrea Escobar. Em vez de gastar nossas preciosas laudas para fazer anotações, deveríamos usar o verso dos exemplares excedentes do PUC Urgente. Tratava-se de uma avançada ideia de reciclagem, às vésperas da Eco-92, e todos concordaram em dar sua contribuição para salvar o planeta.

O Luiz Antonio Ryff chegou a confeccionar um bloco personalizado de rascunhos, grampeando exemplares de cores alternadas, o que servia para sei lá o quê, não lembro,

* Jornalista e psicólogo, professor do departamento de Comunicação da UFF, doutor em literatura pela PUC-Rio, com pós-doutorado em semiologia da imagem pela Sorbonne III. Escreve roteiros para a Rede Globo e assina uma crônica semanal no *Jornal do Brasil*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991-1992).

mas o Ryff deve saber. Também o Juva Batella providenciou seu encadernamento particular, e até o Fernando Luna, principal representante dos intelectuais de echarpe, rendeu-se ao movimento ecológico. Nunca mais as anotações sobre a metafísica de Heidegger seriam despejadas em cadernos espirais comprados na livraria Carga Nobre.

O verso do PUC Urgente tornou-se o símbolo de nossa atividade no período neandertal do Projeto Comunicar. Até os trabalhos das disciplinas foram datilografados naquelas folhas coloridas. Os professores estranhavam um pouco, é verdade, mas suas reações nos estimulavam. O Dráuzio achava o formato muito dialético. O Zé Carlos relativizava nossas escolhas. O Miguel elogiava a iniciativa. E o Neiva torcia o nariz. Mas ninguém jamais recusou o verso do informativo como nosso *layout* padrão.

Vinte anos depois, ao tentar digitar essas lembranças na tela em branco que me assusta, é do verso que sinto falta. As instruções da Ritinha foram para que eu escrevesse um texto sobre minha trajetória do Projeto Comunicar até a Academia, mas só consigo pensar no verso. Fiz mestrado e doutorado em Literatura na própria PUC, concluí o pós-doutorado em Semiologia na Sorbonne, fui sub-reitor de uma universidade particular, fiz o concurso pra UFF, orientei teses, publiquei 13 livros, sendo que três deles foram romances e, agora, escrevo roteiros para a TV Globo. Mas é o verso que preenche minhas memórias.

Os versos, no plural.

E a eterna presença dos que usaram a máquina de escrever para preenchê-los, vigiados pelo olhar atento de uma foto de perfil.

Viajar para inventar...

*Flávia Lins e Silva**

Ao entrar para a turma de 1989 de Jornalismo da PUC, meu ídolo era Hemingway, um escritor que provavelmente nunca foi um grande jornalista. Não conheço ninguém que tenha lido suas reportagens e li apenas seus livros de ficção, histórias que me faziam viajar para lugares distantes, imaginar vidas diferentes da minha. Era isto o que eu queria: imaginar outras vidas, em outros lugares, em outras culturas. Minha ambição, aos 18 anos, era ser correspondente internacional e viver aventuras à la Hemingway, colhendo histórias pelo mundo que valessem a pena ser narradas. García Márquez era outro ídolo, que também começou como jornalista, inspirando-se nos casos mais absurdos que sabemos que podem acontecer na América Latina.

Entrei para o Jornal da PUC em 1992, no ano da Rio-92. Era um momento efervescente na cidade e, pela primeira vez em muitos anos, víamos líderes do mundo todo vindo para a “perigosa” cidade maravilhosa. Meus queridos chefes e professores Miguel Pereira e Fernando Ferreira eram muito generosos e deixaram que eu corresse atrás de Maurice Strong, então secretário-geral da ONU. Fiz uma boa reportagem com ele e com sua mulher, fiquei amiga dos dois, mas o mundo burocrata não me empolgava em nada e confesso que gostei mesmo foi de passar a noite tocando tambores com os índios canadenses da nação Ojibway. Era esse tipo de aventura que eu procurava. Se pudesse, teria ido para o Canadá com os Ojibway, teria visitado o Xingu, teria me atirado ainda mais pelo mundo.

Cheguei a pensar em fazer prova para ser jornalista da ONU, mas meu sonho de ser correspondente naufragou. Tenho uma grande amiga basca que cobriu as guerras do Iraque, esteve na Faixa de Gaza e em muitos cantos do planeta. Mas, ao contrário dela e de Hemingway, descobri que detesto guerras.

Realmente não compreendo e não tenho estômago para qualquer tipo de agressividade. Não quero contar tragédias, não gosto de expor as pessoas, quero falar do que amo, do que admiro. O que busco é a delicadeza humana, histórias surpreendentes de pessoas tão diferentes de nós que nos fazem repensar o nosso jeito de ser e viver.

* Atualmente roteirista *freelancer*, integrou a equipe de roteiristas da TV Globo, entre 1996 e 2011, período em que escreveu novelas como *Laços de família*, com Manoel Carlos, e seriados como *Mulher e Tudo novo de novo*. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991-1992).

Talvez para poder seguir imaginando vidas, mesmo sem sair do lugar, acabei me tornando escritora. Minha personagem mais conhecida talvez seja a Pilar, uma menina que sofre de “gulodice geográfica” e que, com sua rede mágica, viaja para mil lugares, ao acaso. Pilar já esteve na Grécia, na Amazônia, no Egito e, no momento, está em Machu Picchu, encantada com os lhamas, comendo “choclos”, investigando o sistema de irrigação e a matemática do povo inca. Escolhi o nome Pilar por influência de Hemingway, quem diria! Não apenas pela Pilar do livro *Por quem os sinos dobram*, mas porque quando estive na casa dele, em Cuba, lá estava o barco do velho escritor no jardim: Pilar!

Com a desculpa de pesquisar para Pilar, desci o rio Nilo numa feluca, naveguei pelo Amazonas espremida entre redes e vivo inventando viagens. Ainda sonho em conhecer a China e já imagino Pilar saltitando pela famosa muralha. Enquanto Pilar não embarca em sua rede, inventei um livro com a chinesa Liu Hong. Escrevemos, a quatro mãos, pela internet, a história *Nas folhas do chá*. E foi uma aventura literária e tanto. Não sabíamos o que a outra imaginava, tínhamos que ir inventando enquanto escrevíamos, foi uma parceria maravilhosa. E nos conhecemos pela internet, não sabíamos nada uma da outra. Só quando o livro ficou pronto é que peguei um avião e fui encontrar Liu Hong na Inglaterra. Foi a maior emoção! Outro livro do qual me orgulho muito é *Mururu no Amazonas*, que conta a história de Dorinha e seu barco pelos rios amazônicos. A primeira vez que estive no Amazonas, voltei tão impactada que me tranquei em casa alguns meses sem falar com ninguém. Eu havia descoberto um vocabulário inteiramente novo, dentro do nosso próprio país, e precisava manter aquele som no ouvido até terminar o livro. Com ele, ganhei o prêmio de melhor livro juvenil pela Fundação Nacional do Livro, em 2011.

Além dos livros, escrevo roteiros para cinema e televisão. No momento, meus personagens favoritos são Tom, Mila e Capim, da série *Detetives do prédio azul*, que criei para o canal Gloob. Eles precisam enfrentar a síndica má, dona Leocádia, interpretada brilhantemente por Tamara Taxman.

De vez em quando, porém, ainda bate uma saudade de ser jornalista, de investigar histórias reais e, quando essa saudade aperta muito, me transformo em documentarista bissexta. Com a câmera, as imagens às vezes vêm antes das palavras e o silêncio se faz para escutar o outro. Adoro o tempo do documentário, mais lento que o das reportagens, onde há um pouco mais de espaço para a reflexão.

Uma vez um estudante de Jornalismo da PUC me perguntou se fazer documentários era uma boa opção de trabalho para quem se formava em Jornalismo. Eu brinquei: “É uma boa opção de trabalho, com certeza, só não sei se dá para viver disso...” Mas quem escolhe o Jornalismo, a escrita, dificilmente está escolhendo o caminho mais confortável. Jornalismo, documentário, ficção são escolhas de quem não pretende se acomodar

muito, dos eternos curiosos, daqueles que sentem um certo desconforto em relação ao mundo e precisam investigar, ir além, seja no mundo real, seja no mundo das ideias.

Quando penso em Hemingway, penso em como o mundo valorizava os corajosos, os ousados. Naqueles tempos de comunicação precária, parece que as pessoas se arriscavam muito mais do que hoje, quando qualquer informação pode ser transmitida minuto a minuto. Como sugere García Márquez: viver para contar. Quem quiser que se acomode, mas aquele que se arriscar pela vida certamente terá mais para contar e no último suspiro poderá dizer: valeu a pena!

Os caminhos do esporte

Gustavo Poli*

Parece que foi ontem. O resultado estava afixado numa porta cinza no quarto andar do prédio K. Ansioso, corri a lista com os olhos até achar meu nome. Minha primeira aprovação profissional. Eu tinha passado para o Projeto Comunicar. Não sabia o que me esperava, mas sabia que, enfim, começaria a ser jornalista. Ou a ser repórter. Ou a aprender o que significava o verbo apurar.

E lá fui eu para a sala 506 K, com suas máquinas de escrever, laudas e papel-carbono. Sim, máquinas de escrever, toques, papel-carbono. Já faz vinte anos, mas parece que foi ainda ontem. Lembro dos pontinhos teclados para marcar o número de toques do título, do XXXXX em cima dos erros, do eventual *liquid paper*, dos amigos como Victor Javoski, Monica Weinberg, Angélica Lopes, Márcio Gomes, Paula Autran, Andréa Escobar, Silvio Essinger, Felipe Pena, Luiz Antonio Ryff, Marcelo Janot, do Miguel, do Fernando, da Ritinha.

Lembro da primeira pauta para o PUC Urgente. Encarregaram-me de apurar algo na vice-reitoria de Desenvolvimento (se bem me lembro). E lá fui eu, caneta e bloquinho em punho, nervoso, tenso, para perguntar algo absolutamente corriqueiro. Mas aquela primeira nota, uma informação acadêmica plenamente esquecível, me tomou algum tempo. Caprichei, penteei, reescrevi... e entreguei. Quando saiu – guardei algumas cópias do semanário –, mostrei para os meus pais, fiquei feliz. Em algum lugar guardei, para perder depois.

Lembro das primeiras matérias do Jornal da PUC. Como eu gostava de esporte, me pautaram para entrevistar uma remadora, Paula Lacê, que também era aluna de Comunicação. Era uma menina linda, mas tive algum impedimento e passei a missão para o Márcio Gomes – hoje âncora da TV Globo –, que nunca me deixou esquecer da troca infeliz.

Lembro das molecagens da redação. Certa vez resolvemos atacar marimbondos que tinham construído uma casa em nossa janela. Victor Javoski acendeu uma lauda e partiu intrépido janela afora. O cheiro de queimado chamou atenção dos outros andares, e Ritinha invadiu a redação na hora, repleta de infundadas suspeitas. Os marimbondos escaparam, mas a névoa da suspeita – injusta e cômica – permaneceu.

* Editor-chefe do Globoesporte.com. Foi repórter do jornal *O Globo*, repórter e editor-assistente do *Lance!*. Foi também repórter, chefe de reportagem e editor-executivo de eventos da TV Globo. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991-1992).

Pediram-me para escrever sobre esporte. Mas comecei a trabalhar com esporte depois de deixar o Comunicar – primeiro como estagiário no *Globo*, depois no *Lance!*, na TV Globo, e enfim, agora, no *Globoesporte.com*. O Projeto, porém, foi meu primeiro passo, meu primeiro texto, meu primeiro ensaio como repórter. Hoje, em tese, sou editor de um portal, mas nunca deixarei de ser o garoto curioso que, com a camisa do Benfica, bateu nervoso na porta da vice-reitoria de Desenvolvimento. Aquela curiosidade – aquela vontade de saber e apurar – é o que mantém o repórter vivo, é o que mantém o jornalista vivo dentro de mim.

Naquela época não havia celular, o computador estava chegando, a internet mal engatinhava... iPhone e iPad soariam como ficção científica. Google e Facebook não tinham sido criados. Era outro mundo. Mas o afã do repórter, esse não mudou. Hoje ouço muitas vezes que o jornalismo acabou, que não haverá reportagens no futuro, e vejo aí o eco tradicional dos arautos do apocalipse – eco que ressoa diante de toda grande mudança.

Nunca foi tão fácil e tão divertido ser jornalista. E, ao mesmo tempo, nunca foi tão difícil e trabalhoso. Nunca houve tanta informação disponível – e tanta incapacidade de filtrá-la e analisá-la. Os tempos mudam, claro, a tecnologia evolui e, nesta era, os avanços parecem ter velocidade ímpar. Mas o bom jornalista continua escravo de sua curiosidade, de sua persistência e, sobretudo, de sua paixão.

E foi isso que comecei a aprender no Comunicar.

Uma insônia decisiva

Joaquim Negreiros*

Naquela noite custou-me adormecer. Tinha chegado a casa muito tarde, cansado. Mas o sono não vinha. A sensação de que alguma coisa especial e importante me tinha acontecido misturava-se com os restos da adrenalina que a longa noite do fechamento do jornal tinha produzido. Muitas mais noites de fechamento se haviam de seguir. Mas aquela foi a primeira.

O jornal que eu tinha ajudado a fazer era o resultado de um semestre de trabalho de uma turma do curso de Comunicação da PUC, no distante ano de 1988. E quando escrevo distante quero dizer distante mesmo, como demonstra a trilha sonora daquela minha noite de insônia, alimentada pela memória fresca dos sons da máquina de escrever, do barulho seco das teclas contra o papel, da campainha a soar ao fim de cada linha, do rrrrrr nervoso da lauda arrancada ao cilindro daquele engenho que hoje seria visto com a curiosidade normalmente dedicada aos vestígios arqueológicos, se aparecesse esquecido num canto de qualquer redação. Pois é, aquele era um jornal feito sem computador...

As emoções que a estranha trilha sonora de teclas e campainhas acompanhava podem resumir-se numa ideia: é isto, é isto que eu quero fazer! Por “isto” entenda-se o labor artesanal do texto, a busca da melhor forma de fazer passar uma ideia, do título incisivo e certo, mas também a camaradagem, a sensação de partilhar uma aventura que se há de materializar num conjunto de folhas impressas que outras pessoas irão ler e que (nunca se sabe) poderão de alguma forma (nunca se sabe qual) ter um impacto nas suas vidas.

Pouco tempo depois dessa primeira e intensa experiência jornalística, terminei o curso, deixei para trás a Universidade e o Brasil. Voltei para Portugal, de onde tinha saído dez anos antes. Se este texto tivesse sido escrito há uma semana, acrescentaria “e nunca mais voltei” e punha-lhe um ponto final. Bem, na verdade, há uma semana não teria sequer escrito este texto. Já explico por quê.

Do fim da década de 1980 para agosto de 2012 é um grande salto no tempo. Pois foi num destes dias de agosto que voltei à PUC, pela primeira vez em vinte e tal anos. De visita ao Brasil, procurei o professor Miguel Pereira, que me mostrou, sem disfarçar um justificado orgulho, o Projeto Comunicar em pleno funcionamento. Também senti uma ponta de

* Atualmente pesquisador em nível pós-doutoral no Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-ISCITE-IUL), em Lisboa. Possui mestrado pelo Instituto de Estudos Jornalísticos (Coimbra) e doutorado pelo King's College (Londres). Integrou a equipe fundadora do diário *Público* (Portugal).

orgulho, confesso temperado com um leve gosto a nostalgia. Pensei que aquele jornal que ajudei a fazer há mais de duas décadas foi um tijolo na construção do fantástico projeto de produção jornalística que agora vim encontrar. Um desenvolvimento que seria incapaz de antecipar naquela noite em que o sono não vinha, há mais de vinte anos, e que pude ver durante a visita que está na origem deste texto.

Pois é, em duas décadas muita coisa pode acontecer. O projeto cresceu e eu também, a milhares de quilômetros de distância. Quando cheguei a Portugal, no final de 1988, tinha ainda bem presente a certeza de que não queria trabalhar noutro lugar que não fosse uma redação de jornal. A convicção de que “é isto, é isto que eu quero fazer”, que um dia não me deixou dormir, guiou-me os passos e as opções. Comecei a trabalhar como repórter estagiário num pequeno semanário. Uns meses mais tarde, por uma daquelas felizes coincidências que o destino por vezes nos oferece, fui convidado para fazer parte da equipe que viria a criar um novo jornal diário em Portugal. A ideia não era fazer mais um jornal, longe disso. A intenção era criar algo completamente diferente de tudo o que existia, agitando a cinzenta paisagem midiática portuguesa daquele tempo com um jornal moderno, vivo, interessante, dinâmico. O jornal chamou-se (e chama-se) *Público*, e lá fiquei por dez anos. Foi um período muito intenso, frequentemente empolgante, cheio de alegrias e frustrações.

O amor pelo jornalismo nunca esmoreceu, mas também ele foi mudando. Aquele jornal feito com poucos recursos na PUC deu-me a semente. A árvore cresceu a partir dela. Até que cheguei o dia em que senti necessidade de compreender melhor a atividade em que estava tão intensamente envolvido havia mais de dez anos. Precisava recuar, encontrar uma distância que me permitisse olhar para o jornalismo de forma mais reflexiva. O cotidiano da redação não permitia o luxo dessa distância. Só a universidade me podia dar. Estava para começar uma nova aventura. Ou, mais precisamente, um novo capítulo da aventura que começara nos anos 1980, na PUC.

A nova etapa levou-me a Coimbra, onde fiz o mestrado no Instituto de Estudos Jornalísticos, e mais tarde a Londres, onde em 2009 concluí o doutoramento no King’s College, também na área das Ciências da Comunicação. Desde então tenho alargado o espectro dos meus interesses académicos, que neste momento se viram sobretudo para o território da Sociologia. Traição à velha paixão pelo jornalismo? Não me parece. Não é possível sequer começar a tentar compreender a sociedade em que vivemos sem dar uma atenção muito especial à produção e ao consumo de conteúdos simbólicos mediatizados. Como também seria inconcebível compreender-me a mim mesmo sem ter em conta as emoções e as convicções que germinaram a partir da longínqua noite de insônia nos anos 1980, quando o Projeto Comunicar era uma criança a começar a andar e eu um jornalista aprendiz a dar os primeiros passos neste ofício que a PUC me ensinou a tomar como parte de mim.

A partir do Comunicar, uma trajetória

Kátia Cardoso*

Fui da primeira turma de estagiários do Projeto Comunicar. Estava no período final de Jornalismo na PUC-Rio e ensaiava meus primeiros passos na vida profissional. Participar de uma iniciativa tão inovadora era um privilégio e ao mesmo tempo uma responsabilidade imensa – sobretudo por ter sido selecionada entre tantos outros jovens que lutavam pela mesma oportunidade.

Naquele último ano da faculdade, eu também já buscava meu espaço no mercado de trabalho. Atuava como repórter do *Jornal dos Sports*, cobrindo atletismo, surfe, voo livre e judô. Por isso, conheci alguns dos principais atletas brasileiros dessas modalidades. Róbson Caetano, Aurélio Miguel e Pepê eram alguns dos nomes na minha ainda tímida agenda de fontes.

Meus dias eram divididos entre a monografia a ser entregue na faculdade, o Comunicar e o estágio no jornal. A rotina dura compreendia passar as manhãs e o início da tarde na PUC, apurando notas e matérias ou mesmo fazendo entrevistas que iriam ilustrar os informativos semanais da universidade. Depois, seguia para o *Jornal dos Sports* para cumprir minha segunda jornada. Os últimos meses de PUC foram de muito trabalho e esforço, sem dúvida.

Quem teve a sorte de fazer parte de um jornal pequeno, com pouca ou quase nenhuma infraestrutura, sabe que um estagiário é cobrado como se fosse um profissional experiente. Nessas redações, jornalismo é praticado na raça. Cada dia traz uma nova aventura. Mesmo assim, estagiário não pode errar com o que apura e escreve. Aliás, respeito à informação e às fontes eu aprendi no Comunicar – sob a orientação de mestres como o professor Fernando Ferreira, do qual também fui monitora no fim da faculdade.

Ele é daqueles professores muito sérios à primeira vista, mas que, na convivência, conseguem enxergar o potencial e extrair o melhor de cada aluno. Fala e demonstra que ética e jornalismo podem e devem andar de mãos dadas. Aprendi ainda que escrever é como contar uma história. Se é feliz ou triste, não faz diferença. O importante é a forma como você conduz seu leitor e como prende sua atenção com um texto leve e emocionante.

Mesmo com muitas tarefas para cumprir e pouco tempo para executá-las, Fernando não aliviava a barra da estagiária. Ao contrário, sempre exigia mais. Talvez já tivesse per-

* Pós-graduada em Comunicação e Marketing pela ESPM-SP e em Relações Públicas pela USP. Trabalhou no *Jornal dos Sports*, *Jornal do Brasil*, revistas *Claudia* e *Máxima* e na área de comunicação de grandes empresas de São Paulo. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1987-1988).

cebido, com sua experiência de anos à frente de turmas e outros tantos em redações de grandes jornais, que um aluno sedento de conhecimento e necessidade de superar limites precisa de desafios.

Foi assim que ele destinou a mim uma das tarefas mais importantes no fim da faculdade: entrevistar Antônio Houaiss para o *Jornal da PUC*. Na época, Houaiss tocava seu projeto mais ambicioso. Ele compilava o mais completo dicionário da língua portuguesa, obra que só foi lançada em 2001, após a sua morte.

Talvez por não acreditar no meu potencial ou por achar que eu não tinha tempo suficiente para me dedicar a essa entrevista, um colega do Comunicar fez questão de destacar a responsabilidade de escrever um texto que tinha como fonte simplesmente o maior filólogo brasileiro. Pensa que tive medo? Um pouco. Mas também senti uma vontade enorme de agarrar aquela oportunidade e mostrar que eu era capaz, sim!

Pois bem... fui lá, encarei o desafio e entrevistei o Houaiss. Bom de papo, ele foi generoso, simpático, atencioso. Resultado: escrevi um dos textos mais saborosos que poderia produzir aos 22 anos com a experiência que tinha. Era a paixão pelo jornalismo falando mais alto. Sabia que o desafio só seria dado a mim se tivesse potencial para executá-lo. E eu o enfrentei com humildade e atenção – características que, aprendi ao longo da vida, não podem faltar em quem luta para ser um bom profissional (em qualquer área, sobretudo no jornalismo!). É claro que pesquisei tudo o que podia nos jornais da época sobre Houaiss e seu projeto, para realizar, no mínimo, uma entrevista competente. Felizmente, não decepcionei.

Do *Jornal dos Sports*, no qual fui contratada logo após a formatura e permaneci menos de um ano, continuei trilhando meu caminho no jornalismo esportivo até receber um convite para fazer parte da equipe do histórico *Jornal do Brasil*. Lá, permaneci durante quatro anos. Nesse período, a lista de entrevistados importantes só aumentou e se estendeu pelo iatismo, vôlei feminino, tiro ao alvo, esgrima e até futebol.

O futebol é um capítulo à parte, pois quase me rendeu um corte na canela na cobertura de uma final de campeonato. Levantei a perna no exato momento em que uma garrafa de cerveja atirada por um torcedor na beira do gramado faria um estrago daqueles. É impossível esquecer!

Saí do *JB* por vontade própria e porque já flertava com as revistas femininas da Editora Abril, que mantinham redações em São Paulo. Sempre cultivei uma inquietação interna que me leva a trilhar novos caminhos. Não sou do tipo de jornalista que escreve apenas sobre um tema e permanece nele por anos a fio. Gosto de aprender. Sou movida a desafios e quero fazer sempre um pouco mais.

Quando estava no *JB*, na área de esportes, ainda atuava como *freelancer* de comportamento e saúde para as revistas *Claudia*, *Nova* e *Elle*. Foi essa disposição constante de

mudar que me levou para a *Vejinha Rio*, em janeiro de 1992, e de lá, um ano depois, para São Paulo – cidade na qual estou há 19 anos.

Amigos do Rio dizem que virei paulistana. Os de São Paulo ainda reconhecem em mim a carioca que chegou aqui com sotaque forte e uma vontade grande de conquistar seu espaço no concorrido mercado editorial. Jornalistas de meu círculo de relacionamento, que vieram na mesma época de malas prontas com o sonho de ganhar essa metrópole, retornaram ao Rio. A maioria sucumbiu à saudade da família, da praia e da cidade.

Permaneci em São Paulo – onde construí uma carreira sólida. Casei, me divorciei (não por culpa da profissão) e acumulei, nesse meio tempo, passagens por redações como editora das revistas femininas da Abril e gerente nas áreas de comunicação de grandes empresas, como Banco Real, McDonald's e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron, um instituto de alta tecnologia em Campinas.

Hoje, de volta à Abril, consigo escrever com fluidez sobre temas tão diversos como saúde, negócios, tecnologia, comportamento, gastronomia e até esoterismo. Atribuo isso à paixão e à curiosidade que ainda tenho – a mesma que move repórteres em início de carreira. A chama que me incentiva a assumir novos desafios permanece acesa. Vamos ver aonde minha vontade de inovar vai me levar dessa vez...

Da PUC, guardo uma saudade imensa – foram tempos de muito aprendizado, criatividade e diversão, que me renderam amigos queridos e próximos até hoje. Pelo Comunicar tenho muito respeito e agradeço ao Fernando e aos mestres que me mostraram que ser jornalista é como uma cachaça: vicia, sim. Mas é um vício que nos faz acreditar que podemos sempre fazer o melhor – independentemente da área escolhida para atuar.

Obrigada, mestres!

Melhores lembranças

*Luiz Antonio Ryff**

No princípio era o caos. Um caos barulhento, inimaginável para aqueles que chegam agora ao ambiente de uma redação. Uma cacofonia produzida pelo ruído das teclas metálicas martelando o cilindro das pesadas máquinas de escrever, pressionando uma fita com tinta sobre duas folhas de papel e uma de carbono. O cilindro se deslocava horizontalmente até o fim da margem do papel. Com a mão esquerda era preciso acionar uma alavanca que fazia o cilindro girar para frente, mudando para a linha seguinte, e empurrá-lo para a direita, para recomençar a escrever. Soa pré-histórico, não? Não me admira que meu filho pequeno tenha me perguntado se eu sou do tempo dos dinossauros...

Além de pesadas, as máquinas eram singularmente feias. Sim, já houve um tempo em que a beleza do design dos objetos não era algo assim tão fundamental.

Na virada dos anos 1980 para 1990, eram naqueles trambolhos que os estagiários do Projeto Comunicar tinham que escrever as matérias mensais do *Jornal da PUC* e os boletins semanais do *PUC Urgente*. A equipe ficava no quinto andar, na sala que era usada para as disciplinas técnicas durante a manhã. A chefia ocupava uma sala no andar de baixo, no quarto, com a Ritinha a nos receber sempre sorrindo e carinhosa. Sim, ela começou a trabalhar ainda criança no Comunicar.

Em uma era pré-computador, não era possível cortar e colar. Não dava para apagar e reescrever rapidamente. Nem reordenar os parágrafos. Ou voltar a versões anteriores. Algum erro pequeno era consertado com um rabisco em cima. E só. O texto tinha que ser na ordem definitiva. Início, meio e fim. Era preciso ordenar bem o pensamento antes de escrever: saber como começar um texto, como desenvolvê-lo e como encerrá-lo. Sem a necessidade, infelizmente, desacostumei a fazer isso. Imagino que muitos dos meus colegas também.

Em uma época pré-digital, as fotos eram em filme. E em preto e branco. Eram reveladas em um quarto escuro em uma sala ao lado da redação. Uma luz vermelha do lado de fora avisava se o trabalho estava sendo feito, para evitar que alguém entrasse e velasse o material. Nosso fotógrafo era o Julien Maculan, que não era de Comunicação, fazia Design.

Nunca mais usei uma máquina de escrever para trabalhar, embora guarde uma em casa, pronta para ser usada assim que a informática sair de moda e voltarmos ao tempo das prensas móveis.

* Em vinte anos de profissão, trabalhou no *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo*, *No Mínimo* e *iG*, entre outros veículos. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1990).

O final dos anos 1980 marcou a informatização das redações. Ao deixar a universidade, já começamos a vida profissional batucando em um computador, ou em algo parecido. Honestamente, a engenhoca de tela preta e letra verde estava para um computador assim como o australopiteco está para o homo sapiens.

Em todo caso, as minhas *madeleines* mergulhadas no chá de tília são o barulho de uma máquina de escrever em ação. Ao ouvir o martelar abafado das teclas eu lembro dos meus tempos de estagiário no Comunicar. Lá se vão 22 anos.

Na época, a própria PUC não tinha tantas ofertas de estágio. Para um aluno de Jornalismo, era o Comunicar ou o Comunicar. O número de vagas era pequeno e o filtro era uma prova de conhecimentos gerais, uma redação e uma entrevista. Entrar lá foi um rito de passagem para quase todos os meus colegas que enveredaram por redações profissionais. Tive sorte e entrei. Afinal, que me desculpem todos aqueles que vieram antes e depois, mas a minha turma era especial: Germana Costa Moura, Monica Weinberg, Angélica Lopes, Paula Autran, Maria Elisa Alves, Patrícia Albuquerque, Hugo Sukman, Filipe Barboza, Fernando Luna...

Era uma época em que sonhávamos com o que queríamos ser. Alguns trocaram de sonhos no meio do caminho. E até trocaram de profissão. Como o Fernando Lafayette e a Danielle Cavalcante, que migraram para o Direito.

Cá entre nós, o trabalho era leve. O número de pautas era pequeno para tanto repórter. Fazíamos na edição mensal do jornal o que, mais tarde, muitos teriam que fazer em uma edição diária. E sem a compreensão e paciência docemente paternal do Fernando e do Miguel, a nos corrigir e ensinar. Lembro com carinho até hoje a primeira matéria, uma entrevista com o professor Leandro Konder, uma das melhores figuras que conheci, sobre uma biografia de Hegel que ele estava lançando.

No fechamento semanal do boletim, saíamos para tomar sorvete em Ipanema, apertados na Caravan do Lafayette. Lembro de aproveitar um nascer da lua na Praia Vermelha e de viagens conjuntas com a turma. Algumas amizades dessa época persistem até hoje. Outras, infelizmente, não, apesar do carinho.

Passávamos parte das tardes percorrendo os departamentos da Universidade para saber as novidades, descobrir as teses que seriam defendidas para publicar no PUC Urgente. Mesmo assim, tínhamos muito tempo livre. Aproveitávamos para conversar, ler e estudar para as provas. E tinha quem cantasse. Era o início da onda sertaneja e uma colega era particularmente entusiasta de “É o amooooooooor”, de Zezé di Camargo e Luciano. Ou seria “Entre tapas e beijos”, de Leandro e Leonardo?

Melhor parar por aqui antes de embaralhar tudo e ser traído pela minha memória – essa velha louca que guarda trapos coloridos e joga comida fora, como já definiu alguém que não me lembro agora.

A reportagem de rádio

Maira Menezes*

No dia 17 de outubro de 2009, quando bandidos do Morro dos Macacos, na zona norte do Rio, derrubaram com tiros um helicóptero da Polícia Militar, fiz cerca de 15 entradas ao vivo nas rádios CBN e Globo durante as primeiras duas horas após o acidente. Em cada uma delas, ou seja, a cada dez minutos em média, havia novas informações.

Cheguei ao rádio depois de mais de um ano como estagiária do Núcleo de Jornalismo Impresso do Projeto Comunicar. Comecei com um estágio que incluía as rádios CBN e Globo, além dos jornais *O Globo* e *Extra*. Quando me tornei repórter na CBN, percebi que todas as lições sobre a necessidade de uma apuração cuidadosa e de um texto preciso são ainda mais importantes para quem tem poucos minutos entre receber uma informação e entrar no ar com a notícia.

No caso do helicóptero da PM derrubado, a informação chegou por um repórter cinematográfico que havia subido o morro junto com uma equipe de policiais. Pelo rádio, ele avisou os jornalistas que estavam em um dos acessos à favela. A gravidade da notícia faz com que ela seja urgente, mas, ao mesmo tempo, aumenta a necessidade de que se tenha o máximo de certeza na apuração. Enquanto eu seguia com os demais repórteres para o local onde a aeronave teria caído, avisei a redação. No entanto, o registro no ar só foi feito depois que vi o helicóptero em chamas em uma quadra de futebol.

Assim como o rádio, a televisão tem transmissões ao vivo e a internet é um veículo de comunicação quase instantânea. No entanto, para o repórter de rádio, basta pegar o telefone celular e ligar para o estúdio para transmitir os fatos, no momento e no local em que eles ocorrem. Ainda na cobertura do helicóptero alvejado, uma entrada na Rádio Globo terminou com uma transmissão imprevista de um intenso tiroteio.

Eu mal tinha começado a conversar com o comunicador Loureiro Neto, quando bandidos do alto do morro dispararam na direção dos PMs que faziam o isolamento da quadra onde estava a aeronave. Os policiais revidaram e o som dos tiros vazou alto no ar. Informei ao comunicador que encerraria a transmissão, já que as equipes de reportagem estavam ao lado dos PMs que trocavam tiros e era preciso buscar um abrigo. Mas, na

* Chefe de reportagem na CBN. Ganhou o VI Prêmio Alexandre Adler de Jornalismo em Saúde e o 7º Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, ambos na categoria rádio, com a reportagem “O nó da emergência”, em parceria com Júlio Lubianco. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (2005-2007).

pressa, não desliguei o celular. A equipe do estúdio decidiu, então, manter o canal aberto e os ouvintes puderam acompanhar não só o som do tiroteio, mas também a correria da população, orientada por policiais que gritavam para que todos se protegessem.

A reportagem de rádio constrói a notícia diante do ouvinte e as informações mudam ao longo da cobertura. Quando eu e os repórteres chegamos à quadra onde o helicóptero fez o pouso forçado, um policial estava sendo resgatado e testemunhas contaram que outro já tinha sido retirado com vida. Essa informação foi incluída já no primeiro registro, às 10h29. Em seguida, um representante da Polícia Militar disse que quatro ocupantes da aeronave tinham sobrevivido, e transmitimos essa notícia às 10h49. No entanto, os bombeiros só chegaram ao local por volta de 11h e, depois que o fogo foi controlado, a Secretaria de Segurança confirmou que dois PMs tinham morrido carbonizados e três estavam salvos. A versão final do fato foi ao ar no rádio às 11h32. Além das informações, cada registro em uma cobertura em andamento precisa trazer as fontes da notícia: o que foi visto, o que foi apurado com testemunhas e o que foi declarado por representantes oficiais. O ouvinte sabe que a informação não é completa, mas ele está bem perto de acompanhar o desenrolar dos fatos em tempo real.

Porém, nem só de transmissões ao vivo e flagrantes vive a reportagem de rádio. Assim como nos demais veículos, o jornalismo investigativo e as matérias produzidas têm o seu lugar. No dia 20 de julho de 2008, por exemplo, uma história inusitada apurada pela repórter Ermelinda Rita deu origem a uma reportagem especial feita em parceria por mim e pelo repórter Júlio Lubianco. Uma ambulância do Rio teve de ser deslocada para ficar de prontidão em Niterói, na região metropolitana, porque dois veículos da cidade estavam retidos no hospital estadual Azevedo Lima. O motivo: as macas das ambulâncias eram usadas como leitos para atendimento dos pacientes levados até lá.

Comentando com médicos, descobri que a situação era frequente, e o chefe de reportagem Eduardo Compan percebeu que ali havia uma boa pauta. Consegui convencer alguns médicos de hospitais públicos a contarem as histórias, com a garantia de não identificá-los na matéria. Júlio fez o mesmo com enfermeiros do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Assim, levantamos uma série de casos de ambulâncias que ficaram por até dez horas presas em hospitais aguardando a liberação de macas e, nesse tempo, deixaram de estar disponíveis para socorrer vítimas de acidentes, pessoas com infarto e outros casos de emergência. O quadro de caos traçado pelos profissionais acabou confirmado pela Secretaria Estadual de Saúde. O responsável pelo SAMU admitiu que já comprara macas extras, mas estas nunca seriam suficientes se precisassem suprir a carência de leitos na rede pública de saúde.

O repórter de rádio costuma ter de dois a três minutos para contar qualquer história. Quando possui mais tempo do que isso, depara-se com a necessidade de construir uma

narrativa que mantenha a atenção do ouvinte. Além de um texto preciso e de bons depoimentos, a sonorização pode trazer o público para dentro da matéria. Algumas vezes, recebi e-mails de ouvintes que se diziam surpresos por terem se emocionado com reportagens de rádio, uma vez que elas não têm imagens. Em todos os casos, eram matérias que utilizavam música e sons para construir o ambiente da história. Em uma série de reportagens sobre UTIs neonatais, em parceria com a repórter Michele Trombelli, utilizamos os bips dos equipamentos e as falas sussurradas das mães para os bebês dentro da Unidade de Terapia Intensiva. Em uma reportagem sobre os benefícios do convívio com animais para pessoas doentes, os latidos de cães e as risadas de pacientes com câncer que recebiam a visita dos bichos dentro de um hospital foram suficientes.

Refletindo sobre o aprendizado do Comunicar, lembro o período em que fui chefe de reportagem do Núcleo de Jornalismo Impresso, a mesma função que exerço hoje na CBN. Após quase um ano de estágio, fui convidada para preencher uma lacuna, até a chegada da nova professora que assumiria o cargo. Durante três meses, coordenei reuniões de pauta e orientei o fechamento das reportagens do Jornal da PUC e das notas do PUC Urgente, ao lado da subeditora, professora Renata Cantanhede, e de nosso editor, professor Fernando Ferreira. O trabalho em equipe foi, para mim, uma marca do aprendizado no Comunicar, e isso se tornou ainda mais claro nessa época. Minha inexperiência era compensada pelo esforço coletivo dos repórteres para que cada matéria e o jornal como um todo fossem o melhor possível.

No dia a dia do rádio e, em especial, nas grandes coberturas, o trabalho conjunto é fundamental. No dia 25 de novembro de 2010, quando as forças de segurança ocuparam a Vila Cruzeiro, na zona norte do Rio – em resposta a uma série de arrastões, ônibus incendiados e ataques promovidos por traficantes –, a programação toda mudou. Tudo que estava previsto, como entrevistas, comentários ou boletins, foi cancelado, e os programas se voltaram unicamente para o que estava ocorrendo no Rio. Enquanto os produtores trabalhavam para marcar novas entrevistas sobre o tema, todos os repórteres foram deslocados para cobrir os vários ângulos dessa mesma pauta. Até mesmo integrantes da equipe de reportagem de esporte da CBN foram para as ruas acompanhar as ações policiais. Um trabalho com tantos envolvidos, ao vivo e sem qualquer pré-produção só funciona quando todos trocam informações, compartilham os telefones das fontes e formam forças-tarefas para apurar os fatos. É preciso trabalhar em equipe, como aprendi no Projeto Comunicar.

Criticar e Comunicar

Marcelo Janot*

O hábito de ler jornal – e críticas de cinema – vem desde garoto. Após cada filme assistido, recortava o respectivo anúncio e colava num caderno, anotando minha cotação. O gosto precoce pela sétima arte não foi suficiente para que, aos 12 anos, eu desse quatro estrelas para *Cidadão Kane*. Isso era uma distinção que cabia às aventuras de Spielberg ou às comédias italianas que me faziam chorar de rir no Bruni Copacabana. Dez anos depois, no entanto, Orson Welles cruzou novamente o meu caminho. *O processo* estava sendo relançado no Estação Botafogo, o crítico da *Tribuna da Imprensa* que iria ver o filme ficou doente e o acaso fez com que eu, um jornalista recém-formado que ralava escrevendo sobre os filmes da TV, tivesse a chance de, naquele dia em 1992, me tornar oficialmente crítico de cinema.

Tinha acabado de me formar em Jornalismo pela PUC-Rio, onde havia passado um ano estagiando no Projeto Comunicar. Numa época em que a internet ainda parecia ficção científica e o aluno só conseguia se expressar em escassos jornaizinhos xerocados ou mimeografados que circulavam pelo *campus*, escrever matérias para o Jornal da PUC, obedecendo a pauta de assuntos relativos ao cotidiano da Universidade, era o que mais se aproximava da sensação de estar no ambiente de uma redação de jornal.

Não entrei para a faculdade pensando em ser crítico de cinema, uma profissão que ainda não havia sido banalizada pela profusão de blogs que hoje transformaram os achismos do “gostei-não gostei” na nova ordem cultural da internet. Crítica de cinema ainda era algo praticado em jornais e revistas por alguns poucos entendidos, e para um jovem estudante de Jornalismo o caminho a ser percorrido até fazer parte desse clubinho de privilegiados parecia um tanto longo.

Mas o que fazer quando o destino apronta das suas mais uma vez, e seus dois editores no Projeto Comunicar são respeitados críticos de cinema? Não, Fernando Ferreira e Miguel Pereira não me colocaram para resenhar as estreias da semana no Jornal da PUC. Eu tinha mesmo era que cobrir uma palestra de um renomado economista sobre a crise econômica pré-Plano Real. Ou então escrever cinquenta linhas sobre o serviço de achados

* Comentarista de cinema do canal Telecine Cult e crítico do jornal *O Globo*. Foi repórter cultural e crítico da *Tribuna da Imprensa* e do *Jornal do Brasil*. Foi editor-chefe durante a implantação do *Jornal Metro* no Brasil. Criou o site *Críticos.com.br*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991-1992).

e perdidos do *campus*. Mas com os mestres da crítica aprendi tanto sobre a importância da precisão na apuração quanto da necessidade de transformar um assunto banal do cotidiano em um texto atraente para o leitor.

O exercício correto da crítica de cinema se faz exatamente através da conjunção destes fatores: rigor, concisão, clareza e bossa. Coisas que aprendi no Projeto Comunicar nos seis meses em que fui repórter e nos outros seis em que passei a redator. Como redator, ler e reler um texto em busca do erro zero foi uma lição aprendida e posta em prática até hoje.

Os tempos para a crítica de cinema definitivamente mudaram. A popularização da profissão através da internet, se por um lado democratizou o seu exercício (durante algumas décadas limitado a quem possuía diploma jornalístico), por outro tornou difícil ao leitor cinéfilo separar o joio do trigo. Diluídos em meio a milhares de sites, ainda se encontram bons textos. Mas para quem quer se aventurar pela carreira o excesso de informação dificulta a busca de orientações e referências.

E isso mais uma vez me remete aos tempos de Projeto Comunicar. Pois foi ali a minha primeira oportunidade de pôr em prática todos os conceitos teóricos que aprendi nas aulas de Jornalismo. Como um ano depois já estava escrevendo críticas e matérias para um jornal de grande circulação, se não fossem as tardes vividas naquela sala recheada de máquinas de escrever do edifício Kennedy, talvez uma lacuna na minha formação jamais tivesse sido preenchida. E o final desse filme poderia não ser tão feliz.

Ponto de partida: PUC Urgente

Matheus Vieira*

A sensação de vitória por ser aprovado no vestibular de Comunicação Social da PUC durou muito pouco. Já nos primeiros passos pelos pilotis, em uma segunda-feira distante, de fevereiro de 2005, a vibração deu lugar a uma grande ansiedade: como tirar o máximo de proveito dos recursos e possibilidades oferecidos pela Universidade? Afinal, não é este um dos grandes diferenciais da Pontifícia – aliar excelência acadêmica e abundância de insumos técnicos? Como eu poderia estar à altura de tanta excelência? E mais outra angústia: conseguiria fazer valer o investimento dos meus pais, que pesaria no orçamento familiar por pelo menos quatro anos? Como não ser apenas mais um entre tantos privilegiados a pisarem no *campus* da Gávea?

Após a primeira aula dessa segunda-feira, aproveitei a dica de uma professora do departamento de Comunicação e me adiantei aos meus colegas. Catei um folheto azul de um chumaço que ficava ao lado do elevador do prédio Kennedy. Aquele foi o primeiro dos muitos exemplares (e cores) do PUC Urgente que ficou na minha mochila. Toda semana, percorria aquelas notinhas com olhos atentos, esperando que alguma delas pudesse me agraciar com oportunidades de estágio e bolsas de iniciação científica. Paralelamente, cuidei do básico: ser um bom aluno e tirar boas notas nas seis disciplinas nas quais estava inscrito.

Com uma persistência quase que litúrgica, consegui uma oportunidade logo no segundo semestre: virei monitor de um dos estúdios da PUC. Mas o básico, dedicação em sala de aula, me levou precisamente para o centro das minhas buscas: o PUC Urgente. Por um convite do professor de Introdução ao Cinema, Fernando Ferreira, saí da monitoria e virei estagiário do Núcleo de Jornalismo Impresso do Projeto Comunicar, no turno da manhã. Sozinho, cobria as primeiras pautas do dia para o Jornal da PUC e ainda dava minha contribuição para o jornalzinho semanal de notas.

Mesmo sem a companhia constante dos editores, do coordenador-geral (grande Fernando) e dos demais colegas, engatinhei sob a orientação e olhos de lince da superintendente do Comunicar, Rita Luquini, a Ritinha. Ainda Tateando as possibilidades (e impossibilidades) de um trabalho formal (desses com salário fixo e carteira de trabalho carimbada), levei minha primeira grande bronca quando cheguei uma hora atrasado na segunda semana de estágio. Ritinha estava lá, marcando em cima. Lembro desse episódio com ela até hoje quando penso em perder a hora.

* Assessor de imprensa da Orquestra Sinfônica Brasileira pela agência Belém Com. Trabalhou como repórter de cultura e cidade do jornal *Extra*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (2005-2007).

Com o passar dos meses no Comunicar, os sonhos se tornaram mais possíveis – e realistas. Talvez não desse para ser apresentador dos grandes jornais de rede ou editor-chefe de uma grande revista. Tudo bem. Outras vontades, mais genuínas, se revelavam nessa caminhada de autoconhecimento. A cada imersão nos estudos de um acadêmico da PUC – ou na alma de um artista ex-aluno ou docente – me sentia mais e mais isento de tantas cobranças clichês. E com mais vontade de ser jornalista.

O clichê de ser apresentador de telejornal, por exemplo, sucumbiu nove meses depois que ingressei no Comunicar, quando passei para o Núcleo de TV, a famigerada TV PUC. Com Adriana Ferreira e Carmem Petit aprendi a dizer, quase como um mantra: “O bom repórter de TV está na rua, e não no ar-condicionado do estúdio.” Essa máxima vem me acompanhando nos primeiros anos de carreira. Optei por dedicar meus “*babysteps*” no mercado de trabalho às reportagens de rua. Tem dado certo (viva a TV PUC!).

Com um bloquinho na mão, a caneta na outra e o microfone em uma das duas anteriores (infelizmente repórter de TV não tem três mãos), me aventurei pelas pautas do antigo canal 16 da NET (hoje canal 11). E a graça de estagiar na TV Universitária – e desfrutar da sua liberdade – vem agora. Meu primeiro entrevistado na telinha, um ótimo sambista em início de carreira, ex-aluno de Desenho Industrial da Universidade, também estava mostrando o rosto para as câmeras pela primeira vez. Anos depois, vez ou outra, nos esbarramos pela Lapa, lembramos da mútua inabilidade oratória, e damos boas risadas. Hoje mais “profissional” – se é que posso dizer isso –, lembro desse momento com carinho.

Outras tantas matérias mais elaboradas surgiram em seguida. Pela TV PUC consegui discorrer sobre meio ambiente, economia de combustíveis, inverno rigoroso nos pilotis e vários outros assuntos aleatórios e oportunos. Com tantas demandas diárias – num ritmo similar ao que venho experimentando nas empresas de comunicação –, consegui emplacar um projeto que até hoje me é motivo de orgulho: mostrar a fé dos romeiros em Aparecida do Norte, por ocasião da visita do Santo Papa, Bento XVI.

Em dois anos e meio que passei pelo Projeto Comunicar, adquiri habilidades. Mas, acima disso, aprendi a ter delicadeza. E todos os dias, quando acordo para trabalhar, tento não esquecer dela. Como abordar uma pessoa e dispor de seus preciosos minutos – por vezes horas –, por exemplo. E, principalmente, como estar com três perguntas na ponta da língua, seja para o reitor da Pontifícia, seja para o funcionário da empresa terceirizada de limpeza. No mundo real, um abismo os separava. Mas no universo do leitor (telespectador, ouvinte), eles poderiam reinar absolutos. Com a diplomacia da minha linguagem. Escrever eu já sabia. No entanto, neste microcosmo da comunicação que é o Projeto Comunicar, aprendi a juntar palavras. A despertar olhares. Os insumos foram aproveitados e o investimento validado. Não sou apenas mais um.

O caminho da diplomacia e o Comunicar

Maurício Carvalho Lyrio*

Há um bom número de diplomatas brasileiros formados em Jornalismo, alguns da própria PUC-Rio, mas sou o único diplomata a ter integrado a equipe inicial do Projeto Comunicar.

Diplomacia e jornalismo têm elementos em comum. A centralidade da linguagem, o trabalho de apuração e o relato dos fatos são os mais evidentes. Ambas são atividades públicas que desenvolvem, a partir de suas perspectivas, narrativas próprias de seu objeto – a comunicação do fato no caso do jornalismo ou a defesa do interesse de um Estado no caso da diplomacia. Não é pouco, no entanto, o que as separa. Se os tempos são inteiramente distintos – a urgência no jornalismo contrasta com a lenta maturação na diplomacia –, os enfoques não poderiam ser mais antagônicos: a discrição necessária à diplomacia é incompatível com a essência mesma do jornalismo, que é a revelação.

Embora não possa associar minha escolha da carreira diplomática ao Comunicar, a experiência no Projeto ressoa em minha memória, hoje, 25 anos depois, com tons e matizes que, curiosamente, se aproximam da vida profissional que eu passei a ter como diplomata.

Fernando Ferreira era nosso chefe, professor e mentor. Com inteligência e delicadeza, orientava-nos no apurar e no escrever. Em meu caso, Fernando esmerava-se na gentileza de recordar-me que a tendência a tergiversar no começo das matérias, esculpindo narizes de cera com reflexões menos ou mais inteligentes, não era adequada ao jornalismo moderno. Meu impulso à digressão em detrimento dos fatos era dos mais teimosos. Fernando dizia, benignamente, que eu tinha algo de *scholar*, e no fundo não me sentia incomodado com aquela admoestação elogiosa. Talvez já desconfiasse que as lições que eu aprendia ali me levariam a outros caminhos.

Atribuíram-me a tarefa de fazer entrevistas longas, transcritas, que eram publicadas na página final do Jornal da PUC. Aí estava o embrião de minha atuação como dublê de diplomata dentro do Comunicar.

Os entrevistados eram ex-alunos, como Cacá Diegues e Nélide Piñon, ou personalidades que, de uma maneira ou de outra, guardavam alguma relação com a PUC. Dentro dessa segunda categoria, pude realizar a entrevista que mais me deu prazer em todo o meu período no Comunicar. Teve um gosto, embora eu não soubesse à época, de uma agradável missão diplomática para muito além do perímetro do *campus* da PUC.

*Diplomata, é ministro-conselheiro na Missão do Brasil junto à ONU, em Nova York. Serviu nas embaixadas do Brasil nos Estados Unidos, na Argentina e na China. Mestre em Relações Internacionais pela PUC-Rio. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1987-1988).

O professor Antonio Candido viria de São Paulo dar um curso na PUC sobre Romantismo e Modernismo. Não sei se como resultado de meus apelos de admirador de nosso maior crítico literário ou por iniciativa de meus dois chefes, o fato é que fui mandado a São Paulo para entrevistá-lo. Tive o prazer e a honra de fazer o que acredito ter sido a primeira matéria/entrevista interestadual do Projeto Comunicar.

Ainda recordo com alguma nitidez o encontro com Antonio Candido, que me entenece até hoje, 25 anos depois. Já ao chegar a sua casa, de manhã cedo, fui afogado em cortesia e inteligência. Ao saber que eu tinha enfrentado uma viagem noturna em ônibus leito e vindo direto da rodoviária para sua casa, o professor encaminhou-me gentilmente ao toailete e à cozinha. Nos seis metros quadrados do lavabo, deparei-me com Tolstói e toda uma decoração de uma linda biblioteca de textos clássicos de literatura.

Não me recordo se estava tenso. Sentia-me mais como aluno, em meus 20 anos, do que como um entrevistador capaz de fazer alguma pergunta inteligente ao mestre. Antonio Candido falou da tese principal do curso que daria na PUC: no futuro, o Modernismo seria considerado uma derivação, ou mesmo uma fase, do Romantismo, uma vez que suas características principais, como a valorização da subjetividade, já se encontravam no movimento romântico. Discorreu também sobre autores que eu admirava ou passaria a admirar. Estendi ao máximo a conversa, e ele deve ter percebido que meu entusiasmo de admirador havia ofuscado qualquer pretensão que me restava de isenção e objetividade jornalística.

Os caminhos do jornalismo e da diplomacia viriam a cruzar-se novamente em minha vida vinte anos depois, em 2008. Com quinze anos de carreira diplomática, eu havia passado por três postos no exterior (as embaixadas do Brasil em Washington, Buenos Aires e Pequim) e trabalhava à época na Secretaria-Geral do Itamaraty, em Brasília. O então secretário-geral, embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, chamou-me a um canto para transmitir-me um convite que, dizia ele, eu não poderia recusar: o ministro Celso Amorim chamava-me para assessorá-lo diretamente em seu gabinete. Perguntei de que temas eu trataria. Para minha surpresa e ansiedade, respondeu-me que eu seria o chefe da assessoria de imprensa do Itamaraty.

Por três anos, fui chefe da assessoria de imprensa e porta-voz do Itamaraty, antes de partir uma vez mais para o exterior. Tudo o que eu havia aprendido no departamento de Comunicação da PUC, em meu curso de Jornalismo e no Projeto Comunicar, ganharia uma utilidade ainda mais direta.

Meu carinho pelo Comunicar vai, no entanto, muito além da gratidão pela aquisição de conhecimentos específicos dentro de uma experiência inovadora de pedagogia e prática do trabalho jornalístico. Ali, naquela sala sobre os pilotis, no convívio com os chefes e com os colegas excepcionais da primeira equipe, tive uma iniciação marcante na vida profissional, por mais distante que ela tenha me levado.

O jornalista e o ilustrador

Miguel Mendes*

Permitam-me um momento de narcisismo. Muitas pessoas já me perguntaram por que, se eu sempre desenhei cartuns e histórias em quadrinhos, decidi cursar Comunicação Social. Tentei convencê-los com o argumento de que, para o desenho de humor, não precisaria de estudos universitários, mas, para me profissionalizar em jornalismo, sim. O fato é que também gostava de escrever e sempre adorei jornais, rádios e revistas.

Cedo consegui emprego na área das revistas em quadrinhos e ilustrações de produtos para o mercado infantil. Portanto, nunca trabalhei em redações. Hoje tenho uma visão mais profunda sobre os motivos que me levaram àquela opção acadêmica. Para mim, desenhar é arte em função de comunicar.

Durante vinte e tantos anos de trabalho, nunca fiz um desenho tentando que ficasse “bonito”. Sempre me esforcei para que o desenho fosse “claro” e “expressivo”. Quando faço uma história em quadrinhos, os elementos do desenho são raciocinados como palavras de um código. A maior qualidade técnica que procuro num roteiro de quadrinhos é a clareza. A maior satisfação que posso encontrar no meu trabalho de humor gráfico ou quadrinhos é que ele seja entendido pelo público. Que a mensagem chegue ao seu destino. (O que não é desejo de um artista “puro”, que só quer se expressar e estudar suas próprias questões, sendo compreendido ou não.)

O Projeto Comunicar foi uma grande oportunidade de desenvolver essa minha inclinação e sempre vou beber da experiência. Entrei no Comunicar como membro da primeira turma. Naquele final da década de 1980, nosso problema era moldar produtos jornalísticos que nunca tinham existido antes. A comunidade PUC nem sabia que precisava ter um jornal. O desafio era justamente conquistar o público para justificar a existência do projeto. Assim, cada edição do Jornal da PUC saía com uma proposta um pouco diferente. Às vezes com mais serviço, outras com mais matérias de interesse humano; às vezes com foco no *campus*, outras fora dele. Logo fui chamado a desenhar ilustrações para o jornal, embora essa não fosse minha função principal. Nos fechamentos, é claro que surgiam buracos. E como preencher melhor um buraco na diagramação do que com um desenho?

*Trabalha com o cartunista Zivaldo, escrevendo e desenhando tiras e histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho. Tem vários livros infantis publicados. Dono do estúdio Megatério de ilustração. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1987-1990).

Mais tarde a turma foi renovada e abandonei minhas tarefas de reportagem, mas continuei como ilustrador do Projeto, quando os desenhos foram definitivamente incorporados aos produtos. Nesse momento, já havia mais trabalho a fazer, com projetos de tabloides especiais e revistas acadêmicas.

Outro dia revi meus exemplares amarelados do Jornal da PUC e encontrei ilustrações as quais nem me lembrava de ter feito. No cômputo geral, acho que fiz um bom trabalho, seguindo aqueles preceitos de que já falei, mas tenho certeza de que parte delas não chegou a ser entendida. Culpa do próprio artista e da desatenção com que devem ter sido lidas. Se pudesse melhorar alguma coisa (além da técnica em si), eu gostaria de ter sido mais ousado.

Meus melhores momentos como ilustrador do Jornal da PUC foram durante a agitação da campanha eleitoral para presidente (a primeira da democratização, lembram?) e algumas ilustrações de artigos de opinião.

Enquanto escrevo esta colaboração, fazem uma reforma gráfica no jornal *O Globo*. Noto que os desenhistas perderam espaço no jornal, em vez de ganhar. Isso tem algum significado, mas não temos certeza de qual seja. Acho que tem a ver com o equilíbrio entre a arte e a comunicação, que é meu problema de todo dia. Fica para vocês o palpite de que lugar tem o ilustrador dentro de um produto jornalístico. Estou fora!

A reportagem como alma do jornalismo

Paula Autran*

Quando entrei na universidade para estudar Jornalismo, no longínquo ano de 1989, a preocupação nas salas de aula era ensinar a técnica do *lead*. Ou lide, em português não muito bom. Era o que vinha à frente, a cabeça da matéria. Quem? O quê? Quando? Onde? Por quê? Tudo respondido no primeiro parágrafo da reportagem. Fazia sentido. Mas era pouco. Por mais que ela fosse ganhando membros, no decorrer das linhas das laudas (nota da autora: laudas eram as folhas de papel em branco que ficavam nos encarando presas à máquina de escrever pesada, de metal, ensanduichando uma ou duas folhas de papel carbono. Papel carbono... deixa para lá!). Afinal, se até os negócios têm alma, como pensar em apurar e escrever um texto de jornal (de revista, de rádio ou de TV, as opções da época) inanimado? Foi no Projeto Comunicar que aprendi a transformar a dureza de madeira das notícias perseguidas à exaustão em Pinocchios, que podem emocionar, e quem sabe até fazer rir, com suas verdades e idiossincrasias. Pinocchio com direito a narigão de cera. Por que não?

O ano era 1990. Eu era uma estudante de 19 anos que sonhava em trabalhar na grande imprensa. Há um ano na PUC, eu tinha me debruçado sobre as várias “logias” no ciclo básico do curso de Comunicação Social. Mas aula de Jornalismo, que nessa fase a gente acha que é bom, nada! Boa base de português, redações elogiadas desde criança, uma CDF sem óculos que via os livros entre as boas coisas da vida, resolvi fazer a prova para o Comunicar como aprendizado. Nunca ninguém tinha passado no terceiro período, e eu não tinha a pretensão de ser a primeira. Mas fui. E fiquei apavorada!

Foi lá que recebi minhas primeiras duas pautas. E tinha um mês para transformá-las em matérias (sonho de qualquer repórter hoje em dia!), pois o Jornal da PUC era mensal. Meus colegas de redação eram todos mais velhos, do quinto período em diante. Todos já haviam sido apresentados ao lide e a muito mais, em cadeiras como Introdução ao Jornalismo e Técnicas de Reportagem, que ainda não faziam parte do meu currículo. Ninguém tinha medo de ligar para os entrevistados ou vergonha de deixar recados.

Eu tinha. E assim se passaram semanas sem que eu conseguisse contactar o professor e diretor teatral Bernardo Jablonski, já falecido, que estrearia uma nova peça, tema de uma

*Trabalha na editoria Rio do jornal e do site de *O Globo*. Foi repórter da editoria de Economia de *O Dia*, do caderno Cidade do *Jornal do Brasil* e da sucursal da *Veja* no Rio. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1990-1991).

das reportagens que seriam, praticamente juntas, meu *début* no jornalismo. Da mesma forma não achava nunca o mestre de uma luta marcial que faria uma apresentação na Universidade, sobre a qual eu precisaria escrever. O cara deveria bater ponto num banco, mas nunca estava lá quando eu ligava, suando mais do que se tivesse praticado com ele. Jamais deixei recado.

Foi nesse momento que o Projeto Comunicar me deu minha primeira lição de (paixão e solidariedade no) jornalismo. Foi via Fabíola Benfeito, repórter estagiária bem mais experiente, perto de se formar, que sentiu meu drama e se ofereceu para me ajudar. Bernardo Jablonski não parava em casa? Pois ela foi comigo ao departamento de Psicologia, onde ele dava aulas, e fez com que eu achasse o ocupado diretor e marcasse a entrevista, que ela acompanhou só para me apoiar com sua presença. O tal lutador marcial era funcionário fantasma do banco? Por que não abordá-lo na apresentação? E em plena tarde de sábado ela se despencou para a PUC comigo. Ippon no cara!

Aquelas matérias certamente não ficaram na memória. Mas jamais me esquecerei da Bida, com quem encontro em quase todo carnaval dos últimos 18 anos, ambas trabalhando na Sapucaí. Assim como nunca me sairão da cabeça ou do coração cada uma das pessoas que dividiram comigo as então duas salas do Projeto, em andares diferentes da ala Kennedy. Com eles, ao longo dos mais de dois anos em que ali fiquei – primeiro como repórter e depois, já monitora, como redatora e arriscando pitacos na edição –, sofri para apurar dados que às vezes pareciam impossíveis, entendi que é no olho no olho que brotam as melhores declarações e histórias, descobri como encontrar pautas interessantes onde menos se espera (eu cobria departamentos “áridos”, como o de Física), vivi cada história que apurei, por mais insignificante que pudesse parecer. Foi no Projeto que eu me tornei repórter. Algo muito maior do que uma profissão. Não sujeito à aposentadoria.

Como repórter amadora (com ênfase no sentido entusiasta do adjetivo) do Comunicar, estive pela primeira vez em uma favela, a Rocinha, até hoje especial para mim. Participei pela primeira vez de uma “grande cobertura”, a do cinquentenário da PUC. E tive uma série de outras experiências que me deram estofamento para sair da faculdade rumo a estágios no *Globo* e no *Dia*, também através de provas.

O que mais dizer sobre a alma do jornalismo? “O quê?” A reportagem. “Quando?” Sempre. “Por quê?” Porque informar bem é preciso. “Onde?” Eu a encontrei representada na figura do professor Fernando Ferreira, a alma do Projeto Comunicar.

Do jornalismo diário ao semanal

Rafael Teixeira*

Há diversas razões pelas quais alguém pode desejar ser jornalista. Alguns, é claro, optam pelos motivos errados – que podem, no fim das contas, acabar dando certo, mas, reforço, são essencialmente equivocados quando tomados isoladamente como critério de escolha. Ser extrovertido e comunicativo, por exemplo, porque não é a ausência de timidez que faz, necessariamente, um grande profissional. Ou ter tirado excelentes notas em redação nos tempos de escola, já que a gramática impecável e a facilidade de articular sentenças são apenas algumas das muitas ferramentas necessárias à profissão. Ou, a mais comum desde sempre, pelo *glamour* que a carreira proporcionaria. No meu caso, confesso penhoradamente, houve um pouco disso. Desde que comecei a cogitar jornalismo como ganha-pão, eu queria trabalhar com cultura. Conversar com meus ídolos, estar perto deles, ouvir e repassar suas histórias, partilhar de uma intimidade, ainda que, no mais das vezes, ilusória e fugaz – como, não sem certo desencanto, eu viria a constatar anos depois, quando comecei a escrever sobre o tema.

Considerando o que eu tinha como ideal de carreira, alguns caminhos se mostravam mais atraentes. Quando ingressei na PUC-Rio, em 1997 (e lá se vão quinze anos...), o *Jornal do Brasil* ainda era um jornal respeitado, mas seu futuro já era presumivelmente aquele que acabou se confirmando: uma prolongada decadência até o fechamento.

No jornalismo impresso diário (e eu não me via em televisão ou rádio), a escolha óbvia seria tentar, quando fosse possível, um estágio n' *O Globo*. Na época, o jornal já gozava de algum prestígio, mas enfrentava certa resistência (às vezes, birra pura e simples) da classe média e alta carioca, acostumada ao longo de décadas à leitura do *JB*.

Como se não bastasse esse cenário desolador, com apenas uma opção viável, eu, talvez ingenuamente, enxergava a imprensa diária como uma armadilha em potencial. Temia entrar desejando ser jornalista cultural e terminar meus dias como repórter de cidade ou, o horror, de economia – no que eu não via nenhum demérito, apenas não imaginava que fosse algo para mim. Assim, eu imaginava, o mercado de revistas semanais ou mensais, mais segmentado, parecia uma boa aposta.

* Repórter da revista *Veja Rio*, trabalhou no jornal *O Globo* e na sucursal carioca da revista *Isto é*. Foi colunista de quadrinhos, esteve em uma editora educacional e também atuou como assessor de imprensa. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1999-2000).

As revistas, no entanto, só apareceriam como campo de trabalho na minha carreira muitos anos mais tarde. Em 1998, tive orgulhosamente a carteira profissional assinada pela primeira vez, pelo Projeto Comunicar – que, na época, não era esse portento em que hoje se transformou, com diversos braços e atividades. Lembro que o Núcleo de Jornalismo Impresso, no qual ingressei, reinava praticamente sozinho. Era para onde queria ir a maioria daqueles que se inscreviam na concorrida prova de admissão do Comunicar. Para os futuros e esperançosos jornalistas, havia ainda, salvo engano de memória, outras três opções: uma então iniciante TV PUC, um programa de rádio e um departamento de assessoria de imprensa (sim, já havia aquilo que hoje é um vasto mercado para jornalistas). Mas era no Jornal da PUC, publicação mensal que cobria o universo da instituição sob todos os aspectos, e no informativo PUC Urgente, uma espécie de agenda semanal com toda a programação da Universidade, que se concentravam o grosso da visibilidade do projeto e a maior parte da equipe. E não vai aqui nenhum demérito para as outras áreas, em absoluto – simplesmente eram outros tempos. Mesmo que, para qualquer um de nós, estagiários de então, pareça ter sido ontem.

Minha entrada no jornalismo de revista foi, digamos, torta. Explico-me: as revistas surgiram na minha carreira, inesperadamente, por meio de um jornal diário – *O Globo*. A história, inclusive, tem relação direta com o Comunicar. Eu acabara de ser demitido de uma empresa de assessoria de imprensa, sem qualquer perspectiva imediata, ou mesmo em médio prazo, de emprego. Àquela altura, eu já havia trabalhado com pesquisa institucional, jornalismo de internet (no tempo pré-estouro da bolha, quando a rede ainda engatinhava no Brasil) e editora educacional. Redação de veículo impresso – e, principalmente, de força e prestígio –, nunca. No mesmo dia em que recebi o bilhete azul, fui à PUC conversar com Fernando Ferreira, idealizador do Comunicar, meu chefe nos tempos de estágio no projeto e, mais do que tudo isso, um mestre. Sabia que, sendo um celeiro de bons profissionais, o Comunicar já se acostumara a ser procurado por empresas de comunicação em busca de estagiários. Eu já era formado, o que poderia ser um problema. O Fernando sabia de uma vaga no *Globo*. Fiz uma entrevista e deu tudo certo.

Embora eu estivesse em um jornal diário, minha experiência em redação de veículo impresso começou – e assim seria até hoje – em revista. De alguma maneira, ainda que não precisamente, eu estava onde imaginava estar. Comecei nos Jornais de Bairros, cadernos semanais d’*O Globo* divididos geograficamente, dedicados às questões de cada região da cidade. Do ponto de vista editorial, hoje percebo, era uma experiência curiosa. Havia um quê, digamos, quase obrigatório de jornalismo diário, do chamado *hard news*, muito presente naquelas matérias sobre questões “menores” – importantes no microcosmo, mas às quais a editoria de cidade do jornal, considerando o seu escopo muito mais abrangente, não tinha como dar atenção. Era algo como aquilo que eu havia feito no Jornal da PUC:

uma mescla de noticiário, com os eventos e ações da Universidade (às vezes notícias de mais de quinze dias, mas que no tom do texto pareciam ser de ontem), com *fait-divers*, o que poderia incluir uma matéria sobre os universitários fãs da série *Guerra nas estrelas* (não é um exemplo fictício: eu escrevi essa matéria).

Nessa zona fronteira, em que a notícia pura e simples poderia ter sua importância relativizada, eu ia aprendendo conceitos sobre a importância da fotografia, dos infográficos, dos quadros informativos. Em suma, da embalagem da matéria, aqui entendida no melhor dos sentidos – aquela que engrandece, estende e aprofunda a abordagem do fato. “Nós somos jornalistas, mas também algo mais do que isso: somos revisteiros”, disse-me certa vez meu chefe na *Veja Rio*, onde trabalho atualmente. Não queria ele sugerir que fôssemos melhores do que os jornalistas de veículos diários, mas apenas que existem preocupações específicas de quem faz revista que não competem a quem trabalha em jornal. Mais do que o visual da matéria e das múltiplas formas de distribuir informação, o próprio texto aqui é visto sob outro prisma. Um exemplo simples ajuda a entender: se um prédio desaba na cidade, matando um número qualquer de pessoas, a notícia estará no dia seguinte estampada em todos os jornais. Se a revista só sai dali a alguns dias, no fim de semana, por exemplo, como fazer para que o leitor não receba a mesma história que ele já leu anteriormente? Em uma analogia um tanto esquisita, mas facilmente entendida, outra chefe me disse: “Se um elefante cai no colo do presidente, provavelmente teremos que explicar ao leitor por que os elefantes caem.”

As melhores cabeças da comunicação no planeta estão analisando exaustivamente essa questão, mas uma coisa é certa: com a concorrência da internet no quesito agilidade, os veículos impressos estão sendo obrigados, cada vez mais, a extrapolar a notícia – dito de outra forma: a botar a cabeça para pensar de um modo como a revista, com sua periodicidade mais espaçada, sempre foi obrigada a fazer. E isso não tem a ver apenas com a rede mundial de computadores, com a rapidez e a capilaridade dos blogs e das redes sociais. Se pensarmos historicamente, o papel há décadas tem concorrentes muito mais velozes, como o rádio e a televisão – a internet só agravou a questão. Compare um jornal de vinte ou trinta anos atrás, com suas notícias quase taquigráficas, com ele mesmo hoje. A importância que se passou a dar às edições dominicais, com suas matérias mais longas, aprofundadas e reflexivas, é um sintoma. Obviamente, eu ainda não sabia de nada disso com tanta clareza nos meus tempos de Comunicar, mas é claro que ali já havia uma semente desse modo mais amplo de pensar o jornalismo. Grato, sempre grato.

Sem rotina

Renato Grandelle*

Fui escalado para escrever sobre o dia a dia da reportagem. E, confesso, gastei alguns minutos olhando para a tela em branco do *laptop*. Existe essa pauta? Uma das coisas que me levou para o jornalismo foi a falta de rotina. Algo que minha curta experiência profissional – são sete anos de diploma – corroborou com uma ênfase espantosa.

Meus dois primeiros anos de formado foram passados na redação do *Jornal do Brasil*, que vivia seu último momento de euforia. Apenas três semanas antes da minha entrada, o diário trocara o formato *standard* pelo *berliner*; houve contratações, efetivações de estagiários, a venda nas bancas aumentou 20% em poucos meses. Parei na editoria de Cidade, que nunca foi minha preferida – sempre, desde minha época de calouro, sonhava em ser repórter de Política –, mas por onde considerava que todo jornalista deveria passar, justamente por seu dinamismo.

Resumindo dois anos em algumas linhas: vi três editores passarem por lá. Cada qual privilegiando uma cobertura. Um preferia segurança pública, outro desordem urbana, o terceiro apostava em administração. E o *JB*, mesmo naquele breve suspiro de glória, não contava com setoristas. Um dia você estava em frente à Vila Cruzeiro, vendo um Caveirão sendo socorrido por outros cinco blindados da Polícia Militar, enquanto traficantes atacavam sem perdão. No outro, acompanhava a sonífera assinatura de um acordo qualquer no Palácio Guanabara. No terceiro, contava quantos carros estacionavam irregularmente na orla da zona sul.

Nenhum lugar poderia ter acesso proibido. O que quer que estejam escondendo, você precisa mostrar. Vão te cobrar a entrada no hospital ou na escola que estão definhando. É preciso um jogo de cintura absurdo, uma caligrafia que lhe permita escrever o lide ainda no carro e muito fôlego para subir a escadaria da redação de dois em dois degraus. Toda e qualquer tática, enfim, que te dê algum minuto a mais para moldar o texto no sempre apertado fechamento.

E você sai da redação às três da manhã na sexta-feira, depois do pescocão, e, quando escreve isso, ainda o faz sorrindo, lembrando dos amigos, das matérias, das brincadeiras. Vai entender.

Troquei o *JB* pelo *Globo*. O primeiro biênio foi estranho – tinha rotina. Era nos Jornais de Bairro. Ia para a rua uma vez por semana, apurava da redação nos outros quatro dias.

* Repórter da editoria de Ciência, Saúde e História do jornal *O Globo*. Trabalhou na editoria de Cidade do *Jornal do Brasil*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (2004).

Não me entendam mal, foi uma boa experiência. Mas, depois do fuzuê que era o *JB*, a gente sente falta de algo mais. Aí me caiu no colo um convite para a editoria de Ciência. Eu, que sempre fui uma negação em química, física e biologia, precisaria entender o suficiente desses temas para explicá-los no jornal para não sei quantas mil pessoas. E é isso que eu tenho feito há três anos.

O exemplo que eu gosto de dar é de uma semana em que fiquei três dias escrevendo sobre um superacelerador de partículas, um negócio que vai revolucionar a física, e depois saí da pauta para preparar uma matéria especial sobre a história da feijoada. É essa a minha vida agora. A diferença para a época do *JB* é que eu não vou mais para a rua. E que não me restrinjo à cobertura de Cidade. Mas eu posso, segunda-feira, ser físico, na terça viro biólogo, quarta me torno historiador, quinta me faço de paleontólogo, sexta encerro a semana como astrônomo.

Claro que acabamos nos especializando em alguma coisa. Eu, por exemplo, faço muitas matérias sobre meio ambiente e mudanças climáticas. Aquecimento global é comigo mesmo. Mas estou sempre sendo lançado para fora da minha zona de conforto. Sempre abrindo e-mail em casa para ver a pauta ainda de manhã (entro no jornal à tarde) e descobrir se o estudo sobre o qual farei a matéria foi feito aqui, no Brasil, ou lá fora. Se o pesquisador for europeu, tenho que passar os olhos na pesquisa e mandar as perguntas o quanto antes, por causa da diferença de fuso horário.

Sinto falta de ir mais para a rua. Penso em muitas pautas que gostaria de fazer para algumas revistas. Minha editora me dá liberdade de produzir para outras áreas da redação, mas estou sem tempo. A rotina imposta pelas novas mídias é pesada. Incrível como nossas obrigações aumentaram em tão pouco tempo. Não basta fotografar, é preciso filmar. Divulgar as matérias no Twitter, no Facebook. A separação das equipes do site e do impresso já acabou há três anos. Sabe-se lá o que vem pela frente.

O Jornal da PUC foi minha primeira experiência em jornalismo impresso. Foram sete meses sensacionais, nos quais tive o privilégio de trabalhar com uma equipe talentosa – felizmente ainda tenho contato com a maioria. Tenho certeza que a coordenação dos professores Fernando Ferreira, Renata Cantanhede e Weiler Finamore contribuiu para o início da minha formação profissional. A diversidade das pautas com as quais lidávamos reflete bem o enigma que é chegar numa redação e não saber o que será o seu dia. E isso é o que faz do jornalismo algo tão bom, e tão difícil de ser descrito.

Da crítica...

Silvio Essinger*

Da crítica, só se pode mesmo esperar o pior. Um amigo que também se dedica à atividade costuma dizer: se fosse boa, a crítica não tinha esse nome. Ela é, quase sempre, um fardo que o jornalista carrega pelas páginas (ou telas, na versão para internet) tão sacrossantas e cheias de propósito de um jornal ou revista. Em seu caminho avassalador, sonhos se esfacelam e injustiças irreparáveis são cometidas, quase sempre por causa de umas poucas e mal-traçadas linhas.

Há quase vinte anos, exerço, com alguma regularidade, a função de crítico de música popular. Quem me pôs nessa posição, até hoje não sei direito. Foi, com certeza, num momento de distração do editor que meu nome apareceu assinando a resenha de algum produto cultural. Uma vez lá, não demorou muito, e eu tinha virado crítico, conquistando assim, aos 20 e poucos anos de idade, a autoridade sobre o assunto e (o que mais interessava, então) o direito de receber os lançamentos da indústria fonográfica, além de ser convidado para assistir a shows.

Mas o deslumbre acaba logo na primeira vez em que um artista vem interpelá-lo sobre suas irresponsáveis considerações. Sim, porque não há pessoa, por menor que seja seu ego, capaz de manter a esportiva e deixar para lá, quando a qualidade (ou a moralidade) de seu trabalho é questionada. Há eufemismos (e você logo os aprende) para chamar um cantor de desafinado, ultrapassado, medíocre ou pernóstico. Mas isso não ameniza o mal-estar ao entrevistar alguém que sabe bem que você não gostou nadinha do seu último disco, apesar da neutralidade safada das palavras usadas na crítica.

Elogios podem ser tão geniais e oportunos quanto as ressalvas, mas é dessas últimas que os artistas quase sempre hão de lembrar quando você os cumprimenta, nos encontros casuais pela noite. Não há muita glória em ser crítico. O que você pode sempre é se gabar para os seus amigos de chope de algum escrito que mudou rumos na carreira de algum figurão, de alguma observação mais bem colocada, de algum trocadilho fantástico. Mas não existe uma crítica profissional dos críticos – existem os leitores, que, na maior parte dos comentários, estão lá para defender artistas de que são fãs e não para consagrar teses revolucionárias ou rasgos de lucidez.

* Repórter e crítico musical do Segundo Caderno do jornal *O Globo*. Trabalhou no *Jornal do Brasil* e na revista *Manchete*. Na TV Globo, trabalhou no programa *Por toda minha vida*. Autor dos livros *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*, *Batidão: uma história do funk*, *Almanaque anos 90*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1991-1992).

Parece que é fácil escrever uma crítica. Há, inclusive, quem insinue que um bom *software* embaralhador de clichês daria conta do recado. Digite o nome do disco e do artista no computador e espere o resultado. Tem a ver com um certo mito de que críticos possuem poder para perpetrar *achismos*. Gostei/não gostei. É chato/obrigatório. É seminal/diluição. Divertido/dispensável. Não deixe de ouvir/O risco é todo seu. Só que a crítica é um tipo de texto no qual o piloto automático é o maior responsável pelos desastres. Simplesmente não funciona.

A crítica é feita de interpretações. E de fatos. Ou seja: a mesma matéria-prima do bom jornalismo. A vaidade de quem se aventura nos textos analíticos é a de ser detentor de uma quantidade de conhecimentos e de uma capacidade de elaborar raciocínios originais que irá desconcertar a concorrência. Há quem se apegue à ilusão de poder, de que pode construir ou destruir uma carreira com uma penada. Ou quem se entregue à picuinha, à passionalidade, ao utilitarismo e à pura e simples corrupção. Como diriam os jornalistas veteranos, esses enganos acabaram todos indo forrar gaiolas de passarinho. Já na era da internet, são aquele lixo impossível de se varrer.

Eu insisto em acreditar na boa crítica da mesma forma em que acredito na boa reportagem. A razão de termos passado quatro anos na universidade, buscado informações em livros e o aperfeiçoamento profissional no Projeto Comunicar é a mesma tanto num quanto noutro. Queremos, repórteres e críticos, ser capazes de usar as informações que conseguimos recolher e a inteligência que nos coube em textos que façam sentido, que produzam reações e que ajudem outros a entender um pouco mais sobre o mundo em que vivemos. Não que sejam a verdade absoluta, mas que, ao menos, não tenham como motor a desonestidade, a preguiça ou o rancor.

O fascínio com o mundo da cultura é algo que não costuma arrefecer assim, mesmo quando já se vão mais de duas décadas em que nele você se meteu. Às vezes, aliás, a impressão é a de que você ainda está só começando, já que não tem tanto tempo assim que a internet abriu um mundo todo novo de informações e possibilidades. Eu, que comeci a vida tentando extrair os segredos dos sulcos de discos de vinil que com custo fui buscar, não canso de me maravilhar hoje com as pequenas belezas que consigo arrancar de arquivos pescados na rede, de graça, sem sair de casa.

É, o mundo continua gigantesco, misterioso como sempre. Decifrá-lo, dimensioná-lo, contextualizá-lo continuará a ser nosso trabalho. Falharemos muitas vezes, acertaremos umas tantas outras. O que importa é continuar revolvendo a terra, seja em reportagens ou em críticas, que são, enfim, complementares em suas funções. E se nos tomam por arrogantes, prepotentes, impiedosos, intelectuais frustrados, tanto faz. Ainda não estamos totalmente no ramo do entretenimento, a humanidade precisa de informação confiável. Desconfiar é o nosso negócio. Não deixar que o senso comum se torne a verdade. Criticar. E estar preparado para ser criticado. Essa é a nossa encrenca.

Jornalismo e saúde

Tatiana Clébicar*

Médicos ou cientistas nem sempre falam a mesma língua que nós, jornalistas, ou simples mortais. A lição, tomada logo numa das primeiras pautas para o Jornal da PUC no Projeto Comunicar, poderia não passar de um chiste não fossem saúde e informação ambos um direito constitucional no Brasil. E acurácia, um compromisso do profissional de imprensa. Olhando para trás, a inexperiência da estagiária, generosamente orientada naquela ocasião, foi cedendo espaço, com a prática em grandes redações, para uma sensação de que as relações entre jornalistas e fontes, nessa área da saúde, são um permanente exercício de tradução que vai além dos termos específicos das especialidades médicas.

Naquele início de período, coube a mim entrevistar um pesquisador que trabalhava no aprimoramento de um método de análise química com aplicação clínica. Minha tentativa de “mastigar” alguns dos termos técnicos não foi bem acolhida pelo professor, que fazia questão das descrições literais. Seus riscos em vermelho no texto a ser por ele pré-aprovado, acompanhados de exclamações com sotaque germânico, levaram-me às lágrimas. Se hoje ainda guardo com carinho a papelada rabiscada, é porque aprendi ali – com a delicada mediação exercida pelo professor Fernando Ferreira – que um pesquisador, assim como um médico, ao cristalizar um discurso quase incompreensível para leigos tenta zelar pela correta interpretação de seu trabalho. Mas aprendi também que é função do repórter tentar fazê-lo compreender que a disseminação da informação, ainda que de maneira superficial, desde que fidedigna, é um dever que deve ser cumprido de parte a parte.

Considerando que as últimas edições da Conferência Nacional de Saúde referendaram diretrizes no sentido de se obter mais espaço para questões relevantes na imprensa, profissionais dos dois lados – da comunicação e da saúde – precisam estabelecer estratégias para que consigam dar visibilidade a temas de interesse público. A julgar pelo espaço e pela importância que o assunto vem ganhando nas páginas dos impressos, nos canais de TV abertos e fechados e na internet, não seria equivocado afirmar que, nos últimos anos, essas relações vêm se estreitando e se intensificando à medida que

* Atualmente trabalha como *freelancer*. Foi repórter dos jornais *O Dia*, *O Globo* e *Globo Online*. Cobre especialmente a área de saúde. Bolsista Faperj TCT-4, em grupo de pesquisa da Fiocruz na prevenção de suicídio. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1999-2000).

a cobertura de saúde extrapola as seções específicas que todos os grandes veículos de comunicação dedicam ao tema e se insere, naturalmente com enfoques próprios, nas editoriais de país, cidade, mundo e economia. Apenas para que se tenha uma ideia da inserção do assunto: num levantamento¹ realizado durante oito semanas em 2011, 67,8% de 56 edições de *O Globo* traziam, na capa, ao menos uma chamada sobre construções de saúde-doença, segundo os critérios estabelecidos para o estudo. O assunto foi manchete em 17,8% das edições do período e encontrou-se, em média, 1,19 chamada por dia. As revistas semanais acompanham a mesma tendência e com frequência dedicam suas reportagens de capa ao tema. Na TV, assistimos a uma proliferação de programas segmentados, tanto nos canais abertos quanto naqueles por assinatura, que tratam de qualidade de vida, boa forma, alimentação e outros temas correlatos. A participação de médicos e pesquisadores da área da saúde nos veículos de comunicação, primeiramente como consultores e mais recentemente como colunistas, comentaristas e blogueiros, parece endossar essa percepção.

Embora não seja função do jornalismo ocupar um lugar que é essencialmente do médico na orientação do paciente, as reportagens de saúde têm um importante papel na disseminação de formas de prevenção e tratamentos de diferentes patologias. Inúmeras campanhas de saúde contam com a divulgação jornalística para atingir seus objetivos. Sabemos que, nesta seara, uma orientação parcial é melhor do que nenhuma. No entanto, tratando-se de saúde, uma orientação equivocada parece ser pior do que nenhuma. Não raro as reportagens são levadas para escolas, grupos de discussão e disseminam-se na internet.

Muitos médicos reconhecem que mesmo para eles é um desafio fazer os pacientes e seus familiares compreenderem em profundidade conceitos e explicações sobre determinadas doenças. Mediando essa “conversa” fora dos consultórios, alguns jornalistas comparam a passagem do discurso médico para o jornalístico a um trabalho de tradução. Eni Orlandi, em *Discurso e texto*, opta pelo termo transcrição, pois, defende ela, trata-se de reformulação do discurso e não de conversão, como no caso dos idiomas. Mas o que dizer quando se leva em conta que boa parte dos termos técnicos, originários do grego e do latim, é completamente ignorada por aqueles que não cruzaram com disciplinas biomédicas e muitos deles nem sequer figuram nos dicionários de língua portuguesa? O problema, no entanto, não se resume à questão semântica.

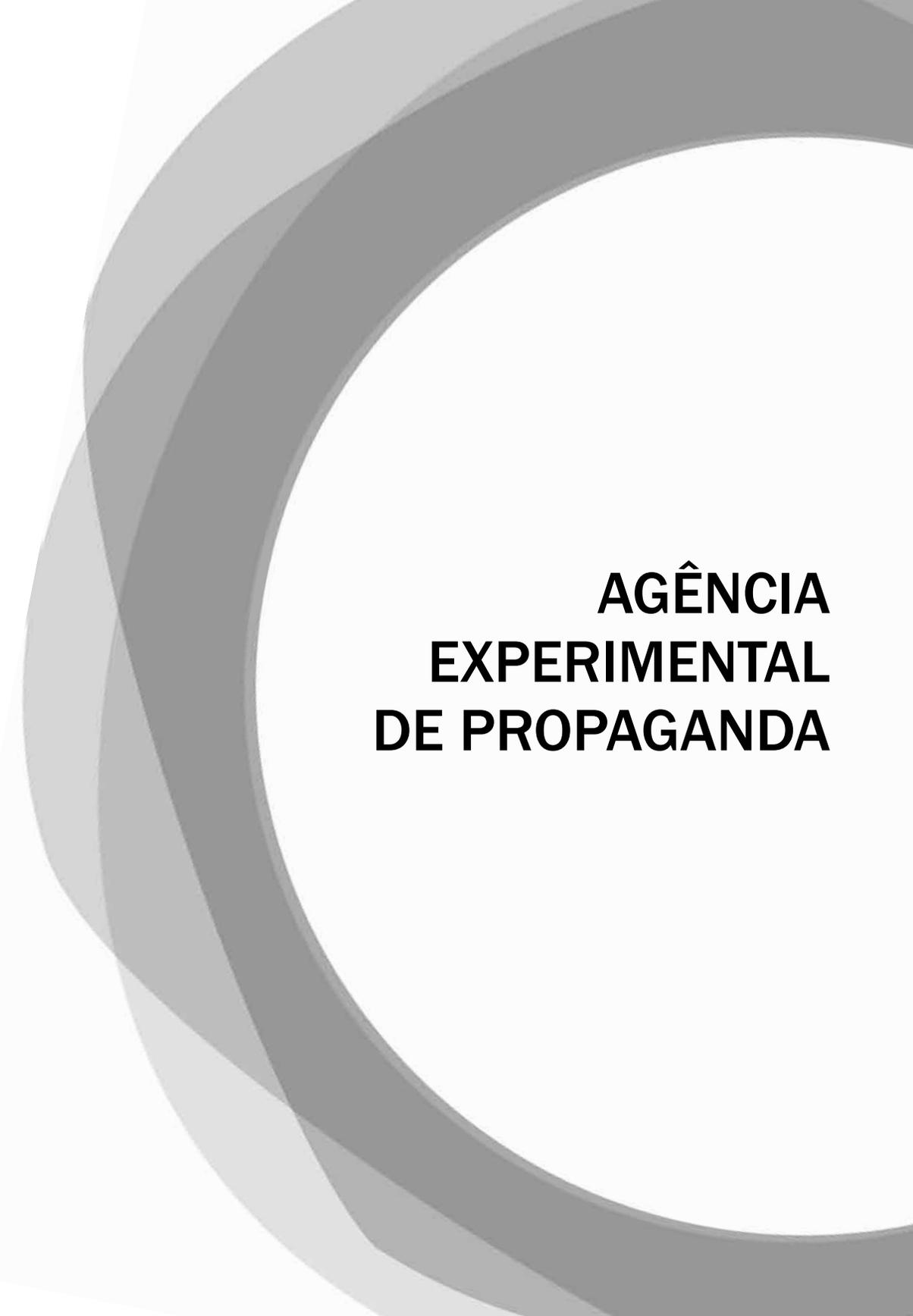
Com inúmeras ressalvas e críticas a algumas práticas contemporâneas de jornalismo em saúde, Inesita Araújo e Janine Cardoso, em *Comunicação e saúde*, discutem a legitimidade da fala nos discursos midiáticos e reivindicam estratégias para a construção de

¹ Trabalho acadêmico apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz, para a conclusão do Curso de Atualização em Saúde e Jornalismo, 2012.

enunciados mais democráticos. Caberia aqui ponderar sobre todo o processo de construção jornalística: da pauta à edição, passando pela escolha das fontes e vozes a serem contempladas.

A questão é tentar compreender em que aspectos a comunicação de saúde via jornais, revistas e sites colabora para o conhecimento e o esclarecimento da população e em que aspectos essa comunicação falha. Como ela pode ser melhorada? Os agentes e as autoridades de saúde que desvalorizam, não colaboram ou, ainda, não exigem precisão e acuidade na informação descartam um valioso e potente vetor de expansão para políticas de saúde pública.

Estou convicta de que a experiência no Projeto Comunicar, com a oportunidade que seus estagiários têm de exercer essa mediação tendo como fontes pesquisadores de excelência acadêmica inquestionável ao mesmo tempo em que são orientados e protegidos por jornalistas experientes e generosos, contribuiu e continuará contribuindo para a formação de profissionais ciosos de sua função social nesta área: a divulgação médico-científica precisa, eficiente e ética.



**AGÊNCIA
EXPERIMENTAL
DE PROPAGANDA**

Agência Experimental de Propaganda – AEP/PUC-Rio

*Rodolpho Jacob Maier Junior**

Aprender fazendo. Esse é provavelmente o mais antigo método de aprendizagem que o ser humano experimenta ao longo de sua caminhada. E que em toda a nossa existência não perdeu importância.

Desde a lida com a agricultura nos campos de cultivo até o trabalho nas residências médicas em hospitais, é da prática da ação que vem o conhecimento e a experiência.

Na Comunicação Social não é diferente. Nos trabalhos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas o aluno aprende fazendo. Ao lado de disciplinas teóricas que lhe dão o embasamento humanístico, é na prática do texto, da diagramação, do *layout* ou da elaboração de estratégias que traçam perfis institucionais que ele vê transformadas suas potencialidades em ações efetivas no exercício da profissão.

A formação do Núcleo de Criação do Projeto Comunicar da PUC-Rio, em 1994, teve exatamente este objetivo: levar o aluno de Publicidade e Propaganda a aprender fazendo. Existe no mercado uma espécie de nicho formado por vários segmentos, das mais diferentes atividades, que, embora precisem de comunicação publicitária, não têm os meios necessários para contratar agências de publicidade do mercado, e menos ainda para veicularem suas mensagens. E este foi o público visado: ONGs, museus, orfanatos, centros culturais, hospitais de benemerência e tantas outras instituições atendidas no curso desses 18 anos de existência.

A veiculação das peças, realizada através do Jornal da PUC, garante aos estagiários a formação de um portfólio de trabalhos realizados e veiculados, o que melhor os qualifica quando de suas apresentações às agências.

Em 2002 foi criada a Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio, formada por professores da instituição egressos do mercado, integrando a seu trabalho a estrutura do Núcleo, o que levou os estagiários a realizarem, a partir de então para a Agência, ações numa área de maior abrangência, sem que deixassem de atender o mercado ao qual já se dedicavam.

* Ex-coordenador e atual consultor da Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio. Ex-professor do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

A Agência foi formada para atender a comunidade PUC em todas as suas necessidades de comunicação mercadológica. Sua principal característica no atendimento é a de refletir de maneira bastante precisa o perfil da Universidade, através de um conhecimento adquirido em sua convivência diária com praticamente todos os setores da instituição. Num trabalho que envolve planejamento, criação de anúncios, atendimento, mídia, assessoria para trabalhos de produção gráfica e criação de vídeos e de *spots*, a Agência dá uma assistência contínua às diversas áreas que compõem a Universidade.

Assim, fazendo acontecer o conteúdo publicitário, os alunos têm a oportunidade de serem preparados para ingressar no mercado, conforme vemos pelo exemplo de vários profissionais que foram treinados pela AEP/PUC-Rio e hoje estão em agências de primeira linha.

O início de um processo criativo

Parte do resultado criativo apresentado pelos alunos que passam pela AEP é consequência de um primeiro momento bastante diferente dos oferecidos pela maioria dos estágios praticados em agências do mercado.

Enquanto nessas agências o estagiário roda por todos os setores, sem chance, em grande parte das vezes, de praticar com maior ênfase na área com que mais se identifica, na AEP ele já entra para a atividade que escolheu, selecionado através de uma prova específica de redação, direção de arte ou atendimento. Assim, dentro de um processo pedagógico, segue sua tendência acumulando conhecimentos e construindo seus primeiros portfólios.

Todo o andamento natural de uma conta no mercado é vivenciado na rotina de trabalho da agência. A exigência de atender a expectativa dos pedidos de anúncios (*jobs*), respeitando rigorosamente os prazos para suas conclusões, é de inteira responsabilidade do aluno, preparando-o para um dos quesitos mais importantes da atividade: prazos, e com qualidade. Os estagiários desenvolvem todos os passos do processo: estudo do tema, elaboração do conceito, redação ou desenvolvimento do *layout*. O trabalho, finalizado, é então aprovado pelo cliente e veiculado no Jornal da PUC, formando o portfólio que será levado pelo aluno quando ele for participar de entrevistas nas agências do mercado.

Aos professores orientadores cabem as funções de supervisão e ensino. São eles que melhoram conceitos, organizam o processo criativo e dão a aprovação quando consideram o trabalho como pronto.

Trabalhando aspectos intelectuais e comportamentais, a agência procura desenvolver aptidões latentes que o aluno traz dentro de si, acelerando seu crescimento e aperfeiçoamento.

Uma visão do mercado

A partir de uma constatação de Walter Longo¹ – o atendimento deve “pensar como cliente e agir como agência” –, desenvolve-se o trabalho de orientação na formação desses futuros profissionais.

O pensamento de Longo, aparentemente simples em sua formulação, implica uma orientação bastante complexa, pois o atendimento deverá conhecer a área de atuação de seu cliente quase tão bem quanto ele, e se possível tão bem, e, ao mesmo tempo, saber tudo de sua agência, identificando, inclusive, possíveis deficiências que possam prejudicar o trabalho.

Selecionados através de uma prova específica, os alunos que passam pelo Projeto Comunicar chegam à agência com o principal pré-requisito já determinado: o talento para a função. Além disso, graças ao relacionamento imediato com os clientes, iniciam um processo em que se *aperfeiçoam fazendo*, o que é fundamental. O próprio ambiente de trabalho, recriando o clima encontrado nas agências, favorece o rápido desenvolvimento do estagiário.

As equipes de atendimento são compostas por cinco alunos, que se revezam em duplas, para um processo de prospecção de possíveis clientes fora da comunidade PUC (ONGs, centros culturais, museus, hospitais de benemerência, abrigos e outras entidades dedicadas ao apoio social). Neste trabalho, eles realizam visitas para o recebimento de *briefings* e elaboração de pedidos de trabalhos.

A escolha dos melhores caminhos

O trabalho de mídia da AEP, embora não tenha o volume encontrado em agências do mercado, propõe caminhos para que as peças produzidas pela agência cheguem aos seus públicos com base em ações que requerem inteligência, talento, sensibilidade e criatividade.

Lidando com verbas dos clientes, e assim negociando inserções, é um setor sensível e que pede uma engenharia de percepção apurada, quando da elaboração de um plano de mídia. A própria proposta de veiculação e de frequência dos anúncios tem ainda a preocupação de inserir as mensagens em espaços que ofereçam maior visibilidade com a melhor relação custo-benefício, o que implica ter no setor um profissional com perfil altamente qualificado.

De nada valeria um esforço criativo muito bem-sucedido sem um trabalho de mídia elaborado por meio de estratégias baseadas em sólida experiência profissional.

¹ In: Ribeiro, Julio. *Tudo o que você queria saber sobre propaganda e ninguém nunca teve paciência para explicar*. São Paulo: Atlas, 1995.

Comunicação a serviço do bem

*Alan Maia**

Faz parte do passado a ideia de que o bem que se pratica deve ser guardado em segredo. Julgamentos à parte, fato é que no cenário atual do chamado terceiro setor, uma boa comunicação é fator de diferenciação e sobrevivência.

E que ninguém se surpreenda: concorrência, imagem e construção de marca são conceitos absolutamente presentes nesse universo, que, idealisticamente, se supunha regido por valores nobres e etéreos, nada afeitos ao cotidiano do mercado, do setor com fins lucrativos.

Hoje, quem faz e deseja seguir fazendo o bem precisa dar visibilidade às suas ações. Esse princípio é válido para centenas de milhares de organizações da sociedade civil dedicadas às mais diversas causas sociais, ambientais e humanitárias, que precisam comunicar à sociedade suas práticas, projetos e, especialmente, seus resultados.

Pois o primeiro desafio que enfrentam é justamente de comunicação. Convencionou-se denominar de ONG (Organização Não Governamental) as entidades associativas ou as fundações que abraçam causas relevantes e que, de alguma forma, trabalham pela construção de um mundo mais justo e sustentável. Porém, vale observar, é um tanto estranho e ineficaz se apresentar a partir de uma negativa. Afinal, ser não governamental diz muito pouco a seu respeito. Apenas diz o que você não é.

Soma-se a isso a má reputação que algumas dessas ONGs vêm ganhando em nosso país ao serem arroladas em diversos escândalos envolvendo corrupção e desvio de verbas públicas – o que há de pior na política. Assim, por generalização, os justos pagam pelos pecadores, viram farinha de um mesmo saco, passando a carregar o fardo da desconfiança geral.

Numa perspectiva histórica, observa-se uma grande expansão do chamado terceiro setor no Brasil a partir da década de 1990, embora existissem importantes organizações ligadas à luta pela democracia atuando desde as duas décadas anteriores e outras tantas, ainda mais antigas, com atuação humanitária, geralmente ligada à esfera da religião. Como ícones desse crescimento recente, é possível apontar a realização da Eco-92,

* Fundador da Agência do Bem, entidade dedicada à promoção do desenvolvimento humano e social em comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro. Dedicou-se à área de consultoria para o terceiro setor por meio de sua empresa Intermedia Social. Mestre em Serviço Social pela PUC-Rio, com especialização em Nonprofit Management pela Harvard Business School. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Criação (1999).

quando centenas de ONGs internacionais aportaram no Rio de Janeiro para participar das discussões sobre desenvolvimento sustentável, e a campanha da Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, com seus milhares de comitês voluntários, liderados pelo sociólogo Betinho, em 1993.

A partir de então, a sociedade civil brasileira mostrou grande capacidade de organização em torno dessas entidades, em parte por conta do desencanto com a (in)ação governamental, em parte pela própria vocação empreendedora do brasileiro. Fato é que, atualmente, a partir de dados compilados junto ao IBGE e à Receita Federal, estima-se que existam cerca de 400 mil pessoas jurídicas sem fins lucrativos no Brasil. Vale ressaltar que desse universo fazem parte de clubes de peteca a entidades religiosas, confessionais, nada afeitas ao perfil de atuação das chamadas ONGs, que prestam serviços sociais, defendem uma causa ou os direitos de um grupo populacional marginalizado, por exemplo. Ainda assim, os números permanecem impressionantes.

Quantas empresas fabricantes de automóveis existem no Brasil? Quantas marcas de refrigerantes, água mineral ou sucos podem ser encontradas nas prateleiras dos supermercados? Algumas dezenas. E quantas ONGs que ajudam crianças existem no país? Dezenas de milhares.

Repare que ainda que automóveis sejam cada dia mais contestados por serem agentes poluentes num mundo em plena crise ecológica e que refrigerantes sejam considerados vilões na luta pela saúde e pela boa forma numa sociedade narcisista, todos sabem o conforto e a agilidade que o carro proporciona e a refrescância e o sabor inigualável que tem a sua bebida preferida. Tais atributos são evidentes e determinantes para a decisão de compra. Mas qual benefício direto pode ser percebido ao se efetuar uma doação para uma ONG que pesquisa tratamentos alternativos para anemia falciforme? Ou para uma outra que oferece aulas de xadrez para deficientes visuais? Quando o doador está perto do problema, tendo um parente que sofre do mesmo mal, por exemplo, o apelo é evidente. Porém, se essas entidades dependerem unicamente das doações dos familiares das pessoas que atendem, fatalmente fecharão suas portas.

Diante desse panorama, fica mais fácil compreender o papel da comunicação para uma organização do terceiro setor. Comunicar-se bem, para uma ONG, significa chamar a atenção da sociedade para a causa que defende, atrair patrocinadores interessados em associar a sua imagem aos projetos que realiza e prestar contas a todos sobre a forma como recebe e aplica os seus recursos. Trata-se de um ciclo virtuoso bastante simples de entender: visibilidade atrai recursos, que financiam mais ações, gerando mais visibilidade, atraindo novos recursos.

Alguns *cases* interessantes ilustram como a comunicação, quando feita e planejada corretamente, pode ser o motor do desenvolvimento institucional ou fator chave para

que determinada causa seja percebida como relevante pela coletividade, passando a ser replicada ou disseminada como um vírus do bem.

Como um bom exemplo, é possível citar os Doutores da Alegria, grupo de atores que realiza visitas a crianças hospitalizadas, utilizando a figura do palhaço, que viu seu nome próprio passar a denominar um novo modo de atuação artístico-humanitária especializada, hoje presente em todo o país. Em cada hospital brasileiro existe um grupo que se inspira nessa causa e a reproduz, acreditando que a alegria é o melhor remédio. É um processo de substantivação semelhante ao do *chiclete* ou da *gillette*.

Outra estratégia de comunicação bem-sucedida para fortalecimento de uma entidade pode ser vista nas práticas do Grupo Cultural AfroReggae, que investiu, em seu início, na proximidade com personalidades do meio artístico para alcançar notoriedade, atraindo o interesse da imprensa para suas ações. Mais recentemente, essa intimidade bem construída com os meios de comunicação, combinada com a saudável ousadia dos seus dirigentes, elevou a organização ao status de interlocutora da sociedade com líderes do tráfico de drogas em episódios de alta tensão quando da instalação de UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) em comunidades cariocas. Tentativas de diálogo e negociações de rendição foram protagonizadas pelos integrantes da ONG. Tudo registrado pelas câmeras de televisão e veiculado em rede nacional. Atualmente, não se faz matéria jornalística sobre violência urbana sem que se ouça um representante do AfroReggae.

O caso da organização ambientalista Greenpeace é também emblemático pelas suas ações espetaculosas e ousadas. Puro marketing. No melhor sentido do termo. Sua atuação tem por base a chamada desobediência civil e a ação direta: paralisações, bloqueio de vias públicas, invasão de navios e plataformas, constrangimentos a governantes, entre outras táticas. A lista é longa. E quem ousa dizer que não funciona? A ONG, de origem canadense, conta atualmente com cerca de três milhões de pessoas doadoras mensais em todo o mundo.

Diante de um mercado publicitário restritivo, com baixa capacidade de absorção de jovens profissionais, especialmente pelas agências, os formados em Comunicação Social precisam buscar colocação em novos mercados. Mas isso não é novidade. A primeira boa notícia, para eles, é que a economia brasileira segue aquecida, criando empregos e demonstrando uma dinâmica invejável perante o quadro de crise internacional. Assim, os comunicadores recém-formados encontram mercado de trabalho junto às empresas, em carreira corporativa, nas áreas de gestão, marketing e planejamento, também em projetos inovadores ligados à chamada nova economia, num mundo cada dia mais conectado. E a segunda boa notícia é que o chamado terceiro setor da economia, o das organizações sem fins lucrativos, que movimenta bilhões de reais anualmente, é também um segmento extremamente carente de profissionais qualificados na área de Comunicação Social.

Antes visto como uma espécie de refúgio para os profissionais desencantados com o vale-tudo do mercado publicitário ou como laboratório de ensaios para jornalistas em busca da comprovação da teoria de que notícia boa vende jornal, o terceiro setor deve passar a ser visto também como objetivo de carreira. Embora ainda não pague salários equivalentes aos de outros setores, é possível encontrar colocação atraente e posições desafiadoras. Tendo ainda a garantia de um sono mais leve ao final da jornada. E quem sabe, até, um lugarzinho no céu.

Além da qualidade da formação acadêmica, a formação humanista oferecida pela PUC-Rio contribui fortemente para preparar profissionais para atuar no terceiro setor. Soma-se a isso a grande variedade de projetos de extensão que a Universidade promove, muitos deles desenvolvidos no interior de comunidades de baixa renda, que se constituem em valiosas oportunidades para seus estudantes conhecerem de perto a realidade social da cidade em que vivem. Através desse contato, muitos descobrem sua vocação profissional.

O Projeto Comunicar é um exemplo proeminente dessa vertente de ação da Universidade, que se materializa na produção dos anúncios de campanhas e de projetos elaborados pelo Núcleo de Criação, nas matérias que retratam e amplificam ações sociais e solidárias nas páginas do Jornal da PUC, nos programas de rádio e na TV. Para além dos muros da academia, o Projeto auxilia, através do Núcleo de Comunicação Comunitária, lideranças e grupos de diversas favelas a produzirem sua própria comunicação, promovendo o debate e a busca de soluções para problemas e projetos de interesse coletivo.

Uma sociedade livre e democrática não pode prescindir de bons comunicadores. Mas uma sociedade justa e sustentável carece de comunicadores bons: bons profissionais, bons cidadãos, cientes do papel social que podem e devem exercer. Há décadas o departamento de Comunicação Social e o Projeto Comunicar da PUC-Rio formam comunicadores capazes de conciliar com sabedoria e competência essas duas virtudes.

O bom filho da casa não sai: de estagiário a contratado da PUC

Léo Tarta*

Aos 17 anos, quando fiz o meu primeiro vestibular, estava na dúvida entre cinco cursos diferentes. Diferentes mesmo: Odontologia, Medicina, Comunicação Social, Engenharia de Telecomunicações e Direito, na ordem de prioridades. Cada opção dessas tinha um sentido, ou não. Pais dentistas, uma das irmãs médica, cunhado engenheiro. Direito por ter sido sempre o persuasivo da família – pelo menos era o que diziam. Prestei todas as provas para Odontologia, afinal eu me identificava com a profissão e vi a vida inteira meus pais de branco num consultório; achava interessante. Na dúvida, achei melhor tentar o futuro mais certo. Abandonei totalmente a ideia das outras, menos a de Comunicação Social, que ainda fazia um zumbido na minha cabeça. O primeiro trote foi em 2004.1. Conheci muita gente boa, pessoas que pareciam que gostavam mesmo do que faziam. Não demorei muito para perceber que não era o meu caso. Ao final do primeiro período, tomei coragem e sentei para conversar com os meus pais. Momento complicado na minha mente, já que pai, mãe e irmã mais velha são dentistas. Resultado da conversa: todos achavam que eu deveria mesmo mudar, e mais, que Comunicação era a minha cara, que devia ter feito desde o início. Comecei a procurar vestibulares de meio de ano. Na instituição que eu queria não tinha tal prova. Só no final de cada ano. Então, para não ficar parado e perder o ritmo, fui estudar na Facha, para adiantar o que eu sabia que seria o destino do ano seguinte.

Um mês depois de ter largado a roupa branca, fui vestir bermuda e tênis, uniforme dos calouros do curso de Comunicação. Meu segundo trote foi em 2004.2. Novas matérias, totalmente diferentes do semestre anterior. Gostei. Aproveitando apenas as aulas na parte da manhã, ao contrário da outra faculdade, resolvi fazer cursos de *softwares* de design gráfico. Gostei mais ainda. Trabalhar com aquilo seria muito bom.

Ao final do ano, me inscrevi no vestibular da PUC. Consegui minha vaga. Já tinha diversos amigos por lá e sempre que frequentava o campus ficava maravilhado com tudo: as pessoas e seus diferentes estilos, o vento dos pilotis, os eventos, a tecnologia das salas, entre outras coisas que a PUC poderia me oferecer. Mais um trote, o terceiro. Já era o veterano dos trotes, mas mesmo assim me pintavam.

* Sócio da agência de comunicação digital Nova Comunicação. Ex-estagiário do Projeto Comunicar na Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio (2007).

Conheci muita gente nas três universidades, nos eventos, nas diversas aulas separadas, já que aproveitei as matérias da outra faculdade. Acredito que a influência de diversas características e costumes foi um diferencial na minha vida acadêmica e pessoal.

Já no terceiro período, ainda não decidido totalmente sobre Publicidade ou Jornalismo, passei um mês como estagiário na rádio Band News FM, o que me fez ter a certeza de que a Publicidade era o meu caminho. Assim, comecei a procurar estágios e consegui uma vaga numa pequena *house* de um curso de informática no centro do Rio. Fiquei lá por seis meses e depois comecei um estágio na PUC, certamente o mais interessante de todos: trabalhava com professores experientes (que viraram amigos), com amigos de curso, tinha o *campus* inteiro como inspiração e reflexão e ainda não precisava sair da faculdade para ir trabalhar em outro canto. O caminho de ida e volta de Niterói me dava um tempo suficiente e precioso para meditar e fazer minhas anotações diárias de ideias e projetos.

O Projeto Comunicar foi um marco principalmente pela qualidade do trabalho e pelo fato de poder aprender na prática a publicidade com clientes de verdade, com situações verdadeiras, prazos curtos, o *briefing* do atendimento feminino. Não tenho conhecimento se aconteceu de novo, mas eu era o único homem do grupo numa sala. Virei *expert* em assuntos de novelas e celebridades. Em seis meses de estágio, trabalhei com muitos clientes, de todos os tamanhos e de várias qualidades. Apreendi a lidar com *jobs* para clientes corporativos exigentes e para clientes internos da PUC. Acredito que poder trabalhar com o mundo universitário e suas idiossincrasias tenha sido um dos maiores aprendizados.

Particpei de alguns concursos de publicidade, que a própria Agência Experimental do Projeto Comunicar incentivava. Fui finalista do prêmio Jovens Criativos, promovido pelo Infoglobo, e tive uma peça selecionada para a Casa da Criação do Rio de Janeiro. Na ocasião, recebi a oferta de um estágio em uma agência grande, mas acabei recusando por ter colocado na cabeça a ideia de abrir meus horizontes e passar um tempo fora do país.

Em dezembro de 2007, morei uns meses nos Estados Unidos, para conhecer novas culturas e aprender um pouco mais sobre a vida. Poderia ter ido antes, mas antes dos 21 não é tão divertido. Voltando da viagem, vi que precisava fazer algo grandioso para a minha vida, algo que mudasse tudo para mim e que marcasse a minha passagem. Em 2008, um amigo da PUC me convidou para começar um novo negócio. Desde então me dedico diariamente à Nova Comunicação. Trabalhamos desenvolvendo projetos de comunicação digital para diversas empresas, de diversos tamanhos. Quando estávamos ainda no projeto embrionário, botando a sementinha na terra, tivemos ajuda de diversos professores da PUC, que sempre deram um suporte sem tamanho – e até hoje ainda dão, mesmo após quatro anos de formados.

O Projeto Comunicar fez muita diferença na minha caminhada, principalmente porque abriu a minha mente para o mercado de trabalho e me preparou para o dia a dia de uma empresa, uma vez que lá pude vivenciar os problemas diários que precisam ser resolvidos dentro de um negócio de comunicação. O cotidiano do ofício, a ordem do trabalho e a organização, além de estar perto dos diretores e de pessoas competentes, analisando um jeito que julgo correto, condizente e atual de hierarquia que também aplico na forma de administrar a equipe como a que gerencio hoje.

A assertividade das pessoas que comandam o Projeto também me estimulou a agir de forma diferente da usualmente aplicada: facilitar relacionamentos interpessoais e motivar sempre as pessoas de forma interessante, mantendo o bom relacionamento e o alto-astal para enfrentar os leões de cada dia.

Hoje, quatro anos depois da minha formatura, ainda mantenho laços com a PUC. Não só emocionais. Agora, com uma empresa que surgiu de dois alunos da PUC, desenvolvemos junto com o Projeto Comunicar a TV Pixel, o canal de comunicação digital da PUC. Sou muito feliz e realizado de poder estar sempre com as pessoas que tanto me ensinaram e ter o prazer de ainda vivenciar alguns dias no *campus* mais bonito do Rio.

A experiência de escrever para o terceiro setor

Letícia Hanower*

O *briefing* dos sonhos de qualquer publicitário começa com grandes clientes. Marcas multinacionais de refrigerante, vodca, rede de postos de gasolina, chinelos, marcas esportivas e energético.

A vida real, porém, é diferente daquilo que é alimentado na faculdade: o importante não é só ser genial em campanhas enormes, mas saber incrementar pequenas doses de genialidade em clientes menores, com menos verbas e menos abertura para ousar.

Por isso mesmo, trabalhar com o terceiro setor traz não só a já conhecida sensação de ajudar aqueles que precisam sem pedir nada em troca, mas também abre portas para a vida real: aquela que não lhe permite escolher grandes marcas com grandes orçamentos para grandes campanhas.

Poder oferecer para uma instituição a ajuda e a visibilidade que sozinha ela não teria é mais do que gratificante: é dormir sabendo que você ajudou alguém a ajudar outras pessoas. É acreditar em causas. É unir voluntários e ONGs. E, finalmente, é ter a sensação de trabalho cumprido, mesmo que aquele trabalho nem seja seu, ou que nem existisse antes de você chegar.

Se a publicidade é criar necessidades que as pessoas não sabiam que tinham, trabalhar para o terceiro setor é poder exercer isso da forma mais pura: é ajudar as ONGs a resolverem questões que elas não sabiam que poderiam ser resolvidas.

Trabalhar com clientes pequenos, sem verba e sem grandes aberturas para formas mais ousadas, traz ainda um grande desafio profissional e um choque de contextos: sair dos *briefings* ideais propostos pela faculdade para a realidade de poder comunicar sem perder a criatividade e a inteligência por trás da mensagem a ser passada.

Sem perceber, cria-se aí uma inteligência que não se ensina na faculdade: a de saber trabalhar com o que se tem, e de fazer o melhor possível em cima disso.

Assim, une-se a realidade dessas diversas instituições carentes com a realidade de alunos que precisam de um choque com a vida real antes de entrarem no mercado de trabalho. Sem saber, e em uma ajuda mútua, o terceiro setor trabalha para o futuro da publicidade, e o futuro da publicidade, para o terceiro setor.

E é nesse clima de troca e de ajuda que ONGs se desenvolvem e fazem-se conhecer, enquanto alunos de publicidade aprendem, de verdade, como funciona o dia a dia que os receberá dentro de alguns semestres.

* Redatora júnior na Biruta Ideias Mirabolantes. Ex-estagiária do Projeto Comunicar na Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio (2009-2010).

Um estagiário atendendo uma conta completa: o *case* da ONG Ação pelo Semelhante

Vanessa Manhães*

Meu nome é Vanessa Manhães Costa Pereira, tenho 25 anos e estagiei na Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio (AEP) durante nove meses, de julho de 2008 até março de 2009. O estágio na AEP foi minha primeira experiência profissional na área de publicidade.

O método adotado pela agência de prospectar clientes do terceiro setor e oferecer anúncios gratuitos no Jornal da PUC possibilita aos alunos que conheçam exatamente todas as etapas e processos de uma agência, pois geram uma oportunidade de veiculação para clientes que não possuem condições de investir em propaganda e divulgar seu trabalho.

Um dos clientes que atendi durante o período de estágio na agência foi a ONG Ação pelo Semelhante, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem filiação partidária ou religiosa, que realiza ações solidárias, através da democratização do uso da homeopatia e de outras práticas de saúde.

O primeiro contato com a ONG aconteceu por intermédio de um ex-aluno da coordenadora de estagiários, Bárbara Assumpção, que nos forneceu o contato para prospectar o cliente. O diretor da ONG, dr. Hylton Luz, se interessou em divulgar o trabalho de sua instituição nos espaços gratuitos de anúncios no Jornal da PUC que a AEP produz.

O atendimento à Ação pelo Semelhante começou então com a produção de um anúncio para o Jornal da PUC, com o objetivo de informar sobre a missão da ONG e um dos seus principais projetos, a campanha nacional “Homeopatia Direito de Todos”, que tem como finalidade fazer mobilizações públicas para arrecadar assinaturas em prol do acesso ao tratamento de homeopatia, acupuntura e fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS). O anúncio foi publicado no Jornal da PUC, no dia 25 de setembro de 2008, edição número 206, ano XXI.

Diferente do que acontecia com a maioria dos clientes, após a veiculação do anúncio outras peças foram criadas. Com o mesmo propósito do anúncio, a AEP criou *flyers* para a ONG Ação pelo Semelhante, que foram distribuídos em um ciclo de seminários. O *layout* foi mantido e o texto sofreu ligeiras alterações. No verso do *flyer* foi acrescentada

* Executiva de contas no Grupo Artplan. Ex-estagiária do Projeto Comunicar na Agência Experimental de Propaganda da PUC-Rio (2008-2009).

uma tabela, com espaço para nome, CPF e assinatura, para conseguir fazer com que mais pessoas se engajassem à causa da campanha “Homeopatia Direito de Todos”.

Após essas peças, um *spot* foi criado a partir de um *briefing* institucional. Dois roteiros de filmes também foram apresentados com linhas diferentes; um deles foi montado a partir de um DVD já existente da ONG sobre a coleta de assinaturas para a campanha “Homeopatia Direito de Todos”. Foi realizada uma seleção das falas e cenas, que posteriormente foram editadas para a formação final do comercial. O outro roteiro seguiu a linha de um discurso sobre a homeopatia, defendendo-a como uma opção de vida.

Para encenar o segundo roteiro, um discurso direto sobre a homeopatia, o dr. Hylton Luz sugeriu a participação da atriz Alessandra Negrini, que também era sua paciente e se dispôs a atuar sem cobrar nenhum cachê pelo trabalho. A gravação do comercial aconteceu no dia 28 de outubro, no *campus* da PUC-Rio. A atriz vestia a camisa da ONG Ação pelo Semelhante e gravou todo o discurso, conforme roteiro aprovado por ela e seus assessores. Toda a documentação de direito de imagem foi providenciada pela AEP. A produção e edição dos roteiros criados também foram feitas pela agência, em parceria com a TV PUC, ambos do Projeto Comunicar.

Os dois comerciais foram editados pelos estagiários, Rubens Coelho e Fernanda Dessupoio. Os filmes foram exibidos durante os meses de novembro e dezembro, antes de todas as sessões no Cine Santa e na internet. Essa ação teve o apoio do cinema Cine Santa e da Rain Network. O comercial também pôde ser visto no Canal Universitário do Rio de Janeiro, UTV (canal 11 da NET), um canal exibidor de produções realizadas pelas instituições de ensino superior filiadas à Sociedade de Televisão das Universidades do Rio de Janeiro, entidade sem fins lucrativos e de utilidade pública.

Outras iniciativas entre a ONG e a AEP foram organizadas, como: ações promocionais na Universidade, mídias alternativas e ações de fidelização para sócios da ONG, com informativos sobre o trabalho da instituição. Com isso, a ONG conseguiu muitos mais adeptos a sua causa, e uma nova linha de comunicação começou a ser traçada. As peças possuíam uma identidade visual e conseguiam seguir um plano de comunicação. Pensamos em estratégias, mesmo com a pouca verba do cliente. Conseguimos comunicar e fazer propaganda de boa qualidade com estratégias e boas ideias.

Essa foi a minha primeira experiência com atendimento publicitário. Uma oportunidade que abriu diversas portas e me trouxe uma aprendizagem fundamental sobre o funcionamento e os processos de uma agência. Hoje sou executiva de contas, na Artplan, passei por algumas agências, mas lembro com muito carinho da primeira campanha que ajudei a desenvolver, meu primeiro plano de comunicação, meu primeiro *case*. Um aprendizado fundamental que me proporcionou uma excelente base profissional e ajudou a fundamentar minha escolha e meu caminho como atendimento.



**NÚCLEO DE
ASSESSORIA
DE COMUNICAÇÃO**

RÁDIO

INTERNET

Tríplice experiência

*Lilian Saback**

O Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet foi criado em etapas pela professora Clarice Abdalla. Em 1996, a partir de uma parceria entre o Projeto Comunicar e a Rádio Catedral FM, nasceu a produção de rádio com o lançamento do programa Revista Jovem. No ano seguinte, em 1997, Clarice inovou e projetou o primeiro programa de webrádio feito por universitários: a Estação Pilh@. Assim surgiu o segmento internet. Em 1998, ciente da urgência de divulgar as ações da PUC-Rio na mídia, ela decidiu integrar ao grupo o trabalho de assessoria de comunicação.

Em 16 anos de existência, o “Núcleo da Clarice” cresceu, sofreu mudanças e ganhou uma equipe, que circula em três nichos do jornalismo: assessoria de imprensa, rádio e web. Clarice Abdalla nos deixou em 2009 e coube a mim, Lilian Saback, a difícil tarefa de tocar para frente essa grande empreitada que celebra com a mesma importância o zelo pela imagem da PUC-Rio e a capacitação de jovens profissionais para o mercado de trabalho. É deste novo momento do Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet que vamos falar neste texto.

Assessoria de Comunicação

O “cliente” PUC-Rio, como um todo, é poderoso e sua excelência acadêmica transita em diversas áreas. Além do atendimento prioritário à reitoria, a assessoria está atenta às atividades desenvolvidas pelas quatro vice-reitorias, 13 unidades complementares, 15 coordenações, e pelos quatro centros: Centro de Tecnologia e Ciências Humanas (CTCH), Centro de Ciências Sociais (CCS), Centro Técnico Científico (CTC) e Centro de Ciências Biológicas e Medicina (CCBM). Juntos eles possuem 33 graduações e 51 cursos de pós-graduação em 24 departamentos.

Para fazer o trabalho de divulgação das centenas de ações promovidas por todas as frentes da Universidade, a assessoria trabalha com dez estagiários do curso de Jornalismo, supervisionados por três professores: eu, Lilian, além de Gustavo Chataignier e Luciana Pereira.

* Coordenadora do Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet do Projeto Comunicar, professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio e doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO).

Nosso objetivo é ser uma ponte de mão dupla entre a PUC-Rio e os veículos internos e externos de comunicação, o que contribui, simultaneamente, para inserir a imagem da instituição na mídia e consolidar o aprendizado de nossos estagiários. Ao longo de 16 anos de existência, já passaram pelo núcleo 380 estagiários. Os estudantes aprendem que para se estabelecer um vínculo de credibilidade entre os dois extremos, nossos “clientes” e os jornalistas que trabalham em redações, é necessário fazer um trabalho cuidadoso e contínuo.

O atendimento de um assessor de imprensa começa com reuniões com o “cliente”, que resultam em *releases*,¹ sugestões de notas e pautas. Um material que depois será enviado a um *mailing*² elaborado especialmente para cada situação. Quando a Universidade promove um evento, o trabalho é dobrado. É necessário, além de produzir o *release* e o *mailing* específico, desenvolver uma estratégia, pensar as entrevistas e reportagens exclusivas, as notas, soltar o aviso de pauta, fazer o *follow-up*³ e atender a imprensa no dia – colocando os coleguinhas para entrevistar todos que, para o nosso cliente, devem estar na mídia. No dia seguinte o trabalho continua: é preciso fazer o *clipping*⁴ e, por fim, apresentar os resultados.

Os exemplos anteriores apresentam apenas uma parte do trabalho feito na assessoria. Não podemos esquecer as solicitações da imprensa que chegam todos os dias por telefone ou e-mail. No caso da PUC-Rio, essas são muitas. É preciso responder a essa demanda de pedidos de entrevistas buscando entre os docentes o entrevistado ideal, aquele especialista que está disposto e disponível para dar uma entrevista ou escrever um artigo, por exemplo. É quase uma gincana coletiva da qual participamos ativamente com a meta de sempre levar o prêmio para o *clipping* publicado no site da Universidade. Só para dar uma ideia do volume de trabalho, por ano, são feitos em média 1.500 atendimentos à imprensa; produzidos *releases* e sugestões de notas e pautas de mais de 200 assuntos diferentes; e divulgados cerca de 30 eventos realizados no *campus*, em especial os organizados pela reitoria. Entre janeiro e julho de 2012, os estagiários produziram 119 notas e *releases*, e os *clippings* de TV, rádio, internet, jornal e revista somaram 1.612 matérias veiculadas e publicadas.

Dois experiências vividas pela equipe da assessoria merecem ser compartilhadas: o Muticom 2011 e a participação da PUC-Rio na Rio+20. A primeira orquestrou toda a estrutura de divulgação do Mutirão da Comunicação promovido pela Conferência Na-

¹ Texto com informações oficiais produzido para ser distribuído à imprensa.

² Relação de telefones e e-mails de jornalistas.

³ Expressão em inglês absorvida pela área de assessoria de imprensa para se referir ao contato feito com o jornalista após o envio do *release*.

⁴ Serviço de apuração de tudo que sai na mídia sobre o tema ou empresa divulgada.

cional dos Bispos do Brasil (CNBB) e realizado pela Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Já a segunda deu suporte à organização de dois eventos realizados no *campus* Gávea, que antecederam a reunião dos chefes de Estado na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, além de acompanhar e divulgar as principais participações de professores e alunos em eventos paralelos que ocorreram na cidade.

Para o Muticom a equipe da ASCOM foi composta por seis estagiários, escalados para fazer a cobertura do evento e o atendimento da imprensa, tanto o específico do Muticom quanto as solicitações rotineiras. Durante os seis dias de Mutirão circularam pelo *campus* Gávea da PUC-Rio 1.237 participantes, o que equivale a aproximadamente 10% do fluxo diário na Universidade. Desse total, 294 eram jornalistas e alguns deles estavam no Rio apenas para a cobertura do evento. Para atender essa demanda foi criado o Andar da Imprensa, onde foram produzidos *releases* diariamente. Essa mesma equipe começou a trabalhar na divulgação do evento em maio e, ao todo, enviou para a imprensa 59 *releases* e notas.

O Andar da Imprensa foi montado no quinto andar do edifício Kennedy. Foram colocados à disposição dos jornalistas dois laboratórios de informática – cada um com vinte computadores Mac e uma linha telefônica –, três ilhas de edição de vídeo e estúdios de televisão e rádio do departamento de Comunicação. Além dos estagiários do Projeto Comunicar, dez estagiários do setor técnico auxiliavam os jornalistas diante de eventuais problemas com os computadores e demais equipamentos.

No final do evento a equipe da assessoria produziu um *clipping* com boa parte das reportagens veiculadas antes, durante e depois do Muticom. Todo o material foi disponibilizado em um box de DVDs. Para os estagiários da assessoria foi uma experiência enriquecedora, principalmente porque atenderam a uma mídia especializada, a dos veículos católicos, um segmento de pouca visibilidade para os estudantes acostumados a receberem solicitações de jornalistas dos veículos de comunicação da grande imprensa.

Organizar o suporte de assessoria para os realizadores dos eventos que antecederam a Rio+20 foi um desafio para o núcleo. Para o Fórum de Ciência, Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento Sustentável, realizado na PUC-Rio entre os dias 11 e 15 de junho de 2012, foram montadas duas salas de imprensa no ginásio da Universidade. Dez estagiários foram divididos em turnos e com funções diferentes: enquanto alguns produziam *releases*, outros traduziam textos ou até, se necessário, atuavam como intérpretes. Durante uma semana eles assistiram a conferências que reuniram mais de 500 cientistas e foram acompanhadas por 45 jornalistas. Dessa vez, os estagiários vivenciaram duas novidades: o contato direto com a imprensa estrangeira e a responsabilidade de produzir conteúdo para o site PUC-Rio+20, que era atualizado permanentemente.

O site, elaborado pelo departamento de Comunicação em parceria com o Projeto Comunicar, foi desenvolvido para ser uma interface simples e eficaz entre o público dos eventos e a PUC-Rio. Ao navegar por ele, o usuário tinha acesso às programações dos eventos, *releases* de cobertura, vídeos, links, informações de serviço e, ainda, podiam acompanhar todas as transmissões ao vivo de palestras, acessar o fluxo de informações no Twitter e o nosso canal no YouTube. O site, assim como toda a estrutura montada pela assessoria para o Fórum, foi aproveitado para o evento “Ideias justas”, organizado pelo International Institute for Environment and Development (IIED) e realizado no fim de semana seguinte, nos dias 16 e 17 de junho. Assim como no Fórum, a equipe da assessoria divulgou *releases* de cobertura de todas as palestras. Ao todo, para os dois eventos, foram produzidos e divulgados 290 *releases* e notas, o que gerou à PUC-Rio 95 inserções espontâneas na mídia. Missão cumprida!

Internet

Desde o início de 2009 a Assessoria de Comunicação da PUC-Rio ganhou um perfil no Twitter e entrou para o universo das mídias sociais. Com isso, aos poucos, o grupo da internet ganhou força no Núcleo. Atualmente, são três estagiários produzindo conteúdo para o Twitter (@AssessoriaPUC) e para o Facebook (AssComPUC-Rio) da assessoria. O objetivo inicial era traduzir para linguagem de web grande parte dos *releases* produzidos e, ainda, replicar as reportagens nas quais a Universidade é citada. Tarefas que aos poucos ganharam uma rotina semelhante à de uma redação de jornal: os estudantes são pautados para cobrir eventos que ocorrem no *campus* e o texto produzido é aprovado e publicado de imediato.

Além desse trabalho, os estagiários de internet fazem todos os dias um monitoramento das mídias sociais. O objetivo é saber quem e como estão falando da PUC na web. Esse trabalho nos permite muitas vezes antecipar alguma estratégia de divulgação. Certa vez, por exemplo, alunos de diversos cursos especulavam no Twitter se haveria aula ou não na Universidade por causa de uma assembleia de funcionários que havia sido marcada. Na mesma hora em que soubemos da troca de mensagens, pudemos informar que as aulas não seriam prejudicadas. Em outra situação, quando um temporal atingiu o Rio de Janeiro e deixou o *campus* Gávea sem luz, logo cedo divulgamos no Twitter que as aulas estavam suspensas. A mensagem foi “retweetada” 124 vezes.

O monitoramento das mídias sociais permite também construir outro *clipping*, aquele que reúne *posts*⁶ em blogs e páginas do Facebook. São os novos canais de comunicação que, por serem, na maioria das vezes, produzidos por pessoas que não são jornalistas, ainda têm pouca credibilidade. Entretanto, esse cenário está mudando com

⁶ Termo utilizado para se referir a publicações na web.

a mesma velocidade que a internet impõe à informação. Muitos veículos tradicionais de comunicação têm blogs e páginas no Facebook. Sem saber ao certo onde tudo isso vai parar, nossa equipe de internet segue antenada com as novas ferramentas tecnológicas. E assim, aquela função inicial, a de publicar a Estação Pilh@ na web, que efetivamente inseriu estagiários de internet no Núcleo, acabou ficando para os repórteres do rádio.

Rádio

A equipe de rádio do Projeto Comunicar produz dois programas: o Revista Jovem e a Estação Pilh@. O Revista Jovem tem 25 minutos de produção e é veiculado aos sábados, às 13h, na Rádio Catedral FM. As reportagens são pautadas, produzidas e realizadas por sete repórteres: quatro trabalham pela manhã e três à tarde. Apesar de ser produzido por alunos de uma Universidade católica e veiculado em uma emissora de rádio católica, o programa tem uma linha editorial aberta para todos os tipos de questões que estão em pauta no país: da política ao esporte, passando, é claro, pela educação. O objetivo é fazer um programa leve, mas que traga um tratamento da notícia de forma mais analítica para um público, segundo o IBOPE, de cerca de 20 mil pessoas.

A Estação Pilh@ é o que hoje chamamos de *podcast*, um arquivo de áudio publicado na internet. São reportagens especiais de rádio, de aproximadamente dez minutos, veiculadas no site da Universidade. A produção é sempre feita por um dos repórteres do Revista Jovem e trata, na maioria das vezes, de temas e datas emblemáticas. O programa nem sempre foi assim. No início, quando foi idealizado, seu perfil se assemelhava ao que chamamos hoje de blog. Em uma página de internet eram postados, além do áudio, textos e fotos sobre o mesmo tema. O acervo com mais de cem programas dessa fase está disponível em www.pilha.vrc.puc-rio.br/arquivo_pilha.html. Com o novo formato, objetiva-se usar apenas a linguagem radiofônica para dar um tratamento mais aprofundado sobre cada tema pautado.

Para os estagiários de rádio o grande desafio é pensar em pautas que permitam um tratamento desconectado com o factual. Ou seja, partir de um assunto quente para chegar a questões mais complexas, mas que efetivamente façam parte do dia a dia do ouvinte. Esta nova geração recebe tanta informação fragmentada, que, na maioria das vezes, não consegue ir além do que lhe é fornecido em 140 caracteres. Para eles é difícil desconstruir um fato para buscar o que há por trás, nas entrelinhas, o que faz com que determinada situação aconteça e quais as suas consequências. É difícil, mas eles aprendem e os resultados são ótimos. Em 2012, por exemplo, as três repórteres mulheres que integravam a equipe se juntaram para fazer um especial para o Dia da Mulher, 8 de março. O programa abordou o feminismo, a mulher no mercado de trabalho e a maternidade sem demagogia. Essa e outras edições da Pilh@ podem ser conferidas em www.pilha.vrc.puc-rio.br.

As gravações, tanto do Revista Jovem como da Estação Pihl@, são feitas no estúdio de áudio 1 do departamento de Comunicação da PUC-Rio. A equipe dispõe de dois horários por semana para editar todo o material. Para permitir que os estagiários vivenciem ainda mais o dia a dia de um repórter de rádio, a cada semestre fazemos o programa Revista Jovem ao vivo, direto dos estúdios da Rádio Catedral FM, na Glória, zona sul do Rio de Janeiro. Além disso, inserimos a equipe de rádio em todas as coberturas de grandes eventos, como os dois já citados, Muticom e PUC-Rio+20, e a Feira da Providência. Nessas ocasiões, os estagiários fazem entradas ao vivo durante a programação da Rádio Catedral.

As duas experiências são enriquecedoras tanto para os estudantes como para nós, professores. É bom sentir a adrenalina do “ao vivo”. Para os repórteres, a participação em coberturas de grandes eventos e a possibilidade de entrar ao vivo em uma rádio comercial são os momentos mais importantes do estágio. Ficar lado a lado a um repórter do site G1 ou da *Revista Veja* e ter coragem de fazer uma pergunta para o Ministro da Ciência e Tecnologia, por exemplo, é para eles uma conquista. Já para nós, professores, não há nada melhor que sentir a euforia de um jovem estudante de Jornalismo diante da notícia e vê-lo caminhando com as próprias pernas, fazendo descobertas e trabalhando feito um profissional. Não dá para esconder o sentimento de que estamos no caminho certo, estamos contribuindo para uma guinada na vida de cada um que passa pelo Projeto Comunicar.

Vidas cruzadas

O Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet reúne estagiários que estão desde o primeiro até o oitavo período do curso de Jornalismo, alguns que ainda nem definiram a habilitação que vão seguir. A percepção, portanto, de cada um quanto ao estágio é muito particular. Existem os que chegam sem qualquer informação sobre a função que vão desempenhar e, também, os que já trazem na bagagem alguns ensinamentos práticos obtidos em outros estágios supervisionados. Seja qual for a história de cada um, é interessante acompanhar o processo de transformação pelo qual eles passam durante os meses de trabalho em um Núcleo que mistura três segmentos diferentes. No geral, eles acabam por interagir com atividades que não estavam programadas inicialmente. Tem o assessor que grava uma reportagem de rádio, ou o repórter do Revista Jovem que publica uma nota no Facebook ou faz um atendimento de uma solicitação de imprensa. Na opinião deles, essa integração é positiva e possibilita o aprendizado de três funções diferentes.

Mas as mudanças vão além do aprendizado. É comum ouvir o depoimento de um estagiário que diz ter ficado mais responsável, antenado com as notícias, conhecedor

das questões que envolvem a comunidade PUC-Rio e, ainda, que vai sentir saudades do Comunicar. O laço que une as equipes do Núcleo as transforma em um único grupo de amigos que, na maioria das vezes, sobrevive fora da Universidade por anos. Talvez esta seja uma das maiores conquistas: colaborar efetivamente para que esses jovens aprendam a respeitar as diferenças, a respeitar o outro e, conseqüentemente, trabalhar em equipe. E saber fazer parte de uma equipe, entender que é uma peça de uma engrenagem que lida com a notícia, é o grande trunfo de um jornalista. É com esse sentimento que, assim como os estagiários, nós, professores, sabemos que o nosso Núcleo faz parte da máquina Projeto Comunicar. Estamos aqui para somar e contribuir cada vez mais para o sucesso dessa empreitada que completa 25 anos.

A prestação de serviço no radiojornalismo

Eduardo de Sousa David

Desde pequeno, o universo do rádio sempre se fez presente na minha vida. Mesmo sem entender nada sobre o seu processo técnico de funcionamento me encantava já na infância a maneira única como esse meio de comunicação, que no Brasil surgiu em 1922 para comemorar o centenário da Independência, conseguia prender a atenção das pessoas com o seu poder de informar, emocionar e distrair com um dinamismo inigualável e usando apenas o dom da fala. Dom este que é a forma mais primária e elementar de comunicação. Muitas vezes ficava me perguntando como um simples aparelho à base de pilha e existente nos mais variados tipos de formato e tamanho conseguia desempenhar essa função sem fazer qualquer uso de imagens. A única certeza que tinha é que o rádio, assim como um fiel amigo, podia ser levado para qualquer lugar, acompanhando as pessoas em todos os momentos.

Eu jamais imaginava que um dia iria cursar Comunicação Social, apesar de o rádio já fazer parte do meu cotidiano por influência dos meus pais, que escutavam os programas de grandes nomes, como Haroldo de Andrade, Adelson Alves, Paulo Giovanni, Valdir Vieira, Luis de França, Antônio Carlos, Edmo Zarife – autor da famosa vinheta Brasil –, entre outros. Comunicadores que escreveram seus nomes na história do rádio brasileiro, cada qual com seu estilo e sua maneira única de falar com o ouvinte.

Por mais que não prestasse muita atenção a esses programas, os comunicadores já eram familiares para mim. O que a TV só iria mostrar nos telejornais da noite, meus pais e eu já sabíamos muitas vezes graças à agilidade do rádio, com seus noticiários como o “Globo no ar”, “Sentinelas da Tupi” e “Seu redator chefe”. Por falar em TV, vale lembrar que grandes apresentadores da televisão brasileira, como Fausto Silva, Chacrinha e Silvio Santos, começaram a sua carreira justamente no rádio.

Quando passei a entender e a me interessar mais por futebol, assim como milhares de outras crianças, minha paixão pelo rádio aumentou ainda mais. Ir ao estádio sem levar um radinho de pilha não fazia o menor sentido.

Era como se o gol só valesse para mim se escutasse a narração de ícones como Waldir Amaral, Jorge Curi, José Carlos Araújo, Luiz Penido, Edson Mauro, J. Santiago e Doalcei Bueno de Camargo. Como gostava de estar sempre informado sobre as notícias

* Editor de conteúdo no site Globoesporte.com. Trabalhou na Rádio Globo e na assessoria de imprensa da Ponte S.A. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Rádio (1999).

do maior número de clubes possível, era imprescindível ouvir programas como “Globo esportivo”, “Panorama esportivo”, “Giro esportivo”, “Bola em jogo” e “Enquanto a bola não rola”. O tempo foi passando, mas a minha paixão pelo rádio não diminuiu. A verdade é que se trata de uma grande magia. Afinal de contas, muitas vezes só um passe de mágica para explicar o funcionamento do rádio, aparelho que liga e desliga em qualquer hora e local, estimulando a imaginação dos ouvintes no sentido de saber como é a pessoa que está ali do outro lado, falando com você na maior intimidade como se fosse um velho conhecido.

Assim que decidi fazer Jornalismo e passei no vestibular da PUC, fiquei ansioso para saber como seriam as aulas de radiojornalismo. Até porque seria a primeira oportunidade de conhecer como é o outro lado da “caixinha”. No entanto, as primeiras aulas de rádio foram só no terceiro período. Uma matéria muito mais teórica do que prática, mas fundamental para entender a importância e o processo histórico desse meio de comunicação. Apenas quando estava já no quinto período é que tive o prazer de ter aulas de radiojornalismo com a saudosa professora Clarice Abdalla. Escrever *flashes*, fazer entrevistas, elaborar pautas. Tudo que até então era muito distante, embora fosse parte da rotina de qualquer jornalista, começava a fazer parte da minha realidade.

Lembro até hoje do programa de rádio que tive de fazer como projeto final dessa disciplina. Mesmo simples e sem muitos recursos, ele aguçou ainda mais a minha vontade de fazer rádio. A consequência é que no período seguinte fiz uma matéria eletiva sobre rádio na internet, com a mesma professora Clarice. Foi quando tive o privilégio de participar do Pilh@, projeto inovador desenvolvido por ela, que tinha como objetivo transformar a internet numa estação de rádio para contar a história e relembrar os sucessos de grandes nomes da música. Uma experiência marcante que me proporcionou conhecimentos jornalísticos e também da vida e obra do grande Raul Seixas. Nessa época, assim como outros estudantes, eu começava a procurar o meu primeiro estágio. Certo dia fiquei sabendo do processo de seleção de estágio para o Núcleo de Rádio do Projeto Comunicar. Lembro como se fosse hoje o nervosismo que senti no dia da prova, pois eram muitos concorrentes para poucas vagas, e a angústia até tomar conhecimento do resultado. Ao saber que tinha passado fiquei muito feliz, pois sabia que ali começava de fato a minha vida profissional.

Foram quase dez meses de estágio que me proporcionaram um intenso aprendizado. Tenho muito orgulho de dizer que fiz parte do Revista Jovem, programa feito pelo Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet do Projeto Comunicar que vai ao ar todos os sábados, às 13h, na Rádio Catedral. Imparcialidade; postura diante do microfone; dicção; elaboração de textos curtos, simples e objetivos com o *lead* abordando a questão mais importante da matéria e o pé complementando a reportagem após a

sonora do entrevistado foram apenas algumas das importantes lições que aprendi e pude realmente colocar em prática no período em que estive no Núcleo de Rádio do Projeto Comunicar, atuando como repórter e apresentador.

Além do Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet, o Projeto Comunicar tinha também uma área de jornalismo impresso e outra de TV. Tudo muito bem integrado e organizado, possibilitando que vários alunos da Universidade pudessem ter sua primeira experiência profissional, colocando em prática no dia a dia as noções que aprendiam nas salas de aula. Assim como aconteceu com outros estudantes, o Projeto Comunicar foi muito importante na minha formação, especialmente para que depois eu conseguisse estágio numa das grandes empresas de comunicação do país: o Sistema Globo de Rádio.

Assim que deixei o Comunicar comecei a estagiar na Rádio Globo, maior emissora da América Latina. Após passar um tempo como *trainee*, fui finalmente efetivado na empresa no cargo de produtor. Trabalhei em vários programas, como o “Papo de botequim”, o “Papo de domingo” e o “Manhã da Globo”, todos apresentados pelo Loureiro Neto. Ao todo foram 11 anos de um aprendizado diário, até me transferir para o Globoesporte.com, onde estou até hoje. Atender os ouvintes, controlar os comerciais, colocar entrevistados no ar, fazer pautas, selecionar as músicas que serão tocadas, acionar o jornalismo e interagir com o comunicador no ar são apenas algumas das inúmeras funções desempenhadas por um produtor durante um programa de rádio. Quem está ouvindo não imagina a adrenalina que é colocar um programa de rádio ao vivo no ar todos os dias. Daí a necessidade do produtor estar sempre bem informado sobre todos os assuntos para que possa desenvolver pautas criativas e interessantes para os ouvintes.

Uma das coisas que mais me fascinam no rádio é o fato dos programas serem feitos ao vivo e poderem mudar a sua estrutura previamente planejada caso um fato importante ocorra. Nesse sentido, o rádio é uma verdadeira escola para qualquer ramo da comunicação, pois lhe dá “cancha”, segurança e preparo para lidar com os mais variados tipos de adversidades. Numa época em que a televisão era ainda um mero sonho de Assis Chateaubriand, foi o rádio que contribuiu para a integração entre as diversas regiões do Brasil, país com dimensões continentais, colaborando inclusive para a educação do povo, como já desejava Roquette Pinto desde a sua implantação. Mesmo com o advento da TV e da internet, o rádio continua sendo um veículo ágil, rápido, prático, atual e importante, sobretudo no que diz respeito à prestação de serviços, ajudando na defesa dos interesses e direitos da população. É como se o rádio fosse a voz, enfim, o representante dos cidadãos perante as autoridades. Problemas como falta de luz, água, saneamento básico, policiamento, coleta de lixo, poda de árvores, além de falhas na educação e no atendimento feito pela rede pública de saúde são algumas das milhares de reclamações

recebidas diariamente pelas emissoras de rádio e que só são resolvidas muitas vezes após serem divulgadas e cobradas ao longo da programação.

Assim como aconteceu na época do surgimento da televisão, muitos diziam que com o advento da internet o rádio iria acabar se tornando obsoleto e ultrapassado. No entanto, a internet só trouxe contribuições, melhorando a interatividade com os ouvintes e aumentando o alcance do meio, já que todo mundo agora em qualquer parte do mundo pode escutar qualquer rádio, acompanhando inclusive o que acontece dentro do estúdio através de câmeras. Não importa a emissora nem para quantos ouvintes você está falando. Quem trabalha em rádio sempre tentará fazer uma programação de qualidade e com credibilidade para conseguir conquistar os ouvintes. A verdade é que enquanto houver pelo menos um mísero ouvinte, a magia e a história do rádio nunca irão acabar. Posso dizer que sempre serei um filho do rádio, pois toda a base da minha formação profissional foi construída nesse veículo de comunicação, a começar pelos princípios básicos adquiridos no Projeto Comunicar e que irão me acompanhar por toda a vida.

Assessoria de imprensa, cada vez mais indispensável

Germana Costa Moura*

O assessor de imprensa é um profissional engraçado. Nas redações, ele é pouco valorizado e até criticado. Os colegas não gostam das centenas de *releases* que chegam como *spams*, nem dos telefonemas incômodos, que lembram um telemarketing: “E aí, gostou da minha pauta?” Na visão estereotipada, somos sem dúvida uns chatos. Mas é exatamente isso, uma caricatura com os dias contados. Experimente viver um dia sem o assessor de imprensa. Dá certo?

Tal como naquele filme *Um dia sem mexicanos*, em que, de repente, a sociedade americana se vê sem a população que faz todo o seu serviço essencial, o assessor de imprensa faz o serviço invisível. Sem ele por perto, como seria? Para mim, muitos jornalistas mais novos de redações entrariam em pânico sem saber como começar a apurar. Cobertura de grandes eventos? Seria o caos. Como os atletas e as delegações fariam chegar suas informações a tanta gente? No dia a dia mais comum, quem informaria sobre o funcionamento dos aeroportos, dos metrô e das barcas? Muitas páginas ficariam em branco... Ou não. Talvez os jornalistas pudessem buscar (caçar?) suas notícias de forma mais direta, sem filtros. Será que o conteúdo seria muito diferente?

A minha aposta é que sim. A notícia acabaria chegando às páginas, claro. Mas de um jeito muito mais difícil e demorado, impensável hoje em dia. A grande mudança estaria nas entrelinhas, na mensagem sutil de cada notícia. Uma mudança que seria sentida no longo prazo, na formação de opinião sobre cada empresa, cada organização. Empresas muito expostas talvez aos poucos sumissem das páginas, cedendo espaço para outras que poucos conhecem. Hoje lemos e consumimos uma mídia que é muito influenciada, sim, pelas assessorias de imprensa, ou melhor, pela comunicação institucional – a soma de assessoria de imprensa, mídias sociais, branding, publicidade, ações de relações públicas etc. O trabalho é invisível, como disse acima, mas a marca fica e se constrói.

Pensando bem, esse dia sem assessorias de imprensa jamais existiria, nem com toda ficção hollywoodiana. Porque o próprio autor da notícia – o atleta, as operadoras dos meios de transporte, as grandes empresas, os políticos, as celebridades – encontraria novos canais para fazer chegar a sua mensagem. A notícia precisa chegar... uns querem

* Sócia diretora da Approach Comunicação. Foi repórter do jornal *O Globo* e assessora de imprensa da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Assessoria (1991).

mostrá-la, outros querem recebê-la. A assessoria surgiu para organizar esse fluxo – e tentar gerar mais conteúdo positivo que negativo. Ela não tem mais volta. Principalmente agora com as mídias sociais. Qualquer cidadão com um celular hoje em dia já tem essa ferramenta de propagar notícia na mão, bastam 140 caracteres! Mas não estou dizendo com isso que qualquer um pode ser assessor de imprensa. É preciso ciência para assumir esse papel de forma muito bem feita e estratégica. Falar por falar é fácil. Se a notícia vai ser bem trabalhada, interessante e não um tiro no pé ou uma porta aberta para crises, isso são outros quinhentos.

Todo esse nariz de cera é para concluir que assessoria de imprensa é uma profissão moderna, que faz parte do jornalismo atual e é cada vez mais indispensável. Você pode até extinguir ou reduzir a figura do copidesque e, num futuro próximo, quem sabe, até do fotógrafo (a convergência está aí e a tendência é os repórteres andarem armados de câmeras leves e super fáceis de manejar), o que eu acho um crime. Mas o assessor de imprensa, não. Esse se multiplica, e vai ganhando cada vez mais espaço, de uma forma que muitas vezes pode ser incômoda ou útil, distorcida e exagerada, boba e superficial ou, de preferência, eficiente.

Nós, assessores de imprensa, quem diria, viramos as fontes. Há vinte anos, quando me formei pela PUC e entrei no jornal *O Globo* como estagiária, os repórteres tinham seus caderninhos de fontes – algumas mais acessíveis, outras menos – que nos auxiliavam com as matérias. Havia sempre a figura do ASCOM, assessor de comunicação. Eram profissionais discretos que anotavam os nossos pedidos, repassavam às fontes e as colocavam em contato com os repórteres pelo telefone. Mas o tempo mudou. As empresas e outros setores, como ONGs, educadores, artistas e esportistas, por exemplo, perceberam que era interessante ter uma voz mais ativa nos meios de comunicação. Valia a pena organizar o discurso, criar estratégias para lançamentos de produtos, organizar coletivas de imprensa de uma maneira diferenciada, almoçar com este ou aquele jornalista e dar uma notícia em primeira mão. A atividade de assessoria foi assumindo uma importância nunca vista.

Foi nessa época de transformação, na virada dos anos 2000, que saí da redação para a comunicação corporativa (saí em 1998, na verdade) e pude testemunhar a crescente postura proativa das fontes e empresas no jornalismo. De acordo com o pesquisador Manuel Chaparro, as fontes assumiram a distribuição de pautas de uma maneira planejada, usando a lógica do marketing e a linguagem do jornalismo.

Nunca como agora o marketing e a notícia andaram tão próximos e interativos. Na política como nos negócios. Nas religiões como na ciência. Na cultura como nos esportes de alta competição. Em qualquer desses campos, e em

outros, os acontecimentos noticiáveis são cada vez mais cuidadosamente planejados e controlados pelos saberes e poderes estratégicos do marketing, que transformam em ações táticas os fatos a serem noticiados. (Manuel Chaparro, no blog www.oxisdaquestao.com.br)

Concordo com Chaparro quanto à lógica e a intenção das empresas (e por empresas, por favor, entendam todos os clientes de uma assessoria de imprensa, sejam ONGs, atletas, celebridades, políticos, gente da moda, donos de restaurantes etc). Mas discordo que seja tão fácil ganhar espaço na mídia. É verdade que as assessorias de imprensa se profissionalizaram, administrando melhor o conteúdo de seus clientes a ser divulgado. Mas os jornais, sites, TVs, revistas e rádios continuam independentes, com seu poder de denúncia e de investigação. Se uma notícia não é boa, basta isso. Nada fará com que ela seja publicada. As assessorias, como disse no começo deste texto, fazem um trabalho quase invisível, complementando informações, repassando dados, sugerindo pautas. Mas a decisão final será sempre do lado de lá, da redação.

Nosso papel é encontrar notícia antes do repórter e para o repórter. Somos jornalistas acima de tudo. Podemos até ter um quê de marketing, mas a base é o jornalismo e sem ele não vamos a lugar nenhum. É um prazer sair de uma reunião com um cliente e encontrar dois ou três ângulos que, se bem trabalhados e amarrados com novos dados, podem gerar uma nota ou uma pauta. Há notícias mais fáceis e mais difíceis, ou mais à vista e mais escondidas. Mesmo as que estão mais à vista precisam ser trabalhadas e lapidadas. Um exemplo é o Rock in Rio, um belo produto de assessoria de imprensa com o qual trabalhamos desde 2001. Ora, é um festival de música, o maior do mundo... é fácil, é notícia por si só. Mas como é organizar o credenciamento de mais de mil jornalistas? E gerenciar uma série de pautas a cada mês, quase um ano antes da primeira banda subir ao palco?

Se o trabalho envolve governos e mídia internacional, a complexidade aumenta. Com temas muito técnicos então... Na conferência do C40 (que reúne as maiores e mais populosas cidades do mundo para a discussão do papel dos governos no combate às mudanças climáticas), o trabalho ia desde um enfoque mais institucional, apresentando o evento (que ninguém conhecia até aquele momento!) até a criação de pautas que discutissem os exemplos mostrados mundo afora. Uma de nossas preocupações era não dar um caráter excessivamente técnico ou político ao encontro. Um bom exemplo disso foi a ação de plantio de mudas no Parque do Ibirapuera no dia 31 de maio, marcando a abertura do C40 em São Paulo. O evento teve a cobertura de mais de cem jornalistas. A ação foi um exemplo de comunicação sobre o C40 para a população brasileira.

Muito mais do que ter um pé no marketing, acredito que o assessor de imprensa moderno é um consultor de comunicação integrada. Alguém que encontre relevância em cada ação de comunicação. Se a empresa não tem notícia não serve para ser cliente. Às vezes ela tem quase uma notícia, precisa de um empurrão, então vale esse trabalho de burilar, de arqueologia e compilação de dados. Hoje em dia, na minha opinião, é muito pouco você dedicar a sua vida e a sua profissão a conseguir aqui e ali uma notinha num jornal. Por melhor que seja a coluna, aquela nota vai te levar aonde? O que queremos é estabelecer relacionamentos com diversos públicos-alvo, é adotar uma postura mais engajada de comunicação. Então se o cliente me pede para divulgar que ele doou tantos quilos de alimentos para a creche da sua vizinhança, eu peço que me desculpe, mas aquilo não é notícia. Se ele quer falar de responsabilidade social, vamos lá estudar o que ele tem feito nessa área, quem sabe até propor alguma consultoria no tema e só então, lá na frente, quem sabe, divulgar esse assunto. Desde que ele tenha consistência. A palavra-chave é relevância.

E é em nome dessa relevância que o assessor vem mudando. Mais do que aquele velho telemarketing de notinhas, o chato de plantão (mas sempre útil quando convém), ele se transformou em arqueólogo de dados e fatos. É ele quem busca nas empresas os fatos escondidos, as informações que ainda precisam ser trabalhadas e transformadas em ativos. Saímos do papel do anotador de recados da década de 1980, fazendo pura e simplesmente uma ponte entre o repórter e a fonte, para sentar à mesa com o presidente da empresa e planejar a estratégia de comunicação.

Nos momentos de crise ou nas empresas que já adquiriram a cultura de prevenir crises, esse papel é ainda mais indispensável. Sim, porque nenhuma crise surge do nada, por acaso. Dependendo da atividade da companhia e do cenário que se desenha, é quase impossível não lidar com elas. Se você preside uma indústria, por exemplo, é certo que terá que lidar com questões relacionadas à comunidade do entorno, a possíveis acidentes de trabalho (por mais redonda que seja a sua operação), a questões éticas e econômicas relacionadas a fornecedores e clientes. Por que não criar um plano de crise estabelecendo princípios, códigos de conduta e posicionamentos que possam ser partilhados com a diretoria e gerência, com calma, antes de um possível problema?

Em vinte anos de profissão, o que eu vejo é um caminho sem volta. Praticamente não existe mais empresa hoje sem assessoria de imprensa. Está certo, reconheço que muitas ainda contratam uma agência pensando em fins apenas comerciais, visando publicações que não são notícias e mais se assemelham a anúncios. Mas isso dura pouco e o próprio jornalismo repele esse tipo de divulgação. A tendência é o assessor de imprensa se distanciar cada vez mais do estereótipo do chato sem noção, telemarketing de notícias. De fato, o setor de comunicação nunca foi tão profissional, com mais

exigências nos processos de seleção e novas formas de se transmitir a notícia, como coletivas por *webcasting* e vídeos *releases*. E o país, que até pouco tempo supervalorizava a atividade da publicidade e mal reconhecia a assessoria de imprensa como profissão, passou a enxergar em nós, jornalistas, aliados estratégicos para a sua comunicação com a sociedade.

Acessos

*Gustavo Chataignier Gadelha**

*A leitura de jornais é
uma espécie de oração da manhã.*

Hegel

Janeiro de 2006. Dissipando ainda os eflúvios do réveillon, eis que recebo uma grata surpresa: um telefonema da professora Clarice Abdalla, coordenadora do Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet do Projeto Comunicar da PUC-Rio. A bem da verdade, ela retornava um primeiro contato meu, quando, desempregado após a defesa da dissertação de mestrado em Filosofia, também na PUC, fui bater na porta do Projeto, no início de 2005. Pois bem: seria seu auxiliar, de segunda a sexta. Topei sem pestanejar.

Não poderia ter sido diferente. Explico-me. Estagiei no Comunicar entre 29 de outubro de 2001 e 2 de maio de 2002. A precisão dessas datas cabe à querida Ritinha, diga-se de passagem. Participei do Núcleo de Rádio, integrando o escreto do programa Revista Jovem, produzido por estagiários e coordenado então por Clarice. Veiculado na Rádio Catedral FM (106,7) desde 1996, o programa segue firme e forte até hoje, trazendo tendências e notícias de nosso cotidiano a partir da visão de jovens cabeças. Esse período foi extremamente proveitoso, já que o formato do programa puxa a criatividade do estagiário: de periodicidade semanal, portanto próximo a uma “revista”, há tempo para a proposta de visões mais apuradas sobre temas tão diversos quanto política internacional e a banda de rock que animava a vila dos diretórios no *campus* da PUC. Sem falar na espera por verdadeiras aulas de cinema, nas colunas dos professores Fernando Ferreira e Miguel Pereira. Sábado, às 13h, você já tem compromisso!

Como profissional contratado pelo Comunicar, foram quase dois anos de muito trabalho, quando um outro contato interrompeu a trajetória. Após algumas conversas com o professor Daniel Bensaïd, da Universidade de Paris VIII, era chegada a hora de um sonhado doutorado pleno em Paris, na área de Filosofia. Meio de 2007.

Defendi a tese em junho de 2010. Depois disso, tomei a liberdade de procurar o professor Miguel Pereira, indagando-lhe das possibilidades de trabalho no Rio de Ja-

* Assistente da Assessoria de Comunicação Social do Projeto Comunicar. Professor do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre em Filosofia pela PUC-Rio e doutor em Filosofia pela Universidade de Paris VIII. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Assessoria (2001-2002).

neiro. Ficamos de conversar quando eu voltasse, o que de fato ocorreu algumas vezes a partir de setembro de 2010 – tanto por telefone e e-mail quanto pessoalmente. O Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet passara a ser chefiado pela professora Lilian Saback, que assumiu a função após a morte de Clarice. Em uma reunião, o professor Miguel nos apresentou. De pronto, fui acolhido por Lilian. E lá se vão quase mais dois anos, com divulgações corriqueiras ao lado de grandes eventos.

Mesmo em se tratando de uma mesma atividade, a saber, a de assistente da Assessoria de Comunicação da Universidade, é possível traçar momentos distintos no exercício dessa função. Ora, dizia o filósofo, não sem razão, que “um mesmo homem não entra duas vezes nas águas de um mesmo rio”. Mudamos – nós e as águas, irresistivelmente.

Na primeira etapa, adquirindo experiência e *know how* sobre a casa (infindo processo, como a psicanálise), o momento foi de “mão na massa”: coletar os variados jornais que assinamos e fazer um *clipping* manual para então, depois, cadastrar as matérias no site. Essa prática apurou decisivamente a leitura dos jornais, que se viu, pelo hábito, ganhar camadas mais, por assim dizer, analíticas: da preocupação imediata de localizar onde está o nome da PUC, passamos à indagação acerca dos espaços jornalísticos. Onde a instituição tem seus pesquisadores requisitados? Em quais situações somos fonte da grande imprensa? Quais colonistas se afinam com um “perfil PUC”? Tais reflexões surgiram, portanto, da necessidade de melhor direcionar nossos esforços de divulgação. Quando exitosos, ensejam um contato com veículo e jornalistas certos. O retorno, em termos de imagem – e também de *clipping* – é verificável no trato cotidiano entre assessoria e redações e, por outro lado, na materialidade da notícia coletada.

A partir do fim de fevereiro de 2011, como havia mencionado, reingressei no Núcleo. Desta feita, lecionando a disciplina Estética da comunicação de massas, do departamento de Comunicação Social. Isso implica uma divisão de tempo e, consequentemente, uma hierarquização das atividades. No turno da manhã, é preciso se concentrar tanto no *clipping* quanto na elaboração de textos. À tarde, quando já despertaram as redações, o atendimento surge com força; nesse momento a atividade mais propícia é o chamado *follow-up* das divulgações.

A equipe é chefiada e dirigida por Lilian Saback; recentemente, o time ganhou o reforço da professora Luciana Pereira. Enquanto Lilian costura ações de comunicação com bom humor e sabedoria, e Luciana estabelece importantes pontes com a imprensa, cabe a mim sobretudo a produção e a revisão de textos. Claro está que, cada um em seu turno, todos fazemos atendimentos e levamos adiante as demais atividades de uma assessoria. Todavia, posto que o norte do Projeto Comunicar é uma grande “residência de comunicadores”, parafraseando um dos *founding fathers* do Projeto, professor Cesar Romero Jabob, temos a oportunidade de mostrar o caminho para esses jovens que irão se tornar os jornalistas de amanhã. Mão na massa.

Pensando *a posteriori*, a estadia na França e o doutorado em Filosofia são bagagens que, assim o espero, não deixam de se conectar com as atividades do Núcleo de Assessoria em particular e do jornalismo em geral. Objetivamente, o rigor com o texto é uma conquista que nunca é definitiva, sendo fruto de releituras e sugestões de colegas e estagiários – algo portanto a ser alcançado a cada novo texto. Subjetiva e pedagogicamente, morar no estrangeiro nos coloca na posição de estrangeiro. Desenvolve-se, assim, uma escuta, uma sensibilidade em relação aos jovens estagiários que dão seus primeiros passos em direção ao mercado de trabalho.

O Projeto Comunicar acolhe.

O jornalismo e as práticas religiosas

Leanna Scal

Ao ingressar no curso de Comunicação Social, em 2006, na PUC-Rio, pensava em ser jornalista para trabalhar com esportes – o que, no Brasil, se traduz em futebol. Com o passar do tempo e com o discernimento de “anjos da guarda” da minha vida profissional, percebi que poderia usar os conhecimentos adquiridos na universidade para levar adiante, com afinco, o meu objetivo primeiro como cristã: comunicar o projeto salvífico de Jesus Cristo.

Trabalho há quatro anos como jornalista (comecei como estagiária) da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e encaro esse trabalho como uma missão. Tudo começou no Projeto Comunicar: nas orientações que recebi dos professores (chefes), no aprendizado diário com os colegas de trabalho e no prazer que sempre tive em cobrir eventos religiosos na Pontifícia Universidade Católica.

Lembro-me com muita clareza do meu ingresso no Projeto Comunicar, em maio de 2008. Estava cursando o quarto período de Comunicação – momento em que tinha optado por habilitar-me em Jornalismo – e nunca havia trabalhado. Estava apreensiva, porém o ambiente acadêmico do Projeto me fez perceber que eu estava ali para aprender.

Pouco a pouco me contagiei pelo clima acolhedor do meu novo trabalho e tenho certeza que essa experiência fez toda diferença no meu processo de formação como jornalista e como ser humano. É inegável que a prática na profissão ajuda o processo de estudo, e o Comunicar me fez também uma pessoa melhor, na medida em que passei a conviver com gente de diferentes realidades, mas com os mesmos anseios que os meus.

Eu comecei no núcleo de Rádio, que na época ficava sob a orientação da professora Clarice Abdalla, com quem tive a sorte de aprender muito. Clarice – como eu – era uma católica engajada e me mostrou os primeiros passos para a execução de um jornalismo religioso de qualidade.

Apresentadora e repórter de um programa semanal de trinta minutos na Rádio Catedral FM (emissora católica), eu, com mais três colegas, tinha a missão de produzir conteúdo jovem, sem profanação, e que interessasse ao ouvinte da Catedral. Esta foi a primeira lição que tive no Comunicar: aprendi a falar com a linguagem própria de

*Trabalha na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro e na WebTV Redentor. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Assessoria (2008-2010).

quem quero atingir. Muitas vezes ouvi da Clarice: “Queridona, você vai falar de samba na Catedral?”. Hoje os tempos mudaram...

Assim como eu, a Igreja Católica de um modo geral percebeu que a linguagem é um aspecto importante de manifestação das políticas de comunicação e que não pode ser apenas teológica, distante da realidade das pessoas. É preciso falar de forma simples, especialmente no rádio. Com a prática, constatei que a Igreja tende a usar em sua comunicação uma linguagem doutrinária. O excesso de conselhos se confunde com um discurso moralista e causa repulsa nos fiéis/ouvintes. Por isso, a editoria católica do Revista Jovem esteve sempre atenta aos homens e mulheres comuns que buscam a santidade entre nós.

Recordo uma ocasião em que minha pauta foi cobrir a missa de sétimo dia pela alma da ex-primeira-dama Ruth Cardoso, celebrada na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no *campus* da PUC. Eu estava receosa, pois não imaginava como conseguiria entrevistar amigos e parentes num momento de tanta dor e saudade.

Como católica, participei da celebração eucarística, sofri junto aos familiares, mas tinha uma missão a cumprir. Fui devagar me aproximando das personalidades presentes e pedindo algumas palavras sobre o legado deixado por Dona Ruth. Por fim, o grande desafio: gravar um depoimento do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que apenas disse: “Estou sofrendo de saudades, não consigo falar.”

Voltei para a redação penalizada com a situação e preocupada com a minha matéria, pois não tinha atingido o objetivo principal. Foi então que Clarice me parabenizou por minha postura cristã de me comover com o sofrimento do irmão e não insistir na entrevista. Naquele momento percebi que não vale tudo por um furo jornalístico, aprendi sobre ética profissional e, acima de tudo, percebi que meu caminho seria diferente das atribuladas e disputadas salas de redação, orientado para um jornalismo que comunica o bem.

Minha reportagem foi ao ar, com grande repercussão e com um poema de Santo Agostinho declamado por mim, sugerido e orientado por Clarice: “A morte não é nada”, o mesmo que veio a ser lido no velório da minha querida chefe.

Com o falecimento inesperado de Clarice, me senti com ainda mais responsabilidade de manter o Revista Jovem do mesmo jeito como ela me orientou ao longo de um ano de convivência. Tive a grata surpresa de ter como nova chefe Lilian Saback – pessoa que eu já admirava como professora e profissional. Também cabe destacar o carinho de todos do Comunicar nesse momento difícil pelo qual passamos. Os gestos de generosidade ficam registrados para sempre.

Foi nessa nova etapa, entre uma cobertura e outra, e entendendo melhor as relações entre Igreja e mídia, que a Lilian viu que eu deveria ocupar a vaga de estágio no portal da Arquidiocese – uma parceria do Projeto Comunicar com a Arquidiocese do Rio.

Comecei a perceber as formas dialógicas de comunicação defendidas pela Igreja Católica. E tive a graça de começar meu trabalho junto com o início da provisão de dom Orani João Tempesta como arcebispo do Rio. Naquela época ele era o presidente da Comissão para Educação, Cultura e Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Um homem do seu tempo, dom Orani afirmou que assim como nossos antepassados utilizaram música, gestos, pinturas, vitrais, arquitetura e imprensa para comunicar a Boa Nova de Jesus, nós temos que acompanhar o desenvolvimento dos meios de comunicação, que não para, e utilizá-lo para que o Reino aconteça.

Então, ainda com a orientação de todos do Projeto Comunicar, segui meu caminho no jornalismo religioso. Estudei os documentos da Igreja relacionados a comunicação, em especial o *Inter Mirifica* – publicado durante o Concílio Vaticano II –, e resolvi seguir o pedido feito pelo Papa nele: todos devem usar os meios de comunicação a favor da Igreja, à maneira do sal e da luz, dar fecundidade à terra e iluminar o mundo.

Na verdade, o decreto *Inter Mirifica* criou a expressão “comunicação social”, que acabou se tornando uma espécie de terminologia corrente nas teorias posteriores da comunicação. O que estava por trás dessa terminologia era exatamente a ideia de que a comunicação não pode se reduzir aos instrumentos técnicos de produção e transmissão de mensagens, mas deve contemplar o processo de relacionamento entre os seres humanos.

Em 2010, concluí meus estudos de Jornalismo com um projeto final sobre o tema “Uso da internet como veículo de evangelização”, orientada por Miguel Pereira – pessoa por quem tenho profunda admiração. Posso com toda certeza dizer que o professor Miguel é meu grande incentivador neste caminho que estou traçando.

Atualmente, trabalho na WebTV Redentor, um veículo recém-criado na Arquidiocese para divulgar, através de vídeos e transmissões ao vivo, o trabalho da Igreja no Rio de Janeiro.

Assim como o Projeto Comunicar, completo em outubro 25 anos. Tenho ainda muito que viver na minha carreira, mas com o conforto de saber que os laços de amizade que fiz na PUC vão ficar para sempre. Tenho a garantia de sempre poder recorrer aos meus “anjos da guarda” do Projeto Comunicar, quando necessário. Com essa certeza, posso continuar meu trabalho *indo por todo o mundo e pregando o Evangelho a toda criatura*.

Mais do que parece

*Luciana Pereira**

Após uma passagem de dois anos pela redação de um grande jornal carioca, logo após a minha formatura na PUC-Rio, direcionei minha carreira para a assessoria de imprensa. Lá se vão dez anos, ora em agência, ora no cliente, estabelecendo o bom relacionamento com a imprensa, conquistando espaços de forma transparente e honesta, tendo em vista sempre a principal matéria-prima do jornalismo: a notícia.

Cada vez mais profissionais e requisitadas, as assessorias de imprensa ganharam importância no mercado de comunicação e já são a opção de muitos futuros jornalistas ainda na universidade. Mas não foi sempre assim. Quando decidi trocar a redação pela assessoria de imprensa, muita gente disse que eu estava tomando a decisão errada. Afinal de contas, estava saindo da posição nobre do jornalismo, a de repórter, para ocupar uma função na época ainda vista como menor na profissão.

Felizmente, essa visão mudou. Ou está mudando. Sim, porque até hoje, quando digo, com orgulho, que sou assessora de imprensa, algumas pessoas ainda fazem cara de “O que é isso mesmo?” Já ouvi – acredite! – a lamentação: “Que chato não ter conseguido um emprego na sua área.”

Na verdade, eu que lamento. Lamento porque a função da assessoria de imprensa é tão nobre quanto qualquer outra no jornalismo. É fundamental para quem precisa se relacionar e estabelecer canais de comunicação com os mais diversos públicos. As empresas estão se dando conta de que a comunicação bem-feita e estruturada pode ser decisiva para a criação e manutenção da credibilidade de um negócio. Promover a marca através do jornalismo, ou seja, de forma neutra, traz credibilidade e colabora de forma decisiva para o sucesso das estratégias empresariais.

No meio dos produtos, preços, praças e outros tantos “Ps” que o marketing nos apresenta, a assessoria de imprensa, um pedacinho lá do “P” de promoção, pode causar verdadeiros estragos no ABC empresarial quando feita sem planejamento, foco, profissionalismo ou estratégia. Uma nota ruim, um tom equivocado, um espaço não planejado podem alterar os rumos de toda a organização. Por outro lado, quanta diferença pode fazer uma entrevista bem-feita, um depoimento no lugar certo, uma nota emplacada em uma coluna de relevância.

* Assistente da Assessoria de Comunicação Social do Projeto Comunicar. Professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, pós-graduada em Marketing pela PUC-Rio. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de Assessoria (1999).

Pouco a pouco, as empresas – e os próprios profissionais de comunicação – vão descobrindo as inúmeras possibilidades e potencialidades do trabalho da assessoria de imprensa. É muito mais do que colocar alguma informação no jornal ou criar bons relacionamentos. Sim, assessoria de imprensa é muito mais do que parece ser.

Assim também é o Projeto Comunicar. Por fora, uma parceria entre a vice-reitoria Comunitária e o departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, responsável pela comunicação institucional da Universidade. Uma bem-sucedida combinação de esforços que ano após ano rende novos frutos: jornal, assessoria, rádio, televisão, editora... Que mais vem por aí?

Se fosse só (só?) isso, já era muito coisa. Mas o Projeto é mais, muito mais. A sala do quarto andar do Kennedy, hoje sem espaço para abrigar todos os núcleos, que já se espalham por outros locais do *campus*, na verdade, é grande. Enorme. Um lugar cheio de amor, alegria, compreensão, criatividade, gentileza, energia e disposição para fazer acontecer. Um lugar que acolhe e ensina. Orientações técnicas, conceitos éticos, profissionalismo e tolerância. É isso que o faz único e tão especial na vida de todos que passam por ele.

Comigo não poderia ter sido diferente. Lembro quando vi a notinha no PUC Urgente anunciando uma prova para estágio no Projeto. Era o ano de 1999 e eu decidia enfrentar minha primeira seleção profissional. Entrei para o inovador Pilh@. “Um programa de rádio na internet, o futuro da comunicação”, assim me recebeu a minha primeira coordenadora, a professora Clarice Abdalla, por quem ainda me emociono ao escrever este texto. Uma pessoa que lá no final da década de 1990 incentivava seus alunos a investirem na comunicação na internet e dizia que o digital era a mídia do futuro. Sábida Clarice.

Meses depois, mudei de cadeira. Ainda na mesma sala, sob a coordenação de Clarice, fui aprender o que era a tal assessoria de imprensa. E ali foi plantada a primeira sementinha da área do jornalismo que abracei com paixão. Na época, tudo era muito diferente de hoje. Pauta se enviava por fax, *clipping* era feito com recortes de papel (e distribuído de departamento em departamento) e o e-mail era coletivo.

Depois de um tempo, fui me aventurar na TV PUC, que estava só começando. Primeiro como cinegrafista, ainda carregando as pesadas câmeras VHS, e depois como produtora. Ou só “prod”, como logo acabei sendo chamada pela equipe, apelido dado pelo professor Luis Nachbin, então coordenador do núcleo. Ainda no Projeto, passei pelo Jornalismo Impresso, trabalhando ao lado da querida Renata Cantanhede e do professor, orientador, amigo, mentor e “paizão” Fernando Ferreira.

E, assim, fiquei dois anos no Projeto Comunicar.

Aprendi rádio. Aprendi assessoria de imprensa. Aprendi televisão. Aprendi jornalismo impresso. Aprendi a amar minha profissão. Aprendi que trabalhar pode ser leve,

divertido e muito prazeroso. Aprendi que podemos conseguir tudo com dedicação, esforço, coragem e respeito pelos outros e por si mesmo.

O amor que recebi no Projeto me acompanhou durante toda a minha carreira. Estava presente nas entrevistas complicadas, nas pautas que não rendiam, nas dificuldades de coberturas, nos clientes que não emplacavam, nos muitos “nãos” recebidos, nas outras tantas conquistas, nos reconhecimentos, nas viagens a trabalho, nas promoções e nos desafios.

E talvez tenha sido por isso que voltei. Primeiro para a PUC-Rio, em uma passagem extremamente rica e proveitosa pelo Instituto de Administração e Gerência da Universidade, quando tive a oportunidade de voltar a ter contato com a vida acadêmica. Em seguida, para o Projeto Comunicar, onde estou desde abril de 2012. E que orgulho poder voltar para o mesmo lugar onde comecei, agora ao lado de dois novos amigos – a professora Lilian Saback, coordenadora do Núcleo, e o professor Gustavo Chataignier. Com eles, compartilho a alegria e a responsabilidade da condução dos trabalhos e a orientação dos estagiários. Um desafio diário que tem se mostrado uma deliciosa volta ao passado.

Quando vejo os arquivos do Pilh@, ainda lá com a minha voz, me emociono. Quanta alegria ao conseguir uma entrevista com Tony Bellotto para a edição sobre o rock. Quanto empurra-empurra para conseguir um depoimento – ainda que meio torto – do escritor Paulo Coelho durante uma confusa coletiva na Bienal do Livro. Quantas horas em reunião com o pessoal do RDC para criar a “guitarra virtual”. Quanto trabalho para gravar e editar os programas. E quando a fita (sim, era fita) enrolava no rádio ou se partia e perdíamos toda a entrevista? Era divertido.

Tenho orgulho de dizer que coloquei um tijolinho neste Núcleo de Assessoria de Comunicação, Rádio e Internet do Projeto Comunicar. Todos os dias, ao olhar para os olhinhos curiosos, cheios de dúvidas e sonhos dos estagiários que passam por nós, me coloco no lugar deles. Volto no tempo e me renovo a cada dia com o frescor da juventude que eles exalam nas palavras, na animação, nas ideias de pauta, nas conversas e nos sorrisos.

E me proponho sempre o mesmo desafio. Conseguir depositar nesses futuros jornalistas a mesma semente que o Projeto Comunicar depositou em mim há pouco mais de uma década. Retribuir toda a energia e todo o amor pela nossa apaixonante e desafiadora profissão. Que na comemoração dos cinquenta anos do Projeto, eles possam escrever com a mesma emoção e com o mesmo orgulho que o faço neste momento.

O Projeto Comunicar foi fundamental na minha vida. Foi não, ainda é. Fundamental para a Luciana aluna, a Luciana estagiária, a Luciana repórter, a Luciana assessora de imprensa e, mais recentemente, para a Luciana professora. O reencontro com alguns velhos amigos da época e o novo encontro com outros tantos me fazem, dia a dia, ter mais certeza de que o Projeto é muito mais do que parece ser.

Vida longa ao Projeto Comunicar!

Tecnologia e educação: uma união indissolúvel

*Thiago Camara**

Era mais um desses dias frios de maio quando cheguei ao quarto andar do edifício Kennedy. A salinha apertada da Assessoria de Comunicação ajudou a aproximar-me dos meus futuros colegas, que, assim como eu, tinham sido convocados para trabalhar no Projeto Comunicar, depois da prova de seleção. A acolhida dos funcionários e a receptividade da saudosa amiga e primeira chefe, Clarice Abdalla, me fizeram perceber que naquele lugar a frieza e o isolamento ficavam da porta para fora.

Impossível escrever sobre o Comunicar sem citar Clarice Abdalla. Com sua garra e inquietude, ela conseguia contornar os entraves vividos no contato diário entre a mídia e a PUC-Rio. Para mim, em particular, ela foi uma grande incentivadora. Apostou no meu talento, me formou, me ensinou. Devo a ela, até hoje, ter conseguido meu primeiro emprego como jornalista na implementação e coordenação editorial do novo Portal da Arquidiocese do Rio de Janeiro, lançado em 2008. Sua ausência é sentida.

Quando conheci o projeto, cursava ainda o segundo período de Jornalismo, no ano de 2005. Quase nada sabia da profissão pela qual optara no vestibular. O Comunicar me inseriu na realidade do fazer mídia. Aprendi a ler conteúdo noticioso, a pensar como jornalista, a escrever à altura dos grandes mestres que lá encontrei e dos antecessores que a partir daquele quarto andar foram escrever suas histórias mundo afora.

Depois de nove meses na Assessoria, fui novamente para a prova de seleção, dessa vez tentar uma vaga no Núcleo de Jornalismo Impresso. Insisti com os amigos que fiz no outro núcleo para que realizassem a prova também. Fui convocado, eles não. Seguiram outros rumos, mas a amizade ali iniciada segue firme e constante até os dias de hoje. Ao ingressar no Jornal da PUC e no PUC Urgente fui recebido com a mesma acolhida e calor próprio de quem habita aquele quarto andar. Sempre havia espaço para a descontração. Ainda ecoa no meu pensamento a figura do então chefe de reportagem, Marcelo Tavela, perguntando como ia meu japonês. Apreensivo e inseguro, respondi que não sabia uma palavra da língua. Ele me entregou minha primeira pauta, em que eu deveria cobrir uma apresentação sobre mudanças climáticas feita por um professor japonês e, para meu alívio, disse que havia tradução para o inglês. Dali em diante foram muitos assuntos interes-

*Trabalhou no Portal O Eco e no Portal da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Foi editor de texto no programa Conexão Futura, do canal Futura. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Assessoria (2005-2006) e Jornalismo Impresso (2006-2007).

tes, muitas reuniões de pauta edificantes e sempre havia lugar para a celebração. As festas-surpresa no meio da tarde eram a legitimação de que o espaço não era só de ensino e formação profissional, mas também de valorização das pessoas que por ali transitavam todos os dias. Essa valorização da individualidade de cada estagiário é o diferencial pedagógico que faz com que profissionais e ex-alunos lembrem-se com carinho e saudade dos anos vividos no Projeto Comunicar. O grande desafio deste novo milênio é manter essa estrutura de excelência acadêmica e profissional diante das novas realidades que surgem a cada instante. Vamos a elas.

Os veículos de comunicação de massa fizeram com que o homem organizasse sua vida a partir deles. A influência de jornais impressos, cinema, rádio e televisão é motivo de estudos antropológicos e sociológicos há décadas. De novas ferramentas a meios indispensáveis de socialização e sobrevivência, eles são parte da formação do indivíduo contemporâneo. A internet, por sua vez, não é um veículo de massa, mas sua inserção no dia a dia da humanidade faz com que seu uso seja necessário e vital para se estabelecer uma comunicação rápida, direcionada e eficaz.

Assim como o mundo ganha cada vez mais velocidade, encurta distâncias, congrega saberes e conecta indivíduos, o processo educacional torna-se demasiadamente interligado. Se há bem pouco tempo as disciplinas ministradas em sala de aula eram bem definidas e divididas, hoje os conteúdos ultrapassam fronteiras e se misturam entre si. A transição do século XX para o século XXI fez com que a educação saísse de uma redoma cômoda e, por necessidade, abrisse as portas para a tecnologia. O professor não é mais o único proprietário do conhecimento e os alunos sabem disso. É impossível pensar no ambiente escolar e universitário sem os mecanismos facilitadores surgidos com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC). O fazer midiático, por outro lado, ganha ainda mais importância na sua capacidade de dialogar com o alvo de sua emissão. A figura de um receptor de conteúdo passivo, estático e sem rosto ficou no passado. Hoje, com a Web 2.0 e a ascensão meteórica das novas mídias, quem recebe conteúdo dos grandes veículos não se contenta em digerir a seco e ponto final. É tempo de diálogo e contestação. Produção e reprodução. Debate e reflexão, mesmo que, por vezes, essas práticas fiquem restritas ao ambiente digital. Vivemos na era da inversão no polo de emissão de conteúdo. Faz-se necessário formar jornalistas humildes o suficiente para terem suas apurações contestadas pelos fóruns de debates que se seguem a cada reportagem veiculada na rede, por exemplo. E o Projeto Comunicar funciona como uma “maternidade-escola”. Gera, modela e instrui profissionais com condições suficientes para não serem engolidos pelos avanços tecnológicos. Além de educá-los para terem mentes abertas às surpresas da profissão e olhos aptos a enxergar a realidade sem preconceitos nem vaidades.

Diante desse cenário de mutação constante, a globalização ganha caráter decisivo no processo de aproximação entre a tecnologia e a educação. O mundo globalizado aproxima pessoas, ajuda a difundir ideias pelos quatro cantos do mundo, afeta culturas, influencia o modo de vida dos indivíduos, a política e o mercado. Tudo o que vivemos hoje é permeado por esse processo de transformação social viabilizado pelo modelo capitalista de se gerir a economia. O professor argentino Néstor García Canclini, em *Consumidores e cidadãos*, admite que a globalização é uma tendência irreversível, mas não acha que o global se apresente como substituto do local. Globalização, mercado e consumo – nada disso existe ou se transforma a não ser porque os homens se relacionam e constroem significados em sociedade. Nesse contexto, o próprio processo de comunicação entre a sociedade e os meios produtores vê sua relação se diferenciar. Os fluxos de informação aumentaram consideravelmente. E os canais dessa difusão também. Como exemplo, temos a interatividade cada vez mais crescente com a chegada da internet e espaços na web, como as redes sociais que mobilizam compartilhamentos no ciberespaço, gerando conteúdo noticioso fora dele. Essa integração revela que o mundo está mesmo cada vez mais interligado.

Apesar da distância entre a tecnologia e a educação ter se encurtado, a cultura educacional ainda é bastante conservadora. Práticas de ensino-aprendizagem antiquadas desestimulam alunos, que não são respeitados nas suas realidades e veem o processo educacional como uma obrigação enfadonha que precisam cumprir. A diversidade de pensamentos e pessoas, que é rica, não é aproveitada no mundo globalizado em que vivemos. Tenta-se homogeneizar os indivíduos, para não se perder tempo e, conseqüentemente, diminuir gastos, afinal educar também é um negócio capitalista que precisa dar lucro. Por outro lado, as pessoas querem ser reconhecidas pela diferença. Mas essa se torna uma deficiência para os que insistem na crença de que, no meio escolar e acadêmico, ela não existe. Há dificuldade no estímulo da participação de cada aluno e no respeito às individualidades. O simples fato de dar voz aos educandos, propor que além de receberem o conteúdo de sala de aula eles mesmos possam produzir suas versões sobre fatos cotidianos ou históricos, significa legitimar seus pontos de vista como mecanismos agregadores neste novo modelo educacional que surge. A tecnologia e suas ferramentas podem ajudar na tentativa de estabelecer atrativos para prender a atenção, já dispersa, das crianças e jovens da contemporaneidade. Não basta, porém, aparatos dos mais avançados se o profissional de ensino não se dispõe a utilizá-los em toda a sua potencialidade. Deixar a acomodação de lado é o primeiro passo para agregar a tecnologia com a educação. Treinamentos e pesquisas sobre novos mecanismos pedagógicos atrelados às novas ferramentas são fundamentais para que o profissional chegue à sala de aula pronto para enfrentar o desafio de educar os nativos digitais. É necessário reinventar a escola. Procurar um novo olhar sobre a realidade, ousar no ensino, fazer com que o aluno vivencie coisas diferentes. Viabilizar uma relação diferente

entre conhecimento e aluno. A partir de sua cultura, de sua realidade. A responsabilidade e a vigilância para que mudanças desse tipo tornem-se realidade devem ser compartilhadas entre pais, professores, governos e sociedade civil, em geral. A experiência educacional completa envolve estar disposto a ir ao encontro do desconhecido. Ir além de si mesmo.

Por outro lado, o fazer midiático também precisa se transformar. Se antigamente os acadêmicos de jornalismo já precisavam ser eficientes observadores da realidade, atualmente isso é ainda mais necessário. Seus olhos e ouvidos captam a relevância de suas observações e reportam aquilo que pode enriquecer a vida dos leitores, ouvintes e telespectadores. As funções de esclarecer, explicar e educar não podem deixar de existir para um trabalhador que precisa ser o mais claro, conciso e objetivo possível. Aliado a isso, o profissional da notícia é portador de revelações que mudam o cotidiano de crianças, adultos e idosos. Aprender a discernir o que de fato é importante para a sociedade é o primeiro desafio do novo repórter. Sem a capacidade de pensar criticamente, o trabalho realizado por esse profissional pode não ser de qualidade. Há espaço e mercado para todo tipo de jornalista, mas a essência da profissão é suscitar o engajamento, a independência e reforçar a cidadania. A capacidade de reflexão e instrução que a mídia tem ainda é pouco aproveitada, e cabe, também, aos leitores, ouvintes e telespectadores exigir dos produtores de conteúdo posturas diferentes e inovadoras. A formação de profissionais mais críticos e que tenham a capacidade de ir além do relato do fato já é uma prática consolidada na PUC-Rio ao longo destes 25 anos de Projeto Comunicar.

Aproximar tecnologia e educação depende dos atores que as tornam realidade. Monica Fantin acredita que a relação entre comunicadores e educadores precisa estar cada vez mais afinada, para que haja um substancial avanço nos estudos e práticas dessa área. Eis o que ela diz “A formação de educadores sintonizados com as novas linguagens de mídia deve corresponder à formação de comunicadores sintonizados com as funções educacionais das mídias e suas responsabilidades sociais¹.”

Em um país que ainda luta contra o analfabetismo, falar dessa inserção midiática e tecnológica pode parecer algo distante. No entanto, em plena era digital, esquivar-se da necessidade de utilização das novas tecnologias é ser como um míope que insiste em não usar óculos. O embasamento na visão dos nossos governantes é refletido no desempenho dos alunos em seu histórico escolar. Acolher a mídia como aliada no processo educacional pode ser uma das soluções para os desafios da educação brasileira. Mas para que esse desejo se cumpra, o espaço educacional deve ser respeitado, de modo que a arte de ensinar e aprender não perca seu fascínio. A mídia não pode tomar o papel da educação e vice-versa. Se ambas caminharem juntas, aí sim um novo tempo pode surgir para as escolas e para as empresas midiáticas brasileiras.

¹ Fantin, Monica. *Mídia-Educação*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p.53.



NÚCLEO DE TV

As tecnologias mudam, as boas ideias permanecem

*Carmem Petit**

Nos últimos anos, o mercado de comunicação se expandiu e, com ele, também as exigências profissionais. As tecnologias mudaram e ainda nos fascinam com suas infinitas possibilidades, inclusive de criar coisas originais. No entanto, as boas ideias são material raro e muitas vezes se perdem no oceano de informações da internet e outros meios. Nas redações, exige-se cada vez mais integração com as novas tecnologias, com o novo mundo. Apesar das possibilidades, o trabalho diário nas empresas de comunicação nem sempre é desafiador, estimulante ou criativo. Muito do que se produz está resumido ao recorta-e-cola, copia, numa rotina tecnicista e pouco valorizadora do capital humano. Ao mesmo tempo, as universidades estão coalhadas de jovens seduzidos pela magia da comunicação dominada pela tecnologia-fama-sucesso instantâneos.

São jovens com bom acesso à tecnologia, com algum conhecimento de outros idiomas, mas com pouca disposição para esperar resultados. Desejam, sobretudo, a estabilidade profissional (traduzida por bom salário em pouco tempo de profissão, sem abrir mão de fins de semana e feriados para cobrir plantões). São jovens despreparados para lidar com as frustrações da vida, frutos de uma sociedade que prega a felicidade como um direito que justifica a existência humana.

Como ajudá-los a encontrar o próprio caminho? Como fazê-los entender que na vida profissional quase nunca realizamos o que queremos ou gostamos? Como convencê-los de que o estímulo é algo de dentro para fora, que não podemos esperar o estímulo sentados, temos que buscá-lo? Como fazê-los entender que o mundo do trabalho não é a casa protegida dos pais? Como convencê-los de que na vida adulta há responsabilidades e que não é o mundo que deve se adaptar a eles e sim o contrário? Questões que estão diariamente no trabalho dos professores-orientadores do Núcleo de TV e convivem com a responsabilidade de aperfeiçoar a técnica aprendida em sala de aula. O estágio dentro da universidade carrega ainda outro desafio: mostrar que o fato de estar dentro desse ambiente não o torna menos importante ou exige menos responsabilidade.

* Coordenadora do Núcleo de TV, do Projeto Comunicar, professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio.

O dia a dia na redação

A TV PUC-Rio é responsável por dez horas de programação semanal e 34 horas e meia de programação mensal na UTV – canal transmitido pela operadora NET para um público potencial de 1.732.886 pessoas e 525.117 assinantes na cidade do Rio de Janeiro e compartilhado por 12 instituições de ensino superior. No Canal Universitário, são veiculados os programas produzidos pelos 31 estagiários do Núcleo de TV – três deles são semanais, um mensal e os demais são eventuais. O material fica disponível ainda na internet (no site www.puc-rio.br/tvpucrio e no canal da TV PUC no YouTube).

Os estagiários são escolhidos em processos seletivos semestrais para as funções de repórter, assistente de produção, cinegrafista, editor e subeditor de internet. Apenas as vagas de reportagem são exclusivas para alunos da habilitação Jornalismo. Todas as outras são abertas a qualquer aluno do curso de Comunicação Social, de qualquer habilitação – Jornalismo, Publicidade ou Cinema. Uma mistura que permite grande diversidade de perfis dentro do Núcleo de TV. Cada estagiário executa uma função principal, escolhida durante o processo seletivo. No entanto, ao longo do estágio, é possível, eventualmente, exercer mais de uma atividade, desde que não interfira na função principal. A cada processo, o estagiário também pode se submeter a uma nova prova para outra função.

O aprendizado dos estagiários é orientado e supervisionado por quatro professores (uma coordenadora, uma chefe de reportagem, uma chefe de pós-produção e um editor de internet e supervisor de estúdio). Na prática, apesar de cada um exercer funções específicas, o trabalho é bastante integrado e coeso, com troca de informações diárias sobre o aprendizado, a evolução e as dificuldades de cada estagiário. Há um entendimento de que os estudantes têm um tempo e necessidades particulares. Para nós, tão importante quanto ajudar a formar profissionais com boa técnica e postura é ajudá-los a encontrar o próprio caminho.

Certamente a experiência profissional e a vivência em grupo foram um divisor de águas para muitos dos estagiários que passaram pela TV. Não é à toa que da passagem pelo Núcleo já surgiram grandes parcerias profissionais, grandes amizades e até casamentos. Esse sentimento de grupo e de família está presente em todo o Projeto Comunicar e é, em grande parte, responsável pelo sucesso do trabalho.

Não são raros os casos de jovens que passaram por mais de um Núcleo do Projeto Comunicar. Ou ex-estagiários que retornaram à Universidade na função de orientadores ou continuaram executando trabalhos para o Comunicar. Na TV, temos alguns casos: eu, que fui estagiária do Jornal da PUC e a primeira do Núcleo de Rádio, o professor Diogo Maduell, que faz ilustrações para o Jornal e artes para a TV, e Eduardo Torres, ex-estagiário de reportagem e edição da TV, que trabalha como repórter cinematográfico e ministra oficinas para os cinegrafistas do Núcleo.

No dia a dia, a TV procura funcionar como uma redação televisiva profissional. As pautas podem ser sugeridas pela chefia ou pelos próprios estagiários. Há reuniões de pauta semanais dos programas Contraponto e Antena Coletiva, pois são os que trabalham com informação diária e reportagens mais curtas. No caso de Pilotis e PUC Artes, fazemos um acompanhamento caso a caso, estabelecendo prazos e corrigindo possíveis problemas de percurso. Ao contrário dos dois primeiros, esses programas exigem maior organização e amadurecimento das ideias por trabalharem com um formato mais documental.

Há produções que, por sua urgência de exibição ou por características editoriais, vão direto para a internet. Para efeito de organização, os programas Contraponto (telejornal) e Antena Coletiva (revista eletrônica) têm um estagiário que atua como subeditor. É também uma forma de estimular a liderança, já que cada subeditor deve acompanhar o andamento das produções e fazer a ponte entre a redação e a ilha de edição.

No caso do Contraponto, há um revezamento de equipe, geralmente, a cada mês. O grupo é formado por quatro estagiários: três repórteres, cada um responsável por um VT (reportagem) em cada bloco de programa, e um subeditor/apresentador. Além de acompanhar o trabalho dos colegas, o subeditor convida os entrevistados de estúdio, faz a pauta dessas entrevistas e organiza o roteiro do programa, que deverá ser aprovado pela chefia. Pela natureza das pautas do Contraponto – trabalha com o que chamamos de *hard news* (notícias quentes) –, sua equipe não produz para os outros programas. Os demais repórteres da TV podem acumular produções de Antena Coletiva, Pilotis, PUC Artes e Especiais.

O subeditor de Antena Coletiva organiza semanalmente a previsão de pauta dos repórteres e as cabeças (textos que serão lidos pelo apresentador antes de cada reportagem). Tudo que vai ao ar passou pelo crivo da chefia, desde texto, apuração, imagens e edição. Aqui vale destacar que nem sempre é possível refazer um trabalho, no entanto, cada estagiário é orientado a não repetir o mesmo erro. Por isso, ao longo da permanência no Núcleo de TV é possível acompanhar no vídeo a evolução de cada um. O ciclo de estágio se encerra, geralmente, no período de um ano, e a meta é que todos passem por cada um dos diferentes programas.

Grandes coberturas e viagens

Somada à experiência do dia a dia, diferentes equipes da TV PUC puderam extrapolar limites geográficos para fazer coberturas em outros estados. Algumas dessas experiências nasceram de parcerias, outras do empenho pessoal de alguns alunos, como a que rendeu o Pilotis “Próxima parada: Gramado e Canela” e o PUC Artes “Tempos de Érico”, em 2005. Os programas foram feitos com reportagem, imagens e edição de duas

estagiárias que decidiram aproveitar uma viagem ao sul do país para produzir. Trouxeram, ainda, entrevistas com o filho e o sobrinho do escritor Erico Verissimo, o cronista Luis Fernando Verissimo e Luis Carlos Verissimo, respectivamente.

Em 2004, produzíamos um programa especial sobre os quarenta anos do golpe militar (Pilotis “1964: um país em convulsão”) e decidimos realizar uma entrevista com o ex-ministro do governo Médici e um dos signatários do Ato Institucional nº 5, Jarbas Passarinho. Conseguimos verba para uma única pessoa viajar, que precisaria, então, fazer imagens e entrevista. Designamos a tarefa a Eduardo Torres, repórter que viveu uma experiência singular na TV, passando por praticamente todas as funções. Para a viagem, pedimos emprestado um equipamento mais compacto, que acabou dando problemas de áudio. Mesmo assim, aproveitamos o material e até hoje guardamos trechos inéditos da entrevista.

Em duas outras ocasiões, o empenho dos estagiários e da parte administrativa para viabilizar a viagem geraram dois belos programas: o Pilotis “Luz no santuário” (2007), fruto do trabalho de duas equipes que acompanharam a primeira visita do Papa Bento XVI ao Brasil, na cidade de Aparecida do Norte, e o Pilotis “Limites à prova” (2010), sobre a maior corrida de revezamento das Américas.

Em 2002, uma equipe viajou para Mato Grosso a fim de mostrar uma campanha de reflorestamento promovida pela igreja local, com a participação de índios bakairis (Pilotis “O índio e a terra: semeando a vida”). A viagem somente se concretizou porque houve um esforço administrativo e da coordenação do Projeto Comunicar para providenciar a verba e a Prelazia de Paranatinga ofereceu hospedagem e alimentação gratuitas.

Experiência singular também foi o diário de bordo digital produzido por um estagiário do Jornal da PUC, que fez uma viagem de férias por países da América do Sul e registrou parte dela para ser incorporada a um programa sobre a América Latina (Pilotis “Fronteiras da diferença”, 2007). Além de original, o material ajudou a solucionar o problema da falta de imagens do programa.

Viabilizar viagens em veículos de comunicação já é uma tarefa árdua. Imagine em projetos de laboratório universitário. Por isso, as parcerias com vários setores da Universidade se tornam tão importantes. Em 2010, viajamos a convite da equipe Riobotz, coordenada pelo professor Marco Antônio Meggiolaro, para acompanhar uma competição nacional de robôs, em Campos do Jordão, que gerou o Pilotis “E o homem criou o robô”. Do mesmo modo, a partir de projetos de outros departamentos, nossas equipes tiveram oportunidades raras de conhecer Córrego dos Januários, um pequeno povoado no interior de Minas Gerais que somente conheceu a luz elétrica em 1984 (Pilotis “Casa das lembranças”, 2008), e a comunidade de Camburi, aldeia remanescente de quilombo, localizada a 46 quilômetros de Ubatuba, São Paulo, que sediava um projeto sustentável com bambu (Pilotis “Bambu: alternativa sustentável”, 2006).

Em 2006, a TV PUC-Rio viajou a convite do projeto Globo Universidade, para a cidade de Taperoá, no sertão paraibano. A equipe composta por dois cinegrafistas, uma repórter e a chefe de pós-produção registrou (Especial “O reino de Taperoá”) as mudanças na rotina da cidade com as gravações da microssérie *A pedra do reino*, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, a partir da obra de Ariano Suassuna, e exibida pela TV Globo. Além de um excelente programa, a experiência foi fascinante e decisiva para a equipe ter certeza do caminho que estava trilhando profissionalmente.

A cobertura de fatos ou eventos em que os estagiários têm contato com o ambiente e a rotina de profissionais do mercado exerce uma influência extremamente positiva para o aprendizado. Pudemos confirmar isso durante a cobertura do Mutirão de Comunicação (Muticom 2011), dos eventos preparatórios e paralelos à Rio+20 (2012) e do debate com os candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro (2004). No programa político, tivemos a participação de todos os núcleos do Comunicar e mobilizamos da reitoria, aos decanatos e departamentos. O esforço conjunto gerou dois programas de uma hora, com repercussão na mídia.

No Muticom, organizado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e realizado no *campus* da Universidade, toda a equipe foi envolvida na cobertura. O desafio era gerar conteúdo em grande velocidade, quase como nos telejornais de grandes emissoras. No período de uma semana, quando ocorria o Mutirão, fechamos 62 reportagens que entravam no ar poucas horas após a cobertura. A plataforma de exibição desse material, inclusive as entradas ao vivo, foi a internet (no site da TV PUC-Rio e na página oficial do Muticom).

Em 2012, repetimos a experiência com o Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, organizado pelo Conselho Internacional de Ciência (ICSU, na sigla em inglês), e o Ideias Justas, coordenado pelo Instituto Internacional para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (IIED, na sigla em inglês). Ambos os eventos ocorreram na Universidade, tiveram cobertura da mídia e representaram um desafio a mais para os estagiários – todas as palestras eram em inglês, a esmagadora maioria dos cientistas presentes não falava português e havia um vocabulário bastante peculiar. Mesmo assim, foram produzidas 47 reportagens para o site oficial dos eventos e para o canal da TV PUC-Rio no YouTube.

Ainda dentro da temática de meio ambiente, o Projeto Comunicar realizou, juntamente com o Portal PUC-Rio Digital, uma parceria inédita com o canal de notícias Globo News, em 2012. A TV, com a participação de estagiários de outros núcleos do Comunicar, produziu 12 reportagens para o site do canal por assinatura. Metade delas foi pré-selecionada para exibição no programa *Cidades e soluções*, por sua qualidade técnica e de conteúdo.

A TV na internet

Desde o início dos anos 2000, tínhamos certeza do papel que a internet ocuparia na vida das pessoas e acreditávamos numa dobradinha TV/internet. Durante um curto período de tempo conseguimos colocar apenas cinco minutos de vídeo no site da Universidade como forma de divulgar nossa programação no Canal Universitário. O tempo era curto porque não havia espaço no servidor da PUC-Rio. Converter um simples pedacinho de programa era uma tarefa hercúlea a cada semana e não tínhamos suporte técnico dentro do Núcleo para executar esse trabalho específico. Fazíamos na raça, na base das tentativas e erros. Somente em 2010, com apoio do departamento de Comunicação Social, conseguimos um servidor para o Projeto Comunicar e suporte técnico para implantar um novo site, que inauguramos no dia 13 de agosto daquele ano.

A proposta do site era oferecer mais uma possibilidade de acesso ao nosso acervo, que sempre ficou disponível de forma gratuita aos interessados em fitas VHS e, posteriormente, DVD. Hoje, a maior parte da consulta é feita on-line. Paralelamente ao site, iniciamos um trabalho com redes sociais e o site de compartilhamento de vídeos YouTube.

A estratégia inicial nas redes era usar Facebook e Twitter para reunir ex-estagiários e colocá-los em contato com o acervo da TV, que eles ajudaram a construir. Logo, as redes se tornaram um ponto de encontro e também fonte de informação e discussão. Contribuiu para o excelente resultado o trabalho de nossa primeira estagiária de internet, aluna de Publicidade, que soube trabalhar muito bem a aproximação tanto dos ex-TV PUC quanto de professores, funcionários, alunos e público externo da Universidade. Um dos primeiros desafios dela foi criar um vídeo promocional do site com material de arquivo previamente indicado. O resultado ficou simpático, jovial e bem-humorado.

A internet também foi importante para enfrentar algumas limitações. Infelizmente, por questões operacionais do Canal Universitário, ainda não exibimos programas ao vivo. O problema pôde ser parcialmente contornado com a ajuda de uma boa banda, que permite fazer esse tipo de transmissão via Twitcam e similares. Já transmitimos ao vivo desde reuniões de pauta até alguns eventos, amplamente divulgados em nossas redes sociais.

Apuração em tempos de oráculos

Ao longo dos últimos 13 anos, acompanhamos a mudança que a internet provocou nas redações profissionais e nas redações-laboratório. De forma avassaladora, ela passou a ser fonte primária de pesquisa, principalmente após o surgimento do Google e da Wikipédia. Hoje é difícil explicar para qualquer jovem como se fazia apuração na era pré-internet, pois o telefone e a conversa olho no olho passaram a ocupar um lugar secundário.

É preciso convencer as novas gerações de que a instantaneidade da informação na rede nem sempre reproduz material confiável. Tampouco o fato de não encontrarmos

algo pelo Google significa que ele inexistente. Muitas vezes, o resultado da pesquisa é negativo porque o usuário não soube pesquisar, escolher as palavras-chaves da busca. Em outras situações, o usuário de internet espera receber um resultado mastigado, diante do qual não precise raciocinar, fazer conta ou cruzar dados.

Na TV PUC, procuramos, constantemente, apontar para o fato de que na rede é comum a reprodução infundável dos mesmos textos e fontes e que reportagens de outros veículos não podem ser consideradas fontes primárias de apuração e nem sempre as informações publicadas por eles são confiáveis.

TV se faz com talento e dedicação

Assim como todo o Projeto Comunicar, o Núcleo de TV se tornou referência em processos seletivos de grandes veículos de comunicação. Nossos estagiários formam um grande contingente, sobretudo em emissoras como Globo e Globo News. Há também profissionais na Band, SBT, Record, *O Globo*, *Extra*, *Folha de S. Paulo*, *Veja*, *Nova Escola*, rádio Globo, CBN, Bandnews, Bandnews FM, portais de internet (Globo.com, R7, Yahoo) e assessorias de imprensa, entre outros. Já passaram pelo Núcleo de TV 395 estagiários das habilitações de Jornalismo, Cinema e Publicidade.

Com frequência, ouvimos de profissionais do mercado que quem passa pela TV PUC ou por qualquer núcleo do Comunicar se diferencia dos colegas ou concorrentes, seja pela postura, pela maturidade profissional ou pela formação técnica. Temos consciência de que as ofertas de estágio em TV são pequenas, mas permitem aos alunos ter uma vivência intensa de redação. Em nosso caso, eles apuram, produzem, apresentam, filmam, editam e o produto vai ao ar.

Além da inserção desses jovens no mercado, a qualidade do trabalho realizado pelo Núcleo de TV já permitiu parcerias para a produção de programas ou reportagens com a TV Senado, a TV Cultura, a TV Brasil e, mais recentemente, com a Globo News. E desde 2002, o Núcleo de TV mantém um intercâmbio de programas com a TV USP, que integra o Canal Universitário de São Paulo, graças a uma articulação do professor Miguel Pereira, atual coordenador do Projeto Comunicar.

O reconhecimento do trabalho

Em 13 anos de existência, o Núcleo de TV do Projeto Comunicar conquistou dez prêmios e duas menções honrosas, uma nacional e outra internacional:

- Pilotis “Fome: a dor do vazio” – Prêmio Especial Fome Zero, no 4º Vídeo Saúde, da Fiocruz (2003);
- Pilotis “Nós que sonhávamos com a revolução” – Destaque do Júri no 12º Gramado Cine Vídeo (2004);

- Contraponto “Medicamentos ao alcance de todos” – Melhor telejornal na 4ª Expocom (2004);
- Pilotis “Açougue da alma” – Destaque do Júri no 14º Gramado Cine Vídeo (2006);
- Contraponto “Medicamentos ao alcance de todos” – Menção Honrosa na 4ª Expocom Mercosul (2006);
- PUC Artes “Demorô, já é” – Melhor Documentário no 17º Gramado Cine Vídeo (2009);
- Pilotis “Paternidade ausente, histórias incompletas” – Melhor Reportagem e Melhor Vídeo de Televisão Universitária Brasileira, na 18ª edição do Gramado Cine Vídeo (2010);
- Melhor Documentário no Prêmio Clara de Assis (2011);
- Melhor Reportagem no 7º Festival Aruanda do Audiovisual Brasileiro (2011);
- Pilotis “Filhos do abandono” – Melhor Documentário no Prêmio Clara de Assis (2012);
- PUC Artes “Subterrâneos da alma” – Menção Honrosa no 7º Festival Aruanda do Audiovisual Brasileiro (2011).

Temos muito a aprender sobre educação

*Aurélio Amaral**

Existe um consenso de que a educação é fundamental para o desenvolvimento social e econômico do país – e, portanto, um assunto de interesse público. Essa percepção, que também permeia a imprensa, não garante, no entanto, o amplo debate sobre como melhorar a qualidade da educação básica e do ensino superior e muito menos sobre o projeto de nação ao qual a formação deve atender. Redações de rádios, TVs, jornais, revistas e portais de internet geralmente reservam espaço fixo para notícias sobre o tema. Mas, apesar do volume razoável de reportagens, o que se nota é uma cobertura pouco aprofundada e despreocupada em problematizar as questões que afetam as escolas e universidades públicas e privadas do Brasil.

A pesquisa *A educação na imprensa brasileira* – coordenada pela Agência de Notícias do Direito da Infância (ANDI) e pelo Ministério da Educação (MEC), com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) –, de 2005, aponta que 30% das reportagens de educação do noticiário brasileiro consistem em anúncios oficiais de novas medidas, solenidades e lançamentos de projetos. Boa parte dos outros 70% não situa o leitor no tempo nem citam estatísticas, pesquisas ou marcos legais – contextualização sem a qual não é possível formar opinião crítica sobre o assunto. Mesmo os vestibulares e o Enem, provavelmente os tópicos mais recorrentes na editoria, costumam receber uma cobertura monocórdia, pautada apenas por datas de exames, prazos de inscrição e oferta de cursos.

É normal que os veículos, especialmente os diários, sejam pautados por eventos, temas “quentes”. Contudo, a educação é um processo. Uma visão mais ampla sobre ela depende – talvez mais do que em cidade, política, esportes ou cultura – de espaço para reportagens “frias”, que proponham reflexões como: que cidadãos o país pretende formar? Que competências e conhecimentos as crianças, os jovens e os adultos devem aprender para desempenhar papéis relevantes e conviver bem em sociedade? Essa abordagem jornalística é fundamental para aproximar a população das políticas públicas que influenciam a educação. Dessa forma, um pai deixa de apenas desejar uma escola melhor para o filho e passa a entender a raiz dos problemas dela e cobrar as soluções das esferas administrativas responsáveis.

* Repórter da revista *Nova Escola Gestão Escolar*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Jornalismo Impresso (2007-2008) e de TV (2010-2011).

Para que isso aconteça, a imprensa deve ir atrás de bons exemplos e mostrar o que as instituições de ensino têm produzido e as consequências positivas dessas aprendizagens – tanto para os próprios estudantes como para a sociedade. Deve também passar a dar destaque a assuntos como financiamento, currículo, gestão e formação de professores. A proposta representa um desafio para as redações. Afinal, buscar bons casos, analisar informações complexas e torná-las próximas do público geral exige uma equipe de jornalistas especializados, que tenham um leque amplo de fontes e dominem conceitos da área. A universidade também tem um papel crucial nesse processo. Como instituição cujo intuito é educar e formar cidadãos conscientes – dentre os quais alguns que também se tornarão educadores –, ela deve colocar essas questões em discussão não apenas na pedagogia, mas em todos os cursos de todos os departamentos.

Nesse contexto, o Projeto Comunicar tem uma dupla missão. A primeira é, por meio dos seus núcleos, divulgar e contextualizar as iniciativas da academia, tanto no meio universitário quanto na comunidade externa. A segunda é despertar o interesse pela educação nos seus estagiários, contribuindo, assim, para que os futuros profissionais das empresas de comunicação deem um tratamento mais crítico ao tema. Não é uma tarefa fácil. A princípio, os alunos tendem a reproduzir as sugestões de pauta das mídias tradicionais. Com a orientação dos professores, contudo, o olhar se volta para a própria universidade e o tom analítico e a preocupação social passam a permear as reportagens.

Em uma das minhas primeiras coberturas para o Jornal da PUC, escrevi sobre a assinatura de um convênio com uma instituição estrangeira para cooperação em estudos sobre energia. O mero registro da solenidade ganhou outro sentido ao serem explicados os conhecimentos que a parceria poderia trazer para os alunos e pesquisadores dos departamentos do Centro Técnico Científico e como eles poderiam, a longo prazo, influenciar os hábitos de consumo e o mercado de trabalho nessa área.

No ano seguinte, na TV PUC, fui pautado para cobrir a inauguração de um centro de memória em uma pequena cidade de Minas Gerais, resultado de uma dissertação de mestrado de uma aluna do departamento de Psicologia. Ao longo da apuração, percebi que a ideia da mestranda de resgatar a história local havia mobilizado os professores para que a escola valorizasse mais a leitura e a produção de registros escritos. Logo, toda a comunidade estava envolvida na construção da casa que hoje reúne documentos, fotos e vídeos do povoado. Tudo isso a partir de uma investigação acadêmica.

Experiências como essas, embora não guardem relação direta com gestão escolar – assunto que cubro há cerca de um ano e meio –, contribuíram para eu voltar minha atenção à educação. E certamente me ajudaram a perseguir os ideais de uma cobertura analítica e contextualizada do tema – para que, cada vez mais, tenhamos consciência sobre o tipo de cidadãos que queremos formar nas escolas e universidades do país.

Cinegrafia e reportagem

Bernard Nagel

Quando fui convidado a escrever para o Projeto Comunicar, lembrei do meu primeiro dia na TV PUC. Recordo bem que estagiava em outro lugar e cheguei lá sexta-feira à noite para avisar que não poderia começar a trabalhar na segunda. Quando entrei, estava acontecendo uma reunião geral para discutir a qualidade dos programas feitos durante a semana. Fiquei do lado de fora, mas quando a Carmem Petit me viu, pediu para eu entrar e foi logo dizendo: “Gente, este é o Bernard, o novo cinegrafista. É bom que ele já escute de uma vez as besteiras que não pode fazer.” Assim fiquei lá, participando e conhecendo pessoas que hoje, seis anos depois, fazem parte da minha vida.

Trabalhar no Projeto Comunicar, enquanto fazia faculdade, se tornou um objetivo. De alguma maneira eu imaginava que, se conseguisse, iria encontrar respostas para as dúvidas profissionais que eu ainda tinha, mesmo cursando o quinto período de Jornalismo.

Estudei em colégio público e tinha uma defasagem visível em relação à maioria dos meus amigos de faculdade. Não escrevo bem, mas o jornalismo sempre me fascinou. Então, em muitos momentos ao longo do curso, eu pensava: “Como vou ser um bom jornalista se não escrevo bem?”

Lembro que fiz aula de Técnicas de Reportagem com a Adriana Ferreira – então futura chefe na TV PUC –, talvez a pessoa, para mim, mais importante da faculdade. Nas aulas, ela conversava comigo sobre isso. Eu entendia muito bem o que era a pauta, sabia apurar as informações, conseguia ver histórias e encontrar detalhes que passavam despercebidos para muitos. Mas, na hora de colocar no papel, me perdia um pouco.

Ao terminar a disciplina dela, no quarto período, fiz prova para ser repórter da TV PUC; quando saiu o resultado, eu estava na lista de espera para ser cinegrafista. Fiquei muito feliz por estar ali, mas sem entender como fui parar nessa lista. Assim que entrei na TV PUC, conversei com a Adriana, que me disse as seguintes palavras: “Bernard, você vê a pauta. Então filme a pauta e mostre o que você está vendo.”

Sem saber o tamanho daquilo, hoje posso falar sem medo que a Adriana foi responsável por ver em mim o jornalista que sou hoje: um profissional que vive de paixões. Sim, eu me apaixono por pautas, por pessoas, por assuntos, por questões e, principalmente, por um trabalho bem-feito.

* Atualmente trabalha com edição, como repórter cinematográfico, diretor de fotografia e documentarista. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2006-2007).

Tudo isso só foi possível porque, na base, o Projeto Comunicar me deu as ferramentas e o direcionamento para as minhas escolhas. Continuo não escrevendo bem, mas tento ser completo de outras formas. Sou cinegrafista, repórter cinematográfico, editor, diretor de fotografia e me arrisco a escrever alguns roteiros nas minhas aventuras pelo cinema.

A TV PUC e o Projeto Comunicar foram a minha primeira experiência com *hard news*, redação e com troca de informações. Pude perceber como o espírito de equipe pode ser bom para o trabalho de todos. Éramos jovens que estávamos aprendendo uns com os outros nos erros, que eram comuns a todos. Várias vezes, fizemos besteiras e tentamos encobrir uns aos outros, para que as chefes não soubessem de nada.

Mas o que posso falar que aprendi, e sei que muitos dos estagiários têm a mesma impressão, é que ali se fez uma passagem de estudante de jornalismo para jornalista. Ali, ganhamos responsabilidades profissionais e fomos cobrados como tais; tínhamos consciência da excelência que nos era exigida sempre.

Eu, como cinegrafista, queria a cada dia fazer a melhor imagem que já tinha feito. O espírito era esse. Questões técnicas eram importantes, pois sem o domínio do equipamento você não consegue fazer a imagem que deseja. Mas o que realmente aprendi a aperfeiçoar foi o olhar. Por que olhar? O que quero passar com esse olhar? Como o que vejo pode ajudar a fazer com que o texto do repórter se torne ainda melhor?

No Comunicar, nós aprendemos a viver o jornalismo. Suas decepções por pautas que não funcionam, alegrias por uma boa matéria, aprendizado com erros, felicidades pelo reconhecimento dos companheiros e, principalmente, começamos a beber dessa cachaça chamada jornalismo, que nos torna um bando de “coleguinhas” viciados em informações e bons trabalhos. A importância do diálogo que tínhamos entre os cinegrafistas e os repórteres acabou ajudando, e muito, no crescimento de cada um.

A experiência de viajar pela TV PUC para o nordeste, para cobrir e fazer o documentário sobre a minissérie da Rede Globo *A Pedra do Reino*, é um marco até hoje em minha vida profissional. No dia em que a Carmem avisou que eu iria, fui até o terceiro andar do prédio e chorei sozinho, sem ninguém ver. Havia acontecido muita coisa naquele ano de 2006, e a viagem também significava que tudo tinha valido a pena. Lembro bem o dia em que falei com a Marcia Antabi que iria pegar a câmera para fazer imagens da cidade de Taperoá, no meio do sertão da Paraíba. Quando estava sozinho andando pelas ruas, filmando o cotidiano de pessoas tão simples no sertão, percebi que era aquilo que queria fazer pelo resto da vida. Ao chegar de viagem, conversei sobre isso com a Carmem e agradei por tudo o que fizeram por mim. Fui um privilegiado por ser acolhido na TV PUC e no Projeto Comunicar. Fui um privilegiado por saber, aos 22 anos, o que fazer da minha vida.

Dentro do Comunicar e da TV PUC, vivi muitas coisas que me fizeram ser o homem e o profissional que sou hoje. Ali eu aprendi, errei, acertei, adquiri conhecimentos, fiz amigos para a vida, me apaixonei, amei, viajei, me diverti e entendi o profissional que queria ser. Muitos anos depois, e com tantas experiências profissionais vividas, espero que, no futuro, eu possa ter orgulho do que fiz pelo audiovisual, uma de minhas grandes paixões.

Editar a vida

Bernardo Tabak*

Editar a vida?! Como assim, “editar a vida”? Esse meu chefe é louco! Dar uma tarefa dessas, a essa hora do dia, quase noite, para publicar amanhã! E ainda por cima um texto cujo conteúdo é sobre “editar a vida”. “O pedido veio de cima, Bernardo. Urgente, para amanhã. Como você tava dando sopa aqui na redação, vai você mesmo”, disse ele. Eu mereço. Isso não é tarefa para um repórter, mas para filósofos, pensadores, acadêmicos. É para quem domina a arte da escrita, da engenhosidade de transformar pensamentos e sentimentos em texto. “Quem não vê bem uma palavra não pode ver bem uma alma.” Só Fernando Poeta – como diz um grande amigo meu – e alguns outros Pessoas têm o dom de “editar a vida”, em verso. Ou em prosa, como quando José Saramago botou no papel: “No dia seguinte ninguém morreu.” Na primeira frase de *As intermitências da morte*, o escritor português vai além de, digamos, simplesmente “editar a vida”, determinando que os ainda não mortos vivessem eternamente. Como editar algo que não tem mais fim? Meu chefe é louco.

Não bastasse o desvario do pedido, a chefia ainda complementa: “Quero quatro laudas, ouviu?!” Lauda? Lauda?! Será que esses caras da velha guarda nunca vão se acostumar a pedir quatro páginas de Word, fonte tamanho 12, espaçamento 1,5 entre linhas? Isso me lembra dos tempos de Pontificia – como alguns de nós chamávamos a PUC –, dos professores ainda falando em laudas, tipografia e focas. Será que em alguma redação o estagiário ainda é chamado de foca? Mas, pudera, naquela época internet era por conexão discada – alguns telefones ainda tinham disco, e não teclas – e o Google fazia as primeiras buscas. Quem estava na faculdade na segunda metade da década de 1990 viveu intensamente a evolução da *World Wide Web*. “E, não esquece: para amanhã!”, enfatizou ele, já de saída. Não tem jeito. Tenho que começar. Então, faço o que 99% dos jornalistas, hoje, fazem quando precisam pesquisar alguma coisa rapidamente: vou ao Google. Primeiro resultado: “Vida – Wikipédia, a enciclopédia livre”. Wikipédia não é fonte, mas vamos clicar, para ver se tenho algum *insight*.

“A vida (do latim *vita*)[1] é um conceito muito amplo e admite diversas definições.” Definitivamente, nada inspirador.

* Produtor de internet da TV Globo e repórter do portal de notícias G1. Desenvolve os sites da Globo News e do telejornal RJTV. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos Núcleo de Jornalismo Impresso (1999-2000) e de TV (2000).

Ideia luminosa: consultar os dicionários. Para meu deleite, deparo-me com uma coluna e meia de acepções para o verbete “vida” no Aurélio. Algumas expressões vêm bem a calhar no meu atual momento, desta “vida de cão” de jornalista que, às vezes, me deixa “puto da vida. *Bras. Chulo. V. danado da vida*”. Dou uma folheada pelas duas mil páginas do dicionário. “Vida” é uma das palavras às quais o Aurélio mais destina espaço. Mais do que “liberdade”, do que “amor”, do que “alma”. Muito mais do que “morte”, que tem releas meia coluna.

Entretanto, gosto mais dos significados que leio no Houaiss: “Propriedade que caracteriza os organismos cuja existência evolui do nascimento até a morte.” Talvez a explicação mais natural, biológica. Vejamos como é a “vida” que os advogados enxergam, juridicamente falando: “Atividade do indivíduo, quando na posse e no gozo de seus direitos civis e políticos.” Mais adiante, descubro minha interpretação preferida: “Motivação que anima a existência de um ser vivo, que lhe dá entusiasmo ou prazer.” Isso sim é vida! Como é bom ler um dicionário de vez em quando. Um hábito que trago desde o Projeto Comunicar, da Pontifícia, onde consegui o meu primeiro estágio, no Jornal da PUC. Quando ia procurar sinônimos, alternativas, ou mesmo ver se estava usando a palavra corretamente nas minhas primeiras matérias, virar as páginas daquele livro enorme era delicioso. E continua sendo.

Mas, caramba: chega de devaneios. Preciso “ganhar a vida”! Tenho que começar logo esse texto. Só que “editar a vida” de quem? Os grandes biógrafos recorrem a centenas de entrevistas e meses, às vezes anos, de pesquisa para esmiuçar a vida de grandes personalidades. Certa vez, em uma palestra, escutei Fernando Morais explicar que ele, ateu convicto, não precisava acreditar, muito menos se encantar pelas experiências de fé e religiosidade explicitadas pelo escritor Paulo Coelho, de quem escreveu a biografia. Mas que tais vivências seriam descritas conforme foram ditas, apreendidas e compreendidas pelo biógrafo. Era uma técnica dele. Mas Morais tinha um objeto de estudo, e eu nem isso tenho para começar.

Pois então vamos ao lugar onde encontramos mais pessoas falando, confessando, explicitando as vidas, a todo instante, milhões delas, espalhadas pelo planeta: o Facebook. E os desenvolvedores da rede social ainda encontraram um jeito muito simples de “editar a vida” de toda essa gente, com a “Linha do tempo”, onde fica registrado tudo o que os usuários postam diariamente. Após cinco minutos de leitura, algo intrigante é a quantidade de “bons-dias” que os internautas escrevem, muito mais do que estou acostumado a dar, ou receber. Alguns exemplos tirados do site: “BOM DIA AMORSSSS.....”; “Começar a praticar atividade física 6ª feira, 6h da manhã. Será que eu tô surtando??? Não sei... mas que tô agora morrendo de sono, é fato!...rsrsrs... Bom dia!”; “Bom dia para você que é, acima de tudo, rubro-negro! (extraído da página oficial do

Clube de Regatas do Flamengo no Facebook)”. Fico com uma cara meio enfadonha. E saibam que sou rubro-negro até morrer! Mas, olha um último *post* que li: “O sol raiou.” Que bom, não?

Enfim, encontro um “bom-dia” interessante: “Sei não... Hoje o dia está com uma cara meio puta que pariu... A conferir!” Escrito por uma grande amiga, curiosamente, com uma boa dose de sincronicidade, ex-colega de Projeto Comunicar. Vamos gastar mais cinco minutos para ver o que temos além dos desejos de que o dia seja bom: “Balança, você tá virando minha inimiga???”; “Eu sou a dinda mais feliz do mundo!”; “Praia em plena quinta-feira é só pra quem pode”; “Estou para ver um dia de formatura que não toque uma música dos Beatles”; “Exausta...por hoje...” Também fiquei cansado. Às vezes sinto que tem muita gente que vive mais se comunicando através da rede virtual, postando algo via celular, *tablet* ou “I qualquer coisa”, do que convivendo com outros andantes, pelas ruas da cidade.

É isso! Na minha época de faculdade, não existiam *smartphones*. Muitos de nós, alunos e professores, nem sequer tínhamos celular. Inclusive eu. O tempo de vida que hoje se gasta digitando mensagens era mais bem aproveitado conversando pessoalmente, nos pilotis, nas casinhas da PUC. Ou no fim do dia, em algum boteco. Combinava-se antes, encontrava-se depois. Na Pontifícia, após seis horas de estudo pela manhã, passávamos mais quatro dedicadas ao Projeto Comunicar. No meu caso, além do jornal, ainda participei da TV PUC. Fernando Ferreira, no impresso, e Luís Nachbin, na televisão, esses dois grandes mestres, além de aprimorar minha escrita e os conceitos que aprendi de jornalismo, e a forma como eu fazia títulos e legendas, editava e diagramava reportagens, também sempre me incentivaram a procurar pelo novo, a fazer diferente. A busca por pautas e inspiração era uma constante. Mas era mais do que isso. Era a “vida noturna” depois do expediente no Comunicar, seja dentro do próprio projeto, ou na PUC, em eventos festivos, com alunos e professores confraternizando, trocando ideias. Ou uma sexta-feira, que merece sempre ser comemorada, geralmente com vinho ou, algumas vezes, com um puro malte. Neste último caso, era a senha para as grandes piadas e histórias de vida e de jornalismo do Fernando, como quando ele entrevistou Roman Polanski. Ou fora da faculdade, com meus amigos do projeto. Sempre que podíamos, e o salário de estagiário deixava, tomávamos “felizes da vida” umas cervejas no Seu Pires, no Luar da Cidade, ou no Hipódromo, no Baixo Gávea. Recordando agora, com uma nostalgia permitida, tínhamos a “vida que pedimos a Deus”.

As boas lembranças da faculdade fizeram-me lembrar de um texto sobre uma das minhas maiores paixões: viajar de carro. Em 2009, fui do Rio de Janeiro a Ushuaia, no extremo sul da Argentina, cidade mais meridional da Terra. Foram 40 dias e 16,5 mil quilômetros, ida e volta. Em dado momento, escrevi isto para um blog sobre a viagem, publicado no site onde trabalho:

A estrada era uma grande companheira, que, no passar dos quilômetros, me fazia refletir sobre muita coisa que, no dia a dia do nosso cada vez mais corrido cotidiano, não podemos nos deter em nossos pensamentos. Por algumas poucas vezes – já que não é muito confortável dormir no carro – a estrada também foi meu abrigo e, em alguns dos seus postos de combustíveis ou acostamentos, me acolheu muito bem até hoje.

Além de me dar abrigo e companhia, a estrada também se mostrou uma serena tutora. Deu muitas lições sobre como me comportar com calma e concentração diante dos imprevistos. Ensinou-me a decidir mais sabiamente sobre quais são os momentos para se andar mais rápido, ou mais devagar. E, principalmente, a estrada me revelou que não somos recompensados apenas ao final da jornada. Somos, sim, presenteados ao longo dos quilômetros, dos dias, com histórias, paisagens e situações que, somente na estrada, podemos conhecer, admirar e viver.

De alguma maneira, a analogia entre estar na estrada e viver foi uma forma de “editar a vida”, na mesma direção do que meu chefe pediu. Pronto! Veio a inspiração, vamos ao lide:

A vida prosseguiu, nesta terça-feira (31), da mesma maneira que ontem, em todos os bairros, cidades, países, no planeta todo. Sem saber se ao acaso ou conduzindo nosso destino, nós – pelo menos aqueles que sabem que estão vivos – seguimos sempre em frente, pois não há outro caminho que não o adiante. Se pararmos, quer dizer que cessamos. Resta, então, decidir se vamos viver até morrer, ou ficar mortos em vida.

Um novo e necessário caminho: a edição de imagens no *hard news*

Daniel Gonçalves*

Funciona quase do mesmo jeito há mais de cinquenta anos. No jornalismo *hard news* de TV, o editor de texto fala com o repórter que está na rua, apura informações complementares e revisa ou escreve o texto (*off*) do VT, que então é gravado e mandado para a emissora junto com o material bruto da reportagem. Já na ilha de edição, o editor de imagem monta, seguindo as orientações dadas pelo editor de texto, o esqueleto (*off* mais sonoras e passagem) e cobre com imagens a matéria que irá ao ar.

Esse processo sofreu duas grandes mudanças técnicas ao longo do tempo. A primeira delas ocorreu quando as reportagens deixaram de ser feitas em película para serem gravadas em vídeo. Saíram as antigas mesas de montagem (moviola etc.) e entraram as ilhas de edição máquina-máquina. A outra e mais importante transformação aconteceu no final da última década, quando o jornalismo *hard news* adotou *softwares* de edição não linear na feitura de suas reportagens e programas.

Novos caminhos e possibilidades também surgiram com a chegada de jovens profissionais formados depois dos anos 2000, preparados para exercerem e ocuparem um novo cargo, o de editores de conteúdo. Por essas e outras razões, o modelo de edição de texto e imagem adotado pelo jornalismo das principais emissoras de televisão do país está com os dias contados.

Cursos cada vez mais práticos, em que estudantes de Jornalismo, além de aprenderem as técnicas para fazer um bom texto, podem filmar, roteirizar e montar matérias com suas próprias câmeras e ilhas, vão formar essa nova leva de editores. Capaz de pensar o texto e botar a mão na massa, ou melhor, no Avid, Final Cut, Premiere... essa nova espécie ainda é rara nas grandes redações do país. Os profissionais da velha guarda não veem com bons olhos o aparecimento desses “faz-tudo”. Têm receio de serem superados pela geração multimídia que aprende cada vez mais cedo a trabalhar e transitar entre e com diferentes plataformas.

No entanto, isso não significa que editores de texto e editores de imagem deixarão de existir. No dia a dia, muitas vezes louco, de um jornal, ainda serão necessários, por conta

* Fundador da produtora Seu Filme, em parceria com Fabrício Mota e Paulo Maurício Macedo. Trabalhou como editor de imagens na TV Globo. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2007).

da urgência, os dois cargos. O que vai se transformar é a relação de trabalho. Os novos editores deverão ser capazes de ajudar o colega de ilha em tudo o que for possível. Resolver problemas no texto, achar o trecho ideal de uma sonora, escolher o melhor corte de uma imagem. Um dando pitaco no trabalho do outro, sem vaidades nem picuinhas. Faltou editor de texto (!), é só chamar o fulano – editor de “imagem” –, que ele dá conta do recado. E vice-versa.

Mudanças desse tipo não são rápidas. Levam tempo porque empregadores e funcionários têm de alterar uma fórmula que dá certo há mais de cinco décadas. É comum ver editores de imagem que não gostam quando o colega de texto pede para que um plano seja trocado. Alguns editores de texto também não aceitam as escolhas feitas pelo companheiro responsável por apertar os botõezinhos e pedem para que seja do jeito deles. Na maioria das vezes o resultado seria melhor se cada um tivesse ouvido a opinião do outro.

Quando há confiança entre as partes e a troca de ideias acontece, todos saem ganhando. Matérias ficam prontas mais rápido, o estresse é menor e a qualidade do trabalho, maior.

Hoje, falta valorização. Editores de imagem precisam ser melhor vistos no jornalismo. Algumas práticas, como a não necessidade de curso superior, fazem com que o posto seja por muitos considerado técnico, tenha uma menor importância em relação aos editores de texto e, conseqüentemente, seja pior remunerado. Por vezes, a avaliação do trabalho é obscura e são raras as promoções por mérito.

Ainda assim há esperança. A recente criação da Associação de Profissionais de Edição Audiovisual (edt.) e a chegada às emissoras de profissionais mais capacitados prometem dar novos ares ao mercado. Um novo paradigma precisa ser criado. Caso contrário, jovens editores continuarão migrando para a produção independente e outras áreas. As TVs devem mapear e identificar quais funcionários têm vontade e habilidade para se tornarem editores de conteúdo. Somente dessa forma o antigo modelo será substituído. O resultado, eu afirmo, será muito positivo!

Fazendo das histórias a marca da sua identidade, ou a identidade da sua marca

*Eduardo Shor**

O jornalismo é uma forma de contar histórias, entre as tantas possíveis. As empresas contam histórias, as ONGs, os governos das cidades, as personalidades e até mesmo aquelas pessoas que jamais tiveram seus 15 minutos de fama. Todo mundo guarda fatos que, se bem contados, têm condições de virar uma narrativa interessante nos mais diversos tipos de linguagem e mídia.

No século XV, a prensa inventada por Johannes Gutenberg revolucionou a comunicação, tornando as informações capazes de alcançar um número bem maior de pessoas. Mais de quinhentos anos depois, a internet obteve o mesmo efeito. No meio de tudo isso, inovações de filmagem, fotografia, moda, comportamento, tecnologia, indústria e outros setores muito influenciaram a maneira de contar as histórias – sem que jamais tenhamos perdido a vontade de transmiti-las.

Em palavras gerais, pode-se considerar que o publicitário conta uma história para vender um produto. O psicólogo escuta uma história para dar suporte ao paciente. O professor conta uma história para educar o aluno. O médico escuta uma história para receitar um remédio. O jornalista publica seus relatos para comunicar ou esclarecer algo à sociedade. E quem nunca sentou ao lado de alguém mais vivido para ouvir as histórias saudosas de um tempo inesquecível?

Afinal, contamos histórias também para formar identidades, apontar um sentido, dizer quem nós somos. O neurologista inglês Oliver Sacks tem um trabalho de 1975 em que descreve o caso de Jimmy G., paciente que se lembrava dos seus dias até 1945, época do serviço na marinha americana. Sofrendo de uma rara doença atribuída aos excessos no consumo de álcool, aos cerca de 50 anos Jimmy não conseguia, porém, recordar-se de situações pelas quais havia acabado de passar.

Em uma ocasião, Sacks saiu da sala de atendimento e retornou dois minutos depois, precisando lembrá-lo de que os dois já se conheciam. O médico registrou em suas anotações que se tratava de uma pessoa isolada em um único momento de sua vida. Sem passado, e nem mesmo futuro, prisioneiro da mudança constante e do presente sem

* Produz conteúdo para o Portal Terra, é assessor de imprensa de uma galeria de arte e colunista da revista Página 22 (FGV). Trabalhou na área de comunicação da Brasilveículos. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2000).

qualquer significado. Uma espécie de “alma perdida”, para usar os termos do próprio neurologista, sem raízes e conexões a não ser aquela com o passado remoto, acreditando, inclusive, que ainda tinha 19 anos.

Em certo trecho do estudo, Sacks se pergunta sobre a possibilidade de se falar em existência sem memória e continuidade. Contar histórias, portanto, é um modo também de ser e estar no mundo, reconhecer a nossa participação em algo edificante e reforçar o nosso indispensável pertencimento a uma comunidade. A história em comum de angústias e conquistas, por exemplo, forma desde a identidade de um povo à de uma torcida de futebol. Todos com narrativas épicas na ponta da língua.

A percepção de que toda história contém o seu valor foi uma das razões que levaram à criação do Museu da Pessoa, com núcleos no Brasil, Canadá, Estados Unidos e Portugal. Desde 1991, quando foi inaugurado, o museu, com uma unidade em São Paulo, já registrou 15 mil histórias de vida. Entendendo que cada pessoa tem um papel como agente de transformação da realidade, um dos objetivos da instituição é integrar grupos sociais diferentes por meio do conhecimento e de suas experiências. Ou seja, nada mais do que usando as suas histórias.

Apesar do olhar treinado para acompanhar os fatos divulgados na imprensa, o jornalista jamais deve se esquecer das histórias que os jornais não publicam, principalmente porque são muitas delas que vêm ganhando cada vez mais destaque nos veículos de comunicação da internet. Uma das maiores diferenças entre a prensa de Gutenberg e a prensa de Zuckerberg, com certeza, está no emissor da mensagem.

Começou com os blogs, agora o Facebook chama a atenção. Mas a grande habilidade da internet pronta para desafiar a mídia tradicional é a produção de conteúdo, feita na medida pelo próprio público para ele mesmo, sem a necessidade de intermediários. Levar à reunião de pauta as novas tendências da cidade, a música que vem fazendo sucesso entre os adolescentes ou um personagem moderno? Que nada... a velocidade da informação na rede talvez torne o assunto notícia antiga antes do que você imagina.

Outro fenômeno que vem ocorrendo com mais frequência, a partir do crescente uso da internet móvel, é o da busca pelas notícias a partir do e-mail, do Twitter e do Facebook, antes mesmo de se levantar da cama. No *tablet* ou no telefone celular deixado em cima do móvel do quarto, as histórias dos amigos, do vizinho ou de um familiar ganham destaque. E as fotos da viagem, o vídeo do aniversário, um comentário engraçado e a opinião de um primo sobre o filme em cartaz muitas vezes assumem importância maior do que as manchetes do dia nos veículos de comunicação tradicionais.

As empresas costumam embarcar na facilidade criada pelas múltiplas opções para transmitir suas mensagens. No mundo corporativo, termos como *storytelling* (algo como “contar histórias”) se tornam cada vez mais populares para valorizar a cultura

organizacional, treinar funcionários, incentivar as vendas e conquistar o coração do cliente. De acordo com o psicólogo americano Jerome Bruner, PhD pela Universidade de Harvard, um fato tem vinte vezes mais chance de ser lembrado se estiver atrelado a uma boa história.

Os comerciais de TV, claro, não deixam de ser considerados histórias. A questão é o uso de uma narrativa bem construída para fisgar o olhar do público em outros momentos também. O Centro de Memória da TAM é uma iniciativa nesse sentido, contribuindo para a reputação da marca e confiança em sua tradição. Essas entidades ajudam a aproximar os consumidores de produtos e serviços, fortalecendo, ainda, a cultura interna da empresa. Cabe ressaltar que a concorrência consegue copiar tudo, menos a herança e as histórias das outras marcas.

A mesma companhia aérea inovou ao transformar a linguagem das instruções de segurança dos voos, comumente transmitidas por um membro da tripulação, em um atraente vídeo exibido nas telas dos aviões, dentro do projeto *Vintage*. Em vez do discurso clichê, o vídeo bem-humorado passa as orientações de segurança de maneira clara e agradável, com personagens dos anos 1970 tomando os devidos cuidados – acredite, a empresa conseguiu incluir até o famoso “favor desligar os telefones celulares” no roteiro, apesar de eles não existirem naquela época. Veja em <http://youtu.be/TZ7E1UKkjG0>.

Nos desenhos animados ou no cinema, há exemplos famosos de como uma história ajudou a promover um produto. O espinafre jamais seria o mesmo sem a contribuição que dá ao Popeye. A percepção de quem assistiu ao filme *Náufrago* sobre as bolas de vôlei da marca esportiva Wilson é diferente da que têm aquelas pessoas que nunca assistiram. Assim, a arte de contar histórias sobre seus produtos ou serviços possibilita à indústria criar laços fortes entre sua marca e seus públicos. Uma peça interessante é o vídeo institucional da Johnnie Walker, fabricante de uísque, em que a empresa relata a sua história de um jeito bem original. Assista em <http://youtu.be/ifRwILNmrOs>.

Em alguns casos, a evolução da tecnologia mudou a maneira de contar histórias, oferecendo possibilidades variadas de canais. A internet tornou real a produção do conteúdo de modo colaborativo, considerando que a transmissão imediata por um veículo já existia desde a época do rádio. Nada disso funciona direito, no entanto, sem alguém que tenha um bom conhecimento das ferramentas disponíveis e, mais do que isso, seja um excelente narrador de histórias.

O preço de um sonho

Eduardo Torres*

Imagine antever todas as dificuldades inerentes a uma profissão, antes mesmo de adotá-la como sua. Imagine um ambiente onde todos os desafios, erros e acertos podem ser experimentados com uma equipe forte e respeitada, com um programa de ensino inovador. Imagine além. Imagine sentir orgulho, colher méritos e vivenciar de fato toda repercussão que um consistente exercício profissional pode oferecer antes mesmo de sair da faculdade. Impossível?

Há um quarto de século, surgiu um projeto onde aprender se tornou não só uma meta, mas um prazer diário. Onde o aluno, mesmo que em dúvida de que caminho seguir, pode experimentar, gostar, odiar, voltar atrás, experimentar de novo. Essas manobras, bem sabemos, nem sempre têm boas consequências no mundo profissional. Isso porque o ambiente corporativo não perdoa erros. Mas no Projeto Comunicar, o aluno pode errar, se arrepender, desistir e repetir sem custo para a carreira. Pelo contrário: o exercício diário o fortalece para enfrentar os desafios do mercado de trabalho.

É comum a um pós-vestibulando se sentir perdido, mesmo quando já definiu que curso seguir. Pior ainda quando se trata de Comunicação Social, que possui tantas vertentes. Pode-se trabalhar com uma gama enorme de assuntos, desde a diagramação de bulas de remédio até um site de fofocas. Tudo é comunicação. E eu? Será que fiz a escolha certa? O que farei depois de me formar? Onde trabalharei? Será que vou conseguir ser contratado? Por que dentre todas as profissões que gosto, devo escolher uma?

Karl Marx já alertava sobre o efeito da divisão do trabalho sobre o indivíduo. Para ele, o modelo de produção capitalista traz alienação, uma vez que separa a *execução* da *reflexão*. Dessa forma, corremos o risco de nos tornarmos uma engrenagem *chapliana* de um motor que não entendemos para que serve. E é este o maior medo do universitário: se tornar um profissional negador de seus outros talentos. Se dedicar a uma parte sem entender o todo. Se resumir a algo, sem saber se poderia fazer um outro algo de que talvez gostasse mais.

O Comunicar respeita essa fase de dúvidas. E o faz, acima de tudo, com diálogo entre os núcleos. A começar pela disposição física de cada ambiente. O jornal ao lado da TV, ao lado da assessoria, ao lado do rádio. Mas o segredo não está só aí. Há um convívio

* Repórter cinematográfico da TV Globo, trabalha no Fantástico, Jornal Nacional, Globo Repórter e RJTV. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2003-2005).

diário em que todos se complementam e todos interagem em um clima de aprendizado constante. E se os meios conversam entre si, as funções preestabelecidas dentro de cada núcleo são ainda mais miscigenadas. É permitido, se ao estagiário interessar, exercer de fato uma outra função desde que aquela não comprometa o rendimento da sua. Assim, a formação do aluno se torna mais abrangente, holística. E mais: a probabilidade dele se encontrar, ainda maior.

Foi nesse contexto que iniciei minha jornada no Núcleo de TV, onde permaneci por quatro períodos do meu curso. Foram os melhores 730 dias de faculdade. Como todo universitário, quando fiz a prova para o Núcleo de TV, em 2002, tinha muitas dúvidas sobre a carreira que gostaria de seguir. No entanto, passados menos de dois meses da contratação como repórter, já possuía a absoluta certeza de que gostaria de trabalhar em televisão até o fim dos meus dias. E essa certeza vinha de um ambiente de aprendizado que até então não tinha experimentado. Algo muito diferente do condicionamento passivo das salas de aula.

No término do primeiro ano de estágio, tamanha era minha euforia que repeti o concurso de ingresso na TV PUC, já que meu contrato tinha chegado ao fim. Segui por mais um ano na função de editor. E o que mais impressionou nesses dois anos foi a postura dos profissionais que me cercavam. Dentro do projeto, o professor não é um detentor do conhecimento. É, sim, um mediador da busca do aluno pelo saber. Isso porque ao contrário do que eu imaginava ser uma aula, em que o mestre passaria o conhecimento e o aluno submisso o absorveria, na TV os professores funcionam como pontes. E nenhum deles assume a posição de senhor da verdade. Cabe ao aluno querer aprender e tê-los como orientadores do caminho a ser traçado. Nesse contexto, tive a oportunidade de absorver não só os princípios básicos da captação de imagens como também apreciar uma boa fotografia e entender o valor que a imagem pode dar a uma reportagem televisiva; não só complementando o texto do repórter, mas criando um segundo sentido, um subtexto que fala por si só e vai além de um simples enquadramento. A paixão foi tamanha que exerço a profissão até hoje, mesmo não sendo essa uma das funções para as quais eu tinha feito prova. E esse é o maior mérito de um projeto de ensino. Ser tão estimulante por si só, que cria no aluno uma gana de saber que, se bem aproveitada, gera um nível de excelência *sui generis*. Desse modo, fica fácil encontrar alguma vertente do curso com a qual ele possa se identificar, conseguindo de fato exercê-la.

Com toda certeza esse ambiente único desperta o interesse de grandes empresas. Toda vez que eu precisei fazer uma entrevista de emprego, reparei que, quando mencionava a experiência no Comunicar, os olhos do meu examinador se tornavam mais atentos. Não foi diferente com muitos colegas que tiveram a mesma experiência que eu.

O que o aluno que passou pelo Comunicar tem é o “além” de que as grandes empresas precisam. Ao contratar, visa-se não só o concluir de um bom curso de Comunicação, como o que a PUC oferece, mas também o conhecimento, o interesse e a experiência prévia na área que o candidato deseja seguir. E isso quem passa pelo projeto tem de sobra. Uma formação complementar única.

Com o tempo aprendi que, ao contrário do que dita o primeiro princípio da economia, uma escolha pode não ser uma renúncia. Pode ser apenas um estágio em que há uma diferença clara entre ser e estar. Digo isso pois mesmo exercendo efetivamente uma profissão, só a faremos com pujança e expertise se nos dedicarmos a conhecer todas as outras funções que cercam aquela que representamos no momento. No meu caso, buscando ser um repórter completo, me dediquei a “estar cinegrafista” – mesmo não o sendo de fato. E só assim pude ter contato com a profissão que amo. Tudo isso só teve razão pela elasticidade do programa. Uma liberdade que me ajudou a me encontrar e a me realizar.

A maior surpresa nessa relação de encontro com o projeto foi ter a oportunidade de hoje poder realizar oficinas de cinegrafia, nas quais posso contar a minha experiência e trocar conhecimento com as novas gerações. Um retorno muito prazeroso ao Comunicar, depois de formado. O melhor é que, em cada oficina, vivencio um ambiente de questionamentos, ideais, valores e sonhos novos com os quais jamais teria contato. E, com toda certeza, posso dizer que absorvo mais desses sonhos que o contrário.

Se o samba-enredo de Paulinho Mocidade fosse sobre profissões, o custo de um sonho seria ter a oportunidade de passar por um programa assim. O sonho de ser um jornalista só pode se tornar real com a oportunidade do contato, da troca. E não há algo que se pratique mais no Comunicar que o entender da profissão do outro. As funções se entrelaçam numa rede, e quem mais sai ganhando é o aluno. Por isso, recomendo que todo aluno de Comunicação da PUC-Rio busque passar pelo programa. Pode ser o fim da era de incertezas e o início de um tempo de encontros.

A importância de uma boa edição de imagem para o jornalismo

Guilherme Lima*

A tecnologia sempre fez parte do meu cotidiano. Desde pequeno, sempre gostei muito de assistir televisão. Tinha vários vídeos para assistir no VHS em casa. Faço parte de uma geração que acompanhou o surgimento e o desenvolvimento dos jogos eletrônicos. Dentro de casa, barganhava com meu pai a possibilidade de utilizar seu computador, uma máquina que não tinha acesso à internet e com monitor sem cores, para jogar joguinhos. Enfim, vivenciei um período de inúmeras transformações, no qual a imagem foi utilizada como um dos recursos mais poderosos da comunicação de massa.

Mesmo os jogos e as brincadeiras mais lúdicas estavam, geralmente, relacionados às imagens. Álbuns de figurinhas, revistas em quadrinho, livrinhos de colorir e – aquele que talvez mais se aproxime e evoque o que hoje executo profissionalmente – quebra-cabeças sempre fizeram parte do meu cotidiano enquanto criança.

Acredito que não apenas por uma questão de vocação, mas também devido a essa trajetória de vida, optei pelo curso de Comunicação Social. Minha vida profissional sempre esteve e está diretamente relacionada com imagens e, principalmente, com a “manipulação” e reordenação delas. Meu primeiro estágio foi como editor de imagens na TV PUC (uma TV universitária cujo conteúdo é todo produzido por alunos, com a supervisão de professores). Como trabalho final de graduação elaborei um documentário chamado *Primeira dose*, cuja temática gira em torno de jovens, consumo de bebida alcoólica e acidentes de trânsito. Logo após minha formatura trabalhei numa produtora editando *making ofs* de minisséries da TV Globo. Paralelamente, concluí uma especialização em edição e montagem de imagem e som na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Em meados de 2006, surgiu a oportunidade de trabalhar como produtor de conteúdo (editor de imagens) no Globoesporte.com. Concomitantemente, executei alguns outros trabalhos como editor *freelancer*.

Dessa forma, como não poderia ser diferente, a paixão pela imagem foi fundamental para o trabalho que desenvolvi no mestrado em Comunicação Social realizado na PUC-Rio. Fiz uma pesquisa sobre a ressignificação e a montagem de imagens de arquivo.

* Produtor *freelancer* de conteúdo audiovisual para as Organizações Globo, Conspiração Filmes e web. Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2004-2005).

Meu mais recente trabalho é como *videomaker* no jornal *O Globo*. Pode parecer contraditório produzir conteúdo audiovisual para um jornal, mas os veículos estão se adaptando às novas realidades. Isso significa que não há mais como escapar das múltiplas possibilidades apresentadas pelos meios eletrônicos, em especial a internet.

As ferramentas de criação e manipulação advindas com as técnicas (câmeras digitais cada vez menores e *softwares* de edição cada vez com mais recursos), principalmente no campo da montagem, conferem à imagem uma potencialidade ainda, no meu entendimento, superficialmente avaliada e algumas vezes analisada como secundária. A ênfase conferida ao olhar no modelo perceptivo da contemporaneidade reforça a importância do processo de elaboração de sentido a partir da organização e da manipulação das imagens.

É importante destacar que a montagem é inicialmente um procedimento organizador da gramática cinematográfica. Todavia, apesar de ter sua origem no cinema, essa etapa passou a ser prática comum em outros suportes audiovisuais. A montagem é executada como uma mediação entre a intenção do diretor e o olhar do espectador ou observador. No caso específico do jornalismo, a montagem pode ser observada como a ferramenta utilizada para ilustrar e transmitir as informações desejadas. Conforme Pudovkin: “Re-pito mais uma vez que a montagem é a força criadora da realidade fílmica; a natureza proporciona apenas a matéria-prima com a qual ela trabalha. Essa é precisamente a relação entre a montagem e o filme.”

A percepção precisa ser levada em consideração. Afinal, ela articula as informações visuais recebidas e compõe um sentido. Por mais que a estrutura seja de quadros (*frames* no caso do vídeo) em movimento, o olho humano enxerga como algo fluido e contínuo. Ou seja, as fissuras (o espaço entre um *frame* e outro) deixam de ser notadas pela retina do observador; os intervalos são preenchidos pelo olhar.

O fluxo frenético de informações e a participação da mídia na elaboração de discursos é cada vez maior. Vivemos um período em que as informações são praticamente instantâneas e, ao mesmo tempo, efêmeras; precisam sempre de atualizações. O poder conferido às imagens midiáticas parece ser fundamental na estruturação e na legitimação dos espetáculos contemporâneos

Assim como em toda e qualquer obra, o filme só se completa no olhar do observador. Uma matéria jornalística pressupõe um receptor, uma audiência criteriosa e exigente, que acompanha de forma cada vez mais interativa as informações apresentadas. A elaboração de uma boa edição de imagens para o jornalismo toma como parâmetro espectadores atentos, ansiosos por conteúdo de qualidade, por detalhes criativos e, principalmente, por novidade. Não basta simplesmente juntar imagens para cobrir o que está sendo falado: é fundamental ser criativo, cuidadoso com o acabamento e não ter

receio de experimentar. A internet se apresenta como um novo meio repleto de potencialidades. Os formatos ainda não foram definidos, muito pelo contrário, há uma busca por soluções simples, práticas e eficientes. Isso significa maior responsabilidade e expectativa em trabalhos bem elaborados.

Capturar a “realidade” talvez possa ser considerado como a tentativa do ser humano de significar suas ausências. Uma estratégia de estabelecer um registro que perpetue sua memória e existência. Deixar gravado para as futuras gerações uma experiência única e inquestionável. Ao mesmo tempo, a proliferação da quantidade de imagens faz com que estejamos cada vez mais habituados a elas e menos suscetíveis aos seus efeitos, aos seus afetos. Justamente por isso, a edição precisa ser elaborada de forma consciente e atenciosa. O ritmo frenético do fazer jornalístico não pode ser utilizado como justificativa para um trabalho de edição mal elaborado. É importante prever possíveis problemas, procurar estar sempre um passo adiante e em constante atualização técnica. Afinal, uma boa edição jornalística pressupõe, além de rapidez de raciocínio, agilidade operacional e experiência prática. Concordo quando afirmam que “uma imagem vale mais que mil palavras”, e é por isso que busco elaborar meus trabalhos com imagens de forma ética, consciente e responsável.

Os meios de comunicação de massa parecem ter substituído as noções de verdade e falsidade por categorias de credibilidade e confiabilidade. O “real” surge, dessa forma, a partir de declarações plausíveis e respaldadas pela “personalidade” daquele que profere o discurso. No jornalismo a tarefa do editor de imagens não é um trabalho isolado; o diálogo e a troca com os demais profissionais agrega valor ao resultado final.

Portanto, a forma utilizada para construir o efeito de “real” é extremamente significativa para compreender como funciona o processo cognitivo e avaliar a percepção dos indivíduos. Assim, muito mais que um formato padronizado, a edição de um vídeo jornalístico demanda sensibilidade e um olhar crítico que está sempre evoluindo, sendo reconstruído e reformulado de acordo com as referências que vão sendo adquiridas ao longo do percurso. Não pretendia aqui esgotar esse assunto, mas destacar alguns aspectos de uma profissão com a qual me identifico e na qual me realizo cada vez mais.

Pensar que tudo começou no Projeto Comunicar, na TV PUC, é um motivo de enorme gratidão. A oportunidade que tive continua reverberando na minha caminhada e na minha vida até os dias de hoje. Muito obrigado!

Do jornal para a bancada

*Guilherme Rios Cardoso**

Muitos estudantes de jornalismo recém-formados têm interesse em trabalhar em televisão. Eles geralmente querem saber a melhor forma de entrar nesse mercado. Ouço frequentemente uma pergunta desses jovens: “Como faço para trabalhar em televisão?” A minha resposta tem sido a mesma ao longo dos anos: o caminho mais prático – embora difícil – é fazer um estágio em uma emissora de televisão e tentar manter o emprego depois de formado. Com um percalço ou outro, foi essa a minha trajetória. Mas sempre acrescento que não há uma fórmula precisa, como em quase tudo na vida. Há pessoas que começaram em jornal, rádio, internet, assessoria de imprensa, e chegaram lá. O importante é estar preparado quando a oportunidade surgir, porque competência e conhecimento garantem um lugar no mercado.

Como não é simples começar a trabalhar em uma redação sem um diploma de jornalista, a faculdade é o primeiro passo para uma carreira sólida. Desde os tempos em que frequentava a PUC, ouço críticas de pessoas que consideram a universidade de jornalismo pouco efetiva para a profissão: o trabalho na redação é que seria fundamental. Não discordo dessa opinião.

A prática forja o jornalista. É o momento de transformar conhecimento acadêmico e de vida em reportagens. Porém, dizer que a faculdade de Jornalismo não tem importância na carreira é uma falácia. Em alguns casos, como o meu, ela foi extremamente importante. Sem a universidade, eu não seria jornalista. O motivo é simples: fui apresentado a uma redação dentro da PUC-Rio, no Projeto Comunicar. Isso teve papel determinante na minha opção pela profissão de jornalista.

O Projeto Comunicar apareceu na minha vida pelo boletim semanal PUC Urgente, em um anúncio sobre as inscrições para novos estagiários. Eu estava, então, no quarto período. Queria e precisava de um estágio. Pretendia entrar logo no mercado, mas poucos trabalhos eram oferecidos para estudantes nos primeiros semestres do curso. Remunerado, então, era uma raridade! Por isso, nada melhor do que ser contratado pelo próprio departamento de Comunicação Social. Poderia assistir às aulas de manhã e trabalhar à tarde. Nunca teria que negociar com o chefe mudanças não planejadas de horário, algo que acontece frequentemente em estágios de jornalismo.

* Apresentador do canal Globo News. Trabalhou como produtor na TV Globo, editor na Globo News, repórter e apresentador no canal Telecine e na TV Record. Mestre em Relações Internacionais pela PUC-Rio. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de Jornalismo Impresso (1996-1997).

Foi a minha primeira redação. Na chefia, Miguel Pereira e Fernando Ferreira. Foram eles que me ensinaram a ser jornalista. Na época, a TV PUC não existia. O Comunicar se restringia ao Jornal da PUC, ao PUC Urgente e ao Núcleo de Criação, de publicidade. Nem sequer tínhamos uma redação própria. Utilizávamos os computadores da sala de aula da disciplina de Técnicas de Redação (substituída, anos depois, por Redação em Jornalismo Impresso), que era lecionada pelo próprio Fernando Ferreira.

No Projeto Comunicar, aprendi, na prática, a fazer entrevistas e reportagens. Lembro a primeira delas: uma entrevista com a montadora do filme *Pequeno dicionário amoroso*, dirigido por Sandra Werneck, com Daniel Dantas e Andréa Beltrão nos papéis principais. Virginia Flores era ex-aluna da PUC-Rio e ganhou o prêmio de melhor montagem no Festival de Brasília, em 1996. Experiente, com anos de cinema, ela me recebeu no estúdio de edição e montagem como um jornalista, e não como um estudante inexperiente. Percebi ali que a profissão permitia entrevistar qualquer pessoa de igual para igual. Para a minha surpresa, o editor, Fernando Ferreira, gostou do texto. Ele sempre foi extremamente rigoroso. A reportagem ganhou chamada na capa do jornal. O problema é que o título tinha que ser bem curto: 17 toques (tinha espaço para 17 letras no título). Pensei, pensei, e veio a ideia: “Montagem nota 10.” Começava ali a entender a importância da edição e da síntese: resumir o máximo de informações no menor número de palavras, o que é a essência da televisão, especialista em informar muito em tão pouco tempo.

O telejornal e o jornal impresso são bastante diferentes não apenas na forma de apresentação, mas também na maneira de execução. Contudo, ambos têm o mesmo propósito: informar de maneira ampla e imparcial o seu público. Assim, posso afirmar que os meus primeiros passos como repórter e apresentador de televisão não foram dados em uma emissora, mas no Projeto Comunicar. Naquela época, não tinha ideia de que um dia seria âncora de um telejornal; isso ainda não fazia parte dos meus planos. Mesmo sem ter a clara noção, estava plantando os fundamentos para exercer essa função: buscar notícias, produzir pautas, entrevistar e escrever.

Hoje, o apresentador de telejornal não é um mero leitor de texto. Os tempos de apresentadores com boa dicção e bela figura, que apenas liam o teleprompter, são parte do passado. A dinâmica da redação e do telejornal exige um profissional completo, bem informado, capaz de participar do processo criativo do jornal, de escrever textos, de sugerir pautas. No caso da Globo News, um canal em que a notícia é a matéria-prima, a cobertura de eventos ao vivo faz parte do dia a dia. O apresentador precisa ser capaz de improvisar, de entrevistar especialistas no estúdio, de narrar notícias nacionais e internacionais sobre os mais diversos assuntos. Do acidente de carro que aumenta o congestionamento em grande centro urbano à queda de um avião no Oceano Atlântico

co; do incêndio em um galpão em São Paulo à posse de um presidente na França; da apresentação do craque internacional em um clube brasileiro à morte do terrorista mais procurado do mundo; da Comissão Parlamentar de Inquérito no Congresso Nacional à eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos.

O estágio no Projeto Comunicar, na época em um jornal, plantou as sementes que me permitem hoje trabalhar em telejornais. Foram nove meses. Era um trabalho minuciosamente acompanhado por Fernando Ferreira e Miguel Pereira. Eles guiavam as nossas reportagens e corrigiam com muito cuidado os nossos textos. A tinta vermelha, que riscava frases e trocava palavras no papel, fazia com que eu refletisse muitas vezes sobre o que escrevia. Quanto menos tinta vermelha, melhor era o resultado do trabalho.

Nesse período, ouvi algumas boas broncas. Uma delas me marcou mais. Eu havia sugerido uma pauta sobre uma Bíblia digital que era desenvolvida pela equipe do Rio Datacentro (RDC), da PUC-Rio. A reportagem foi aprovada, ganhou a capa e duas páginas centrais do jornal, com uma ilustração de um afresco da Capela Sistina pintado por Michelangelo. Parecia um sucesso. Infelizmente, cometi um erro. Por insegurança, apresentei o texto ao entrevistado, antes da publicação da reportagem, para evitar qualquer erro técnico. Acabei comentando com o Fernando, que, na frente de toda a equipe do jornal, sem citar o meu nome, me deu uma lição ao dizer que não deveríamos jamais mostrar o nosso texto a um entrevistado. Tínhamos que apurar bem para evitar erros, mas a reportagem era nossa. Ali tive minha primeira e maior lição sobre manter a autonomia no jornalismo.

A atmosfera de redação estava resumida no Projeto Comunicar, mas com um ar pedagógico e acadêmico. As principais preocupações eram produzir jornais de qualidade e formar jovens talentos. Esses objetivos têm sido cumpridos ao longo dos anos. A experiência no estágio me garantiu um aprendizado profissional, com a supervisão de excelentes professores, o que me deu segurança e solidez na carreira.

Lembro até hoje da conversa com Fernando Ferreira, em que avisei que deixaria o estágio. Tinha recebido uma proposta para trabalhar em uma agência de notícias de esportes, uma redação com jornalistas experientes. Fernando disse que eu estava pronto para o mercado. Aquele elogio era tudo de que precisava para enfrentar o desafio.

Os dois lados de uma profissão

Letícia Vieira*

A primeira imagem que um estudante de Jornalismo tem do profissional da área é quase sempre a do repórter. E comigo não foi diferente. Ao cursar o primeiro período da faculdade de Comunicação Social da PUC-Rio, em 2003, já planejava uma trajetória rumo a uma redação de jornal. Apesar da timidez que me fazia fugir das câmeras, quis o destino que a minha primeira experiência em reportagem se iniciasse no Núcleo de TV do Projeto Comunicar, em 2005.

A produção, apresentação e realização de entrevistas para os programas da TV PUC sobre assuntos variados, como política, economia, meio ambiente e até física, me prepararam para um desafio ainda maior: ingressar no Programa de Estágio Multimídia da Infoglobo. Em 2006, tive uma das experiências mais intensas na profissão, quando estagiei nas editorias de Cidade, Economia e Esportes dos jornais *Extra* e *O Globo*, além do Globo Online e das rádios CBN e Globo. O ano se encerrava com a notícia mais aguardada da minha vida: fui escolhida para ser *trainee* da editoria geral do *Extra*.

Aos poucos comecei a entender algumas histórias que ouvia na faculdade sobre o que é ser um profissional de redação. A primeira delas era a falta de rotina. Não era fácil lidar com a obrigação de produzir pautas diárias – muitas vezes, mais de uma –, conciliar a produção de textos criativos com a hora do fechamento do jornal e ainda ter tempo para apurar matérias interessantes para o jornal de domingo.

Apesar de desgastante, eu não pensava em deixar a vida de repórter. Não conseguia enxergar outro caminho no jornalismo que pudesse seguir. Até que, em 2007, conheci o meu noivo, que, na época, estagiava na rádio Band News FM e, além disso, era assessor de imprensa de um político. Fui apresentada a outro universo do jornalismo: o trabalho de assessoria de imprensa.

Observava o trabalho do meu noivo e percebia que as tarefas de um assessor de imprensa eram muito mais do que simples envios de *release*. Nessa época, aprendi que o mais importante era estabelecer um bom relacionamento profissional com os repórteres.

Essa experiência me fez descobrir que a maior parte dos repórteres tem uma visão distorcida sobre o trabalho do assessor de imprensa. Talvez, por isso, não me imaginasse trabalhando nessa função. A imagem mais comum que se tem é de um profissional pago

* Trabalha na Assessoria de Comunicação Social da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro. Foi repórter do jornal *Extra*. Ex-estagiária do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2005).

para esconder as informações ou que quer emplacar uma matéria do seu cliente a qualquer custo. Muitos acreditam que, pelo fato de o assessor trabalhar em um escritório e não na rua, é um profissional incapaz de entender o que é notícia. A partir do crescimento profissional do meu noivo, passei a enxergar de maneira diferente o trabalho dos meus colegas da assessoria. E, quase por acaso, também passei para o outro lado.

Em 2010, ano mais positivo da minha carreira na redação, que culminou com a consagração de uma série de reportagens que fiz sobre educação nos Prêmios Esso e Embratel, dei uma reviravolta na minha carreira. Feliz com as conquistas que acumulava, mas preocupada com a dificuldade de adequar a entrega à profissão com o curto tempo para a vida pessoal, decidi fazer o concurso público da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

No período em que comemorava a premiação da minha matéria, soube que havia atingido a pontuação necessária para estar entre os cem primeiros colocados da seleção. Da difícil decisão de largar tudo até o início do trabalho na Assessoria de Comunicação Social da Defensoria Pública, passaram-se apenas dois meses. A opção rápida me deixou em dúvida se havia optado pela escolha certa.

Antes que pudesse chegar a uma conclusão sobre o meu futuro, o destino me dava uma rasteira e me ensinava algo sobre a profissão. Em janeiro de 2011, a região serrana do Rio viveu uma das maiores tragédias do país. Um temporal devastou várias cidades, provocando a morte de centenas de pessoas. E, no meu primeiro fim de semana na função de assessora de imprensa, me vi de plantão, perto do sofrimento daquelas famílias.

Em meio à dor das pessoas que perderam parentes, eu estava novamente junto aos jornalistas, mas, dessa vez, com o objetivo de levar informação à população sobre o trabalho dos defensores públicos que ajudavam na liberação dos corpos das vítimas e monitoravam a situação dos sobreviventes nos abrigos. Pela primeira vez, experimentava a sensação de não ser a responsável pela apuração ou por parte da cobertura que sairia no jornal do dia seguinte. Por outro lado, senti que a minha profissão se integrava àquela força-tarefa montada para atender à população.

A experiência acumulada na redação não havia ficado no passado. Conhecendo o funcionamento das editorias e as diferenças entre os veículos de comunicação, ajudei os meus colegas de equipe a sugerir pautas apenas às pessoas que realmente estariam interessadas no assunto. Para isso, criamos o hábito de ligar para as redações e divulgar as informações a repórteres específicos. Além de facilitar a compreensão das informações, estabelecia-se um contato mais próximo com os profissionais da redação. Colocava-se um fim ao envio indiscriminado de *releases* aos e-mails da imprensa. Percebemos que, em curto prazo, também aumentaram as ligações dos repórteres que buscavam as fontes da Defensoria para suas matérias.

Um dos maiores preconceitos que aprendi na redação sobre o assessor de imprensa acabava de cair por terra. É fundamental a um bom assessor interpretar de forma correta o que é notícia. E, mais do que entender o que pode render matéria para a empresa em que trabalha, deve ampliar seu olhar para os tipos de abordagem de cada meio de comunicação. O desafio está em fazer com que o repórter compreenda perfeitamente a informação e perceba a importância da pauta sugerida pelo assessor ao seu público.

Esse olhar mais ampliado sobre a informação é uma das vantagens do assessor de imprensa sobre o repórter. Distanciado da produção diária de reportagens, o assessor consegue enxergar melhor as possibilidades de pautas. E, por isso, não deve ser visto apenas como alguém que quer empurrar projetos comerciais ou informações desnecessárias.

Para que a informação possa chegar de maneira correta à população, o assessor de imprensa desempenha ainda um papel que o repórter jamais experimentou. Ele precisa lidar com a insegurança e a desconfiança dos profissionais da empresa em que trabalha e que não estão acostumados a lidar com a mídia. Cabe ao assessor ter a habilidade de interpretar o pedido do repórter e orientar corretamente a fonte que dará a entrevista. É um exercício diário de conciliação entre os interesses da instituição e o compromisso com a transparência e com a liberdade de informação que as organizações devem sempre respeitar.

A rotina me fez descobrir que as semelhanças entre assessor e repórter são maiores do que os profissionais costumam imaginar. E não estão apenas no diploma. As divergências podem ocorrer pela falta de conhecimento que um profissional tem sobre a função do outro, mas os compromissos éticos continuam os mesmos, e o produto final é sempre a notícia.

Minha experiência em redação me ajudou a trabalhar melhor as pautas em assessoria, mas fui obrigada a desenvolver – como assessora de imprensa – a habilidade de adequar os assuntos aos diversos meios e veículos existentes, coisa rara em repórteres, que, por vezes, possuem uma visão limitada da informação. Hoje, entendo que apenas o repórter que já passou pela assessoria ou o assessor que esteve na redação pode dizer que sabe o que é jornalismo de verdade.

Jornalismo às cegas

Lucas de Abreu Maia*

Quando entrei na sala do Fernando Ferreira em novembro de 2006 para a entrevista que me conduziria ao meu primeiro emprego, as perguntas esperadas me foram feitas; os entrevistadores – Marcelo Tavela, então chefe de reportagem do Jornal da PUC, e o próprio Fernando – quiseram saber sobre os jornais que eu lia, os livros e filmes que me marcaram, os sites que acessava. Um tópico óbvio, contudo, foi evitado: como pretendia lidar com minha cegueira na função de repórter de um jornal impresso? Não sei o que passou pela cabeça dos dois inquisidores. Na minha, uma cabeça intrépida de quem tem 20 anos, uma cabeça arrogante que achava que tudo era possível e meu talento, ilimitado, nada passou. Tinha apenas a convicção de que o Comunicar era o melhor lugar concebível para começar a minha carreira. Qualquer eventual obstáculo, se existisse, seria superado.

Se me enganei sobre minhas limitações e inabilidades, não poderia ter feito previsão mais correta no que se refere ao Comunicar. Foi durante o ano e meio em que participei do projeto que aprendi a fazer jornalismo. Mais importante: aprendi sobre mim.

Encontrar o equilíbrio entre a ousadia e a humildade talvez seja o maior dos desafios para uma pessoa com deficiência. Foi o que o Comunicar me ensinou – e que continuo aprendendo.

Certa vez, em uma palestra na PUC-Rio que cobri para o Jornal da PUC, Maria Odete Santos Duarte, presidente do Instituto Benjamin Constant, disse: “Uma pessoa com deficiência não pode se dar ao luxo de ser medíocre; ou será um vencedor ou um coitado.”. Ela, é claro, tem razão. Na ânsia de garantir que seremos vencedores, por vezes agimos como se tudo nos fosse possível. Não nos é. Não devemos, no entanto, permitir que outros nos imponham limites. É aí que mora o perigo. Estabelecer os próprios limites exige maturidade e sabedoria. A solução que o Comunicar me ofereceu foi liberdade. Tive liberdade para dizer sim e não, para determinar o que estava ao meu alcance e o que estava além da minha capacidade.

Em termos práticos, foram poucos os desafios que encontrei. Com a ajuda de *softwares* especializados, chamados leitores de tela, tinha acesso a quase todos os recursos de um

* Foi repórter da editoria Nacional de *O Estado de S. Paulo*. Recebeu as bolsas Jornalista de Visão e Person of the Year do Instituto Ling para cursar o mestrado em Ciências Sociais da Universidade de Chicago. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Jornalismo Impresso (2007) e de TV (2008).

computador (a boa vontade dos meus colegas em me ajudar fazia o resto). Só encontrei alguma dificuldade na cobertura de grandes eventos. Mas me diverti um bocadinho, também – e agora faço este texto de confessionário. Por hábito, jamais avisei aos entrevistados, ao marcar a conversa, sobre minha deficiência. Ria internamente ao encontrá-los pela primeira vez, chocados por estar diante de um repórter cego com cão guia – choque que a polidez lhes impedia de manifestar.

Depois de um ano no Jornal da PUC, avancei em uma direção que nunca havia considerado: inscrevi-me no processo seletivo da TV PUC. Fui aprovado e, daí, zera o processo de encontrar o equilíbrio entre ousadia e humildade. Como um jornalista cego pode ser repórter de TV? Podendo, foi a resposta que encontramos. Conte com a ajuda dos meus colegas para a captura de imagens. Quase nenhuma outra adaptação foi necessária. Foram breves seis meses, e restaram muitas avenidas a explorar, mas nunca fui tão feliz profissionalmente quanto ao ousar na TV PUC.

Ao aceitar a vaga de repórter em *O Estado de S. Paulo*, um ano e meio depois de sair do Comunicar, sabia que seguiria na tentativa de encontrar o equilíbrio entre o sim e o não, entre o “vamos lá” e o “isso não dá para mim”, mas no Comunicar aprendi a andar na corda bamba em que me equilibrarei para o resto de minha trajetória profissional. O papel da reportagem é intermediar a relação entre o leitor e a realidade. Cabe ao jornalista filtrar os fatos para entregá-los de forma compreensível à sociedade. A filtragem deve incluir três tarefas distintas e complementares: a narração do fato, a edição das informações mais relevantes ao fato e a análise do fato. Nesse processo, o jornalismo molda a forma como a realidade é entendida hoje (a já célebre função de formador de opinião) e no futuro (o igualmente importante papel de ser documentação histórica). A reportagem deve, portanto, auxiliar na interpretação de uma determinada época – seja por seus contemporâneos, seja pelas gerações futuras. Sob esse prisma, o jornalismo é parte da ampla empreitada humana de tentar compreender o mundo, ao lado da ciência, da filosofia e da religião.

Hoje, o jornalismo tem um único desafio verdadeiro – o mesmo desde que foi criado: ser bom jornalismo. O mau jornalismo, diante dos borbotões de informação que transbordam na internet, tornou-se óbvio, banal. Já se sabe que a web – especialmente as redes sociais – desprofissionalizou em grande medida a divulgação da notícia “quente”, do fato urgente.

Se o bom jornalismo perdeu a primazia sobre o fato, deverá aprender a ser bom jornalismo de algum outro modo. Se o fato é livremente – e felizmente – comentado on-line à exaustão, o bom jornalismo deve fornecer combustível ao debate. Deve produzir análise, profundidade, detalhamento, comentário. As imprensas americana e britânica já sabem disso. O jornalismo analítico requer repórteres excepcionalmente bem

formados. O experimento do Projeto Comunicar, desde seu início, prioriza a análise, a formação intelectual, o bom texto e a apuração profunda. Está, portanto, perfeitamente equipado para lidar com os desafios atuais enfrentados pela profissão.

“Quando o mundo aprende que não existe uma mídia para se fazer bom jornalismo, nós mostramos que não existe um sentido para fazer boa reportagem”, disse-me Ricardo Gandour, diretor de conteúdo do Grupo Estado. São duas lições que o Comunicar pode ensinar ao jornalismo brasileiro.

O paradoxo do quarto andar

Marcelo Tavela*

No tempo em que trabalhei com o professor Fernando Ferreira, ouvi muitas histórias sobre sua carreira – contar histórias é uma das coisas que o Fernando faz de melhor. Lembro-me da vez em que ele relembrou ter avistado uma ex-estagiária do Projeto Comunicar, já naquela época âncora de um telejornal de âmbito nacional, pela janela de um restaurante em Ipanema. O professor não quis incomodá-la e seguiu seu rumo. Só para, alguns segundos depois, ter sua caminhada interrompida pela jornalista, que saiu do estabelecimento e fez questão de ir até ele.

É uma história simples, mas ilustra a presença que o Projeto Comunicar tem na carreira de quem passou por lá. Independente do núcleo em que o aluno estagiou, ele pôde vivenciar o grande paradoxo que acontece naquele quarto andar do edifício Kennedy: o Comunicar consegue ser uma representação fiel do mercado de trabalho, mas com o resguardo e a orientação que você não encontra em outros lugares.

O Comunicar funciona como um balão de ensaios do mercado. Para a maior parte dos estagiários, é o primeiro contato real com uma redação/agência estruturada e que segue os mesmos processos e dinâmicas das grandes empresas. Mesmo os que chegam já com alguma experiência raramente trabalharam antes com uma equipe do porte e com a estrutura que encontram ali. Essa característica já fundamenta algo essencial e que ajuda a explicar um pouco do sucesso do projeto: desde o início o estagiário aprende que a melhor maneira de crescer ali e no mercado é jogar para o time.

Se as dinâmicas e processos são os mesmos dos grandes veículos, o mesmo pode ser dito das exigências. O Projeto Comunicar é o centro de mídia da PUC-Rio, responsável pela maior parte da produção de conteúdo da Universidade e por sua imagem pública. Ele é visto por toda a comunidade PUC e além como uma empresa de comunicação, com todas as expectativas que essa condição implica. Essa carga não é diluída para os alunos. Eles têm noção do poder e da responsabilidade que está em suas mãos. Mas, graças à proposta, não estão sozinhos.

Por ter esse ambiente de laboratório, o Comunicar oferece aos seus estagiários uma orientação que não é encontrada em outros estágios e que faz diferença na carreira. Os

* Analista de comunicação na FSB Comunicações. Trabalhou no Centro de Informação das Nações Unidas, Globo.com, Comunique-se e Rapp Collins. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Jornalismo Impresso (2003, 2005 - 2007) e de TV (2003-2004).

coordenadores e editores são professores, já naturalmente preocupados com o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. Além do que é entregue como textos, VTs e peças publicitárias, há um cuidado especial com a evolução profissional dos estagiários. E testemunhar esse ganho de qualidade na produção é talvez a maior satisfação do Comunicar, tanto para o aluno como para o professor.

Os alunos não são vistos como mão de obra barata. Eles não ocupam uma função que seria de um profissional já formado e acabam encaminhadas para o estagiário por contenção de recursos. Há uma definição clara do seu papel. E uma posição cada vez mais esclarecida do Comunicar como uma entidade formadora de mão de obra qualificada para o mercado de comunicação.

Ainda dentro dos paradoxos, dois elementos que normalmente causariam ojeriza são tratados de forma diferente: o tempo e o erro. Por suas características, o Comunicar permite que os estagiários levem mais tempo para realizar suas tarefas, principalmente no início do período do estágio, quando ainda estão começando a aprender. Sim, há *deadlines*, prazos, que são a alma do negócio, mas são estabelecidos respeitando esse tempo de aprendizado. E há grande satisfação de coordenador e coordenado quando o aluno passa a fazer em um dia o que fazia em três.

O erro também recebe outra interpretação. Os alunos estão aprendendo, logo é esperado que errem. Há a reprimenda – ainda mais para quem já tem alguma quilometragem adquirida dentro da casa –, mas sempre com a preocupação de apontar o caminho correto, o que, mais uma vez, não é tão recorrente. Reunindo esses dois elementos, há tempo para corrigir, orientar e enfim acertar. Para seguir acertando posteriormente no mercado de trabalho.

Laboratórios e balões de ensaio são elementos da experimentação. Por ter como norte o desenvolvimento dos estagiários, o Comunicar incentiva novas abordagens para pautas e produções. Há espaço para se colocar em prática ideias que o estagiário quer tornar realidade quando estiver trabalhando. E, mais importante, há a chance de realizar certas propostas que não serão tão livremente aceitas fora de uma universidade. O Comunicar certamente aliviou algumas das minhas frustrações com esse posicionamento.

O ambiente mais aberto e democrático não se restringe às redações e ilhas de edição. Acompanhar o aluno por toda a sua experiência. Este é talvez o ativo mais importante do Comunicar e que não segue diretrizes nem é predeterminado: a atmosfera criativa. Há uma preocupação de se manter um bom ambiente de trabalho para que todos possam render bem, mas, sobretudo, para que amizades sejam feitas. Quem atravessa diversas épocas no Comunicar percebe que as “gerações” seguem em contato constante, mesmo anos após o fim do estágio. E essa característica torna-se ainda mais interessante quando há a integração entre alunos de “gerações” diferentes, comprovando que os valores e sentimentos que dão base a esse ambiente são firmados em diferentes momentos.

Voltando a focar no mercado de trabalho, essa integração se transforma em algo essencial na comunicação: *networking*. É especial para quem está ingressando nas redações e agências – são inúmeros os casos de ex-estagiários que acabaram promovendo os colegas do tempo de Comunicar a parceiros no trabalho atual. Torna-se mais importante com o desenvolvimento da carreira, quando os seus contemporâneos viram contatos nas redações e agências, fontes de informação e duplas de criação. E é uma tremenda mão na roda quando seu superior é também um ex-Comunicar. A começar pela seleção, a sua origem é reconhecida e chancelada. Fala-se uma língua semelhante, por maior que seja o intervalo entre as passagens pelo Comunicar. Já sabem o que esperar de você.

O grande número de ex-estagiários em posições de destaque no mercado brasileiro de comunicação comprova que a receita dá certo há 25 anos. Ao passar pelo Projeto Comunicar, o aluno se torna referenciado. Quem seleciona sabe que receberá um profissional com o conhecimento necessário para ocupar aquela posição. É uma constante que tenho acompanhado por toda a minha carreira e confirma uma certeza que tenho desde que terminei meu estágio: os estagiários deixam o Comunicar, mas o Comunicar segue conosco para o resto da vida.

Ser repórter em uma TV *all news*

Rodrigo Carvalho*

Quando eu tinha cinco meses como repórter da Globo News, fui acordado às quatro da manhã de um 1º de janeiro – depois de ter trabalhado na festa da virada de ano em Copacabana – para cobrir a tragédia causada pela chuva em Angra dos Reis e na Ilha Grande. Profissionalmente, adorei ter recebido aquele telefonema. Poucas horas depois, eu estava diante de cenas terríveis: retroescavadeiras retirando corpos de escombros, famílias chorando, casas cobertas de entulho.

Aos poucos, ainda naquela cobertura, fui me dando conta de que a única forma de se viver nesse ritmo por um longo tempo é gostando do que se faz.

Gosto muito de ser repórter.

Em um canal *all news*, um repórter deve estar preparado para fazer de tudo: política, economia, esporte, meio ambiente, cultura. E nos mais diferentes formatos: entradas ao vivo, reportagens curtas, séries especiais, entrevistas em estúdio, programas aprofundados. Um dia posso estar no Rio de Janeiro, outro em Manaus, outro em Beirute. A graça é essa. O dia a dia exige versatilidade, iniciativa, espírito de grupo, aperfeiçoamento constante e o mesmo entusiasmo da época de faculdade.

Desafios são impostos de acordo com a dificuldade de cada cobertura. Se por acaso estou sozinho, sem um repórter cinematográfico ao lado, espera-se que eu pegue meu celular e dê conta das imagens. O chamado “jornalista multimídia” ganha ainda mais espaço em um canal *all news*. Temos que estar em cima da notícia, prontos para passar a informação em qualquer tipo de plataforma.

Descontando as horas de sono – quando se dorme bem –, ser repórter de um canal de notícias como a Globo News é ser repórter mais ou menos 16 horas por dia. Se vejo algo de relevante acontecer durante uma folga, seja lá onde eu estiver, o horário livre vira horário de trabalho. Faz parte.

Tive meu primeiro contato com o telejornalismo no Projeto Comunicar. Foi como repórter da TV PUC que descobri os recursos que a televisão oferece na hora de se contar uma história da melhor maneira possível; foi também como repórter da TV PUC que fui apresentado ao ambiente de uma redação e à rotina de um canal que lida com informação. Fui para a rua, fiz entrevistas, preparei roteiros, ajudei a editar programas.

* Repórter da Globo News. Ex-estagiário do Projeto Comunicar no Núcleo de TV (2007-2008).

Hoje, trabalhando na rua, encontro com muitos amigos daquela época – e lembramos quase sempre dos tempos de Comunicar.

Na Globo News, cubro os mais diferentes assuntos, em lugares às vezes distantes, onde a segurança e a base que adquiri nos tempos de TV PUC são fundamentais.

Estar na rua com a missão de contar fatos relevantes para um país inteiro – e para o exterior, com a Globo Internacional – é a chance que tenho de fazer aquilo que o jornalista Geneton Moraes Neto (e eu, de carona) diz adotar como “causa profissional”: criar memória.

Que o Projeto Comunicar continue formando jornalistas que ajudem a criar nossa memória!



EDITORA PUC-Rio

Uma editora para a PUC-Rio

*Fernando Sá**

Alexandre Herculano, escritor português do século XIX, quando se referia à produção intelectual em língua portuguesa, usava a expressão “túmulo do pensamento humano”. Embora seja possível dizer que essa designação é muito radical quando se trata da produção escrita nas terras lusitanas, certamente ainda é possível usá-la quando se fizer referência ao que se escreveu e/ou pensou nas terras de Santa Cruz.

Somos um país que refletiu pouco sobre a sua própria realidade. Sabemos muito pouco sobre nós mesmos e o que sabemos dos outros nos é servido digerido e traduzido. Como consequência, sabemos mais dos outros do que de nós ou, pior ainda, em alguns casos sabemos de nós pelas palavras dos outros. Somos um país que criou poucas ideias originais, que ainda se revela impotente para resistir ao que se pode chamar de “colonialismo cultural” ou globalização cultural de mão única, apesar de todo o desenvolvimento econômico que experimentamos na última década.

Neste quadro, caso tivéssemos que indicar um exemplo do setor produtivo da economia brasileira que estivesse totalmente comprometido com o desenvolvimento socio-cultural do nosso país, não vacilaríamos em apontar o setor editorial.

Dentro da chamada indústria cultural – e ao contrário da indústria cinematográfica, da indústria fonográfica, do teatro, do rádio, do vídeo e da televisão –, para que qualquer cidadão se mobilize para adquirir um produto impresso é necessário um pré-requisito básico e essencial: ser realmente alfabetizado.

Mas é preciso muito mais que isso, é preciso que o mesmo cidadão tenha ou esteja motivado a adquirir o hábito da leitura, que tenha ou esteja disposto a transformar o ato de ler em ato de lazer, que comprar e ler um livro seja uma atitude dessacralizada, livre do mito da erudição.

* Coordenador editorial da Editora PUC-Rio, professor do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre em Ciência Política pelo IFCS/UFRJ, doutor em História Política pela UERJ e pós-doutor em História Política pelo Centro de Estudos de História Contemporânea do Instituto Universitário de Lisboa (CEHC/IUL).

O livro

Apesar dos arautos da sua morte próxima, é inegável que o livro ainda continua sendo o objeto mais importante da cultura ocidental, no tocante ao registro e transmissão de conhecimentos, no sentido mais amplo da palavra. Hoje, ainda podemos dizer que um dos fatores que indicam o grau de civilização de um país é a proporção quantitativa e qualitativa de consumo de material impresso por sua população.

Ora, somos um país de 200 milhões de habitantes e, salvo raras exceções, a média das tiragens de livros de literatura ou daqueles que se destinam ao público universitário oscila entre 1 e 2 mil exemplares. As raras e nem sempre honrosas exceções podem ser encontradas: no *best-seller* estrangeiro, se possível acompanhado do filme ou da série de TV que lhe garantirá a promoção gratuita; em algum texto novo de autor nacional de sucesso garantido ou em algum texto antigo de autor nacional que se transformou em novela ou minissérie (Jorge Amado ou Paulo Coelho, por exemplo); em alguns autores esotéricos; em textos do tipo “faça você mesmo” ou “seja feliz, custe o que custar”; e nos livros didáticos de primeiro e segundo grau, cuja compra é compulsória. Qualquer sucesso de venda de livros fora dessas opções é surpresa.

Junte-se a esse quadro um açodamento implacável por parte dos veículos de telecomunicação e agora da internet, a crucificação do pensamento através dos exames vestibulares, o baixo poder aquisitivo da população e o analfabetismo (estrutural ou funcional), para termos um perfil melancólico do que se costuma chamar de “mercado leitor brasileiro”.

Com o objetivo de evitar especulações sobre a que mercado na realidade estamos nos referindo, as informações de 2011 do Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL) podem nos esclarecer:

- Média de faturamento anual do setor = US\$ 4,8 bilhões;
- Cerca de 70% desse faturamento é proveniente de livros didáticos e os outros 30% englobam todos os outros livros (religiosos, técnicos, ficção etc.);
- Temos cerca de 900 editoras no país, sendo que 90% delas localizam-se nas regiões sul e sudeste e a quase totalidade dessas no eixo Rio-São Paulo. Dessas editoras, apenas 5% (45) são responsáveis pela produção dos livros didáticos;
- Em 2011, ano considerado bom pelo setor, houve o lançamento de 58 mil títulos entre primeiras edições e reedições e a venda de 438 milhões de exemplares;
- Foram produzidos 5.200 títulos no formato digital;
- Possuímos cerca de 5.000 pontos de venda de livros no Brasil (supermercados, farmácias, livrarias, igrejas, paróquias etc.), dos quais 2.000 são livrarias. Do total de livrarias, mais de 80% estão concentradas nas regiões sudeste e sul. Estima-se que entre os 5.566 municípios existentes no Brasil, 4.500 (80%) não possuem livrarias.

Pelo que vimos, podemos chegar a uma primeira conclusão: mesmo que se redistribua a renda mais igualitária e rapidamente, sem desenvolvimento sociocultural a indústria do livro no Brasil estará sempre em crise. Por outro lado, sem iniciativas no campo cultural, como, por exemplo, a criação de boas editoras universitárias – que incentivem a produção e circulação de conhecimentos produzidos por pesquisadores brasileiros –, jamais conseguiremos romper esse círculo vicioso.

A PUC-Rio, cuja excelência na educação superior foi construída ao longo dos últimos setenta anos, é identificada nacionalmente como uma universidade que se caracteriza pela consistência, pela seriedade e por oferecer um ensino humanista e de qualidade a seus alunos. Essa situação provocou a percepção, em nossa comunidade, da necessidade da criação de uma editora universitária que se dedicasse à publicação de textos acadêmicos, com prioridade aos trabalhos desenvolvidos pelos nossos docentes e pesquisadores.

Isso finalmente aconteceu no ano 2000, no âmbito das comemorações dos sessenta anos da universidade, fechando-se mais um círculo virtuoso para a nossa instituição. Se, por um lado, a marca PUC-Rio é fortíssima para qualquer editora, por outro, um trabalho editorial sério e consistente fortalecerá ainda mais a imagem da PUC-Rio. Lembramos que o livro, apesar de todas as suas agruras, é um dos produtos da indústria cultural que mais recebem espaço gratuito na mídia; basta ver os espaços dedicados aos livros nas revistas semanais, nos maiores jornais impressos do país e nos programas de entrevistas, tanto nas televisões de sinal aberto quanto nas TVs por assinatura.

A editora

Nos países onde o movimento editorial é significativo, antes de se lançar qualquer título faz-se uma pesquisa informal de mercado, através de consulta a livreiros, universidades, leitores especializados e, inclusive, no segmento de público que aquela determinada obra visa a atingir. Fogem à regra aqueles autores e títulos de inegável valor cultural que, mesmo que não se destinem a grandes vendas, darão consistência ao catálogo geral da editora.

Boa parte das editoras brasileiras, por falta de informação confiável, usam métodos diferentes para decidir sobre o lançamento de um livro no nosso mercado, quais sejam: o interesse comercial imediato (autor ou tema que esteja na moda), critérios ideológicos e/ou estéticos pessoais e a intuição do editor.

Como não poderia deixar de ser, nosso editor é um homem tenso. A partir do momento em que se decide pelo lançamento de uma obra, sabe que começou a investir dinheiro numa dúvida e que os recursos apenas serão recuperados caso o pequeno público leitor aceite a sua publicação e, mesmo assim, após um bom período de tempo.

Em caso contrário, o prejuízo é certo e irrecuperável. Note-se que, pressionado pelos custos, o setor editorial dificilmente pode se valer das técnicas da publicidade para levar o consumidor a comprar um livro que tenha sido esquecido pela mídia, por exemplo, e, assim, tentar recuperar, ao menos, os recursos investidos. Faz-se isso com imóveis ou automóveis, até com filmes, mas com livros dificilmente se pode fazer, por um único motivo: investir novo recurso em uma campanha publicitária para atingir alguns milhares de pessoas, e levá-las a comprar 3 mil exemplares de um produto que oferece pequena margem de rentabilidade é insensatez. Na maioria das vezes o encalhe sai mais barato.

Além disso, qualquer produto gráfico diminui seu custo unitário na proporção em que aumenta a quantidade a ser reproduzida. Isso se dá por uma razão muito simples: os custos pré-industriais (tradução, digitação, diagramação do miolo, revisões, *layout* e arte final de capa, adiantamento de direitos autorais etc.) têm que ser diluídos no preço de capa da obra. Se meu custo fixo é 100 e minha tiragem é 1.000 ele participará do custo unitário com 10%. Mas se meu custo fixo é 100 e a minha tiragem é 2.000, sua participação será de 5%, e assim por diante.

Se, por um lado, a editora sabe que se oferecesse um produto mais barato ela poderia vendê-lo em maior quantidade, por outro ela também sabe que não pode aumentar as tiragens porque não há público para comprar o seu produto, mesmo que seja por um preço mais barato. Assim, as tiragens permanecem baixas e os preços dos livros, altos, configurando um perverso e elitista círculo vicioso. Essa pobre realidade leva o setor editorial comercial brasileiro a viver em permanente crise.

Hoje, a editora comercial que não estiver sintonizada e voltada para tentar se antecipar e atender às demandas de um segmento muito definido da sociedade brasileira viverá, inevitavelmente, ao sabor dos acontecimentos. E viverá com o gosto amargo de não poder arriscar, por uma questão de sobrevivência. Isso implica, por exemplo, que se lhe for dada a opção de lançamento entre um livro mediano de autor estrangeiro, já testado com sucesso no mercado internacional, ou um excelente texto de um jovem autor brasileiro, porém desconhecido, ela preferirá traduzir o primeiro.

O que queremos dizer é que esta atividade é de alto risco e de longo prazo. É um campo de atividades para profissionais, em que os autores são a matéria-prima da editora, mas o conselho editorial, aquele que capta os originais e decide sobre os variados aspectos que envolvem o lançamento de uma obra, deve ter a sua estratégia de ação claramente definida.

Ora, a especialidade de uma universidade como a PUC-Rio é criar conteúdos. A essência da sua atividade fim, a experiência acumulada ao longo de décadas no exercício dessa atividade e sua capacidade instalada foram essenciais para justificar a criação de uma editora, assim como para garantir a qualidade do seu catálogo de publicações.

O conselho editorial

A universidade tem entre as suas mais nobres funções a de patrocinar a realização de pesquisas acadêmicas para a geração de conhecimento e ampliação do saber. Por consequência, a necessidade de fazer circular esse conhecimento na sociedade justifica a existência das editoras universitárias.¹ Ao desempenhar essa tarefa, as editoras permitem não apenas que suas universidades façam um tipo de prestação de contas com a comunidade à qual pertencem, mas que também criem um ambiente positivo em seus respectivos *campi*, uma vez que os pesquisadores passam a ter um instrumento valioso para a divulgação de suas atividades intelectuais.

No caso da Editora PUC-Rio, a publicação de todo e qualquer livro depende da aprovação do seu conselho editorial, formado pelas pessoas que ocupam os seguintes cargos: vice-reitor para Assuntos Acadêmicos e presidente do conselho editorial, vice-reitor para Assuntos Comunitários, decano do CTCH, decano do CCS, decano do CTC, decano do CCBM, editor da Editora PUC-Rio, diretor da Editora, coordenador do Projeto Comunicar. Essa aprovação implica, inclusive, no uso da logomarca da Editora PUC-Rio em todas as publicações e no uso do prefixo exclusivo da PUC-Rio nos números de ISBN fornecidos pela Biblioteca Nacional.

Além da própria editora, a captação de originais também pode e deve ser realizada por qualquer um dos integrantes do conselho editorial, que, durante as reuniões, encaminhará para avaliação os originais propostos para publicação. Esses originais sempre devem ser avaliados pelo conselho ou, se for o caso, por um leitor especializado. A avaliação dos originais pode resultar em três situações: 1. Aprovado para publicação; 2. Aprovado após a realização de alterações, supressões e/ou complementos; 3. Não aprovado para publicação. Em caso de impasse no processo decisório, a palavra final será dada pelo vice-reitor para Assuntos Acadêmicos (presidente do conselho editorial).

O autor

Se a editora investe parte dos seus recursos para lançar um livro no mercado, podemos dizer que o autor investe todo o seu capital ao escrevê-lo, isto é, suas ideias, sua arte, seu trabalho de pesquisa. No entanto, entre nós, poucos são aqueles que têm, como ofício, a atividade de escrever livros. Escrevem por necessidade artística, por vaidade, para melhorar o currículo, mas raramente por profissão. E não poderiam fazê-lo, porque estariam se condenando a uma vida miserável. Muitos há que financiam a publicação dos seus livros, outros que nunca receberam tostão por conta de direitos autorais e aqueles que recebem, recebem migalhas. A aritmética pode nos ajudar a provar o que dissemos.

¹ Bufrem, Leilah Santiago. *Editoras universitárias no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001, p. 21.

Um autor que leve um ano entre pesquisa e criação para produzir um texto tão bom e pertinente que motive uma editora brasileira a lançá-lo, por exemplo, receberá cerca de 10% de direitos autorais sobre o preço de capa de cada livro efetivamente vendido. Caso seu livro tenha uma tiragem de 2.000 exemplares ao preço de R\$ 30,00 por exemplar, essa tiragem for toda vendida no período de um ano e o seu editor for uma pessoa honesta, ele receberá, ao final das vendas, o total de R\$ 6.000,00, ou seja, R\$ 500,00 por mês para remunerar um trabalho realizado dois anos antes.

Convenhamos que, dificilmente, alguém deixará uma atividade que lhe garanta a sobrevivência, para se dedicar a escrever livros. O resultado é que produzimos muito poucas ideias originais, que a esmagadora maioria de livros indicados nas universidades é de autores estrangeiros e que, mais uma vez, ficamos a discutir e a tentar explicar aqui o que se pensou lá fora.

Por outro lado, uma editora comercial que se proponha a permanecer longo tempo no mercado precisa de fontes diversas para fazer a captação e encomenda de bons originais, precisa estabelecer um acordo comercial e intelectual com autores, instituições nacionais e internacionais de forma que possa criar uma linha editorial ativa, participante e diversificada. Em suma, é preciso ter um perfil, uma “cara”, uma inserção social tão clara e definida que seja capaz de criar uma rede de aliados em torno da sua proposta. Se o conselho editorial é a “alma” da editora, seus autores são aqueles que dão substância e sentido a essa “alma”.

Aqui a editora universitária tem um diferencial a seu favor: em um *campus* universitário como o da PUC-Rio, por exemplo, convive-se diariamente com autores em potencial. A publicação de livros é uma moeda fortíssima no meio acadêmico. Publicar um livro é uma consequência natural para quem passou boa parte da vida profissional envolvido com atividades intelectuais. Uma vez inauguradas as atividades editoriais na PUC-Rio, foi natural, portanto, que tanto os autores já consagrados da Universidade como aqueles que estavam iniciando ali suas carreiras acadêmicas procurassem a editora para publicar os seus textos.

O projeto editorial

Uma casa editorial precisa estar sempre à frente da sua realidade, e cada decisão de se produzir ou não um determinado trabalho será avaliada pela capacidade de planejar com os olhos voltados para o futuro. O aqui e agora é fundamental para dar sentido àquilo que foi selecionado, planejado e executado tempos antes, mas apenas isso. Sob o ponto de vista de seleção e captação editorial, o hoje é antiguidade.

Além disso, uma editora comercial deve ter sempre em mente que a escolha da melhor estratégia editorial precisa respeitar um ritual no qual vários atores devem estar em harmonia: texto, autor, tema, público, divulgação, comercialização e custos. De nada

adianta mandar imprimir um belíssimo livro, a custo baixo, de um bom autor, se esse texto não está adequado ao público que é atingido pela instituição, por exemplo. Para evitar o desconforto, nesse caso, devem-se esgotar todos os recursos disponíveis, tais como: conselho editorial, leitores especializados, consultas ao setor comercial, contatos com livreiros, pesquisa de mercado etc. O pior que pode acontecer a uma editora comercial é que, ao final de alguns anos de atividade, verifique-se o seu catálogo de publicações e não se perceba nitidamente sua opção editorial. Por outro lado, grosso modo, uma linha editorial nítida e definida não precisa ser necessariamente limitada. Uma empresa voltada para a atividade de editar livros no Brasil deve ter seus temas centrais como diretriz e divulgá-los da forma mais diversificada possível.

Porém, nossa realidade é diferente. Uma editora universitária dificilmente terá um perfil editorial muito nítido. Ao contrário, ela será considerada excelente se for capaz de publicar adequadamente o conhecimento criado nos mais diferentes campos de saber cobertos por sua universidade. Enfim, uma boa editora universitária deve ter a cara da sua instituição. Por essa razão optamos por trabalhar com muitas editoras comerciais, cada uma com seu perfil editorial claramente definido; queremos que a presença de livros produzidos por nós no catálogo dessas editoras seja vista com naturalidade.

Comercialização

Fornecendo para pequena freguesia e tendo que arcar com as despesas do comércio varejista, o livreiro no Brasil vê-se obrigado a trabalhar nos limites mínimos de custo e a destacar, nas suas vitrines, aquilo que vende (esoterismo, autoajuda etc.) e nem sempre aquilo que gostaria de oferecer.

Na maioria dos casos, ele recebe uma parcela considerável do preço de capa de cada livro vendido, cerca de 40 a 50%, e é sempre criticado pelo editor ou pelo distribuidor, pela sua ineficiência comercial.

O ponto de venda de livros no Brasil é outro reflexo do pequeno mercado leitor que possuímos. Apenas a cidade de Paris tem mais livrarias que o Brasil inteiro; alguns dizem que Buenos Aires também, mas diante das crises econômicas vividas pela França e Argentina recentemente, custo a acreditar nisso.

Qualquer editora brasileira terá que enfrentar criativamente a questão da distribuição e comercialização de livros em um país continental e carente de pontos de venda. Por essa razão optamos por um modelo em que a quase totalidade da nossa produção editorial é publicada em coedição com editoras comerciais. A Editora PUC-Rio faz a captação dos originais na Universidade e apresenta a obra para aprovação do seu conselho editorial. Caso ela seja aprovada, a Editora PUC-Rio transforma o texto acadêmico, oriundo de uma dissertação, tese ou pesquisa, em livro e procura entre as editoras

parceiras a de melhor perfil para publicar aquela obra em coedição conosco. A editora parceira, por sua vez, apresentará a obra ao seu conselho editorial e, caso seja aprovada, é assinado um contrato de coedição no qual são estabelecidas as responsabilidades de cada uma das coeditoras. Note-se que, nesse modelo, um autor que tenha sua obra publicada em coedição pela Editora PUC-Rio e outra editora parceira sempre passará pelo crivo de dois conselhos editoriais: o da Universidade e o da editora comercial.

Além disso, nesse modelo, todas as vendas de nossas publicações nas livrarias situadas nos *campi* da PUC-Rio são obrigatoriamente intermediadas pela Editora PUC-Rio. Assim, conseguimos recuperar parte dos custos de produção de nossos livros e livramos a administração central da Universidade do ônus de ter que nos destinar subsídios para as publicações.

O e-book

Nada mais angustiante do que ter que participar de uma reunião de avaliação de reedições numa editora comercial. Muitas vezes, um livro com bom texto, bom autor, uma obra que se transformou em referência em sua área de conhecimento, esgotou suas possibilidades comerciais. Ora, da mesma forma como não tem sentido publicar um livro quando todos sabem que os exemplares ficarão encalhados por falta de demanda, também não tem sentido reimprimir uma obra, apesar de todos os seus predicados, quando sabemos que não há mais procura por aquele título na rede tradicional de livrarias. Por consequência, muitos bons títulos saem dos catálogos das editoras, passam a ser encontrados apenas em sebos e alguns deles viram raridade. Felizmente, o formato digital resolve esse problema. Como ainda não temos limite de espaço na rede digital, todos os livros publicados por nós e que não serão mais reeditados na sua versão impressa, depois da autorização dos seus respectivos autores e de nossas coeditoras, são oferecidos gratuitamente como e-books no site da nossa editora. Dessa forma, a obra não “morre”, e os interessados têm a oportunidade de ter acesso ao nosso catálogo integral.

Podemos então concluir que para se ter algum sucesso no nosso mercado editorial, é necessário definir algumas metas: investimento de médio e longo prazos; estratégia definida e criativa para enfrentar as dificuldades estruturais do setor (autores, consumidores, pontos de vendas, produto, divulgação) e formar um quadro de profissionais que reúnam competência profissional, criatividade e compromisso institucional. Ao longo desses 12 anos de vida, a Editora PUC-Rio tem perseguido essas metas. Ainda neste ano de 2012 teremos em nosso catálogo duzentos livros publicados, em sua esmagadora maioria em regime de coedição com mais de vinte editoras comerciais do Brasil. Esses livros, direta ou indiretamente, têm algum professor e/ou pesquisador da PUC-Rio envolvido em sua publicação.

Outro aspecto a ressaltar é que o retorno que a Editora oferece à PUC-Rio – traduzido em visibilidade acadêmica, prestígio institucional e coesão interna – acontece a custos muito baixos. Além de a estrutura da Editora PUC-Rio ser mínima – tanto no que diz respeito ao pessoal quanto à ocupação do espaço físico –, a Universidade não destina qualquer recurso orçamentário à publicação de livros.

A Editora PUC-Rio no Projeto Comunicar

Uma das principais atividades do Projeto Comunicar é proporcionar estágio profissional para os estudantes do curso de Comunicação Social. Naturalmente, os jovens estudantes procuram vagas de estágio nas atividades profissionais que são desenvolvidas pelo Projeto e que mais lhes despertaram curiosidade ou identificação durante o curso, ou seja: Jornalismo Impresso, Telejornalismo, Radiojornalismo, Assessoria de Imprensa, Publicidade etc. No caso da Editora PUC-Rio essa atividade é desenvolvida em escala menor, pois temos apenas uma vaga para estagiário e o curso de Comunicação Social da PUC-Rio ainda não oferece a habilitação de Editoração. Por consequência, temos que procurar o nosso estagiário entre aqueles alunos do curso de Comunicação Social que se interessam particularmente pelos livros. Essa realidade nos leva a proporcionar um estágio diversificado e de maior duração aos nossos estagiários. Optamos pelo estágio intensivo, uma vez que a estrutura da editora permite que o estagiário acompanhe todas as atividades que envolvem a seleção, preparação, divulgação e comercialização de um livro.

Dessa forma, a relação entre a Editora PUC-Rio e o Projeto Comunicar se dá através de um eficiente apoio técnico-administrativo que a Editora recebe do Projeto. Espaço físico, secretaria, apoio administrativo, criação e veiculação publicitária interna e externa, assessoria de imprensa etc. Esse apoio permite que a editora tenha uma estrutura mínima em todos os seus aspectos e se dedique quase que exclusivamente à sua atividade fim.

Experiências e expectativas

Aline Pinto Pereira*

*Não há expectativa sem experiência,
não há experiência sem expectativa.*

Koselleck¹

Neste momento solene, em que o Projeto Comunicar completa 25 anos, é chegada a hora de olhar pelo retrovisor. Passado, presente e futuro se interpenetram e nos permitem perceber o caminho que escolhemos percorrer diante das múltiplas possibilidades. Pelo presente, se olha o passado e percebe-se o quanto ele contribuiu para o futuro, lançando-nos às amarras do “campo da experiência” e do “horizonte de expectativas”, para nos valermos dos termos do historiador alemão Reinhart Koselleck. Não há trajetória que se afaste das experiências e das expectativas que compartilhamos com as pessoas da nossa relação, ainda que elas sejam percebidas e sentidas de formas diferenciadas.

Ter estagiado na Editora PUC-Rio, no período de 2002 a 2004, foi absolutamente formidável, porque, naqueles anos, além de ter conhecido pessoas especiais, também defini a minha trajetória acadêmica/profissional e amadureci. Foi ali que, de certa forma, renovei meu “horizonte de expectativas”. Explico: ainda graduanda do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, resolvi também cursar História na Universidade Federal Fluminense. Havia disposição de sobra para trilhar todos os dias o percurso Gávea-Niterói, movida por um desejo grande de conhecer/entender o mundo. Desejo esse que logo foi aguçado quando integrei uma das primeiras turmas do Curso Sequencial em Relações Internacionais do IRI. Motivada, segui a trajetória acadêmica, cursando o mestrado e o doutorado em História Social na UFF, pesquisando as relações entre a formulação das políticas externa e interna do Brasil e a formação do Estado Imperial.

Algumas possibilidades tinham sido desenhadas. Entretanto, durante o estágio na Editora PUC-Rio, percebi que minha curiosidade jornalística não estaria a contento sem o amparo da História. Mas havia uma autocobrança: por que queria tanto investir na formação acadêmica em História, se desde criança tinha certeza de que seria jornalista? Dúvidas floresciam aos montes – exatamente como tem que ser!

* Mestre e doutora em História Social pela UFF. Ex-estagiária do Projeto Comunicar na Editora PUC-Rio (2002-2004).

¹Koselleck, Reinhart. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Contraponto, 2006, p. 307.

Enquanto isso, em meio ao processo de edição, era preciso passar as emendas do copião para o arquivo digital, conferir se estava tudo certo com o fotolito e, entre outras preocupações, compartilhar da ansiedade dos autores e esperar a “criança nascer”. Sentia-me importante por fazer parte desse ritual, já que um livro é para sempre. Havia comprometimento (e muito carinho) por parte de toda a equipe para que o produto final saísse a contento do autor e também do público leitor. Tínhamos consciência de que as palavras têm força e circulam. E o que pode ser mais importante para a comunicação do que a circularidade das ideias, sobretudo daquelas que permanecem para a posteridade, impressas e divulgadas num livro?

Pode parecer um clichê (e talvez até seja), mas um livro tem o poder de mudar o mundo, já que modifica as pessoas e elas transformam seu entorno. Melhor ainda quando se tem a honra de participar de um movimento tão importante em uma editora cujo perfil é acadêmico, com liberdade para ousar na escolha de seus títulos, cativando seus leitores. A Editora PUC-Rio permite que o conhecimento produzido pelos docentes da instituição ultrapasse os muros do *campus*. Isso é Comunicação. Mas também é História, já que as obras publicadas resultam de pesquisas – frutos de relações sociais, questionamentos e percepções de uma época, quando o impresso divide as atenções com o atrativo mundo on-line.

Assim, quando olho para trás, vejo que o estágio na Editora PUC-Rio foi determinante para que eu assumisse, de uma vez por todas, que a minha trajetória profissional sempre esteve vinculada à estreita relação entre a educação e a sociedade, entre a produção de conhecimento e a difusão dos saberes. Ao sair da Editora PUC-Rio, tive meteórica passagem por uma redação jornalística, para novamente ver-me ligada a uma instituição de ensino superior, como assessora de imprensa da Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Antes do estágio na Editora, passei pelo Núcleo de Documentação do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e integrei a equipe do Instituto Ciência Hoje – experiências que também contribuíram muitíssimo para a minha formação.

Portanto, Jornalismo e História seguem de braços dados, sempre como opções complementares e nunca excludentes. Conforme o mesmo autor alemão, estou certa que “romper o horizonte de expectativa cria uma expectativa nova”,² porque a vida é plural e dinâmica, nos reservando boas surpresas. Vida longa ao Projeto Comunicar!

² Koselleck, op. cit, p. 313.

E foi assim que o mundo dos livros virou também meu mundo...

*Felipe Gomberg**

Volto ao ano 2000. Mais especificamente ao segundo semestre. Naquele tempo, era estagiário do Núcleo de TV do Projeto Comunicar. Minha formatura ocorreria ao fim daquele período. Já havia cumprido com todo o rol de disciplinas da graduação. Faltava apenas entregar a minha monografia. Dedicava a maior parte do meu dia, entretanto, ao estágio. Amava editar os programas de TV. Às vésperas da formatura, a ansiedade tomava conta de mim e de outros estagiários “seniores”. Queríamos garantir nosso lugar no disputado mercado. Nada muito diferente do que ocorre hoje.

Lembro-me bem daquela tarde. Era uma reunião de pauta da TV PUC, e o Luís Nachbin comunicava a nós, sua equipe de estagiários, que a coordenação do Núcleo de Televisão ganharia uma nova sala. Isso porque o Comunicar estava prestes a contar com um novo núcleo, um novo projeto da PUC-Rio: a editora de livros. Em seguida, contou-nos que o Fernando Sá seria o responsável por coordená-la. Engraçado. Aquela informação, que para alguns não teve relevância, para mim souo como uma grande notícia. A PUC-Rio iria lançar uma editora de livros. A reunião continuou e decidi naquele momento que levaria meu currículo ao Fernando Sá, que havia sido meu professor no semestre anterior.

“Boa tarde, Fernando. Tudo bem? Lembra-se de mim?” E emendei objetivamente: “Nesse primeiro momento de editora, se você tiver precisando de alguém formado, pode contar comigo. Estou me formando agora. Aqui está meu currículo.” E me lembro da resposta dele: “Vou precisar sim.” No dia seguinte, ele me procurou. Perguntou se eu desejava, de fato, trabalhar com livros.

Eu não pensei duas vezes. Aceitei. E aqui estou na Editora PUC-Rio, trabalhando com livros, há 12 anos. Fazendo um retrospecto da minha experiência em Comunicação, tudo me conduzia para que eu fosse trabalhar com jornalismo, e não com livros. Iniciei no Comunicar em 1999 como estagiário da querida e saudosa Clarice Abdalla no programa de rádio semanal da PUC-Rio, o Revista Jovem. Trabalhei um ano inteiro com ela e aprendi muito ali, e não só de jornalismo. Entre as experiências inesquecí-

* Subeditor da Editora PUC-Rio. Professor do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre e doutorando em Comunicação Social na PUC-Rio. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Rádio (1999) e de TV (2000).

veis daquele ano, me marcou uma pequena entrevista que eu, pelo rádio, e o Bernardo Tabak, pelo jornal, realizamos com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, após palestra dele no auditório do RDC. Depois migrei para a TV PUC, onde trabalhei como repórter e editor. E lá se foi mais um ano como estagiário do Comunicar, até essa despreziosa reunião de pauta do Nachbin, fundamental por ter me alertado para a recém-criada Editora PUC-Rio.

Nunca havia pensado em trabalhar com livros. Sempre gostei deles, mas como apreciador, como leitor. Percebi, nessa trajetória, que é preciso sim ter esse apreço pelo livro como objeto, como meio de comunicação, para poder trabalhar com ele. Mas só isso não basta! A produção de um livro requer do profissional dedicado a ela muito mais do que curtir livros.

A atividade de edição de livros é ao mesmo tempo artesanal e industrial. E essa linha de produção nem sempre agrada os iniciantes. Parte dos apaixonados por livros tem certamente curiosidade para saber como é o seu processo de confecção. Eles estariam até dispostos a passar uns tempos dentro de uma editora para entender como se dá essa manufatura. Mas há os que se decepcionam com a rotinização dos processos e com a visão que nós, editores, nutrimos pelos livros que produzimos: uma visão de mercado, encarando-o como um produto, voltado a um público-alvo específico, que tem suas demandas, e que deve ser despertado para o consumo por meio de uma capa atraente, um texto criativo de quarta-capa, uma chamada publicitária no jornal, um título mais comercial...

Aprendi, nessa dedicação diária ao mercado editorial, que livro bom é livro que tem público. De nada adianta valer-se de uma ideia original para escrever um livro se ele vira encalhe depois de impresso. Um livro de sucesso não é necessariamente um livro escrito com sucesso. É um livro publicado com sucesso. Publicar com sucesso significa, em termos práticos, esgotar edições, reeditá-las, incorporando emendas, atualizações. Na área acadêmica, significa ter o livro adotado como referência obrigatória em cursos, ser citado por pesquisadores sérios, até ser traduzido para outros idiomas, por que não?

Aprendi, entretanto, que trabalhar em editora também é controlar estoques, consignações, é atender aos telefonemas de aflitos leitores, aflitos autores, além, é claro, de fornecedores. Uma editora de livros é uma empresa completa. Cada tarefa, por mais simples que seja, exige cuidado e atenção imediatos. A falta de planejamento compromete a empresa editorial. Definir uma lista de títulos a serem enviados às Bienais do Livro, a quantidade correta de exemplares para as noites de autógrafos, acertar o tom da comunicação de lançamentos, abordar o autor com jeito, solicitando correções em seus textos, assim como tratar o leitor com delicadeza, todas são tarefas cotidianas que, se bem realizadas, contribuem positivamente para a construção de uma marca.

E talvez as marcas sejam o que há de mais valioso no mercado editorial. As grifes editoriais construídas por empreendedores, na maior parte das vezes, individuais, ou constituídas a partir de empresas familiares, são o maior legado que os seus fundadores deixam como herança. Como diria o famoso editor de livros norte-americano Jason Epstein, se o dinheiro fosse o principal objetivo do negócio da edição de livros, “essas pessoas (os editores) provavelmente teriam de ter escolhido outras carreiras”. É verdade! São pouquíssimas pessoas que ganham dinheiro com a venda de livros, e principalmente no Brasil. Se o charme do mercado editorial está, entre outras coisas, no fato de que o valor da empresa não se mede tão somente pelo resultado financeiro que ela oferece, mas principalmente pela seriedade do trabalho, então hão de concordar que nada melhor do que ter a marca de excelência da PUC-Rio como nossa grife editorial!

Nós, os tarados por livros!

Fernanda de Aquino Vieira*

Eu pertenço a um grupo de pessoas com características muito singulares. Esse grupo tem ideias muito diferentes e manias muito estranhas. Nós, os tarados por livros, acreditamos, por exemplo, que compramos um livro ao sermos verdadeiramente conquistados por ele. Uma capa encantadora. Uma contracapa robusta. Uma conversa interessante na orelha. Um conteúdo inteligente. Uma textura macia do papel. E o cheiro de novidade. (Sim, cheiramos livros!)

Se para um chocólatra, trabalhar em uma fábrica de chocolate deve ser o paraíso, para quem é tarado por livro, trabalhar em uma editora parece um sonho. Pensando assim, decidi me inscrever no processo seletivo para estágio da Editora PUC-Rio – Projeto Comunicar – na segunda semana de aula do meu primeiro semestre do curso de Comunicação Social.

Qual é a chance de passar em um processo seletivo na segunda semana de faculdade? Remota, pensei. Mas tudo é experiência. Arrisquei! E qual é a chance de passar na segunda semana, tendo ainda escolhido dissertar, na prova de redação, sobre um livro que trata do tema paquera? “Nenhuma. Não se leva a sério uma pessoa que lê sobre ‘isso’”. Foi o que ouvi de todos a quem contei sobre o que escrevi.

Como “toda unanimidade é burra”, estava eu na quarta semana de aula indo tirar minha carteira de trabalho, abrindo minha primeira conta no banco e, assim como minhas amigas de turma, escolhendo a dedo as roupas para ir à PUC. Só que no meu caso, para trabalhar, e não paquerar.

Na Editora, aprendi o que é *lead*, *release*, *clipping*, *briefing*, a fazer entrevistas e sobre o que faz uma assessoria de imprensa. Que livro, além de uma ótima companhia, é um produto editorial. Depois de dois anos de estágio, soube na pele o trabalho que dá cada uma das etapas do processo de produção até o lançamento.

Por se tratar de uma editora universitária, aprendi também a amar a Universidade, porque entendi que ela não é apenas o lugar onde se assiste a aulas. É onde se constrói e se armazena, em forma de livro, conhecimento.

Além de tudo isso, aprendi sobre um valor chamado responsabilidade. Para se fazer um livro é preciso muita responsabilidade! Se na faculdade de Jornalismo ouvi que o

* Trabalhou na área de marketing da Souza Cruz. Ex-estagiária do Projeto Comunicar na Editora PUC-Rio (2006-2008).

jornal, fruto do nosso trabalho como jornalistas, vira embalagem de peixe no dia seguinte, a edição de um livro, por sua vez, é eterna. As ideias apresentadas, os acertos (e erros) de edição perduram para sempre.

Esses e outros aprendizados que adquiri, intelectuais e morais, foram fundamentais para que desafios ainda maiores aparecessem na minha vida profissional. E me trouxeram maturidade para saber abraçá-los, com competência.

Eu faço livros

Livia Salles*

Eu faço livros. É a frase que representa o pacto criado por nossos estagiários cada vez que lhes perguntam sobre seus afazeres na Editora. Uma resposta que se diferencia da de nossos vizinhos, em que o próprio cargo já define a sua função: repórter de rádio, impresso ou TV, assessor de imprensa, produtor, atendimento, criação etc. Nosso estagiário vira estagiário de toda uma editora.

Essa é uma grande vantagem de se estagiar em uma editora de menor porte. Como não há divisões internas, o estagiário fica a par de todo o processo de produção de uma obra, dos originais ao livro pronto. Melhoria (mutilação) dos textos, organização (cor-te) das imagens, padronização (descaracterização) das notas de rodapé ou até mesmo a opção pelo vermelho (não pode branco?) na capa. Toda a visão de um editor (e do autor) se desenrola na pequena sala em uma casa no *campus* da PUC, aos olhos atentos do estagiário.

Além do papel do editor, conhece-se bem o ofício de um revisor, de um diagramador, de um capista, de um designer. Enfim, os bastidores de um livro, cada um com sua deixa. E estar na coxia não é tão simples. Livro vai além do papel e da tinta. Há certas coisas que os leitores não veem.

Porque eu gosto de livros. Erra quem pensa que só isso é suficiente para se trabalhar com eles. Nem amar, nem adorar. É preciso paciência. Livros demoram três, seis meses, mas podem levar três anos para ficar prontos. Ou seis. Às vezes, fazer livros esbarra no sobrenatural; creio ser similar a uma verdadeira caça às bruxas, que existem e costumam bagunçar a produção de determinadas obras. Livro toma tempo, exige qualidade, requer cuidado.

Uma boa dose de nenhuma vaidade também é bem-vinda. Certa vez li que a função do editor é quase igual à de um bom garçom: servir sem ser notado ou inconveniente. Ou à de um bom árbitro de futebol. Se começa a aparecer muito no jogo, é porque algo está errado.

Ao grande público, quem faz a bola rolar são os escritores somente. A ideia genial de uma coleção que venha suprir a carência de conhecimento em tal tema, o copidesque

* Assistente editorial da Editora PUC-Rio e professora do departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Ex-estagiária do Projeto Comunicar na Editora PUC-Rio (2007-2008).

que levou semanas, o importante cotejamento entre provas... Tudo fica por detrás dos panos. Conforme-se: seu papel principal é ser coadjuvante.

Outro aviso aos navegantes: talvez você se decepcione um pouco com essa história de fazer livros. Sempre temi por quem tinha verdadeira paixão por eles e mesmo assim optava por saber como são feitos. Ao virar uma página de uma obra, corre-se o risco de ficar cinco minutos avaliando o porquê dos cabeços estarem tão colados à margem, enquanto esse tempo simplesmente poderia ser gasto... na sua leitura. O olhar do editor é um olhar sempre desconfiado. E suspeito que nunca mais volte ao normal.

Eu faço livros. Diga isso e as pessoas te olharão de forma diferente. Sei que acontece com outras profissões, inclusive com jornalistas e publicitários, nossos colegas de porta, mas o livro tem algo de intocável, de não amassar as orelhas. Há certa imponência própria a ele, quase inerente. Ouso dizer que é o bem intelectual legitimamente escolhido pela sociedade para a transmissão de cultura. Não é à toa que uma das primeiras coisas a serem pensadas para celebrar e eternizar os 25 anos do Projeto Comunicar foi exatamente um livro.

Qual outro meio de comunicação dura seiscentos anos sem praticamente nenhuma mudança fundamental? Esforçando-se, essa pergunta pode até soar negativa, entretanto, aposto mais que seja uma indicação de que algo vai muito bem, obrigado. Não querendo desmerecer as recentes tecnologias, que são muito bem-vindas, o fato é que até o momento nem elas conseguem se distanciar muito da criação de Gutenberg. É notável o quanto o digital ainda bebe do clássico códice.

Esse ar de nobreza conquistado (ou requerido) pelo livro é curioso. Se de um lado, há o aspecto positivo, um objeto que enobrece qualquer história, de outro, é símbolo de inatingível, distante. Somos um país de não leitores, diz o bom e verdadeiro clichê. Apesar do aumento da produção e da venda de livros, em meio ao grande bolo que se tornou a recém-descoberta e antiga classe média, nossa capacidade de criação de leitores é ínfima. Mas com olhar de Pollyanna, o aparente problema pode ser uma oportunidade para os novos editores, não? Está (nos) dado o desafio.

Após essas provações pelas quais passam estagiários, assistentes, subeditores, editores e coordenadores editoriais, por que então participar desta loucura de fazer livros? Para dar continuidade e qualidade a um produto que no imaginário social está associado a conhecimento, lazer, descobertas, informação e sabe-se lá que outras possibilidades. Saber que tudo isso pode ser reunido em páginas e que você de certa forma ajudou a construir é prazeroso e confortante. Lidar com bruxas, com autores, com livreiros, com leitores é trabalhoso, mas divertido. E é com certo orgulho que podemos dizer: *Eu faço livros.*

Os primeiros livros a gente nunca esquece

*Nina Lua de Freitas Ferreira**

Uma das coisas que quem trabalha em editora mais ouve no dia a dia é a pergunta “Mas o que você faz?”. Em 2009, eu também não sabia. Apesar disso, desanimada que estava com o Jornalismo naqueles primeiros períodos da faculdade, resolvi que queria tentar fazer livros. Foi então que eu comecei a estagiar na Editora PUC-Rio, sem ter a menor ideia de como se transformava um arquivo de texto em um livro prontinho, mas imaginando que o caminho percorrido deveria ser diferente do que eu já tinha experimentado antes. O que eu não imaginava – e isso fui descobrindo ao longo do tempo em que estava na Editora – é que me apaixonaria pelo mundo editorial e resolveria que era isso que eu queria da minha vida. Três anos depois, cá estou eu, ainda sonhando em fazer livros e mais livros.

Respondendo à pergunta do começo deste texto, vamos lá: para fazer um livro, basicamente, é preciso formatar o original, prepará-lo, revisá-lo algumas vezes, diagramá-lo, criar uma capa, arrumar textos de orelha e contracapa, checar tudo de novo e, finalmente, imprimi-lo. Mas o processo não é tão simples quanto pode parecer. É um trabalho exigente, mas gratificante. Só de pensar que o que estamos fazendo pode atingir centenas, quem sabe milhares de pessoas, que talvez expandam seus mundos a partir daquela leitura, já faz valer a pena.

Ainda hoje ajudo a fazer livros, agora na Editora Objetiva, e uma das coisas que mais me fascina nesse ofício é entrar em contato com mundos diferentes todo dia. Para isso é preciso – e isso eu aprendi na Editora PUC-Rio – ter amor e bom humor o tempo todo. Parte do meu trabalho lá é avaliar originais que as pessoas enviam pelo correio – tarefa muitas vezes ingrata, ainda mais quando os autores telefonam perguntando por que seus textos foram rejeitados, e eles nem sempre o fazem de um jeito muito delicado. Apesar disso, a cada original que leio, aprendo sobre um assunto de que talvez eu nunca tivesse ouvido falar, ou conheço histórias novas que vêm naquelas linhas escritas por outras pessoas, que, em geral, eu não conheço.

Na Editora PUC-Rio, uma das minhas tarefas era distribuir exemplares dos livros que lançávamos por vários cantos da Universidade – função que me fez ir a lugares do

* Trabalha na Editora Objetiva. Ex-estagiária do Projeto Comunicar nos núcleos de Assessoria (2008) e na Editora PUC-Rio (2009).

campus que eu nem sabia que existiam, como o sétimo andar do Kennedy ou salas nos andares superiores do RDC.

Como a Editora tem uma equipe pequena, na Bienal do Livro de 2009, todos nós fomos ao Riocentro para montar nosso espaço no estande da ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias). Organizamos o estoque, carregamos caixas de livros para lá e para cá, arrumamos tudo na prateleira e, depois de terminada a feira, fizemos o caminho oposto. Também participei de alguns lançamentos de livros, e o esquema era o mesmo: arrumar as caixas no estoque, levar tudo para o lugar do lançamento. Na hora do evento, não podíamos esquecer de anotar, num papelzinho grudado no livro, os nomes das pessoas na fila de autógrafos. Com o nervosismo do momento, os autores podem esquecer como se chama a própria mãe – ou pelo menos era o que o Fernando contava que já tinha visto acontecer uma vez.

Eu também passei por um momento de muito nervosismo na Editora: minha estreia em frente às câmeras. Um dia, o Fernando me chamou para acompanhá-lo na gravação de um programa de TV sobre livros digitais. Parecia que os produtores precisavam também de pessoas jovens para ficar na plateia e participar do debate sobre o tema. Pelo menos foi isso que eu imaginei. Chegando lá, descobri que, na verdade, eu seria uma das entrevistadas. Era tipo uma mesa-redonda, tirando o fato de que não tinha mesa e os convidados ficavam em pé. Todo mundo era especialista, menos eu. Quase desmaiei, mas até que não me saí tão mal...

Outra função minha era entrevistar autores para o site. No começo, ficava muito tímida ao conversar com acadêmicos consagrados das mais diversas áreas, que eu, é claro, não dominava. Com o tempo, essa se transformou em uma das minhas atividades preferidas. Durante essas entrevistas, descobri, por exemplo, os principais sinais de que uma criança pode ser autista; que na PUC há aulas de alfabetização para adultos na hora do almoço; que o rei São Luís, da França, virou entidade e dança nos terreiros do Maranhão. Padronizando ou revisando textos, também aprendi coisas sobre nanotecnologia, geografia, história, biologia, design, letras, serviço social, relações internacionais, psicologia, e por aí vai.

O que a gente mais faz, mesmo, é mexer com texto. E o texto é resultado da dedicação e da criatividade de outra pessoa, então é necessário tato para transformá-lo no melhor produto final possível. O que queremos, no fundo, é que o livro tenha sucesso e seja lido por muita gente. Editar é dar importância a coisas em que ninguém mais repararia. A gente gosta de ler e reler, até encontrar o equilíbrio perfeito no texto, ou até achar o jeito mais adequado de formatá-lo e apresentá-lo. O trabalho, quando bem-feito, não aparece. A falta de reconhecimento é o nosso maior reconhecimento.

Eu penso em livros o dia inteiro, todo dia. Na palavra que se encaixaria perfeitamente naquele texto, na letra maiúscula que foi usada de um jeito inadequado para começar

tal palavra, na pessoa que aparece na foto do miolo e cuja autorização eu tenho que pedir, no detalhezinho que eu esqueci de checar. Todo mundo que eu conheço e que faz livros é assim também. Uma das maiores tragédias para a gente é abrir um livro pronto e encontrar um errinho. Um mísero errinho de digitação. Algo minúsculo que não foi corrigido a tempo pode acabar com o dia. Rapidinho, a gente aprende que a perfeição é inatingível. Mas mesmo assim, no dia seguinte, tentamos de novo chegar lá.

“Os livros do Giovanni Reale são muito bons”

Tomás da Costa*

Em junho de 2004 a Editora PUC-Rio oferecia uma vaga de estágio. O processo de seleção consistia em uma entrevista e em uma dissertação sobre um livro lido recentemente pelo candidato. Escrevi meu texto sobre o *Fama e anonimato*, de Gay Talese, cujo capítulo mais conhecido é aquele em que Talese faz um perfil de Frank Sinatra sem trocar uma palavra com ele. Era um livro que de algumas formas me inspirou ao longo do curso de Jornalismo, mas raramente dando resultados positivos – esse processo seletivo deve ter sido, aliás, a única exceção. Lembro, por exemplo, acreditando poder ser talesiano, de ter escrito um perfil de um pensador, do filósofo italiano Gianni Vattimo, para o curso de redação jornalística do Arthur Dapieve, também, claro, sem descrever diálogos com o turinense, embora o professor tivesse sido bastante claro ao exigir que o aluno tomasse uma entrevista como base do perfil. Não ter citado diretamente o Vattimo no texto acabou me custando pelo menos uns dois pontos, mandando, com justiça, minha nota final lá para baixo. Mas isso foi dois anos depois de eu conseguir a vaga de estágio. Na verdade, antes mesmo do curso do Dapieve eu havia estado rapidamente com o Vattimo, à época já conhecido mundialmente. Logo após sua palestra no Fórum Internacional de Filosofia Krisis, realizado na PUC-Rio em 2005, Vattimo veio ao estande da Editora, que aproveitava o evento para lançar o livro de Rossano Pecoraro sobre niilismo e o pensamento de Vattimo – com um posfácio do próprio. Vattimo veio sozinho ao estande, queria dois livros para dar de presente a professores brasileiros. Aproveitei para perguntar o que ele havia achado do encontro – “excelente, fiz muitos amigos” – e qual livro sugeriria a um estudante de Filosofia no primeiro período: “Os do Reale são muito bons”, disse, bastante simpático. É que à época eu pensava em estudar alguma disciplina das ciências humanas paralelamente à Comunicação, em parte estimulado pelo ambiente acadêmico com o qual tinha contato por meio da Editora.

Uma das tarefas mais interessantes que desempenhava como estagiário era produzir entrevistas com os autores dos nossos lançamentos, a maioria professores da Universidade, mas muitos recém-doutores ou mesmo mestres. Eu era totalmente responsável pelas entrevistas, da pauta à transcrição. Recordo-me bem da conversa com Ernesto Rodrigues,

* Revisor e tradutor. Mestre em Teoria Social pela Universidade de Konstanz (Alemanha) e doutorando em Filosofia pela Universidade de Wuppertal (Alemanha). Ex-estagiário do Projeto Comunicar na Editora PUC-Rio (2004-2006).

organizador de *No próximo bloco...*, editor-chefe do Jornal Nacional e docente do departamento de Comunicação; com a socióloga Angela Paiva sobre sua análise das cotas em universidades públicas (naqueles tempos o debate estava no auge); e com o professor do departamento de Filosofia Paulo Cesar Duque-Estrada a respeito de seu livro sobre Jacques Derrida – provavelmente por já estar cursando, à época da entrevista, o primeiro período de Filosofia, acabei estendendo essa conversa em vários momentos atrás de explicações e aprofundamentos; lembro bem, por exemplo, da definição que Duque-Estrada deu para o conceito “ser-aí”, de Heidegger, até hoje uma das mais claras que já ouvi.

Outra entrevista marcante para mim foi com o professor Rogério Ribeiro de Oliveira, do departamento de Geografia. O tema do seu livro – sobre história ambiental – estava longe de se enquadrar em alguma das minhas áreas de interesse, mas sua obra foi a primeira publicação da Editora de cujo processo de editoração participei quase integralmente, da revisão dos originais até a entrada dos exemplares no nosso estoque (quando chegaram da gráfica). Na verdade não me lembro direito das perguntas que fiz, apenas que, às vezes, durante a entrevista, me referia ao livro com certa autoridade – no sentido original da palavra: percebi, ao longo do processo, que o trabalho do editor também tem algo de autoral, que o sentimento com relação à obra é, em vários casos, quase o mesmo (coisa, aliás, que o editor provavelmente nunca vai admitir ao autor).

Tenho certeza: quando o livro fica pronto e chega enfim às livrarias, o sentimento dos responsáveis pela editoração é, com frequência, bastante parecido com o do autor ao entregar seu original à editora. Além disso, vi que ao longo do processo uma porção de convicções minhas a respeito da produção de livros não tinham fundamento nenhum. Ficou claro para mim, por exemplo, que, sem mudanças no modelo de distribuição, o livro vai continuar sendo caro para a maior parte da população (se bem que mais subsídios para a compra de papel e para baratear a impressão não fariam mal ao preço final do livro também), ou então só sendo lembrado quando estiver chegando o aniversário daquele conhecido nosso que lê feito um norueguês. Mas vi também que, no final das contas, essa questão do preço é mesmo subjetiva: há aqueles que não veem problema em pagar quase um aluguel em um aparelho celular; outros, em pagar no livro o mesmo que pagariam em um jantar dos bons, enquanto outros não admitem gastar a quantia que seja em um serviço legal de download de mp3. E, sim, entendi que copiar capítulos e artigos de livros também prejudica, muito mais do se diz por aí, mas é possível investir em bibliotecas, aproximar as editoras e as universidades, desenvolver sistemas de assinaturas entre as instituições, o que aumentaria as receitas das editoras ao mesmo tempo em que o acesso a artigos e capítulos de livros passaria a ter custo muito baixo para o estudante. Isso é possível e a tecnologia já existe, bastam alguns apertos de mãos.

Muitos escolhem estudar Jornalismo porque acreditam ter jeito para a escrita e para a leitura. Quando deixei a Editora depois de 18 meses de estágio, vi que é na Academia onde se lê e se escreve mesmo e muito. Quem de fato gosta de ler e escrever e, justamente por causa disso, optou pelo jornalismo das redações e não pela pesquisa vai ser, com certeza, menos feliz profissionalmente. É uma pena que pouquíssimos estudantes, em especial das ciências humanas e sociais, saibam do trabalho de investigação científica desenvolvido por seus professores ou da paixão envolvida nessa tarefa, embora seja essa a atividade à qual muitos de seus docentes destinam ou buscam destinar a maior parte de seu tempo. Isso foi uma das coisas que de início mais me surpreenderam no começo do estágio: o quanto se produz de literatura científica; e que essa produção tem por trás também uma estrutura editorial bastante ativa – que grande parte dela é totalmente dependente das editoras acadêmicas. Pesquisa sem publicação não é pesquisa; é como o músico que não grava, o artista plástico que não expõe. E isso também porque o fortalecimento da comunidade acadêmica depende de que se leia a produção dos seus contemporâneos. Os problemas abordados na investigação científica são, já há muito tempo e em qualquer área do saber, complexos demais para uma pessoa só. Fazer de um problema científico um tema, e para mais de um pesquisador, é o primeiro passo de sua solução. Não é que a editora acadêmica facilite diretamente a abordagem, mas ela permite que essas questões sejam tematizadas, e isso sem interesse mercadológico, sem a necessidade de vender dezenas de milhares de exemplares.

Na entrevista depois do exame de seleção à vaga de estágio fui perguntado sobre o que pretendia fazer profissionalmente. Disse que tinha interesse pelo trabalho com editoração, mas também pela carreira de professor. De lá até hoje, sempre que me fazem essa pergunta, respondo da mesma forma. Desde aquela época, cada centavo que recebi profissionalmente saiu da conta de alguma editora, sempre universitária, ou de alguma universidade, quase sempre prestando serviço de editoração. Com sorte, isso continua assim por mais algum tempo.



**NÚCLEO DE
COMUNICAÇÃO
COMUNITÁRIA**

Comunicação comunitária: um núcleo em ação

Miguel Pereira*

O Núcleo de Comunicação Comunitária foi criado a partir da inspiração do professor Augusto Sampaio, em 2002. Sua primeira ação já estava à frente do tempo. A professora Lúcia Thereza Carregal, que integrou o Núcleo no seu início, elaborou um site para que as comunidades pudessem postar suas notícias e realizar um intercâmbio virtual. Era algo inovador para a realidade daquele momento. As favelas do Rio de Janeiro e as periferias da cidade não estavam ainda iluminadas. As chamadas *lan houses* eram raras no asfalto e ainda mais nessas localidades. Por isso, o desafio acabou não tendo o efeito esperado, pois tanto a produção das notícias como a sua veiculação exigiam dos agentes comunitários um deslocamento, muitas vezes penoso, ao *campus* da Universidade para acessarem os equipamentos técnicos. Num projeto dessa natureza é crucial a atualização permanente das informações. Como isso não ocorria, a função primeira do intercâmbio ficou sem efeito. Assim, o que foi uma ideia inovadora acabou sendo descontinuada e adormecida para ser ressuscitada quase dez anos depois, com os novos projetos que foram implantados nos últimos anos. Nessa primeira fase, o professor Adair Rocha era o coordenador do Núcleo. Deixou-o para assumir função no Ministério da Cultura, em 2004. Também Lúcia Thereza se afastou e então eu assumi a coordenação, trazendo o professor Sergio Bonato como colaborador.

Em movimento

Esta é a dinâmica do trabalho comunitário: estar em processo. A paisagem muda muito rapidamente e o que hoje vale, um pouco mais adiante pode não valer mais. Construir algo de sólido nesse ambiente é mais que um desafio. É quase uma pesquisa em movimento que exige abertura de horizontes e generosidade para se colocar no lugar do outro. Essa tomada provisória de espaço, mesmo que seja para experimentar outras sensações, nunca pode substituir o outro. Ao contrário, deve incluí-lo como parte da própria formação. Nesse processo, devemos ser rigorosos em relação ao conhecimento possível e ter uma perspectiva de futuro com base na educação científica e sentimental,

* Ex-coordenador do Núcleo de Comunicação Comunitária e coordenador-geral do Projeto Comunicar.

metas permanentes do desenvolvimento humano. De certo modo, é guardar fidelidade ao papel da própria universidade na produção, transmissão e difusão do conhecimento.

A vida que se passa fora do *campus* é tão importante quanto a que se experimenta dentro dos muros das universidades. Essa integração é o ideal das instituições universitárias. Todas as áreas do conhecimento acumulado e as novidades originadas na pesquisa e nas inovações devem ser colocadas a serviço dos outros. Foi esse caminho que o Núcleo de Comunicação Comunitária buscou. Como diz Richard Sennett: “A cooperação azeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente.” O sociólogo americano refere-se, em seu último livro, *Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação*, de 2012, àquilo que é possível partilhar, através dos rituais de cooperação, no interior da vida social e dos indivíduos.

Crise da Rocinha

Se em 2002 faltavam equipamentos tecnológicos para tornar possível o projeto da professora Lúcia Thereza, outros fatores se somaram a esse, dificultando o intercâmbio de informações. A situação se tornou ainda mais complexa quando a violência se instalou no cotidiano das favelas cariocas e se expandiu para o asfalto. Na madrugada de 9 de abril de 2004, a Rocinha viveu um dos tantos confrontos sangrentos que a sua história registra. Naquela ocasião houve uma mobilização da sociedade civil no sentido de levar a paz para a favela. Entre as ações, foi realizado um seminário na PUC-Rio para discutir e propor alternativas que permitissem novas perspectivas para a comunidade. Nesse encontro, que reuniu líderes da favela e acadêmicos, surgiu a proposta de um curso de jornalismo comunitário, em parceria com a ONG Viva Rio, para ampliar o seu processo de comunicação. O Núcleo de Comunicação Comunitária organizou essa oficina, com a participação do departamento de Comunicação Social, que durou um semestre, resultou na edição de um jornal e capacitou alguns de seus líderes no campo da comunicação.

Cruzada

Com o aumento da violência nas favelas do Rio de Janeiro, tornou-se praticamente impossível uma aproximação com as comunidades. Apenas duas experiências foram até agora desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação Comunitária, ambas na Cruzada São Sebastião. A primeira foi a edição do jornal *Visão Cruzada* numa parceria com a associação de moradores. A segunda foi junto à Paróquia Santos Anjos, também na Cruzada São Sebastião, onde a vice-reitoria Comunitária da PUC-Rio tinha um trabalho social de grande relevância. Desenvolveu-se um trabalho de formação e montagem de uma pequena estrutura que pudesse produzir e editar um informativo que buscasse quebrar

os muros do preconceito entre os moradores do Leblon e a Cruzada. Isso se deu pela reformulação do informativo paroquial, *O Dom*, editado, eventualmente, numa folha, sem tratamento jornalístico. A proposta era a produção de um jornal que circulasse no bairro do Leblon como forma de integração comunitária. Um grupo de jovens voluntários da Cruzada, engajados na vida da Paróquia, começou a se reunir, aos sábados, no coro da Igreja, com os professores do Núcleo de Comunicação Comunitária. Nesse ambiente, surgiu a ideia do novo *O Dom*, que foi produzido e distribuído até que as verbas prometidas não chegaram mais. Todo o planejamento editorial, as pautas, reportagens e diagramação, assim como a sua distribuição, foram fruto de um trabalho com esse grupo de jovens. Com o apoio da PUC, foi montada uma redação numa sala cedida pela Paróquia e *O Dom* teve uma excelente repercussão no bairro; muitos sentiram a sua falta quando, por questões de financiamento, não mais foi editado. Nesse, como no *Visão Cruzada*, buscou-se que as pautas, as reportagens, as fotografias e a edição fossem feitas pelos voluntários da Cruzada ou da Paróquia. Nosso papel era orientar e ensinar como fazer. Na primeira fase do *Visão Cruzada*, o Flávio Tabak chegou a fazer o jornal sozinho. Posteriormente, um grupo de jovens moradores da Cruzada assumiu essa tarefa e nós apenas orientávamos e finalizávamos o trabalho.

Numa dinâmica mutante e adaptada às solicitações que recebíamos, as nossas ações se orientavam em função da segurança e da nossa capacidade de estruturar um trabalho competente e que tivesse como característica a continuidade. A comunicação é sempre um processo. Seu objetivo é atender às necessidades de uma comunidade. Pressupõe, portanto, a explicitação dessa necessidade ou pelo menos a sua motivação. Não adianta planejar em gabinete. É preciso que as ações correspondam a necessidades efetivas das comunidades. Outra característica desse tipo de trabalho é ouvir a comunidade e motivá-la à participação, além de se pensar sempre em prazos médios ou longos. A capacidade de qualquer veículo de informação se constituir só ocorre depois de certo período.

Em tempo: por ocasião do centenário de nascimento de Dom Hélder Câmara, foi produzido um documentário sobre o legado simbólico e espiritual deixado pelo bispo entre os moradores da Cruzada. A intenção era mostrar a visão profética desse homem de Deus que muito fez pelo Rio de Janeiro e pelo Brasil enquanto esteve entre nós. Chegou-se a uma versão final, mas ainda não foi mostrado. Continua inédito.

Arquidiocese

Nesse contexto de continuidade e atendimento às necessidades reais, um projeto foi preparado com dedicação e empenho e já dura mais de sete anos. Trata-se da capacitação de agentes da pastoral da comunicação da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tudo começou com a chegada do novo arcebispo, Dom Eusébio Scheid, em setembro de 2001. Na estru-

tura dos vicariatos, criou o da Comunicação. O processo de aproximação com o Núcleo de Comunicação Comunitária foi sendo construído ao longo dos anos. As primeiras iniciativas consistiram na participação dos professores do Núcleo, mais a nossa colaboradora de todas as horas, a saudosa professora Clarice Abdalla, em reuniões do clero dos vicariatos e em paróquias da Arquidiocese. Esse percurso inicial foi de extrema importância para se criar e motivar o interesse pela Comunicação como um processo fundamental da ação da Igreja na vida das comunidades. Geralmente aos sábados, esses encontros foram o passo inicial para que os potenciais comunicadores fossem identificados e qualificados. Por outro lado, foram também centrais para que os padres responsáveis pelas paróquias do Rio de Janeiro percebessem a importância da capacitação de seus agentes da comunicação. A forma de organizar esse processo de capacitação foi através da estrutura dos vicariatos, pois atingiríamos mais rapidamente toda a Arquidiocese. Na verdade, o que estava em jogo era a criação de uma rede de comunicação que pudesse integrar, informar e formar a consciência católica do Rio de Janeiro. Curiosamente, uma das primeiras oficinas oferecidas foi sobre o tema da rádio comunitária, pois era esse o interesse de Dom Eusébio Scheid. De fato foi realizado um curso com esse conteúdo. O objetivo não era abrir novas rádios comunitárias, embora elas pudessem ser organizadas também, mas usar as já existentes para propor programas do interesse das comunidades paroquiais. Algumas iniciativas foram adiante e a voz dessa parte das comunidades cariocas está sendo ouvida em rádios legais. Foi ainda durante o seu pastoreio que foi reformulado o site da Arquidiocese, com importante participação da professora Clarice Abdalla, num convênio assinado por Dom Scheid e o reitor padre Jesus Hortal, em parceria com o Instituto Gênese.

Nesse processo de aproximação entre a PUC e a Arquidiocese no campo da Comunicação, teve e tem fundamental importância o vigário episcopal para a Comunicação, cônego Marcos William, que continuou na função com a vinda de Dom Orani João Tempesta para o Rio de Janeiro, em substituição a Dom Scheid, em abril de 2009. Dom Orani, que por dois mandatos, entre 2003 e 2011, foi presidente da Comissão Episcopal para a Cultura, Educação e Comunicação da CNBB, é um estudioso e especialista dos fenômenos da Comunicação Social. As relações se aprofundaram e Dom Orani faz questão de estar presente em todas as formaturas das oficinas que oferecemos anualmente aos agentes da pastoral da comunicação da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Só em 2011 não realizamos esses cursos, pois sediamos na PUC-Rio o VII Mutirão da Comunicação, em parceria com a CNBB e a Arquidiocese. Mais de 1.200 pessoas de todo o Brasil participaram do Mutirão, o que exigiu um trabalho muito intenso e envolveu não apenas o Núcleo de Comunicação Comunitária e o Projeto Comunicar, mas o departamento de Comunicação Social com seu qualificado quadro docente, funcionários e alunos.

O percurso até agora percorrido levou formação a mais de quatrocentos comunicadores católicos em diversas áreas. Inicialmente nos fixamos no jornalismo impresso e no digital. O objetivo era melhorar os informativos que já existiam ou criar novos. Pretendia-se também que cada paróquia pudesse ter o seu site e favorecer a informação para a comunidade; a médio prazo, a ideia era que essa circulação de notícias e conhecimentos se constituísse numa efetiva rede virtual. Cremos que em grande parte esse objetivo já foi atingido. A Igreja Católica do Rio de Janeiro está interligada em suas paróquias, vicariatos, foranias e na própria Arquidiocese. É muito fácil hoje a mobilização dos grupos e pastorais. Parte dessa nova mentalidade comunicativa tem origem nas oficinas e nos cursos ministrados pelo Núcleo de Comunicação Comunitária. Devido ao interesse despertado em muitos alunos, abrimos também dois cursos relacionados com o conteúdo de cinema. Um primeiro foi focado no cineclubismo, com exercícios dentro dos métodos aprendidos em algumas salas paroquiais, e outro na produção com o objetivo de promover pequenas produções para serem veiculadas nos sites paroquiais ou vicariais.

Novos projetos

Em 2012, oferecemos ao vicariato da Leopoldina um curso estruturado em painéis e aulas técnicas. A intenção era aprofundar mais a reflexão sobre a comunicação. Inauguramos também uma parceria com a CCE, que permite aos alunos desfrutarem da condição de estudantes da PUC com todos os direitos de frequentarem a biblioteca e ter um certificado formal de aperfeiçoamento. A intenção é caminharmos para uma especialização e com isso formar com maior empenho acadêmico os agentes, seminaristas e padres da Arquidiocese do Rio de Janeiro e de outros estados.

Nessa mesma linha, iniciamos, no segundo semestre de 2011, um curso de cinema para as favelas de Santa Marta, Chapéu Mangueira, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, planejado em três módulos.

Ainda no conjunto de atividades que o Núcleo já realizou, não podemos esquecer uma experiência singular que contou com a participação de cerca de trinta estudantes e o apoio do departamento de Comunicação: a produção do filme *O advogado das almas*. Foi uma parceria com a Casa da Convivência Nossa Senhora Mãe do Belo Amor, que acolhe jovens com deficiência e os capacita para atuarem em diferentes atividades, inserindo-os na sociedade. O filme foi todo interpretado por ele e teve o roteiro escrito pelo talentoso Joaquim Assis. Foi um dos trabalhos mais gratificantes da vida universitária que o Núcleo já realizou. Todos aprendemos muito.

Para finalizar, criamos o grupo de pesquisa “Sagrado cinema: cultura, religião e sociedade”, que está em fase de constituição e inscrição no CNPq. Desde março de 2012,

o Núcleo de Comunicação Comunitária é coordenado pela professora Angeluccia Bernardes Habert.

Em todo esse processo de mais de dez anos, é importante ressaltar o apoio do departamento de Comunicação em todos os projetos do Núcleo de Comunicação Comunitária, no que diz respeito a docentes, funcionários, espaço físico e equipamentos.

Do *Cruzada* ao jornalismo político

Flávio Tabak*

O estagiário do Núcleo de Comunicação Comunitária atende o telefone. Na linha, o cartunista Aroeira quer saber o *deadline* para a entrega de uma ilustração que seria usada no jornal comunitário *Visão Cruzada* – produzido pelo Projeto Comunicar em parceria com a associação de moradores da Cruzada São Sebastião. O jovem do segundo período, que fechava uma publicação pela primeira vez, responde com uma pergunta: “Mas o que é mesmo um *deadline*, hein?” Paciente, o cartunista explica. Envergonhado, o estagiário aprende e se despede do colega veterano.

Os professores Adair Rocha e Lúcia Thereza Carregal me escolheram para ocupar uma vaga de estagiário. Era minha chegada ao Comunicar, no fim de 2003. A ideia era ajudar na produção de um jornal comunitário. Eu ainda tentava cursar duas faculdades ao mesmo tempo: Ciências Sociais, na UFRJ; e Comunicação Social, na PUC. Na UFRJ, fiz iniciação científica em antropologia e acompanhava, havia cerca de um ano, uma doutoranda que estudava a Cruzada São Sebastião. Foi um momento-chave.

Apesar de não saber o que era um *deadline*, eu conhecia razoavelmente bem a Cruzada e muitos de seus moradores a partir de uma abordagem etnográfica. Com a disposição da PUC, foi possível criar o jornal comunitário. Pude usar a experiência do trabalho de campo de antropologia para produzir notícias, fotografar e ver tudo publicado depois. Os exemplares eram distribuídos em cada um dos quase mil apartamentos do conjunto de dez prédios populares encravados no bairro mais valorizado da cidade. Carrego o aprendizado de produzir notícia e ver, bem de perto, a reação dos moradores. Percebi, na prática, alguns anseios de quem via a própria imagem e discurso reproduzidos numa publicação. Fui cobrado pelos moradores, recebi elogios, agradecimentos, queixas e demandas. Ao retornar à Cruzada com os exemplares nas mãos, entrei em contato com a repercussão de um texto jornalístico. Nunca havia passado por isso.

Começava, assim, a experimentar os primeiros lides, aprender, na tentativa e erro, padrões de reportagem, sempre com a assistência dos professores, apesar do nervosismo de apertar um botão e saber que não haveria mais volta. Aqueles textos seriam impressos milhares de vezes. Senti a responsabilidade quando entreguei exemplares do jornal na Cruzada, ao lado do professor Miguel Pereira. Fizemos uma reunião e selamos uma

* Trabalha no *Globo a Mais*, vespertino para *tablets* do jornal *O Globo*. Ex-estagiário do Projeto Comunicar nos núcleos de Comunicação Comunitária (2003-2004) e de TV (2004).

parceria muito enriquecedora. Foram cerca de cinco meses e cinco edições do *Visão Cruzada*. O primeiro estágio da vida, o primeiro contrato assinado, o primeiro crachá, o primeiro salário. Saí feliz, pronto para experimentar mais.

Com pouco menos de um ano na PUC, havia conhecido uma rotina de trabalho, de relação com chefes e reportagem. Fiz a prova e passei para o estágio na TV PUC. Não fazia ideia do que seria minha carreira, queria mesmo era pôr a mão na massa. Já acompanhava as produções dos colegas e lembro muito bem do momento em que vi meu nome entre os aprovados no mural em frente ao elevador do andar do Comunicar. As professoras Carmem Petit e Flávia Rua abriram as portas para mais um percurso.

Um dos principais aspectos do Comunicar é antecipar situações da vida profissional. É a face mais visível, o momento de assimilar padrões de texto, apuração e edição. Mas há um lado menos óbvio, o da dimensão simbólica de fazer parte de uma equipe de trabalho. Não esqueço da minha empolgação ao participar da primeira reunião com os novos colegas de TV PUC. A Carmem marcou para a sala 102 K e, de repente, eu como aluno me via ao lado de cerca de 15 colegas numa situação bem diferente da vivida nas aulas. Ali discutíamos pautas, modos de fazer, de pensar. A vida na PUC dobrara desde o estágio no Núcleo de Comunicação Comunitária. Seis horas de aula, mais seis de trabalho. Conversas com colegas de turma passaram a envolver, além de tarefas do curso e assuntos normais a qualquer universitário, expectativas e planos de fazer um bom trabalho no Comunicar.

Outro aspecto paralelo aos aprendizados diários com os chefes-professores era a qualidade dos equipamentos usados pelo projeto. Um computador Mac – que era livre para ser usado por estagiários de edição de TV –, por exemplo, marcava a vida de qualquer estudante. Custava caro e, para quase todos, a única forma de “pilotar” máquinas daquelas era no Comunicar. O mesmo ocorria com as câmeras, as luzes do estúdio, os microfones, entre outros. Ir para a rua com o carro do Toninho me incentivava a pensar novas pautas. Afinal, também era possível sair da PUC e explorar a cidade.

Foi durante o estágio no Comunicar que comecei a me aproximar do jornalismo político. Em agosto de 2004, o suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas completou cinquenta anos. Sugeri para a Carmem e ela topou fazer um programa especial sobre o tema, o Pilotis. Ao lado de colegas, fiz pesquisas e entrevistei personagens da época. Depois de algumas horas de decupagem e edição chegamos ao resultado final. Lembro da felicidade que senti quando vi o programa finalizado no antigo canal 16 da NET (hoje canal 11).

O ano também era de eleições municipais e, logo depois, o Comunicar decidiu promover o primeiro debate entre os candidatos a prefeito do Rio numa TV universitária. A força-tarefa montada me fez embarcar no projeto, da confecção dos crachás

de credenciamento até a elaboração das perguntas que seriam feitas. A equipe toda se envolveu no debate. Repórteres da imprensa carioca foram enviados à PUC no dia do evento. Certas exigências feitas por candidatos em reuniões com seus assessores e outras situações típicas da cobertura política me soaram como as “boas-vindas” ao mundo profissional. E real.

Dali em diante, estagiei em empresas como TV Bandeirantes, Rádio MEC, TV Globo e, finalmente, no jornal *O Globo*, onde completei minha formação como estagiário e trainee. Trabalhei nas editorias de Jornais de Bairro, Rio e País, esta por mais tempo, como redator e repórter de política e de assuntos de abrangência nacional. Hoje sou repórter do *Globo a Mais*, um vespertino digital feito especificamente para *tablets*. Produzo reportagens especiais, de diversas editorias, e, seja lá qual for a pauta, não esqueço das experiências que tive no Comunicar. Tenho convicção de que passaria por percalços muito maiores, desde os estágios nas empresas até hoje, se não tivesse vivido o Comunicar. Sou muito grato a todos os integrantes da equipe e desejo muito sucesso, sempre. Que venham vários outros aniversários e estagiários.

Por que eu ainda sou Comunicar

*Verônica Ferreira**

Quando recebi a ligação do Projeto Comunicar pedindo para escrever um texto sobre a minha experiência como estagiária, confesso que fiquei muito feliz com o presente. Além de escrever sobre um dos períodos mais significativos na minha formação profissional, é uma maneira de demonstrar por que eu me considero ainda como parte do Projeto.

Estagiei no Comunicar entre agosto de 2004 e fevereiro de 2007, nos núcleos Assessoria de Imprensa, Rádio Catedral (parceria entre a rádio e o Projeto Comunicar), TV PUC, Jornalismo Impresso (Jornal da PUC e PUC Urgente) e Comunicação Comunitária. A quantidade de matérias produzidas, isso sem falar no número de chefes – só na TV PUC eu tive cinco de uma vez! –, foi significativa, mas nada se compara com a profundidade e qualidade das relações fraternas e profissionais que tive durante o estágio, e muitas se estendem até hoje. Para falar sobre essa nobre experiência, vou quebrar a lógica de Cronos e começar pelo último estágio.

No Núcleo de Jornalismo Impresso, que engloba o PUC Urgente e o Jornal da PUC, concluí o que comecei no primeiro núcleo com o qual tive contato. Se com a Assessoria de Imprensa da PUC-Rio aprendi a cuidar da imagem da Universidade a partir do que os jornalistas da grande mídia escreviam, foi com o informativo semanal e o jornal quinzenal que corroborei o aprendizado ao escrever sobre o meio acadêmico.

Tenho um carinho especial pelo Impresso, por ter me proporcionado a ocasião de lapidar o meu ácido senso crítico por meus textos através das valorosas dicas dos professores e editores Renata Cantanhede e Fernando Ferreira, não esquecendo do talento do meu querido ex-chefe Marcelo Tavela, além dos maravilhosos professores Daniel Vargens, Bárbara Assumpção e o super ilustrador Diogo Maduell. Ah, e claro, não poderia esquecer das rápidas e ótimas conversas que tive com o fotógrafo e chefe do Núcleo de Fotografia, Weiler Filho.

Em meio ao período de estágio no Impresso, tive a feliz oportunidade de ser convidada pelos professores Fernando Ferreira, Sergio Bonato e Miguel Pereira para contribuir na formação jornalística de jovens moradores da comunidade Cruzada São Sebastião, localizada no Leblon. Os novos jornalistas eram integrantes do Grupo Jovem

* Jornalista e professora de Português e Literatura. Ex-estagiária do Projeto Comunicar nos núcleos de Assessoria, de Rádio, de TV, de Jornalismo Impresso e de Comunicação Comunitária (2004-2007).

da Igreja dos Santos Anjos, que fica ao lado da Cruzada, e foram chamados, sob a iniciativa do pároco da igreja, a produzirem um jornal comunitário, cujo objetivo era integrar a comunidade ao Leblon. Foi assim que fiz parte, por um ano, do Núcleo de Comunicação Comunitária. Participei da formação da equipe, das aulas de Jornalismo que o Grupo Jovem assistiu na PUC-Rio, ministradas por vários professores do curso de Comunicação Social, das reflexões sobre o papel do jornal e sobre a importância do jornalismo comunitário como agente formador de uma consciência crítica local. Assim nasceu o jornal *O Dom*, que cumpriu em um ano de existência o seu papel de ser um veículo de oportunidade de comunicação entre a Cruzada e o Leblon.

Foi através desse projeto que percebi a importância de se ter um núcleo como a Comunicação Comunitária (ComCom) na Universidade, pois justifica e sustenta os três pilares da PUC-Rio: ensino, pesquisa e extensão. É dentro da formação filantrópica e humanista da Universidade que a ComCom se faz presente e amplia para além dos limites da PUC-Rio o interesse de transformar os muros do preconceito em avenidas sociais. A experiência foi tão enriquecedora que se tornou tema da minha monografia de conclusão de curso.

O que mais me chamou a atenção no Projeto Comunicar foi a preocupação dos coordenadores de cada núcleo em oferecer para os estagiários o máximo de oportunidades na produção de matérias, além de favorecer momentos de reflexão sobre o que produziam. Sabe aqueles cinco minutos para respirar e repensar a pauta? No Comunicar, isso era recorrente, pois nós, estagiários, aprendíamos não apenas a fazer apuração e sentar diante do computador, mas também ter a consciência do compromisso social do jornalista com a informação e a sociedade, principalmente com a comunidade PUC-Rio.

O meu primeiro estágio foi na Assessoria de Imprensa, com a competente e saudosa professora Clarice Abdalla. Foi com ela que tive o primeiro contato com a imprensa ao receber pedidos de entrevistas com vários professores especialistas da PUC-Rio e ao fazer a busca por matérias que eram divulgadas sobre a Universidade. Foi com ela que percebi que o meio acadêmico era um celeiro de talentos em diferentes setores de pesquisa, o que só aumentou o meu orgulho em ser uma “filha da PUC”. Não esqueço o dia em que Clarice atendeu por telefone um jornalista de uma revista de grande circulação. Agilidade, comprometimento e polidez foram as estratégias usadas por ela para garantir a divulgação da pauta. Após cumprido o tempo de estágio, percebi o quanto é importante cuidar da imagem de uma instituição. E pensar que todo esse grande aprendizado foi adquirido numa pequena sala do Comunicar. Obrigada pela lição, Clarice.

Logo depois, Clarice me encaminhou para uma oportunidade na Rádio Catedral e trabalhei na redação como redatora por seis meses com a professora e editora-chefe da rádio, Marcylyne Capper. Foi uma experiência incrível por dois motivos: além de adorar

rádio, foi lá que tive a certeza do alcance, da instantaneidade e da rapidez da informação, que pode influenciar a confiança do público no jornalismo. O estágio confirmou o meu amor pelo rádio, mas eu ainda não tinha experimentado a minha “cachaça”: o telejornalismo.

Confesso que ainda não tive a felicidade de trabalhar num lugar tão singular quanto a TV PUC. Fiquei no núcleo por um ano, e que ano. Produzi diversas matérias, cada uma com um tema diferente. Dependendo da urgência, eu produzia mais de uma pauta por semana. Um dia estava fazendo reportagem no Instituto Moreira Salles, no outro, no Complexo da Maré, não esquecendo o Saara e ainda o complexo penitenciário de Gericinó, mais conhecido como complexo penitenciário de Bangu. O núcleo potencializou, e muito, a minha latente dinâmica em aproveitar vários momentos e tirar o melhor de todos eles.

Na TV PUC fui repórter, redatora, cinegrafista, apresentadora, jornalista e humana, essencialmente humana. Foi lá que aprendi que nós, jornalistas, temos, às vezes, que nos endurecer pelo profissionalismo, mas sem perder a ternura de ainda se admirar pelo ser humano. Os resultados de um ano intenso de lições se dividem em dois momentos. Em primeiro lugar, as inúmeras matérias produzidas para os programas Antena Coletiva, Contraponto e para os Pilotis “Justiça para quem?” e “Edifício Favela”, este último indicado à categoria TV Universitária de Melhor Gênero Documentário no XIV Gramado Cine Vídeo, em 2006. Em segundo, o carinho e a amizade de inúmeros estagiários, muitos amigos até hoje, não esquecendo dos amigos-chefes Bernardo Portugal, Alessandra Cruz, Adriana Ferreira, Carmem Petit, Márcia Antabi e da grande “figura” e cinegrafista Jorge Paulo Araújo.

O Projeto Comunicar é como um rio: mesmo com vários afluentes, como os núcleos de criação que o compõem, há uma fonte que nunca seca. É claro que estou falando da coordenadora administrativa Rita Luquini e das secretárias Daniella Rocha e Zeni Cassiano. As três presenciaram o meu crescimento profissional dentro do Projeto e participaram, mesmo que indiretamente, de todas as produções que realizei. Não poderia esquecê-las. Para esse trio dinâmico, os meus sinceros agradecimentos e um beijo carinhoso.

Após tantas aventuras, reflexões e um constante processo de amadurecimento, concluí o período de estágio no Projeto Comunicar em fevereiro de 2007. Houve despedida, bolo, choro, vela, abraços e muitos, mas muitos agradecimentos à grande equipe de profissionais que me ajudaram a ter certeza do meu amor pelo jornalismo. E como o filhote que sai do ninho incentivado pela mãe, fui conquistar o meu espaço no competitivo mercado de trabalho. É nesse momento que você percebe a diferença entre um lugar que te acrescenta valor e apenas um lugar para trabalhar. Não são todas as em-

presas que são assim, longe disso, mas são poucas as que confiam verdadeiramente no talento do profissional e o incentivam a conquistar um espaço cada vez maior dentro da profissão. Tive algumas decepções com algumas empresas, a ponto de ficar difícil acordar para encarar a cara do chefe que não acreditava no meu profissionalismo. Faz parte ter desapontamentos, ouvir alguns “nãos”, mas acredito que é muito mais prazeroso e desafiador você estar num lugar onde creem no seu talento. Posso dizer hoje, com a mais absoluta certeza, que o Projeto Comunicar sempre acreditou em mim e nunca permitiu que eu duvidasse do meu olhar crítico e jornalístico, pois me ensinou que os cinco minutos para respirar e pensar na pauta serviam também para ter fé em mim mesma.

Depois do Comunicar me tornei mais jornalista, mais crítica, mais feliz por ter aprendido a perceber o cotidiano de maneira diferente, com olhos de primeira vez, o que faço constantemente. Não dá para esquecer o Projeto; jamais deixarei de ser Comunicar. Entrei como estagiária e saí com uma enorme família de amigos e irmãos de vocação e alma, que fazem parte da minha vida de maneira muito significativa. Ainda tenho contato constante com muitos deles, seja como amiga, madrinha de casamento ou como torcedora ocular das vitórias de todos. O que eu adquiri no Projeto Comunicar supera qualquer expectativa de um jovem estudante universitário. E para os novos estagiários, desejo força, fé e muitas alegrias no grande núcleo. Sejam bem-vindos!



**UM PROJETO
DE VIDA**

Aprendendo para o futuro

*Jorge Paulo de Araújo**

No dia 17 de novembro de 1993 iniciava-se uma nova etapa em minha vida, vida essa que, ao longo desses 25 anos de existência do Projeto Comunicar, veio sendo transformada tanto no lado pessoal quanto profissional.

Quando, pela primeira vez, entrei em uma pequena sala localizada no quarto andar da ala Kennedy, no *campus* da PUC-Rio, para uma entrevista de trabalho com os então coordenadores do Projeto Comunicar, Miguel Pereira e Fernando Ferreira, eu não fazia ideia de que aquele momento seria o ponto de partida para uma experiência ímpar na minha vida.

Na ocasião eu tinha 19 anos de idade, uma carteira de trabalho com páginas em branco e muita gana para recomeçar. Aos poucos as janelas foram se abrindo e as oportunidades surgiram. Mas a cada janela que se abria eu avistava um novo caminho com desafios a serem superados. Entretanto, jamais permiti que isso se transformasse em obstáculos para mim; cada dia eu conquistava um espaço diferente dentro da filosofia de aprendizado da instituição.

A minha história com a PUC-Rio começa um pouco antes, em 1º de outubro de 1991, quando eu cheguei ao Núcleo de Estudo e Ação sobre o Menor (NEAM), dirigido pela professora Marina Lemette Moreira, que há trinta anos vem trabalhando com muita seriedade e dedicação na formação de novos profissionais e cidadãos dentro da Universidade. Foi no Projeto Ciência, Ambiente e Educação, em outubro de 1991, que eu iniciei a minha trajetória na PUC-Rio.

No Projeto Comunicar, tudo começou com uma prestação de serviço. Na época, eram enviados 15 mil exemplares do Jornal da PUC a ex-alunos em todo o país; os jornais eram dobrados, etiquetados e postados no correio, daí seguiam os seus destinos.

Em 1992, foi feita a primeira experiência com os então meninos do NEAM. Houve um convite dos coordenadores do Projeto, para que realizássemos essa tarefa, e então começamos com seis meninos (pois ainda não tínhamos ideia de quantas pessoas eram necessárias para o trabalho), mas em pouco tempo chegou-se à conclusão de que duas

* Cinegrafista do Núcleo de TV do Projeto Comunicar.

peças davam conta do recado. Eu continuei trabalhando com outro colega até o período das férias daquele ano.

Bem, seguindo o roteiro de novela, e 11 meses depois, veio a notícia de que tinha uma vaga para o cargo de contínuo (vulgo office boy) a ser ocupada no Projeto Comunicar. Foi quando a professora Marina me chamou em sua sala e falou que eu iria fazer uma entrevista com os professores Fernando Ferreira e Miguel Pereira, no início da tarde do dia seguinte (17 de novembro). Lá chegando para a tal entrevista, fui atendido pela então secretária Rita Luquini, que pediu para eu aguardar. Passaram-se alguns minutos e então eu fui chamado à sala para a entrevista. O professor Miguel perguntou se eu estava interessado em ocupar a vaga a partir daquela tarde, e eu imediatamente disse que sim. No dia seguinte, tive a minha primeira missão impossível: ir ao bairro Maria da Graça, depois passar no jornal *Folha de S. Paulo* e estar de volta à PUC até o meio-dia. Por culpa do relógio, cheguei vinte minutos após o tempo combinado.

Comemorar um quarto de século não é apenas festejar, e sim ter a certeza de que durante esse período muitos sonhos e desejos foram realizados. Para mim, por exemplo, é mais que conquistas; adjetivar o que significa o Projeto Comunicar na minha vida não é uma tarefa das mais fáceis para quem vive no dia a dia. É, sim, levar consigo um aprendizado diversificado e ao mesmo tempo estar certo de que o verbo aprender não é apenas uma linguagem figurativa, ou apenas mais uma palavra. Para mim, aprender é igual a ver a linha do horizonte ao entardecer, olhando para o mar. A gente sabe que seguindo por uma linha reta é possível chegar ao final daquela linha, mas ao mesmo tempo sabemos também que existem várias linhas a serem traçadas ao final daquela linha. É nessa hora que se percebe quanto mais fácil sintetizar, e admitir que existe o infinito.

No Projeto Comunicar, não é diferente: durante o tempo em que passamos aqui, a gente convive diariamente com pessoas de ideias, opiniões e atitudes diferentes, e a partir disso entendemos que a reciclagem humana é algo constante em nossas vidas.

Ao contrário da comemoração de uma data de aniversário, quando avançamos em idade, o Projeto Comunicar, ao celebrar seus 25 anos de vida, mostra que está sempre iniciando novamente a sua trajetória de sucesso e conquistas, pois a cada semestre rejuvenesce seis meses, e assim é visto como um eterno jovem à frente do seu tempo.



ANEXO

**Listas de ex-professores e ex-funcionários do
Projeto Comunicar em ordem alfabética (1987-2012)**

Ex-professores

Arthur Cesar de A. Ituassu Filho
Bernardo Portugal Silva Raposo
Carlos Rebello Negreiros
Cesar Romero Jacob
Clarice Maria Abdalla Carneiro de Rezende
Felipe de Castro Muanis
Flávia de Oliveira Rua Abranches Ciucci
Heloísa Helena Sá Vale Serra

José Eudes Araújo Alencar
Lenira Pinto Pereira Alcure
Lucia Thereza Lessa Carregal
Luís Nachbin
Luiz Carlos Cardoso
Patricia Sobral Miranda
Sandra Korman Dib
Vitor Mario Iório

Ex-funcionários

Bruna Baitelli Soares de Sá
Eugênio Raimundo Cazetta
Fábio Crispiniano do Nascimento Júnior
Gisele Silva do Carmo
Joana Paranhos Negri Ferreira
Marcelo dos Santos Mendes
Marcelo Gomes dos Santos
Márcia Rodrigues Galvão

Monaliza dos Santos Tavares Gonçalves
Paluana Lucia do Nascimento
Patricia Terra
Pedro Paulo Luna do Nascimento
Rafael Bokor Ramos
Sandra Ferreira Chagas
Zeni Cassiano de Queiroz

**Lista de ex-estagiários e atuais do
Projeto Comunicar em ordem alfabética (1987-2012)**

Adélia Nunes Jeveaux Pereira	Alexandre Vieira Pires
Ademir da Silva Ribeiro Junior	Alfredo de Oliveira Stadtherr
Adriana Martins Reis	Alice Maria Motta Leal
Adriana Aguiar de Oliveira	Alice Pereira da Silva
Adriana Correa R. de Carvalho	Aline Garcia Grillo
Adriana Leite Diniz	Aline Boechat Ribeiro Messa
Adriana Leonetti Lira	Aline Carvalhal Melo
Adriana Lessa Garcia	Aline Ferreira Coelho
Adriana Letícia Pizzotti Simões	Aline Hermida Nunes
Adriana Paula Fernandes de Oliveira	Aline Mahaut Rodrigues
Adriana Regina Tiefenthaler	Aline Padovani Alves
Adriana Relyas Alli	Aline Pinto Pereira
Adriana Teixeira da Costa	Aline Rangel Diniz
Adriana Trivelato Bartolomeu	Aline Roza Cavour
Agra Taranto Martins	Aline Silva dos Santos
Alan Coelho Miguel	Aline Siqueira Rodrigues Gomes
Alan Ferreira dos Santos	Aline Souza Lima Lentino
Alan Maia Silva	Aline Veloso Fernandez Casado
Alberto João Pereira Safadi	Alvaro Gonzaga do Nascimento
Alessandra Aldé	Álvaro Gribel Lacerda
Alessandra do Nascimento Santos	Amanda Cabral de Menezes
Alessandra Lago de Lima	Amanda Zurita Cruz
Alessandra Silveira da Cruz	Amanda Burges Boaventura
Alessandra Souza Lobo	Amanda Duque Horta Nogueira
Alexandra Melamed da Costa	Amanda Maria Vasques Muniz
Alexandre Augusto F. Carauta	Amanda Moreira dos Reis Gonçalves
Alexandre Canázio de Freitas Bastos	Amanda Rodrigues Martinez
Alexandre Carvalho Cunha	Amanda Sorato
Alexandre Fleury Sattamini	Ana Beatriz Rodrigues Mansur
Alexandre Pires Cegalla	Ana Beatriz Tavares Vial
Alexandre Ribeiro de Almeida	Ana Carolina Caliópio Santos Silva
Alexandre Teodoro Mansur	Ana Carolina Dornelles Cotia Braga

Ana Carolina Esteves Oleiniski
Ana Carolina Ferreira Miranda
Ana Carolina Junqueira Ribeiro
Ana Carolina Lima de Oliveira
Ana Carolina Medeiros de Vasconcelos
Ana Carolina Podgorski
Ana Carolina Romaguera Bichara Miguel
Ana Carolina Wanderley Dias Rodrigues
Ana Cavalher Wambier
Ana Cecília Acioli de Lantevil
Ana Chaves de Melo
Ana Claudia Araújo Nascimento da Silva
Ana Cristina Borges Pina
Ana Cristina Figueiredo de Frias
Ana Cristina Nogueira Duarte
Ana Cristina Picinim de Resende Costa
Ana Lúcia do Nascimento
Ana Luiza Pinho Graça
Ana Luiza Rodrigues Ferreira Pinto
Ana Luiza Souza Cardoso
Ana Maria Gomes de Freitas
Ana Paula Bessa Lopes Rendeiro
Ana Paula de F. Fernandes
Ana Paula Doerzapff Hinz
Ana Paula Gonçalves Batista Gouveia
Ana Paula Leite de Almeida
Ana Paula Luz Bissoli
Ana Paula Raposo Chain
Ana Paula Raposo de Almeida Albé
Ana Paula Silva Silveira
Ana Paula Verly Teixeira
Ana Pini Formiga
Ana Rita Martins Baptista
Ana Rosa Mesquita Cabral Lemos
Ana Studart Vasconcelos
Ana Terra Athayde de Morais
Ananda Fernandes dos Santos
Anderson Ferreira de Almeida Silva
Andre Bursztyn de Oliveira Santos
Andre Rodrigues Pires
Andre Baseggio
André Burgés Boaventura
André de Camargo Silva
Andre de Oliveira Santos Burger
André Luis Rocha de Oliveira
André Luiz Vasconcellos Zahar
Andre Rangel Guedes Henrique
André Sancovsky
André Stumm
André Vargas Jr.
Andrea Almeida Drewanz
Andréa Chauffaille Drummond
Andrea Douat Loyola Cavalvanti
Andrea Ferreira Campos de Oliveira
Andréa Frasseti Escobar
Andrea Guedes Costa
Andrea Luna de Oliveira
Andréa M.C. Barros Magliari
Andréa Paz Coelho
Andréa Perez Pinto da Silva
Andrea Rangel Lopes Ribeiro
Andréia Coutinho da Silva
Andressa de Lucca Mottin
Andressa Motta de Oliveira
Andrezza Medina Braga Malheiro
Angélica Antunes Diniz Mauricio Conrado
Veiga
Angelo Amaral
Anita de Souza Rocha Magalhães da Silveira
Anna Beatriz Barros Besser
Anna Beatriz Mattos de Carvalho
Anna Carolina C. de A. Da Mata Machado
Anna Carolina Vilela dos Santos
Anna Lúcia Hernandez Garcia

Anna Luiza Muller Machado
Anna Luiza Rucas Lourenço
Anne de Araujo Correia da Silva
Antero da Silva Bragança Gomes
Antônio Fonseca Fernandes
Antônio Giacomini Tolipan
Antonio Henrique de Matos Campos Sores
Antônio Jacinto Sampaio
Arbel Griner
Arnaldo Rizzi Lippi Neto
Aron Altman Levokovits
Arthur Cesar de Araújo Ituassú Filho
Arthur Freixo Seixas
Arthur William Cardoso Santos
Augusto Cesar Porto de Andrade Mello
Augusto Cesar D. Bastos
Augusto de Souza Cardoso
Aurélio Nascimento de Amaral
Babi Costa Ramos
Bárbara Castello B. R. de Assumpção
Bárbara Castro Santos
Bárbara Duarte dos Santos
Barbara Ramos Ariston
Beatriz Kistler Vidal
Beatriz Caillaux Oliveira
Beatriz Matos Cavaleiro
Beatriz Rossi Córtes Ferrari
Beatriz Taunay da Graça Couto
Beatriz Vasconcelos Henriques Dias
Bender Arruda Dutra
Bernard Gonçalves Nagel
Bernardo Feital Maria Teixeira
Bernardo da Silva Castro Souto
Bernardo Ferreira Camara
Bernardo Henrique de Rezende Pinto
Bernardo Muylaert Torrico
Bernardo Sampaio Scotti

Bernardo Stampa
Bernardo Vicente Tabak
Bianca Cesar Bueno Silveira
Bianca Provedel
Brenno Esteves Padilha de Quadros
Breno Trengrouse Laignier de Souza
Brisa Albuquerque
Bruna Baitelli Soares de Sá
Bruna Magalhães Barbosa
Bruna Nascimento Brasil
Bruna Sant'ana Aucar
Brunella Menezes Ferreira
Bruno Belli Sinder
Bruno Chaloub Dieguez
Bruno de Castro André Villela Santos
Bruno Dias Rhode
Bruno Eduardo Martins
Bruno Elias Oliveira
Bruno Ferreira Garcez
Bruno Freitas Buarque de Macedo
Bruno Oliveira Martins de Souza
Bruno Porto Gonçalves
Bruno Ribeiro Pereti
Bruno Tinoco Torres
Bruno Uchoa Lourenço da Costa
Bruno Bartholini Mançu
Buanna Antunes Rosa
Caio Barretto Valdrighi de Lima
Caio Coutinho Schmidt
Caio Ornellas Velloso
Caio Santana Rodrigues de Lima
Caio Tourinho de Seixas
Camila da Silva
Camila Andrade Tavares
Camila Araujo Maya
Camila Assis Martins
Camila Avila Salgado

Camila de Barros Castro Alvarenga
Camila de Freitas Al-Cici
Camila de Oliveira Cunha
Camila de Paoli Leporace
Camila de Souza Pires
Camila Franco Abud
Camila Freitas Montano
Camila Gonçalves Campos
Camila Matas Luz
Camila Monteiro Da Silva
Camila Pinheiro Meier
Camila Sampaio Nogueira Batista
Camila Valiati Costa de Souza
Camilla Mota Ferreira
Camille Rodrigues Valbusa
Cândida Vannier Cunha
Carina Batista da Silva
Carla da Costa Grillo
Carla Fernanda G. Panisset
Carla Ferreira Dieppe
Carla Fontana Castro
Carla Magno
Carla Mendonça Russo
Carla Nunes de Barros
Carla Rocha Clark
Carla Silveira do Nascimento
Carla Vieira de Siqueira
Carlos Afonso Cerqueira Aranha
Carlos André R. M. de S. Ferreira
Carlos Eduardo Duarte de Souza Gonçalves
de Castro
Carlos Eduardo Soares Pellon
Carlos Eduardo Valinoti da Costa
Carlos Gustavo Gomes da Costa Mattos
Carlos Heitor Vieira Monteiro
Carlyle Santos Junior
Carmem Lucia Barreto Petit
Carolina Garcia Medeiros
Carolina Carvalho Siqueira Elia
Carolina de Abreu Jardim
Carolina de Carvalho Ribeiro
Carolina Fabiano de Carvalho
Carolina Ferraz Menescal
Carolina Gomma de Azevedo
Carolina Lauriano Pinto
Carolina Lomelino Guimarães
Carolina Lopes Lobianco
Carolina Miranda Lucchetti
Carolina Paraguassú Dayer
Carolina Pereira da Silva
Carolina Pinheiro Alves Vaisman
Carolina Santos Jardim
Carolina Silva Vilela
Carolina Taveira Callegari
Carolina Vaz Chagas de Freitas
Carolina Vidal Décio
Carolina Vieira Filippini Curi
Caroline Ferreira Barros
Caroline Garcia
Carolinne Bento Duarte
Cássia Maria Chaffin Guedes Pereira
Cássia Zangrandi da R. Leitão
Catarine Cardoso Cavalcanti
Catherine Cruz Vieira
Cátia Gomes Assumpção
Cecília de Carvalho Ritto
Cecilia Leal Himmelseher
Cecilia Moreyra de Figueiredo
Cecilia Rocha
Celina Rocha Marinho de Mattos
Celso André Gomes Monteiro de Carvalho
Cesar Roberto de Lima e Silva Junior
Christiana Moura Rodrigues Xavier de
Oliveira

Christiane Pelajo
Cíntia dos Passos Cruz
Cíntia de Melo Moraes
Cintia Nascimento de Oliveira Conceição
Cíntia Thomaz Pimenta
Clara Camacho Dias de Castro
Clara da Cunha Abraham Lima
Clara Kislánov da Costa
Clara Leite Cova
Clarice Machado de Souza
Clarice Martins Tenório
Clarice Rios Corrêa
Clarissa Ferreira Cerqueira de Souza
Clarissa Perrone Butelli
Cláudia Melo Barreiros
Cláudia Cristina Bozza
Cláudia Muller de Almeida
Cláudia Rodrigues Pinto
Cláudio de Oliveira Esteves
Cláudio Souto Uchôa
Conrado Lamas Arias
Conrado Portella Nunes Bravo
Constança Muniz Ribeiro do Val
Cristiana Andrade de Souza Cruz
Cristiana Cohen Primon Caldoncelli
Cristiana de Souza Gomes
Cristiana Grumbach Mendonça
Cristiane Elizabete R. Cardoso
Cristiane Ferreira Barbalho
Cristina Fagundes Galvão
Cristina França e Leite Simão
Cristina Pol
Cristina Simões Souto
Cynthia dos Santos Salles
Cynthia Vale Dos Santos
Daniel Alves da Costa Vargens
Daniel Cordeiro de Castro Lima
Daniel de Castro Gonçalves
Daniel Dias Cardoso
Daniel Faria de Andrade
Daniel Fernando Pinheiro Peralta
Daniel Ferro Silva
Daniel Guardiano Gotilla
Daniel Machado de Assis Guerra
Daniel Muanis de Castro
Daniel Rodrigues Braz
Daniel Seidl de Moura
Daniel Soares Ribeiro
Daniel Yoav Thomer
Daniela Albuquerque Sá Matta
Daniela Fernandes de Oliveira
Daniela Iliana Colaiácovo Weyrauch
Daniela Kresch
Daniela Lefevre Rezende da Silva
Daniela Magalhães Leiras de Carvalho
Daniela Mirie Dondo
Daniela Ortiz Beltran
Daniela Weyting Calábria
Daniele Falcone Louro
Daniele Morgado Carvalho
Daniele Pessanha Silva
Daniella de Andrade Pizzolato
Daniella da Rocha Clark
Daniella Rocha Reis
Daniella Sholl F. Queiroz
Danielle Cavalcante de Barros
Danielle de Araújo Chan
Danielle Ferreira Pascoalino
Danielle Lopes da Silva Pinto
Davi Almeida de Souza
David Epstein
Debora Bella Bastos Galhardo Pereira
Debora da Silva Soares
Débora Fernandes de Melo Itida

Débora Guerra Peixe
Débora Morais Nogueira
Débora Oliveira de Castro
Deborah Carregal Sztajnbok
Deborah de Souza Oliveira Lima
Denise Cézár Alves de Azevedo
Denise Lis Miller
Denys Presman
Diana Magalhães Gomes Guériot
Diana Pérez Dantas
Diana Teles Dias Vieira
Diego José Ferreira de Medeiros
Diego Moraes Silva
Diego Villas Bôas de Jesus
Dilceia Norberto de Oliveira
Diogo de Freitas Cavour
Diogo de la Vega Bayma de Oliveira
Diogo Maduell Vieira
Diogo Otávio Vidal P. de Carvalho
Diogo Silva Dias
Diogo Simões Cavalcanti
Douglas Silveira dos Santos
Edlamara Oliveira Conti
Edlange Valverde dos Santos
Edson Rocha Evangelho
Eduarda Souto Maior Cursino de Moura
Eduarda Cirne Severo
Eduardo Correia da Costa Lopes
Eduardo de Castro Fontainha
Eduardo de Freitas Cardoso
Eduardo de Oliveira Ferreira
Eduardo de Souza David
Eduardo Guterres Villela
Eduardo Miranda Silva
Eduardo Nogueira Torres
Eduardo Orgler
Eduardo Santos Zobaran Ferreira
Eduardo Shor
Eduardo Vieira Miguens
Elaine Gomes da Silva
Eleonora Santos Guerra
Eliane Costa dos Santos
Eliane Hatherly Paz
Eliane Martins Ferreira
Elis Bartonelli Farnezi
Elis Campos Silvestri
Elisa Gomes Veiga
Elisa Soares Menezes
Eliza Monteiro de Castro Conti
Elizabeth Pinto Martins
Elizabeth Maria M. Real
Elizabeth Sucupira Costa Lins
Elton Pailva Junior
Eric Francisco Lourenço Bitencourt
Eric Platenick Gonçalves
Érica Cristina da Silva Gomes
Érica Galeão da Silva
Érica Humpert
Erick Filgueiras Rendtler Bang
Erika Azevedo de Souza Fernandes
Erika Brunner Pinheiro
Erika Maria Schottler Germano
Erika Prata de Gouveia
Erika Vasconcellos Matos
Esther Meireles Caminha
Eugen Vieira Ahlert
Evelyn Braga Cunha
Fabian Cantieri Freitas
Fabiana Tenório de Oliveira de Amorim
Fabiana Cardoso Corrêa Delboni
Fabiana de Freitas
Fabiana Floret Silva Xavier
Fabiana Jordão Di Pietro
Fabiana Macabu Queiroz

Fabiana Paiva dos Santos
Fabiano Gomes Barros Oliveira
Fabielle Passine Marcet da Silva
Fabio Brisolla Rodrigues
Fábio Ferreira da Costa Terra Teixeira
Fabiola Amaral Moreira
Fabiola Damato Bemfeito
Fabiola Leoni de Menezes Fernandes
Fabrício Pereira Mota
Faustus Gomes Fonseca
Felipe Augusto de Souza Melo
Felipe Ayala Pereira
Felipe Corrêa Pontes
Felipe de Andrade Barbosa Gomes
Felipe de Brito Caruso
Felipe de Moraes A. Drumond
Felipe de Oliveira Santos
Felipe Fittipaldi Freire de Carvalho
Felipe Gomberg
Felipe Gomes Barros
Felipe Mortimer Gomes Carneiro
Felipe Pena de Oliveira
Felipe Silveira Bousquet
Felipe Vieira Abrantes
Felippe Alcântara da Costa Rocha
Fernanda Binato Gomes
Fernanda Borges Buarque de Hollanda
Fernanda Campos Nogueira
Fernanda Couto Castro
Fernanda Cristina Vieira de Jesus
Fernanda de Aquino Vieira
Fernanda de Castro Nogueira Lopes
Fernanda Dessupoio Nóbrega
Fernanda Elias Rego
Fernanda Fialho Costa Nunes
Fernanda Gomes Correa Silva
Fernanda Gomes Maia
Fernanda Junger de Souza
Fernanda Mahaut de Barros Barreto
Fernanda Malcher Passos
Fernanda Maria de Almeida
Fernanda Maria S. Levy de Souza
Fernanda Mariante Alves
Fernanda Mattos Antunes
Fernanda Miranda Gomes
Fernanda Rocha Miranda
Fernanda Rouvenat Caetano dos Santos
Fernando Villela de Andrade Neto
Fernando Abrantes Luna
Fernando Aguiar Soares da Cunha
Fernando Bittencourt da Silva
Fernando Cesar L. Pereira
Fernando Hawad Lopes
Fernando Lafayette de Sá Neves
Fernando Nóbrega Rabello
Filipe Rocha Nunnes
Flávia Ventura Gomes da Silva
Flávia Afonso Lima
Flávia Barroso de Melo
Flavia Cristina Melo Hasselmann
Flavia de Sá Freire
Flávia de Almeida Viveiros de Castro
Flavia de Oliveira Rua Abranches Ciucci
Flavia Guida Swerts
Flavia Guimarães Alves
Flávia Maria Barroso Boabaid
Flávia Marrot Acar
Flávia Martins Lins e Silva
Flavia Mattos D'almeida
Flavia Nunes do Nascimento
Flávia Palmerini Lomba
Flávia Siqueira Ramos
Flávia Souza Lima Pereira
Flávio Bacellar Pereira Soares de Souza

Flávio Espíndula Pinto
Flávio Ferreira de Oliveira
Flavio Mesquita de Carvalho
Flávio Tabak
Flávio Vieira Winter
Flor Patrícia Meza Parraga
Flora de Castro Santana
Flora Pinheiro Rangel dos Santos
Frederico Martins Macedo Chimelli
Frederico Rodrigues Neves
Gabriel Banaggia de Souza
Gabriel Carestiato Cariello
Gabriel Picanço Pereira
Gabriel Versiani de Barros
Gabriela Boing
Gabriela Buono Calainho
Gabriela de Araújo Trindade
Gabriela de Souza Costa Jacintho
Gabriela Gouvea Baracuhuy Sant'anna
Gabriela Gropillo De Carvalho
Gabriela Lirio Gurgel
Gabriela Mamona Passos
Gabriela Matos Correa Cruz
Gabriela Menezes Alvarenga
Gabriela Monteiro de Barros Bonn
Gabriela Pacheco Fernandes da Silva
Gabriela Suzano de Albuquerque
Gabriela Temer Goldwasser
Gabriella Vieira Coutinho
Gaya Correia Dias Pinheiro dos Santos
Geiza Gomes Rocha
Germana Theóphilo da C. Moura
Gilberto Porcidonio dos Santos
Gina M.M.M. Cabral
Giovana Mollona de Carvalho
Gisela Simões Campos
Gisele Azevedo Rodrigues

Gisele Silva do Carmo
Gisele Valente de Sá
Giselle Carvalho de Oliveira
Giselle de Macedo Costa
Giselle Leitão Miranda
Giselle Menezes da Silva
Giselle Vieira de Carvalho
Gislaine da Silva Moura
Giulia Zelesco Barretto
Giuline Vitória Bastos do Nascimento da Silva
Giulio Milione Coelho Conte
Giuseppa M.D. Spenillo
Gizele Toledo de Oliveira
Gregório Quiroga Pereira Fernandes
Guilherme Motta Schutze
Guilherme Alt Vieira
Guilherme Antonio Santana de Andrade
Guilherme Barbosa Reis da Silva
Guilherme Bento de Faria Lima
Guilherme de Abreu Monteiro Amado
Guilherme de Brito e Ribeiro
Guilherme de Oliveira Simão
Guilherme Eduardo Rios Cardoso
Guilherme Faria Tostes
Guilherme Frederico Runte
Guilherme Monsanto da Rocha
Guilherme Reis Rolim
Guilherme Sengés Coutinho Marques
Gustavo Eduardo Poli Silva
Gustavo Jose Deo de Mesquita do Espírito Santo
Gustavo Burnier
Gustavo Chataignier Gadelha
Gustavo de Freitas M. Autran
Gustavo dos Santos Pereira
Gustavo Felício Serra

Gustavo Leitão da Cunha
Gustavo Rocha Fonseca
Gustavo Teixeira Villela
Gustavo Vicente Bento
Gustavo Wanderely Dias Rodrigues
Hanna Melo Gomes
Hebe Maria Gonzalez da Veiga
Heitor Lins Britto
Helena de Lima Vieira
Helena Soares Santos
Heloise de Ornelas Azevedo
Henrique Motta Biancardine
Hilana Tavares Villar
Hugo Pascottini Pernet de Aguiar
Hugo Prates de Sousa
Hugo Sérgio Koatz Sukman
Ícaro Martins Magdalena
Igor Andrade Pontes
Igor de Pontes Cavaco
Igor Vieira da Rocha
Igor Vieira dos Santos de Miranda
Ingrid Tambke
Ingrid Vieira Ricciardi
Irene Chaves dos Santos
Isabel Butcher
Isabel Christina Kelli
Isabel Cristina Clemente Gonçalves
Isabel Kopschitz Praxedes Lusi
Isabel Penna Salgado
Isabel Simas de Garcia
Isabela Campos Mamede Maia
Isabela Costa de Carvalho
Isabela Cristina Correia de Lima
Isabela da Motta Fraga
Isabela Figueiredo Palmeira
Isabela Gusmão Duarte
Isabela Rezende Alencar

Isabella Pereira Nunes Medeiros
Isabella Perruso Marano
Isabella Velasques Celano do Carmo
Isadora Barreto Gregori
Isadora de Paula Salgado
Ítala Maduell Vieira
Itamar Afonso de Assis Junior
Itauana Fonseca Coquet
Ivan Abdalla Sá Fortes Clavery
Ivan de Matos Kasahara
Izadora Miranda de Azevedo
Jacqueline Karlin
Jamile Maria Seffair de Souza
Jana Tabak
Jenner da Silva Soares
Jessica Arruda Cezar
Jéssica da Silva Castro
Jéssica de Jesus Fusco
Jéssica Lauritzen da Costa
Jessica Leiras dos Santos
Jessica Rodrigues Vieira
Jessica Viana de Andrade
Jhone Dias da Silva
Joana Oliveira Bréa
Joana Angrisani Alcântara Granato
Joana Darc Primo Cezar
Joana Paranhos Negri Ferreira
Joanna Colares de Moura
Joanna Figueiredo Paraizo Garcia
João Alfredo Castanheira
João Carlos Braga Rocha
João Fernando Chapadeiro Corrêia
João Gabriel Maier de Souza Almeida
João Miller Tavares de Macedo
João Gustavo Lima dos Santos
João Henrique Pinto Costa
João Paulo de Oliveira Souza

João Paulo Barbosa Pereira
 João Paulo Chaves M. Gomes
 João Paulo Duarte de Souza Gonçalves de Castro
 João Pedro Almeida Viveiros de Castro
 João Ricardo do Amaral Jacob Ribeiro
 João Victor Nacif Siqueira
 Jorge Alberto S.V. de Castro
 Jorge Andre Vieira Lima
 Jose Guilherme Vasconcelos de Araújo
 José Sergio Machado Junior
 Josy Fishberg
 Joyce Moreira Fernandes
 Julia Amado Xavier de Oliveira Affonso
 Julia Barreto Kós
 Júlia Cardoso Lomba
 Júlia Carvalho Morani
 Julia Cipriano de Simone
 Júlia Crosman de Rezende
 Julia de Brito Ponce Maranhão
 Julia Duarte Saback Nogueira de Sá
 Julia Galvão Rebello
 Julia Hannickel Bender
 Julia Leah Fontes Tamler
 Julia Lima Ferreira da Costa
 Julia Lindenberg Braga de Thuin
 Julia Lourenço Martins Moraes
 Julia Millen Leal
 Julia Moura Duro
 Julia Palermo Rodrigues de Aquino
 Julia Perez Vreuls
 Júlia Puppín Dultra
 Julia Rockenbach Leal
 Julia Salles Arias
 Julia Tolezano da Veiga Faria
 Júlia Vianna de Barros
 Juliana Rodrigues Abirached
 Juliana Actis da França Gomes
 Juliana Antunes de Carvalho A. Paula
 Juliana Barachisio Lisboa
 Juliana Barreiros Caetano
 Juliana Calcanti Royo
 Juliana Cariello Machado
 Juliana Cavalcanti Branco
 Juliana Ceccon Salarini da Rosa
 Juliana Dametto Guimarães Rosa
 Juliana de Freitas Peixoto
 Juliana Fernandes Saboya Albuquerque
 Juliana Granato da Costa Lima
 Juliana Holanda Menezes Martins
 Juliana Horta Rodrigues de Oliveira
 Juliana Latini de Carvalho e Mello Romanhol
 Juliana Machado Pinho Noite
 Juliana Maiolino de Queiroz
 Juliana Motta Luvizaro Vieira de Souza
 Juliana Peres Gomes
 Juliana Pinheiro Mota
 Juliana Teixeira Braga
 Juliano Gomes de Oliveira
 Julien Maculan
 Julio Abelardo Honaiser Teixeira
 Júlio Cesar Vieira de Mello
 Júlio Lisboa Molica
 Jullia Lima de Mendonça Gomes
 Justo Marques da Silva D'avila
 Juvenal Batella de Oliveira
 Kaio Julio Cesar de Almeida Santos
 Kalline Cristina Franco Santos
 Karen Arman de Carvalho
 Karen Varela
 Karina Eppenstein
 Karina Santos de Pino
 Karina Valente Alves
 Karla Corrêa Freire

Karla Pereira
Karolina Von Sydow Domingues Gomes
Karyn de Paula Mota
Katharina Reis Farina
Kátia Cardoso
Kizzy Maia Forte Magalhães
Klara Lavinias Raunheitti Duccini
Laís Balduino da Silva Furtado
Laís da Rocha Silva Alcântara
Lais do Amaral Orsolon Lopes
Laís Maurílio Lima
Lara Gama de Albuquerque Cavalcanti
Lara Pereira Gomes Griner
Larissa Castro da Costa Fontes
Larissa Kurka Stefe
Larissa Moggi Miguez de Almeida
Laura Linhares Molica
Laura Junqueira de Albuquerque Maranhão
Laura Mariano Ferreira
Laura Nunes Bernardes Peixoto
Laura Silveira de Siqueira Cavalcanti
Lauro Marinho
Lauro Parente R. de Almeida
Lavilha de Souza Nunes Rodrigues de Sá
Leandra de Andrade Costa
Leandro do Carmo Pontes
Leandro Caputti Vieira
Leandro Dutra Pavelski
Leandro Rodrigues Del Porto
Leanna Scal Simão
Lélio Eduardo Pagioro
Lena Pereira da Silva
Léo Tarta da Silveira
Leonardo Branco do Rego Barros
Leonardo Bruno Souza Olimpico de Moura
Leonardo Bruno Pimenta Melo
Leonardo da Silva Figueiredo
Leonardo de Abreu Maia
Leonardo de Moraes Sampaio
Leonardo de Souza Moura
Leonardo Ferreira Perim
Leonardo Firpo Sampaio
Leonardo Moreira da Cunha
Leonardo Ribeiro Salles
Leonardo Senna Salviano Velloso Lucas da Silva Pereira
Leonardo Silva Monteiro de Paula
Leonardo Souza de Andrade
Leonardo Torres Pereira
Letícia de Castro Nunes
Letícia Pimenta Dávila
Letícia Vieira da Silva
Letícia Hanower
Letícia Hees Alves
Liana Brauer de Castro
Ligia Amorim Rizzo
Lígia Pereira Batista
Lília Maria Souza da S. de Jesus Martins
Lilian Calmon Hirdes
Lilian Carvalho Ferreira da Costa
Lis Chagas Oliveira Pinto
Lis Lemos Parreiras Horta Moriconi
Lisa Teles Câmara
Listelli de Paula Oliveira
Livia Madeira Aragão
Livia Candido de Souza
Livia França Salles
Lívia Lacerda Andrade Monteiro
Lívia Lima Hespagnol da Silva
Livia Ohana Ganem
Lorena Leal da Silva
Lorenzo Aldé
Louise da Silva Dourado Nogueira
Louise Miranda Ferreira

Luana Ferreira
Luana Lontra Caputo
Luar Morena Paiva Monteiro
Lucas Boetger Naylor
Lucas Brito Cortez
Lucas de Abreu Maia
Lucas de Paula Bastos
Lucas do Monti Nascimento Cunha
Lucas Duque Barroso
Lucas Macedo Pinheiro
Lucas Marshall Maya
Lucas Varidel Cardoso
Lucas Von Seehausen Lisboa
Lucas Zalberg Quintana
Luccas Araujo de Oliveira
Lúcia Regina Vieira Morgado
Luciana Azevedo Paz de Souza Barros
Luciana Azevedo Pereira
Luciana Borges Patroclo
Luciana de Alcântara Roxo
Luciana Faria Pacheco De Mello
Luciana Leitão Martins
Luciana Magalhães da Silveira
Luciana Maria Gomes Ferreira
Luciana Mello Marcolino
Luciana Pádua Mendes Dias
Luciana Rodrigues da Silva
Luciana Villela de Moraes Sarmento
Luciane Araújo de Freitas Oliveira
Luciane Peres Lobo
Lucianne Santos Estrella Anacleto
Luciâni Corrêa de Carvalho Gomes
Luciano da Silva Gomes
Luciene Guimarães de Faria
Lucio Oliveira Gonçalves
Ludmila Gurgel Zorzi
Ludmila Thomazinho Lima
Ludmilla Pimentel Santos
Luis Gustavo Ferraz Rodrigues
Luis Paulo de Aquino Mendes
Luis Paulo Fagundes da Fraga Rodrigues
Luis Ricardo Araújo da Costa
Luisa Albuquerque de Mello
Luísa Borges Pontes
Luisa Chaves de Melo
Luísa Côrtes Fonseca
Luisa de Oliveira Maciel Pinaud
Luisa Lagoeiro Sussekind
Luisa Leite Paciullo
Luísa Macedo Ferreira
Luisa Martins de Almeida
Luiz Alexandre Ferreira Coelho
Luiz Antonio Machado Ryff
Luiz Claudio R. Pedrosa
Luiz Eduardo Dias de Oliveira
Luiz Felipe Menezes Godinho
Luiz Felipe Nunes Barbosa
Luiz Filipe da Silva Barboza
Luiz Gustavo Kahn Nahar
Luiza Alves Carvalho Coutinho
Luiza Amaral Moreira
Luiza Helena Noya Castro Leite
Luiza Maia de Gusmão
Luiza Margem de Souza Ferreira
Mabele Bemfeito
Mael Alessandra Passanesi
Magnus Henrik Holger Toledano Vaena
Maína de Mello Coelho
Maira Margarida Troina Menezes
Maíra Da Matta e Silva
Maitê Marchandt Rabelo
Manoela de Ary Pires Galdino Campos
Manoela do Amaral Osório
Manoela Guimarães Telles

Manoella Giesta Carriço Vital
Manuella Maria Silva Menezes
Marcel Perdomo Beiner
Marcela Bagatoli Silveira Arjona
Marcela Baptista Teixeira
Marcela da Silva Soares
Marcela de Xerez Sobral Zaiden
Marcela Dessimoni Villas Boas
Marcela Frotté Bopp Salomon
Marcela Lima Morgado
Marcela Morato Pereira
Marcela Rollas Pepino
Marcela Santos Amorim
Marcela Vecchione Gonçalves
Marcele de Almeida Franco
Marcella Marins Mesquita
Marcelle Pacheco Soares
Marcelle Rocha Justo
Marcelo Gonçalves Camacho
Marcelo Alves de Oliveira
Marcelo da Rocha Matos
Marcelo de Queiroz Soares
Marcelo do Prado Paiva
Marcelo Erthal Abdenur
Marcelo Fernandes Marins
Marcelo Ferreira da Silva Junior
Marcelo Henrique Lutterbalh Penna
Marcelo Huet Bacellar
Marcelo Lima C. Mattos
Marcelo Magalhães Janot
Marcelo Martins Bruzzi
Marcelo Neves Almeida
Marcelo Padovan de Toledo e Silva
Marcelo Romero Nicolino
Marcelo Santos Melo
Marcelo Santos Tavela Ramos
Marcelo Sperandio Goulart

Marcia de Mesquita Carvalho
Marcia Duarte de A. Araripe
Marcia José Kaskus
Márcia Mariano Feitosa
Márcia Mattos Frota Cordeiro
Márcia Paterman Brasil
Marcio C. de Andrade Junior
Márcio de Jesus Pinto Macculoch Junior
Marcio Gomes
Márcio Gonçalves de Matos
Marcio Neves Nolasco
Marcio Sternick
Marco Andre Santos Lima
Marco Fraga da Cruz Machado
Marco Guirland Nowosad
Marco Túlio T. Garavini
Marcos de Carvalho Serra Lima
Marcus Bruno de Oliveira Rios Mota
Marcus Roberto R. Almeida
Maria Laura Estellita Lins
Maria Amélia Parentes Martins
Maria Angélica Lopes Teixeira
Maria Beatriz Maciel Mendes Mussnich
Pedroso
Maria Cândida Lucchetti Bingemer
Maria Carolina de Almeida
Maria Carolina Montenegro S. da Rocha
Oliveira
Maria Carolina Palomino de la Gala y
Almeida
Maria Cecília de Souza Lima Malan
Maria Cecília Talavera Bastos
Maria Cezar de Andrade de Sampaio Vianna
Maria Clara da Silva Pedroso
Maria Clara Lopes de Figueiredo Couto
Maria de Abreu Altberg
Maria de Assumpção Estrella

Maria de Paula Portugal
Maria Del Pilar Mínguez
Maria Eduarda Cota Pereira Uchôa Vianna
Maria Eliza Ferraz O. Alves
Maria Gabriela Ribeiro de Oliveira
Maria Isabel Lemos Miguez Couñago
Maria Jesus Duarte Silva
Maria Luiza Oliveira da Gama Porto
Maria Luiza Alves Castro
Maria Luiza Costa Martins
Maria Luiza G. Brisbane
Maria Luiza Vieira de Freitas
Maria Paula Autran de Gusmão Mansour
Maria Paula Gütler
Maria Pia Mendes de Almeida
Maria Stella C.R. de Menezes
Maria Vanessa de Souza Aragão
Mariah Mizutani D'avila
Mariana Barbosa Santos
Mariana Caetano Fernandes
Mariana Campello Torres
Mariana Carvalho Martins Vieira
Mariana da Silva Barra
Mariana das Neves Pires
Mariana de Almeida Montenegro
Mariana de Oliveira Guimarães
Mariana de Queiroz Reis
Mariana Dorigo Vieira Ferreira
Mariana Evangelho Buarque
Mariana Faria Raymundo
Mariana Felisberto
Mariana Haguenuer Naegeli
Mariana Keller Silva
Mariana Lellis Nicoll Simões Leite
Mariana Michel Benjamin
Mariana Moreira de Menezes
Mariana Moreno dos Santos Cardoso
Mariana Nascimento Benevello de Castro
Mariana Oliveira Arieira Fernandes
Mariana Paes da Silva Nogueira
Mariana Pinguelli Totino Martins
Mariana Ribeiro Funes
Mariana Sales de Miranda
Mariana Teixeira Brack
Marianna Firme de Oliveira
Marianna Nogueira de Moraes Jardim
Marianne Padula Antabi
Marília Jesus de Moraes
Marília Loschi de Melo
Marina Roque Thompson
Marina Baptista de Castilho
Marina Burdman da Fontoura
Marina da Fonseca Izidoro
Marina de Sá Gomara
Marina Pereira de Mello Couri
Marina Rocha Muricy
Marina Rocha Natali
Mario de Almeida Cascardo
Marisol França da Cunha
Mariucha Machado Pinto
Marta Araujo Ramos
Marta Mamede Batalha
Marta R. Fernandez y Garcia
Marta Reis Rocha
Martha Paranhos Stelling
Mateus Campos Gonçalves da Silva
Matheus Azevedo Vieira
Matias Ismael Zibecchi Roterman
Mauana Simas de Meira Leite
Maurício Carvalho Lyrio
Maurício Chagas Barbosa
Maurício Santos Eiras
Maurício Zágari Tupinambá
Mauro Rafaelli Castilhos

Max da Silva Velon
Max de Toledo Chagas
Mayara Martinez Alonso Benatti
Mayra Nolasco Dominguez
Melina Pinho Amaral
Michele de Souza Cesar
Michele Gomes Miranda
Michele Rumchinsky
Michelle de Medeiros Gomes Chevrant
Michelle Sterenberg Lerner
Miguel Geraldo Mendes Reis
Milena Mercedes Puma
Mirelle de Matos Canavarros Serra
Mirelle Macedo de França
Mônica de Oliveira Nunes
Mônica Fernandes de Oliveira
Mônica Martins Muniz Barreto
Mônica Weiberg
Monike Grego Peixoto F. Domingos
Monique Aparecida dos Santos Rangel
Monique Cardone Cabral
Monique Luzia Scarince Eiras Leão
Monique Mansur
Monique Sindra de Deus
Monique Vasconcelos Crespo Machado
Mylène Neno Corrêa
Nadilene Nery de Melo
Nalini de Sousa Matos
Natália Cristina Dias Silva
Natália Ferreira Vommaro
Natália Vaccari Marques
Natalia Vianna de Oliveira
Natalie Gelbvaks
Natalie Teixeira Reinoso
Natasha Brusaferrero Riquelme Elbas Neri
Natasha Ourivio Monteiro
Nathália Ruys Toledo

Nathália de Campos Cabral
Nathalia Melo de Carvalho
Nathalia Monteiro Castro
Nathalia Romano Rosental
Nathanna Assis Alves
Nelson Jairo Pontes Faria
Nérison Bauer Almeida Neri
Nicole Sant'ana Lacerda
Nina Arcoverde Mansur
Nina Lua de Freitas Ferreira
Núbia Regina Rosa de Lima
Octavio Pereira da Silva Neto
Olivia Nogueira Hirsch
Osmar Moisés Silva Galvão
Oswaldo Luis Santiago Singulani Junior
Pablo Arandia Carrilho
Paluana Lucia do Nascimento
Pamella Olivia Quintas da Rocha M.S.C. de Vasconcellos
Paola Salgado D'almeida
Patricia Cotton
Patrícia Vieira Faillace
Patrícia Cunha Albuquerque e Silva
Patrícia de Medeiros Albuquerque
Patrícia de Sousa Correia
Patrícia de Souza Pascoal
Patrícia Dias Gomes
Patrícia Diniz Garcia Rosa
Patricia dos Santos Capella da Fonseca
Patrícia Espinoza de Paiva
Patrícia Gissoni F. de Santiago
Patrícia Guitti Peixoto
Patrícia Koblischek Rodrigues
Patrícia Machado Seraphico
Patrícia Malavez Barros da Silva
Patricia Mendes Cardoso
Patrícia Rego Ribeiro

Patrícia Schwingel Dias
Patrícia Silveira Martins
Patrícia Souza Gabrig
Patrícia Streit
Paula de Almeida Machado
Paula Alegria Bento
Paula Americano Holanda e Silva
Paula Barcellos Nogueira
Paula Blatt Pizzi
Paula de Almeida Lima
Paula Freitas Monteiro Autran
Paula Lobato de Cerqueira Lima
Paula Regina Ramos Fanaia
Paula Veras de Almeida Rios
Paulo Arany Prado
Paulo Celso da Cunha Pereira
Paulo Cesar Carlos dos Santos
Paulo da Costa e Silva Franco de Oliveira
Paulo Dreyer Marques
Paulo Eduardo Dias Rocha de Oliveira
Paulo Fernando de Lacerda Costa Tavares
Paulo Henrique de Souza Rosa
Paulo Mauricio Pereira Macedo
Pedro Cavalcanti Adorno
Pedro Victor Schurig Fernandes
Pedro Acyr Lopes
Pedro Carvalho Borges da Fonseca
Pedro de Oliveira Schprejer
Pedro Erthal Cardinot Simões Batista
Pedro Esteves Moreira de Carvalho Ayres
Pedro Gabriel Soares Daher
Pedro Gomes Ribeiro
Pedro Henrique Casimiro da Costa Martins
Pedro Henrique Xavier Rabello
Pedro Henrique Barros Portela da Silva
Pedro Henrique Schaykoski Machado
Pedro Henrique Torre
Pedro Henrique Vieira Sampaio Neves
Pedro Herculano Guimarães Ferreira de Souza
Pedro Ivo M. Vianna
Pedro Lima Bento de Mello
Pedro Magalhães Lino
Pedro Martins Rodrigues
Pedro Paulo Luna do Nascimento
Pedro Rangel Lourenço da Fonseca
Pedro Rocha Souza
Pedro Serôa da Motta Moreira
Pedro Zuazo Maia Ribeiro
Phaedra Müller de Souza
Philippe Ladvoocat
Pietra Soares Waknin
Pietro Carlo Boschetti
Polyanna Rosa de M. Torres
Priscila Azevedo Caetano Alves
Priscila Castro Leal Serra
Priscila da Rocha Albuquerque
Priscila de Miranda Fischer Paiva
Priscila Henriques de Lima Fagundes
Priscila Neves Maurício
Priscilla Carvalho de Souza
Priscilla Botino
Priscilla Maria Silva Erthal
Priscilla Muniz de Rezende Salgado
Priscilla Schwab Ramos
Priscylla da Silva Almawy
Rachel Barsi Zaroni
Rachel Corrêa das Neves
Rafael de Melo Teixeira
Rafael Bastos Sento Sé
Rafael Calderaro Nagib
Rafael da Silva Cabral
Rafael de Barros Biancardine
Rafael de Castro Rusak

Rafael de Oliveira Caetano Sobrinho
Rafael de Pino Pereira
Rafael Dutra de Miranda
Rafael Dyer Barones Nogueira
Rafael Lemos Dias da Silva
Rafael Nabeth Cabral
Rafael Oliveira Cosentino
Rafael Oliveira Manaia da Silva
Rafael Pirrho de M. Lima
Rafael Porto Meggetto
Rafaela Campos Martinez
Rafaela de Albuquerque Leitão
Rafaela dos Santos Silva
Rafaela Reinhoefer Ferreira França
Raí Oliveira Guimarães Chaves
Raissa Franco Fontes
Raissa Loban Silva Gomes de Oliveira
Ramiro José de Britto Costa
Raphael Cruz Pereira Andriolo
Raphael Faria de Percia Namé
Raphael Luiz Freire Silva
Raphael Narciso Pereira
Raphaella Aylub Luppi
Raquel Araujo Pereira de Souza
Raquel Cruz Salomão
Raquel de Aquino Carneiro
Raquel Gariani Nascimento
Raquel Gomes Affonso
Raquel Rodrigues de Souza Ribeiro
Raquel Sepulveda Teixeira
Raquel Venâncio Marins
Raul Guilherme Martins Lages
Ravi Aymara Mourão
Rebeca Guimarães Gomes
Regina Kfuri Barbosa
Reginaldo Rodrigues Francisco
Renana Lessa Correa

Renata Bacellar de Nazareth
Renata Maria Cantanhede Amarante
Renata Pires Gondim Barbosa Batista
Renata Aguiar Viot
Renata Arruda Ratton
Renata Bulhões de Miranda
Renata Cabral Silva de Sá
Renata Cesar de Oliveira
Renata de Andrade Magalhães
Renata de Carvalho Lofrano
Renata de Luna Souza Leite
Renata Donato Maia
Renata dos Santos Castelar Azevedo
Renata dos Santos Luzardo
Renata Fioranelli Ferreira
Renata Gomes Lobo
Renata Gonçalves Vidal
Renata Junqueira Pacheco Jordão
Renata Kurisu Costa
Renata Lima Bitencourt
Renata Lima Salles
Renata Loureiro Frade
Renata Magalhães Bohrer
Renata Martins Coelho
Renata Rollim Pinheiro
Renata Serejo Esteves
Renata Silva de Almeida
Renata Siqueira Braga
Renata Thompson Pereira de Souza
Renata Van Der Hass Habib
Renato Fonseca Sitta Pereira
Renato Francisco Saraiva de Freitas
Renato Grandelle Ramos
Renato Tagliari Pinto
Ricardo Gutteres Villela
Ricardo de Andrade Oliveira
Ricardo D'aguiar

Ricardo Elia de Almeida Magalhaes
Roana Queiroz Reboredo
Roberta Rodrigues Lyra da Silva
Roberta Cavalcanti Pires
Roberta Correa de Araújo Pereira
Roberta de Pennafort Leal
Roberta Feres Paixão
Roberta Nadalutti la Rovere
Roberta Vasconcellos Guimarães
Roberto Soares
Rodolfo dos Santos Bitteccourt
Rodrigo Aör
Rodrigo Bernardes Pimenta
Rodrigo Cabral Cardoso Abreu da Silva
Rodrigo Calmanowitz Carvalho
Rodrigo Campos Castello Branco
Rodrigo Caruso
Rodrigo Carvalho Campos Oliveira
Rodrigo Carvalho Gomes
Rodrigo Costa Pereira
Rodrigo de Arruda Mello
Rodrigo Guedes Sampaio
Rodrigo Machado Maia
Rodrigo Manoel Pentagna Guimarães
Rodrigo Mateus Franco Belga
Rodrigo Nascimento Alvarez
Rodrigo Polito da Silva
Rodrigo Trivelato Garavini
Rogério Moll Rabelo dos Santos
Rolf Brasil Danziger
Rômulo de Sá Pereira
Rômulo José de Carvalho
Ronald Beckerrig Maciel Filho
Ronaldo Silva Fernandes
Rosana Caiado Ferreira
Rosana Lobato Cunha Dias
Rose Americano Cruz
Roseli Pereira da Silva
Rovena da Silva Zache
Rubens Leonardo Coelho dos Santos
Ruth Carola Cruzado Mittrani
Sabrina Barreto C. de Albuquerque
Sabrina Barreto Gregori
Sabrina Lopes Martinez
Sacha Mofreita Leite
Samanta da Rocha Spiegel Sallum
Samanthah Abu Alla
Samara Melo Aragão
Samra Jabour Moussa
Samuel Averbug
Samuel Fernandes de Souza Filho
Sandra Castro de Araújo
Sandra Ferreira Chagas
Sandra Lúcia Callil
Sandro Araujo Carneiro
Sara Papi de Azevedo
Sarah Lemos Josué
Saulo Frauches Alvim
Sérgio Alcides P. do Amaral
Sérgio Augusto Borges
Shalimar Tuan Borges Trotta
Sheyla de Souza Santos
Silésia Heizer de Macedo
Silvio M. Essinger
Simone de Jesus Bloris
Simone Meira Dias
Simone Mouse Pinto
Simone Rocha Valente Pinto
Sofia Pelúcio
Stephanie Antunes Buckley
Stephanie Cerqueira Candido
Stephany Ferreira Bizzo
Suzana de Souza Lima Velasco
Suzana Graciosa Germano Santos

Suzana Ramos Gomes da Costa
Suzane Carneiro dos Santos
Sylvia Dutra Marques
Taiga de Assumpção Correia Metto
Tainá Domingas de Proença
Tainah Xavier Aquino
Taís de Azevedo Reis
Taís de Oliveira Nicoletti
Taís dos Santos de Moraes
Talita Almeida de Vasconcelos
Talita Beccaris Martins
Talita Chaves da Silva
Talita de Mello Costa
Tamara de Souza Campos
Tamara Barboza Breder
Tamara Sbragio Ganem
Tânia Penido Sampaio
Tarso Anselmo dos Santos Valentim
Tatiana Clébicar Leite
Tatiana Germano Xisto da Cunha
Tatiana Gonçalves Helich
Tatiana Pimentel Cardoso de Sá
Tatiana Neimi
Tatiana Tabak
Tatiane Pereira Eitelwein
Tereza Cristina de Araújo Amorim
Thaís Abi-Ramia Barboza Marini
Thaís Alves Corrêa Chaves
Thaís do Nascimento Sant’anna
Thais do Rio
Thaís Frech Mandarinio
Thais Lobo de Souza Santos Matias
Thais Merola Pádua
Thais Pacheco Cardoso Miquelino
Thaís Rodrigues Abraham
Thaísa de Faria Cerveira
Thaísa de Mello Madeira

Thaísa Pessoa da Rocha Pinto
Thaísa Venel Braga
Thaíza Nardiello de Mello
Thales Eduardo Soares Martins
Thalita Carvalho Pessoa
Thalita Magalhães da Silva de Carvalho
Thayse Boina Pallaoro
Thiago Albuquerque Batista Gouveia
Thiago Chaves Santos
Thiago de Paula Trigo Mattos
Thiago Faria Abreu
Thiago Ferreira Camara
Thiago Peçanha das Flores
Thiago Vieira da Costa
Thiago Vieira Moraes
Thomas Albert Freund
Tiago Meira Campos Arruda
Tiago Barbosa de Oliveira Roedel
Tiago Cordeiro Ferreira
Tiago Lopes Lage
Tomás André da Costa Batista
Túlio de Sant’anna Reis A. Mello
Ursula Coli Vancellote Almeida
Valdir Figueira dos Santos
Valéria Chagas Frazão da Costa
Valéria Cora Rossi
Valesca Quadrio Veiga
Vanderson Mendonça de Barros
Vanessa Amaral Moreira
Vanessa Azevedo B. Rocha
Vanessa Costa Penna
Vanessa da Rosa Gama
Vanessa de Freitas Silva
Vanessa de Souza Campos
Vanessa Grimberg
Vanessa Manhães Costa Pereira
Vanessa Ribeiro Vianna

Vanessa Rodrigues de Macedo
Verônica da Silva Ferreira
Verônica Heringer Guimarães
Victor Alexandre de O. Javoski
Victor Alves da Costa
Victor das Neves Machado
Victor Henrique Marques Belart
Victor Hugo Fiuza Barbosa
Victor Mattos dos Santos
Victor Rodrigues Barroco
Vinícius do Carmo de Andrade
Vinícius Sérgio Zepeda
Virginia Costa Peixoto Primo
Virgínia M. Correia Viveiros
Vitor Cook Siqueira Soares
Vitor da Fonseca Vieira
Vitor de Azevedo Peixoto
Vitor Freitas Rangel
Vitor Hugo Pieri de Souza
Vivian Barbosa de Brito Alves Barros
Vivian Jo-Anne Bemford
Vivian Mendonça de Barros
Viviane Alves Antônio
Viviane Alves Militão da Silva
Viviane Coutino Tonani
Vivianne Gomes da Cruz
Walter Ypiranga Dhein
Weiler Alves Finamore Filho
Wilson Luis Branco Martins
Yasmim Alves da Silva Rodrigues
Yasmin S. Carvalho Pamplona Corte Leal
Yke de Castro Leon
Zean Gonçalves Bravo
Zeni Cassiano de Queiroz
Zenia Maria de Medeiros Porto

TOTAL DE ESTAGIÁRIOS 1.420

